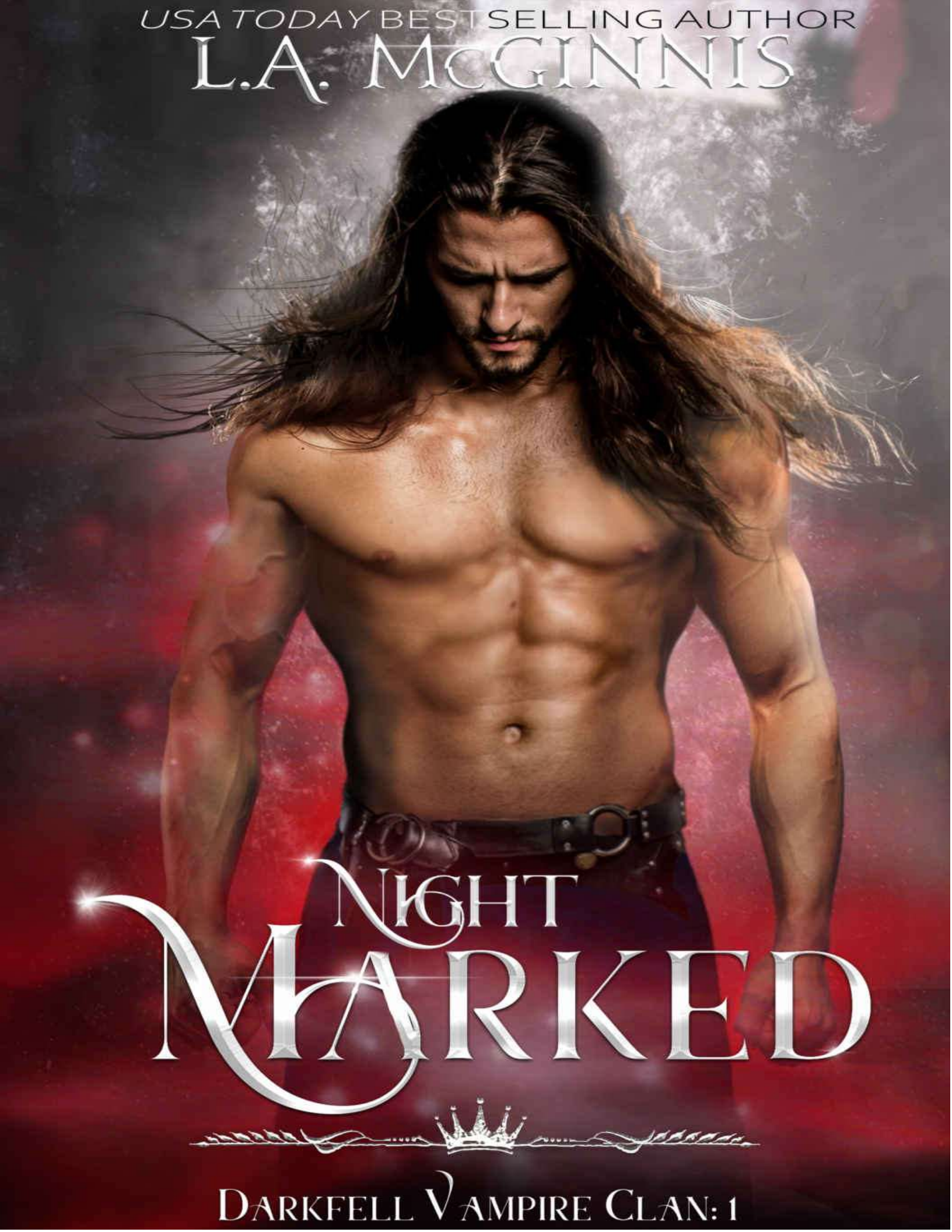
USA TODAY BEST SELLING AUTHOR
L.A. McGINNIS
NIGHT MARKED
DARKFELL VAMPIRE CLAN: 1

Night Marked

Darkfell vampire clan: Book 01

LA McGinnis



DISPONIBILIZAÇÃO: SALT

TRADUÇÃO: RAVEN (NEXT PAGE)

LEITURA INICIAL E FINAL: TORMENTA E LUCY O'BRIAN (SALT)

REVISÃO E FORMATAÇÃO: LAYLAH (NEXT PAGE)

2022

SINOPSE:

Uma rainha virgem determinada a escolher seu próprio destino.

Um guerreiro marcado pela escuridão.

E o rei que vai matar os dois para manter o trono.

Fui arrancada da minha vida comum e banal e jogado em um pesadelo.

Sequestrada por um rei vampiro corrupto, passei de aulas noturnas para navegar no perigoso mundo do Darkfell Clan, onde as cortes são um labirinto de enganos, você testa seu vinho antes de beber e nunca, nunca se senta de costas para uma porta.

Dizem que sou a rainha mais forte em mil anos. Destinada a derrubar o rei e recuperar meu reino. Não sei de tudo isso, mas sei que não posso enfrentá-lo sozinha.

Ele comanda uma legião de monstros, mas estou construindo meu próprio exército e, embora meus guerreiros vinculados sejam poucos, juntos derrotaremos Viktor.

Ou morreremos tentando.

Eu posso ser uma rainha, mas este não é como qualquer outro conto de fadas.

Se defender-se significa queimar pontes, eu tenho fósforos.

Partimos ao amanhecer.

-Seraphina Marvelle

Capítulo 01

Seraphina

Alguns minutos atrás, minha vida em Tulane U tinha sido quase perfeita.

Mas agora, dez minutos pareciam dez anos.

Em um segundo, eu estava voltando para casa depois de uma aula atrasada e no próximo... eu vi um homem estranho me observando da calçada de uma galeria de arte escura. Nós éramos as únicas duas pessoas fora com esse tempo, e apesar das minhas melhores intenções, nossos olhos se encontraram quando passei por ele.

Havia algo sobre ele. Algo errado. Algo louco-errado.

Seu rosto, branco morto. Seus olhos brilharam vermelhos.

Como isso é possível? Meu cérebro falhou enquanto o gelo escorria pela minha espinha.

Meu cérebro pode estar em câmera lenta, mas meus pés já estavam se movendo quando desci Royal Street. Correndo para o meu apartamento, a mesma litania interminável em loop na minha cabeça.

Eu sou rápida o suficiente? Ele é mais rápido? Continue, Seraphina, pare de surtar.

Eu tinha fugido do perigo antes, mas nunca tinha estado tão perto. Nunca me senti tão ameaçada, como um cachorro louco olhando para o cano de uma espingarda.

Um rápido olhar, e ele desapareceu da calçada. Olhei loucamente ao redor e peguei um borrão com o canto do meu olho.

Não, verifique isso, ele está se movendo também.

Meus passos ecoaram contra as vitrines vazias, fechadas porque está era a baixa temporada, e não há sentido em ficar aberto se os turistas se foram. Seus passos eram quase silenciosos, mas eles estão lá. E ele estava se aproximando de mim.

Eu me empurrei mais forte, coxas queimando. Ser perseguida deve ser como um ataque cardíaco. Você sabe o que está acontecendo, mas não pode pará-lo.

Você só espera sobreviver.

A essa altura eu estava encharcada, e a água escorria do meu cabelo para os meus olhos, cortando minha visão. Desviei para a esquerda, bati na lateral de um carro estacionado e continuei.

Uma explosão final de adrenalina subiu, depois falhou, e minhas pernas ficaram fracas e emborrachadas, em vez de fortes e confiáveis como eu precisava que fossem.

Outro olhar de pânico fez meu coração bater forte. Eu era muito lenta, ele estava bem no meu encalço, mas eu estava quase lá. A casa ficava a menos de um quarteirão de distância; eu vi as luzes do meu prédio através das árvores.

Então ele apareceu bem na minha frente, bloqueando meu caminho enquanto meu cérebro e meus pés tropeçavam em si mesmos.

Como isso era possível?

Deslizei até parar, meus tênis deslizando no pavimento molhado, então caí de cara, a pele das palmas rasgando quando minhas mãos encontraram o concreto. Eu rolei de costas enquanto sua risada suave e zombeteira ecoava ao meu redor.

Eu não tinha imaginado os olhos vermelhos e brilhantes, nem sua máscara mortuária de rosto. Ele agarrou um punhado de cabelo e me pôs de pé, me segurando como se tivesse feito isso antes, como se arrebatar garotas das ruas fosse seu trabalho.

Ele reafirmou seu aperto no meu cabelo, então falou em uma língua que eu não reconheci. Eu tentei me livrar dele, me esforçando para a segurança do meu apartamento, mas seu aperto era como ferro, e minha mochila pesada me desequilibrou.

Mamãe me ensinou a usar quaisquer ferramentas que eu tivesse como armas.

Eu não sabia por que ele estava me atacando, mas eu sabia o que tinha que fazer. — Saia de cima de mim, — eu avisei. Usando a mochila como contrapeso, torci meus ombros e girei para ele, tentando afrouxar seu aperto. O impacto o fez tropeçar, mas eu ainda não estava livre.

Se eu não me afastasse dele agora, eu nunca o faria. Eu espetei meu cotovelo em seu peito, e meu braço inteiro gritou. Foi como bater em uma parede de aço – ele deve estar usando um colete de Kevlar porque ninguém era tão sólido. Novamente com o riso, e a fúria substituiu o medo.

Eu estava na altura certa para bater meu joelho profundamente em sua virilha.

O ar explodiu de sua boca quando meu joelho afundou profundamente, sua mão escorregando do meu cabelo, deixando apenas alguns fios pendurados entre seus dedos, que agora estavam segurando suas bolas.

Sempre pensei que seria a princesa que se salva. Mas então meu agressor se levantou, endireitou o casaco, como se eu não tivesse acabado de romper seus testículos.

— Fique longe de mim ... — O aviso morreu na minha garganta com um gemido.

Ele não escondeu suas presas quando rosnou como algum tipo de animal. Eu não hesitei, corri o mais rápido que pude. Mas as luzes do meu apartamento desapareceram de vista quando ele me pegou pela cintura, nosso impulso combinado nos impulsionando através da frágil cerca de madeira para o meu quintal.

Aquele apartamento foi minha última visão do mundo humano, pouco antes de ele bater meu rosto na minha própria calçada.

Hoje, não haveria heróis na minha história.

Capítulo 02

Luthor Fontaine

Segure-se, Luthor. Isso tudo terminará pela manhã.

Eu mantive meu olhar fixo na porta da cela enquanto eu me equilibrava no meu pé bom, puxando respirações lentas e agonizantes, meus músculos do peito protestando contra cada um deles. Correntes pesadas penduradas no teto puxavam meus braços acima da minha cabeça, meus ombros tão tensos que estavam quase saindo de suas órbitas.

Mas eu mal notei a dor.

Eu estava muito focado no que estava por vir.

Na verdade, a masmorra inteira prendeu a respiração – ferro e pedra, guarda e prisioneiro – porque aqui embaixo, o rei sofreu muitas torturas. Alguns, você curou. Alguns você não fez.

Agora, o pior estava a momentos de distância.

Fechei os olhos, sentindo as bordas ásperas das pedras sob meus pés, o frio pegajoso escorrendo das paredes, o leve arrepio de magia guardando está masmorra antiga e o forte cheiro de sangue pairando no ar.

Como se fosse uma deixa, botas arrastando ecoaram pelo corredor do lado de fora da minha cela, ressaltadas por soluços fracos. Eu me contorci contra minhas restrições, sentindo as algemas de ferro cortando a carne novinha em folha, ainda se curando do castigo de hoje.

O choro ficou mais alto, as provocações dos guardas mais cruéis enquanto eles marchavam com os prisioneiros direto para minha cela. Ninguém me poupou um olhar, e por que deveriam? Depois de tanto tempo, eu era tão fixo nessas masmorras quanto as próprias paredes.

Fiquei quieta quando a fila de garotas sujas passou, vítimas inocentes da Noite da Colheita.

Eles podem me privar da lua; eu não tinha visto um relógio em um século, mas havia outras maneiras de marcar o tempo aqui no escuro.

Pela frieza nas paredes, eu sabia que era dezembro.

Esta foi a Colheita de Inverno.

Eu amaldiçoei a crueldade do rei, a matança de inocentes, condenando a alma de Viktor aos confins mais escuros do inferno. Não salvaria qualquer um deles.

Os olhos dos prisioneiros percorreram as masmorras em seu caminho, uma fileira de humanos confusos e assustados passando pela minha cela a caminho da sua. Fechei os ouvidos para suas súplicas, seus apelos inúteis por misericórdia, ofertas de quantias obscenas de dinheiro em troca de fuga.

Eu não tive coragem de dizer a eles que não havia nenhum.

Amaldiçoando, um guarda passou mancando, chutou a porta do compartimento ao lado do meu e jogou um corpo no chão com uma maldição. Cheirei o ar e senti o

cheiro de hematomas no guarda enquanto ele passava. Essa garota tinha lutado de volta?

Bom. Eu esperava que ela o machucasse.

Um segundo depois, o cheiro do prisioneiro atingiu meu nariz.

Ou devo dizer que invadiu todos os meus sentidos?

Seu sangue era rico, tão doce que minhas presas perfuraram minhas gengivas dolorosamente rápido. Caro, fodido Deus, apenas uma pequena inalação de seu sangue - porque definitivamente era ela - e eu me transformei em um monstro trêmulo e faminto, meu desejo tão forte que minha perna boa saiu de baixo de mim, puxando meu ombro esquerdo de seu encaixe.

Eu sabia o que cheirava, sabia até os meus ossos quem estava na cela ao meu lado. Muito lentamente, virei meu corpo suspenso até ficar de frente para a parede que nos dividia, olhando através de uma lasca aberta entre os blocos que uma vez foram preenchidos com argamassa.

A fêmea estava deitada de lado, uma massa desorganizada de membros onde ele a deixou cair. Uma mecha de cabelo preto emaranhado caiu sobre seu rosto, mas eu não precisava ver para saber exatamente quem ela era.

Uma Rainha.

Eu não tinha cheirado o sangue de uma rainha em um século.

Agonia misturada com êxtase em sua proximidade, a percepção de que algo que eu quis toda a minha vida estava tão perto que eu quase podia tocá-la. Sua. Minha rainha. A raiva queimou dentro de mim pelo que ela suportou. O que ela ainda poderia suportar, se eu não fizesse alguma coisa.

Trabalhando meus pulsos cobertos de sangue, soltei minhas mãos algemadas e caí como uma pedra. No segundo em que bati no chão, rastejei até a parede. Eu cavei meus dedos no espaço aberto, puxando mais argamassa, alargando a abertura por mais um centímetro, até que eu tive uma visão completa da mulher esparramada no chão manchado.

Pressionando meu rosto no buraco, respirei fundo. Então outro. Seu cheiro era sedutor, uma mistura inebriante de doce-mel e jasmim subjacente com o cheiro de fumaça de madeira. Apoiei minha mão boa contra a parede da minha cela enquanto procurava em sua forma prostrada por qualquer sinal de vida.

Ela era delicada, quase frágil, sua pele cremosa e lisa brilhando sob as luzes fracas, uma pequena mão estendida, suas longas pernas emaranhadas. Ela cheirava tão bem. Se ele provou algo como ela cheirava...

Eu me afastei, esfreguei meu rosto, e então me encostei na parede. Então eu estava de volta ao buraco, onde eu não conseguia tirar os olhos dela.

Demorou muito para que eu visse seu peito subir.

Horas se passaram antes que ela se movesse, a menor contração de seus dedos se curvando, suas pernas em tesoura enquanto ela tentava se erguer. O cheiro de sangue fresco floresceu no ar, e minhas mãos arranharam a rocha.

Consumido pela fome, meu único pensamento era passar por essas pedras até ela.

Capítulo 03

Seraphina

Quando acordei, a primeira coisa que notei foram os cheiros.

O cheiro de calcário e aroma do chão de pedra gelado abaixo de mim, o cheiro acre do odor corporal e o forte cheiro de cobre que sobrepujou o ar úmido.

Eu não tinha certeza de onde estava, mas sabia que tinha que escapar – longe do fedor, dos gritos, dos soluços que estão ao meu redor enquanto vozes femininas imploram por liberação – oferecendo subornos, até sexo – em troca de liberdade.

Antes de me levantar do chão, recolhi alguns poucos detalhes das provocações de nossos captores. Estou em uma masmorra. Existe um rei chamado Viktor - e todos estão com medo.

Eu odiava dizer isso a eles.

Não havia nada real sobre este lugar. Cheira a urina e medo.

Eu me levantei, minha cabeça girando, e vômito derramou dos meus lábios antes que eu pudesse parar.

Eu caí de volta.

Talvez eu tenha uma concussão, passou pelo meu cérebro confuso enquanto uma onda de dor fresca inundou meus sentidos. Levando minha mão ao meu rosto, encontrei uma crosta de sangue seco, então sondei meu rosto mais a fundo. Minha bochecha esquerda estava áspera e esfolada, aquele olho inchado e fechado.

Desta vez eu me movi mais devagar, esperando até que a rotação parasse antes de me acomodar na minha bunda para dar uma olhada melhor ao redor. Não que eu pudesse ver muito. A pequena cela estava escura e apenas uma única lâmpada antiga no teto do lado de fora, lançando o brilho mais leve através das barras.

A maioria dos gritos havia parado, substituído por um silêncio ainda mais arrepiante.

Uma sombra passou pela minha cela, escurecendo a luz por um segundo antes que a lâmpada piscasse de volta. Mesmo que eu não visse nada, minha mente voltou aos olhos brilhantes do meu captor. Esses dentes.

Eles não poderiam ter sido reais.

Apenas a loucura usual de Nova Orleans.

Eu me esforcei para identificar sons, então usei os minutos para contar as outras vozes — pelo menos doze — a maioria soluçando silenciosamente, rezando, implorando. As vozes masculinas que ouvi foram bruscas, e meus pensamentos foram para os traficantes sexuais enquanto a ansiedade atingia as alturas.

Se é por isso que estou aqui...

Por um segundo, minha mente ficou em branco quando as implicações me atingiram. Tentei lembrar se alguém escapou desse destino, e não consegui chegar a um sim definitivo.

Então o rosto do meu captor apareceu na minha linha de visão, emoldurado por barras largas e enferrujadas. Eu nunca tinha visto nada parecido com ele, com sua pele branca leitosa e olhos muito brilhantes que perfuravam as sombras.

Ele silenciosamente me olhou por um momento, talvez se gabando de sua captura, antes de sorrir – o mais leve levantar de um lábio que revelou o impossível. Uma presa longa e afiada, amarelada no topo.

Foi real. Como tudo isso pode ser real?

Longo demais para ser humano e junto com os olhos brilhantes, sua pele pálida doentia...

Percebi que os traficantes sexuais podem ter tido um destino melhor.

Capítulo 04

Luthor

Ela estava me observando, suas costas achatadas contra a parede.

Lutei para não abrir caminho através da parede que nos separava.

Em um século, eu tinha visto multidões de garotas passarem pelas masmorras do Rei. Mas nunca tinha visto nada tão fascinante quanto essa criatura.

Minha Rainha não chorou como as outras, não implorou.

Tudo o que ela faz é olhar pela fresta, procurando na escuridão. Por pistas. Por esperança. Para quem diabos sabia o quê. O cheiro dela invadiu cada um dos meus sentidos; minhas terminações nervosas formigavam com ela a cada expiração.

Fui esmagado contra a parede, minha mão arranhando as pedras, minhas unhas há muito desaparecidas.

Eu não conseguia o suficiente dela. Seu rosto estava totalmente arruinado, com crostas de sangue, um lado tão inchado que era difícil dizer como ela era. O lado intacto de seu rosto tinha pele aveludada e um olho dourado fixo em mim, mesmo que ela não pudesse me ver.

Mas minha Rainha sabe que estou aqui.

Outra garota desapareceu, e as masmorras ficaram mais silenciosas quando os cativos perceberam que poderiam ser os próximos. Os guardas do Rei Viktor irão interrogá-los, determinar que eles não são nada além de simples humanos, e então beber até secar.

Eu tinha visto isso acontecer centenas de vezes, mas esta noite foi diferente.

Eles não sabiam o que encontraram nesta Noite da Colheita.

Se algum deles pudesse ter sentido o poder latente em seu sangue...

Mas eles não podem. Esses guardas eram todos jovens, com menos de cem anos — inexperientes demais para lembrar como era ter uma rainha. Muito ignorante para lembrar como cheirava.

O que significava que eu era o único aqui que sabia quem ela era, e o que ela poderia se tornar.

Eu tinha que alcançá-la antes que o rei descobrisse o que ela era. Cada instinto primitivo me incitava a mantê-la segura, dar-lhe tempo para se curar, porque se ela fosse tomar o trono, ela teria que sobreviver.

Certa vez servi a Rainha Lyra, antes que os Cárpatos a matassem e colocassem Viktor no trono. Matou minha família. Capturou-me.

Ao longo dos anos, imaginei mil maneiras de torturá-lo.

Eu fantasiei sobre como eu faria isso, por que eu fiz isso, e o que aconteceria quando ele se fosse. Mais vezes do que posso contar, demorei-me na imagem de Viktor morto diante de seu precioso trono, os olhos arrancados de sua cabeça.

Mas quanto mais eu observava a garota, uma nova ideia tomava forma.

Sorri como um louco enquanto imaginava uma cena em que escoltava minha nova rainha até o trono, passando por cima de seu cadáver, tirando tudo o que Viktor preza.

Assim como ele fez comigo.

Capítulo 05

Seraphina

Já se passaram horas e metade das meninas se foi, enquanto o resto de nós se encolheu em silêncio, rezando para não sermos os próximos a serem arrastados. Eu sabia o que me capturou – como os humanos os chamavam, de qualquer maneira – e eu os temia.

Mas não tanto quanto temia o silêncio da cela ao lado da minha.

Os guardas evitaram aquela cela, desviando-se ligeiramente quando se aproximaram da porta, que estava presa por correntes tão grossas quanto meu pulso. O prisioneiro nunca havia falado, mas senti seus olhos em mim, junto com uma sensação de peso, como se o peso de seu olhar tivesse uma massa real.

Eu sabia que ele não era humano porquê de vez em quando eu pegava um brilho azul pálido das sombras. Como meus carcereiros, seus olhos acumulavam a luz da escuridão.

Ele não era um aliado porque, desde que eu estive lá, ele não me ajudou.

Mas o pior de tudo, ele seria a última pessoa a me ver viva, e isso me irritou.

Ele era como eu - um prisioneiro - e ele poderia me ajudar, de alguma forma.

Quer dizer, ele não deveria ter me oferecido algum conselho – eu não sei – como não beber do balde em que você faz xixi?

Talvez eu estivesse com raiva ou cansada de me sentir impotente. Eu não sabia por que falei com ele, mas falei.

E tudo o que veio depois disso foi diferente.



— POR QUE SEUS olhos brilham assim?

As palavras da garota flutuaram pela rachadura na parede, despertando-me do meu estupor, e levei um momento para formular uma resposta. Meu cérebro estava enevoado, tanto pelo horror do que poderia acontecer com ela quanto por esse ataque sem fim de seu cheiro em meus sentidos.

Talvez fosse bom que houvesse uma parede de sessenta centímetros de espessura entre nós.

Apesar de sua frente corajosa, ela estava caindo aos pedaços. Eu podia sentir o cheiro de medo nela, tão facilmente quanto eu via na tensão em seu corpo, a respiração acelerada, o pulso batendo na base de sua garganta.

Ela já estava apavorada.

Um vampiro se lançando contra ela – mesmo para proteção – não era o que ela precisava agora. Nem havia como eu explicar o que estava acontecendo nesta prisão

sem assustá-la. Meu sangue ferveu com sua vulnerabilidade, cada instinto gritando para eu ajudá-la.

Minha voz falhou quando respondi, tão inutilizada que levei um momento para formar as palavras.

— Somos feitos assim. Células especiais que refratam a luz. Como animais noturnos.

Ela olhou diretamente para mim, interesse acendendo em seus expressivos olhos dourados. — Isso faz sentido, na verdade. Isso significa que você vê melhor na escuridão. Como um tigre.

— Nós podemos. — Eu estremeci. Eu tinha acabado de me alinhar com seus captores, e sabia que depois desta noite, ela odiaria toda a minha raça. No final do corredor, uma porta se abriu. Eu me encolhi com a briga de outra prisioneira sendo tirada de sua cela, a risada baixa dos guardas, pontuada por choro histérico.

Ficamos em silêncio enquanto o guarda a arrastava, nós dois virando nosso olhar para a parede oposta até que ela desapareceu.

— Existe alguma saída deste lugar?

— Apenas uma. — Desde que nasci para servir a uma rainha, meus instintos protetores guerrearam com a verdade. Eu queria protegê-la da dura realidade ao nosso redor. Por mais que eu fosse levado a protegê-la, eu não podia fazer muito, preso em minha cela, reforçado por proteções mágicas e correntes de ferro que eu estava fraco demais para quebrar.

Ela se aproximou do meio de sua cela. A luz tênue e dourada do corredor destacou as mechas esvoaçantes em seu cabelo emaranhado, o sangue seco formando

crostas em metade de seu rosto, os hematomas por baixo. Raiva rolou através de mim, deixando gelo em seu rastro.

— Eu vou lutar quando eles me levarem. — Soou como uma declaração de guerra, vindo dela. — Não vou chorar e não vou implorar.

— Você machucou seu captor. — Uma intensa sensação de prazer passou por mim com o conhecimento de que ela lutou. Como uma rainha deveria. — Eu senti o cheiro do hematoma nele.

— Bom. — Ela olhou para o corredor sombrio. — Estou feliz. — Ela lambeu os lábios rachados. — Qual é a única saída daqui? E não me diga que está em um saco de corpo porque não vou aceitar essa realidade.

— Se eu fosse mais forte ... — Parei ali mesmo.

Eu não era, e não podia fingir que não era nada além do que era.

Um vampiro enfraquecido e aleijado, muito além de seu auge. Eu não tinha me alimentado adequadamente em anos. Apenas o suficiente para me manter vivo para os joguinhos de Viktor, não o suficiente para eu recuperar qualquer aparência de força.

Havia outro problema. Eu estava faminto.

Se eu chegasse perto, eu temia que a luxúria de sangue tomasse conta, e eu a destruiria. Uma vez que eu provasse seu sangue, meu autocontrole desapareceria, substituído pelo instinto animal. Apenas o pensamento de machucá-la me fez recuar para a parede oposta, minhas costas apoiadas contra a pedra áspera.

— Se você fosse mais forte, você me tiraria daqui? Era isso que você ia dizer? — Uma pitada de esperança entrou em sua voz. — Você pode me ... nós ... daqui?

— Não. — Eu respondi, batendo minha cabeça contra as pedras em frustração.

Nasci para proteger uma rainha.

Esse dever estava enraizado em meu DNA, impresso em meu cérebro, marcado em meu coração. Eu tinha sido um cavaleiro da Guarda Real por duzentos anos, morreria para proteger uma rainha. Mas eu não podia fazer nada.

Eu estava muito fraco.

Aleijado.

Inútil.

Ela deslizou até a fenda, cada vez mais perto até que eu vi o anel dourado ao redor de sua íris marrom-claros, o hematoma de teia de aranha cobrindo sua bochecha. Eu jurei ali mesmo matar o guarda que a machucou. Devagar.

— Nos livros eles ... — Ela desapareceu por um momento, sua respiração ficando superficial. — Nos livros, vampiros bebem sangue. Se eu te desse meu sangue, isso te faria mais forte? Você poderia me tirar daqui?

Minha raiva pelo guarda que a tocou foi substituída por um medo gelado. Eu me afastei da fenda. — Não. Eu não posso... beber de você. Mas a saliva já estava pingando da minha boca, só de pensar em saboreá-la.

A determinação apertou sua mandíbula. — Você pode. E você vai. E então nós dois vamos sair daqui. — Ela pressionou-se contra seu lado da parede, e a rachadura ficou escura quando ela passou os dedos pelo buraco, o som de raspagem ficando mais alto enquanto ela passava a mão em minha direção.

Meu intestino torceu e saliva escorreu pelo meu queixo, mas eu rastejei para longe.

— Não posso. — Eu rezei para que ela ouvisse. — Por favor. Puxe a mão para trás.

Ainda assim, ela mexeu o braço até que as pontas de seus dedos apareceram do meu lado, ásperas pela pedra, uma pequena gota de sangue em uma ponta. Sua mão era pequena, delicada. Eu apertei meus olhos fechados, mas o doce aroma de seu sangue estava em toda parte, eu não conseguia me livrar dele.

Encheu minha cabeça, e minhas presas perfuraram dolorosamente. A fome tornou-se um calor estrondoso que incinerou tudo em seu caminho, até meu autocontrole.

Eu mergulhei para aquela mão, coloquei-a na palma da minha mão, então toquei a ponta da minha língua naquela gota carmesim trêmula.

Seu sangue atingiu minha língua como vinho, cobrindo-a com a essência de uma rainha. Minhas sinapses ganharam vida enquanto seu sangue se espalhava pela minha boca, descendo pela minha garganta, meus músculos tremendos enquanto eu puxava seu dedo em minha boca e chupava avidamente, gota a gota preciosa. Isso não foi o alívio da minha fome terrível, mas uma explosão. Uma tempestade de minhas sinapses disparando de uma só vez, da percepção de que encontrei algo que pensei estar perdido.

Naquele momento, fui forjado no fogo de seu sangue e, na quietude deixada para trás, jurei que a salvaria deste lugar. Salve-a e mantenha-a segura.

Do outro lado da parede, ela soltou um suspiro ofegante, como se tivesse chegado à mesma conclusão.

Mas isso não era possível.

Ela era uma vampira, que pensava que era humana.

Ela era uma rainha, e eu não tinha o direito de manchá-la com meus dentes.

E ainda assim, eu não conseguia parar minhas presas de perfurar e morder a ponta do dedo pequeno e frágil.

Nem gemendo quando a primeira onda de seu sangue atingiu minha língua.

Capítulo 06

Seraphina

O que diabos eu estava fazendo?

Eu culpei os filmes. Os livros que eu li. Minha própria curiosidade natural sobre o mundo.

Mesmo presa dentro deste lugar terrível, mesmo que as coisas estivessem desesperadas, nenhuma parte de mim achava que o que eu estava fazendo era normal. Mas parte de mim esperava que as histórias fossem verdadeiras.

Ou posso estar ficando louca.

Mas eu estava muito sã. Eu era inteligente o suficiente para saber que não poderia escapar da minha cela sozinha. Inteligente o suficiente para saber meu destino, uma vez que aqueles guardas voltassem e me arrastarem desta cela.

Vovó sempre me disse para ser inteligente. Mamãe me ensinou a me defender, a sempre revidar, não importa as probabilidades.

Eu me recusei a morrer aqui.

E enquanto eu não podia sair sozinha, algo me disse que esse cara – vampiro – poderia.

Por que mais os reforços pesados em sua porta? Por que mais os guardas evitariam sua cela, a menos que o temessem?

Eu me orgulhava de tomar boas decisões. Sempre pesei os prós e os contras para encontrar a melhor solução para o problema, mas isso era vida ou morte. Minha sobrevivência dependia de eu confiar em um perfeito estranho – um que eu ainda não tinha visto – para me tirar desta cela.

Se ele fosse forte o suficiente. Eu não sabia se o sangue sozinho faria o truque, mas era tudo que eu tinha para dar, então eu empurrei minha mão mais para dentro, sentindo o ar frio escovar meus dedos. Eu tinha feito minha parte. Agora dependia dele.

— Eu não quero te machucar. — Sua voz era rica, profunda, culta. Cheio de dúvidas e hesitações. — Faz muitos anos desde que me alimentei.

Eu me preparei para a dor, mas em vez disso, o calor de sua boca se fechou sobre meu dedo. Sua língua rodou em torno da ponta por um segundo, enviando um fio de sensação para a minha barriga. Um pequeno sopro de ar escapou da minha boca, desejo – ao mesmo tempo delicioso e aterrorizante – varrendo através de mim.

Houve uma pequena pontada de dor, então sua boca se fechou com mais firmeza, sua mão embalando a minha enquanto ele bebia. Por que ele se limitou apenas ao meu dedo?

Meu pulso não tinha saído completamente da fenda na parede, e pelos livros que eu li, ele tinha que alcançar minha veia.

O que você está fazendo, Serafina? Apertei mais o braço, quase até o ombro, a pressão das pedras quase dolorosa.

Bom. Isso aumentará o fluxo sanguíneo, sussurrou a parte estudante de medicina do meu cérebro.

Agora ele podia acessar meu pulso. Eu tinha feito tudo o que podia fazer, agora dependia dele.

— Beba —, eu o incitei suavemente. — Pegue o que você precisa. Recupere suas forças e então sairemos daqui.

Como se eu tivesse ordenado, ele se moveu do meu dedo para o meu pulso, finalmente mergulhando depois de uma breve hesitação. Senti aquela alfinetada afiada e breve, e o calor de sua boca se movendo contra a pele sensível do meu pulso, bem sobre meu pulso, batendo como o de um coelho.

Uma onda de euforia me encheu enquanto ele bebia como se estivesse morrendo de fome, a sensação pesada embaçando meu cérebro. Eu deitei minha cabeça contra a parede, meu braço ainda enfiado no buraco, pedras ásperas raspando minha bochecha ferida, e meus pensamentos focados em se eu estava completamente insana.

Quem quer que fosse esse cara, seu sotaque era mais refinado do que eu esperava que o de um prisioneiro fosse, quase estrangeiro, mas talvez fosse apenas otimismo. Eu rezando para que ele fosse decente o suficiente para manter sua palavra e me salvar da morte certa.

Mas definitivamente estava em desacordo com o nosso entorno, sugerindo escolas particulares e faculdades da Ivy League, clubes de campo e um passado privilegiado. Como ele acabou ao meu lado era um mistério, mas eu também não sabia por que estou aqui.

O peso se transformou em neblina, meus pensamentos se desintegrando em lodo. Eu não sabia se era ele ... o vampiro e sua mordida ... ou exaustão, mas eu estava grata pelo alívio.

Capítulo 07

Luthor

Pare.

Eu queria beber até não sobrar nada para consumir.

Eu queria me empanturrar de seu sangue.

Pare. Agora.

O autocontrole guerreou com o desejo, e eu me curvei sobre sua mão, minhas presas doendo antes que minha vontade finalmente vencesse a fome.

Eu levantei minha cabeça do pulso da garota, sangue cobrindo meu queixo, grato por ela não poder ver o monstro que eu me tornei. Com um movimento da minha língua, as marcas de punção se fecharam enquanto minha saliva fundia sua carne novamente. Virei a mão dela na minha, traçando as veias azuis tênues sobre os ossos delicados, minha cabeça já estava cheia do alimento.

Sua mão se soltou da minha, e eu a observei desaparecer na fenda escura, substituída por um contorno sombrio de sua cabeça delineado por uma luz dourada.

— Foi o suficiente? — Sua voz ecoou oca pela fenda, meu cérebro levando um momento para processar a pergunta. — Você está mais forte?

Eu estava?

Um estalo audível ondulou pela cela, meu ombro estalando de volta no lugar, meus músculos do peito se unindo novamente, a carne cicatrizada dos meus pulsos ficando rosa recém-nascida diante dos meus olhos.

A força zumbiu através de mim, uma leve vibração no início, tornando-se mais profunda, mais fria - mortal - como a corrente subterrânea de um oceano. Encorajado, sentei-me e puxei a perna da calça para cima, revelando meu membro torcido e afundado.

—Nós vamos? Funcionou? — Sua voz ficou mais alta, tingida de histeria e esperança. — Você está forte o suficiente para nos tirar daqui?

— Eu estou mais forte. —Eu flexionei minha perna, os músculos atrofiados lutando para puxar meu pé em linha com minha panturrilha, enquanto minha mão ainda podia quase envolver minha coxa. — Funcionou. Na maioria de mim.

— Graças a Deus. Eu não tinha certeza … só vi coisas assim em filmes e livros.

Seu alívio tinha um gosto agridoce desde que eu tinha acabado de mentir para ela. Usei a parede para me levantar, balançando a cabeça para limpar a neblina, sentindo como se alguém tivesse colocado um cobertor molhado sobre mim. Eu bebi mais sangue – o sangue da minha Rainha – nesta alimentação do que em cem anos.

— Apenas me dê um momento para... ajustar.

Meu Deus, era como se uma droga tivesse atingido meu sistema.

— Não temos muito tempo. Eu sou a última que sobrou, — ela avisou, e com isso, o som das botas do guarda ecoou pelo corredor.

— VOCÊ está forte o suficiente para nos tirar daqui? — Mesmo quando a pergunta explodiu de mim, eu não conseguia entender o que estava acontecendo.

Não que eu fosse realmente um participante desse pesadelo. Tudo o que aconteceu tinha esse elemento de eu-estou-preso-em-um-sonho-ruim, e mesmo enquanto eu olhava para as marcas de dentes no meu pulso, eu senti como se isso estivesse acontecendo com outra pessoa.

Sim, estou ficando louca. Certamente louca.

Disposto a colocar minha vida nas mãos de um estranho.

Desesperada o suficiente para acreditar em contos de fadas e histórias de fantasmas. Estúpida o suficiente para acreditar que oferecer meu sangue a um estranho me ajudaria a escapar de uma cela de pedra e aço. Uma risada alta e histérica borbulhou antes de eu apertar meus lábios.

Eu realmente deixei alguém beber meu sangue?

Eu apertei meu pulso, correndo meus dedos sobre as protuberâncias gêmeas.

Sim, eu tinha.

Se eu saísse daqui - quando eu saísse daqui - eu faria terapia. Inferno, eu precisaria de terapia. Mas por enquanto ... claro, eu acreditava em vampiros, se foi isso que me libertou desse show de horrores.

— Eu sou mais forte —, disse o homem, sua voz profunda e culta saindo por aquela fresta como uma tábua de salvação, e eu não conseguia descrever a onda de esperança que essas duas pequenas palavras causaram dentro de mim.

— Graças a Deus. Eu não tinha certeza… só vi essas coisas em filmes e livros.

— Apenas me dê um momento para ... ajustar. — Ele parecia cansado ... mais cansado do que antes, e meu coração batia em uma cadência aguda no meu peito, minha respiração ficando cada vez mais rápida enquanto o guarda se aproximava.

— Não temos muito tempo. Eu sou o último que sobrou.

— Eu sei.

— Eu tenho que sair. Agora.

Nada além de silêncio por um momento, antes de ouvir aquele som estranho de raspagem, como se ele estivesse se arrastando pelo chão.

— Você irá. Mas primeiro, eu tenho que romper está parede. Afaste-se o máximo que puder.

Houve um raspar mais profundo e, pouco a pouco, a argamassa caiu, os enormes blocos – quase tão grandes quanto eu – pedras se movendo, projetando-se para dentro da minha pequena cela. Eu não tinha me movido antes, mas o fiz agora, me enfiando no canto mais distante, puxando meus joelhos firmemente contra meu peito. Um dos blocos caiu na cela com um baque que sacudiu o chão, o próximo um segundo depois, permitindo-me olhar pela primeira vez para o meu salvador.

Ele era enorme.

Seu peito nu era largo acima de uma barriga afundada, seus braços igualmente musculosos sob a sujeira e o que parecia ser sangue seco. Uma massa de cabelos longos e emaranhados obscurecia seu rosto, exceto pelos lábios e queixo, que estavam manchados de vermelho.

Meu sangue.

Esse era o meu sangue em sua boca.

Antes que eu pudesse processar como me sentia sobre isso, o vampiro se abaixou sob a abertura, uma que eu praticamente poderia ter atravessado, então uma mão enorme se estendeu no chão da minha cela e ele se puxou pelo resto do caminho.

Eu nunca tinha visto nada como ele; meus olhos nunca o deixaram enquanto ele subia e subia e subia, enchendo a cela até sua cabeça raspar o teto. Eu sabia que deveria dizer alguma coisa – obrigada, talvez, mas algum instinto me avisou para ficar quieta, não chamar sua atenção.

Eu recuei, plenamente consciente de que onde uma parede grossa costumava nos separar, agora havia apenas ar. Nenhum outro amortecedor. Nenhuma outra proteção.

Meu Deus, e se eu estivesse errada?

E se ele fosse perigoso?

Eu não consegui uma boa leitura sobre ele, já que seu rosto ainda estava escondido por um nó de cabelo emaranhado, mas através dos fios sujos, seus olhos brilhavam mais. Abracei meus joelhos contra meu peito, como se isso pudesse me salvar.

— Você não precisa ter medo de mim. — Aqueles olhos azuis brilhantes estavam agora focados no corredor do lado de fora da minha cela. — Eu juro, não vou machucá-la. O guarda ainda tem que abrir a porta para resgatá-la. Fique no canto, ele terá que atravessar a cela, mas eu o pegarei antes que ele chegue até você.

Diante dos meus olhos, ele desapareceu em um turbilhão de fumaça preta – como uma espécie de monstro sombrio – envolvendo-o como uma cortina de fumaça ondulada, camuflando-o, junto com os dois enormes blocos de pedra e o buraco.

Em seu lugar estava a imagem que eu estava olhando há horas, uma parede em branco.

Para todo o mundo, parecia que nada estava lá. Por mais que eu tentasse penetrar na ilusão, não conseguia.

A porta da cela se abriu com um guincho, e meu captor entrou.

Seus olhos brilhantes fixos em mim, prometendo dor e sofrimento. Ele disse alguma coisa – de novo, naquela linguagem estranhamente familiar –, mas eu não precisava entender as palavras para saber sua intenção.

Eu o machuquei. Agora ele iria me machucar de volta.

Mais rápido do que eu o vi se mover, ele me arrancou do canto, meus braços e joelhos batendo contra a parede no meu caminho para cima, meus pés raspando o chão enquanto eu cavava meus calcanhares para resistir a ele.

Jurei que não choraria.

Jurei que lutaria, e o fiz. Coçando e chutando e usando meus cotovelos para bater em sua barriga.

Houve um lampejo de presas e, instintivamente, eu levantei um braço para bloquear aqueles dentes, enquanto torcia para longe. Ele sentiu minha falta, mas me prendeu contra a parede e pulou para o meu pescoço, e eu sabia que desta vez, ele não erraria. Eu cheirei seu hálito fétido e então...

Então ele se foi.

Com o coração acelerado, procurei na cela, mas estava vazia. Só quando a imagem ondulada desapareceu, vi o guarda de olhos vermelhos. Pendurado na mão

do meu salvador como uma boneca. Com um estalo agudo, ele quebrou o pescoço do guarda e o jogou no chão.

A essa altura eu estava ofegante, olhando para o enorme vampiro, as sombras escuras girando ao redor dele, então olhei para a porta aberta diante de nós.

Eu não sei quem se moveu primeiro, mas ele me pegou em seus braços antes que eu chegasse ao corredor e me segurou firmemente no lugar. Tentei afastá-lo, mas ele apenas virou minha cabeça para olhar minha bochecha inchada e arranhada. E passou a língua sobre a ferida.

Instantaneamente, a dor surda e dolorida desapareceu, substituída por uma estranha sensação de contentamento que estava completamente em desacordo com a nossa situação.

— Como eu disse, eu nunca vou te machucar.

— Perdoe-me se eu não acredito em suas palavras, já que parece que todos ao meu redor querem me machucar.

Seus lábios se apertaram, e quando me movi em direção à porta, ele me parou com um braço no meu peito, suas sombras rodopiantes me cortando no meio do passo. — Eu vou primeiro. É incomum que eles enviem apenas um guarda, mas é óbvio que alguém tinha planos para você. Ele entrou na minha frente como se fosse meu guarda-costas particular, então mancou pelo corredor, uma perna se arrastando atrás dele.

— Você está bem?

Era uma pergunta absurda, mas estava claro que ele não podia usar aquela perna. — Você machucou a perna? — Talvez ele tenha se machucado lutando com meu captor vampiro por trás do escudo invisível que ele criou, como se por mágica.

Outra risada borbulhou, e eu pressionei minhas mãos no meu peito, tentando me controlar.

— Algo parecido.

Vozes flutuaram até nós, guardas brigando, então o barulho de passos pesados, pelo menos três, e eu avaliei as probabilidades. Eles não saíram a nosso favor. Mas se lutar para sair fosse a única opção, é o que eu faria. Eles iam me matar, de qualquer maneira.

Melhor morrer lutando do que encolhida na minha cela.

— Fique aqui. — O grande vampiro avisou, então eu pisquei quando ele desapareceu, apenas um turbilhão de sombras negras em seu lugar. Estendi a mão para tocá-los, talvez para ver se eram reais, mas eles escorregaram pelos meus dedos e desapareceram.

Ouvi grunhidos e baques de uma briga louca, depois nada, e ele reapareceu na minha frente, seu peito arfante marcado por uma mancha vermelha larga de sangue fresco, junto com o cheiro de pele suja. Ele apareceu do nada, e pela quantidade de sangue, era óbvio que ele havia matado os guardas.

— Como você fez isso?

— Mais tarde, — ele advertiu, algo ... carnudo pingando de seu cabelo emaranhado enquanto eu me engasgava. — Nós saímos, então vamos para as perguntas que fazem parte desta operação de resgate.

Eu quase sorri. Entre seu sotaque incongruente, minha histeria crescente e ele aparecendo e desaparecendo sem deixar vestígios, toda a situação era

incompreensível. Ainda assim, estávamos nos movendo na direção certa, que era em direção à liberdade.

— Fuja agora. Perguntas depois. Entendi.

A parte lógica do meu cérebro queria um plano sólido antes de prosseguirmos. Passo a passo, de preferência com uma avaliação de risco. Cada outra parte de mim queria sair, e eu não me importava como chegaríamos lá.

Mas aqui estávamos nós, olhando um para o outro. Eu quebrei o silêncio primeiro.

— Não deveríamos estar nos movendo?

— Concordou.

Ele se pendurava na parede a cada passo, sua perna ruim se arrastando atrás dele como uma bigorna enquanto lentamente trabalhávamos pelo corredor. De repente, percebi que estávamos indo na direção errada. Não para a porta do guarda, mas para onde o corredor terminava em uma parede de pedra.

— Estamos indo na direção errada. — Eu o puxei de volta para o outro lado. — Esta não é a saída.

— Estou pegando reforços. Não podemos escapar sozinhos e não posso me desmaterializar de dentro dos muros da prisão. — Ele indicou sua perna com tristeza. — Claramente, não sou rápido o suficiente para fugir dos guardas.

Por um segundo, o medo tomou conta do meu cérebro e eu hesitei, dividida entre segui-lo e correr para a porta. Então decidi que a melhor opção era não o distraís.

Ele estava aqui há muito tempo. Ele conhecia este lugar melhor do que eu. Ele sabia o que estava fazendo.

Foi o que eu disse a mim mesma, pelo menos.

— Isso não vai demorar um minuto, e vai triplicar nossas chances de sair daqui vivo. — Sua mão enorme agarrou meu braço. — Os guardas não têm chance, se ele nos ajudar. — Ele quase parecia ... envergonhado. — Não estamos nos melhores termos no momento.

A cela em que paramos estava protegida da mesma forma que a do grande vampiro – pesadas correntes de ferro, fechaduras de aparência complicada – enquanto por trás da porta, senti a mesma sensação que tive antes. Que algo predatório e perigoso espreitava naquela escuridão, embora eu não visse nada.

— Cyrus. Abra seus olhos.

O brilho que apareceu da escuridão não era como nenhum outro que eu tinha visto até agora. Seus olhos brilhavam brancos, como o luar, vazios de qualquer cor e mais brilhantes do que todos os outros que eu tinha visto.

— Você está fora de casa. Que bom que você passou por aqui e fez uma visita. — Ao contrário do meu salvador, sua voz era áspera, e quando ele se aproximou, eu recuei. Seu pescoço inteiro estava circundado por uma cicatriz profunda, branca e enrugada, horrivelmente larga. Parecia que ele tinha sido guilhotinado, e sua cabeça costurada de volta.

— Bom pedaço que você tem aí ... sua fungada audível se transformou em um bufo de surpresa, e antes que eu pudesse piscar, ele estava nas barras, uma mão arranhando o ar na frente do meu rosto. — Santos deuses, Luthor, ela é uma...

— Cala a boca, Cyrus, — meu salvador retrucou. Ele olhou de volta para a porta ainda fechada. — Este é o acordo. Você vai se controlar e nos ajudar em nossa

fuga. Você não vai tocá-la ou mordê-la ou mesmo pensar em colocar um dedo nela. Cá entre nós, os guardas não devem ser um problema.

— Tire-me daqui e veja o que acontece. O vampiro rosnou, seu olhar fixo em mim com tanta avidez que decidi que preferia deixá-lo em sua cela e me arriscar com os guardas.

— Vou deixar você lá para apodrecer, se você não conseguir se controlar. — Havia um senso de comando áspero na voz do grande vampiro, totalmente em desacordo com o tom gentil que ele usava comigo. — Você não é um animal, Cyrus. Você não é o que eles tentaram fazer de você. Você é um Guarda Superior e se comportará com honra.

Um estremecimento de corpo inteiro percorreu o cativo, mas o braço desapareceu quando ele se afastou das barras, com as costas retas.

— Sim, meu senhor.

Que? Primeiro um rei, depois um senhor. Qual foi o próximo? Uma rainha má com uma maçã envenenada?

— Luthor vai se sair bem. E aviso justo, ela não sabe de nada.

— Eu sei o suficiente —, eu disse, cansada de ser deixada de fora desta conversa e não entender nada sobre o que estava acontecendo. — O suficiente para saber que não temos muito tempo. Quanto mais rápido nos movermos, maiores serão nossas chances de escapar.

A boca do meu salvador se contorceu em um quase sorriso, então seus lábios se estreitaram.

— Você a ouviu. Decida, Cyrus. Vida… ou continue existindo assim até que o Rei se canse de jogar seus jogos e te mate de vez.

— Tire-me daqui. Eu juro que vou me controlar.

Meu salvador ... Luthor ... envolveu suas mãos ao redor das pesadas fechaduras, murmurou alguma coisa, e houve um clique audível antes que ele as soltasse das correntes, os elos de metal tilintando quando caíram no chão. Esperamos que os guardas viessem correndo de todos os lugares, recuei até que minhas costas estivessem contra a parede, dando a Cyrus bastante espaço quando ele saiu para o corredor estreito.

— Bem, olá, linda, o que uma garota como você está fazendo em um lugar como este?

— Cale a boca, Cyrus, ou eu mesmo o prendo de volta.

Cyrus era um pouco mais alto que eu e, como Luthor, seu rosto estava obscurecido por cabelos emaranhados, tão compridos que cobriam seus ombros, mas não tão compridos que eu não pudesse ver o ferimento em seu pescoço. Uma parte de mim se perguntava se meu sangue poderia curar isso também, enquanto outra parte de mim se perguntava o que havia feito uma ferida que percorria seu pescoço.

Parecia quase como ... eu balancei minha cabeça.

Eu estava louco, mas não tão louco.

— Será que ela sabe ...

— Cala a boca, Cyrus. — O tom de Luthor ficou ainda mais nítido e foi preenchido com um aviso tácito. — Você sempre falou demais.

— É por isso que ele continua cortando minha cabeça, — brincou Cyrus. — Ainda bem que volta a crescer. Eventualmente.

Oh meu Deus. Isso não podia ser real.

— Essa porta é a única saída. — Cyrus apontou, seus olhos brancos brilhantes me encontrando no escuro. Eu jurei que eles brilharam mais forte, e sua boca tremeu, como se ele estivesse faminto. — Eles dobraram a guarda desde que é a Noite da Colheita.

— Eu sei que noite é essa, — Luthor rebateu, empurrando Cyrus na frente dele. Com uma mão apoiada na parede, ele mancou em direção àquela porta, o raspar de seu pé arrastando o único som além da minha respiração em pânico. Fiquei feliz em deixá-los assumir a liderança, perfeitamente feliz em permanecer atrás deles em relativa segurança.

— Quantos guardas restam? — Eu perguntei, antes de correr de volta para minha cela, voltando com uma pedra grande o suficiente para caber na palma da minha mão. Os lábios de Luthor se contraíram, mas ele não comentou. Quando Cyrus abriu a boca, o cotovelo de Luthor afundou em seu estômago, e ele soltou um uhum alto.

Instantaneamente, as vozes do outro lado da porta pararam, e então ela se abriu, revelando um corredor moderno e bem iluminado, com iluminação LED, paredes brilhantes e uma massa de guardas se virando para nós.

Não tenho certeza do que aconteceu em seguida.

Mas os corpos caíram, o sangue espirrou nas paredes brancas até pingarem vermelho, e enquanto eu não tinha visto Luthor ou Cyrus se moverem, eles agora acenavam do outro lado do corredor, passando pelos guardas caídos. Luthor estendeu

a mão para mim enquanto Cyrus limpava o corredor à nossa frente, perseguindo os guardas em fuga.

Meus pés se arrastaram para frente enquanto meu cérebro tentava processar o que estava acontecendo. Fora de toda a cena sangrenta, apenas a mão estendida de Luthor fazia sentido, e eu a agarrei como se fosse minha última chance. — Não olhe para baixo, observe Cyrus e segure minha mão.

O aviso áspero de Cyrus flutuou de volta para nós enquanto eu abria caminho entre os corpos. — Não me importo de abrir caminho, mas ainda temos que romper as paredes externas. — Ele parecia preocupado, e eu me perguntei se eu estava imaginando o brilho faminto em seus olhos, que pareciam ficar mais brilhantes cada vez que ele olhava para mim. — Eu não me alimento há décadas. Eu não tenho a força para isso.

— Eu vou cuidar das proteções, — disse Luthor, sua mão apertando a minha.

Em seguida, as paredes salpicadas de sangue ficaram borradas, meu estômago se revirou enquanto nos movíamos com incrível velocidade por um corredor e depois pelo outro, desviando de corpos esparramados em nosso caminho, meu estômago lutando para alcançar meu cérebro, sentindo-me enjoado pelo impulso.

Chegamos ao final do corredor e enfrentamos algo parecido com o que Luthor havia feito. Uma parede impenetrável de neblina negra obscurecia tudo, e quanto mais nos aproximávamos, os tentáculos se estendiam em nossa direção, como se tivessem vontade própria.

— Isso é o que mantém a prisão escondida dos olhos humanos, — Luthor explicou antes de me libertar.

— Você não acha que Viktor usou sua magia por tempo suficiente? — Cyrus rosnou, sua voz tão baixa que eu estremeci. — Talvez seja hora de levá-lo de volta.

Pisando quase até o nevoeiro, Luthor levantou as mãos e falou suavemente. Como meu captor, suas palavras pareciam magicamente amplificadas, e eu assisti os tentáculos chegarem até ele... então desaparecerem direto em sua mão.

Como se estivessem sendo absorvidos de volta à sua fonte.

Uma porta substituiu a parede de escuridão, suas dobradiças enferrujadas e podres e gotejando de mofo viscoso. Luthor mancou para a frente, eu a reboque, enquanto Cyrus se posicionou atrás de nós. Eu não o queria nas minhas costas, mas eu não ia ficar aqui nem mais um segundo.

— Pronto para saborear o ar livre, Cyrus?

— Pronto, Comandante.

Tudo ficou borrado de novo, e meu estômago revirou como se eu estivesse enjoado, mas quando o ar frio e úmido atingiu meu rosto, eu sabia que ainda estávamos na Louisiana. Ao norte do lago Pontchartrain, talvez, por causa do cheiro de peixe morto no pântano. Velhos carvalhos pingando em musgo entraram em foco quando derrapamos até parar, e Luthor me firmou com uma mão em volta do meu braço.

À frente, no meio da clareira, alguém estava esperando.

Capítulo 08

Luthor

— Cárpatos.

O nome do Rei explodiu da minha boca como uma maldição, e eu desacelerei, segurando a garota com firmeza para que nossa parada repentina – de alta velocidade para parar – e não a machucasse. Eu balancei minha perna boa, e Viktor, seu cabelo loiro puxado para trás, sorriu para minha fraqueza.

Eu não deveria estar surpreso que ele estava esperando por nós.

Achei estranho ele não ter guardas com ele, mas talvez estivessem todos mortos.

— Fontaine. — Ele estava arrogantemente confiante, acreditando que eu não poderia passar por ele na minha condição atual. Ele teria razão. Mas eu tinha acabado de me alimentar de uma rainha.

— Recebi a notícia de que havia problemas. Imagine minha surpresa, quando disseram que você estava fugindo. Desci para ver se o boato era verdadeiro. Eu estava curioso por que, depois de todos esses anos. E você decidiu bancar o herói. — Sua voz ficou curiosa. — Venha para frente, garota, deixe-me dar uma olhada melhor.

Ela puxou meu aperto enquanto Viktor a obrigava a se mover, forçando seu corpo a obedecer a sua mente sequestrada. Ela tentou lutar com ele, mas não havia como resistir. Relutantemente, eu superei sua compulsão com a minha, protegendo-a de seu ataque, e ela parou de lutar comigo.

Os olhos de Viktor se arregalaram, então se estreitaram quando ele percebeu que meu cheiro era diferente.

Está certo. Eu me alimentei e agora sou uma ameaça viável.

— Cyrus. — O olhar do rei passou por cima do meu ombro, seu rosto se contraindo quando percebeu que éramos dois. — Vejo que você está se recuperando bem.

— Tão bem quanto se pode esperar, Viktor, já que você tentou serrar minha cabeça há uma semana.

— Qualquer coisa para te calar.

Ao meu lado, a garota ficou rígida; surpresa e medo rolaram dela em lençóis. Embora eu pudesse mantê-la segura atrás de mim, não pude impedi-la de ouvir, nem de processar essa conversa improvável. Haveria perguntas para responder mais tarde, se escapássemos desta clareira com vida.

— Há dois de nós, Viktor, e seus guardas estão mortos.

O rei deu de ombros descuidado. — Morto, sim, mas o que você é, realmente? Um aleijado. E um vampiro faminto mal capaz de controlar sua fome. Não solte sua pequena humana, Luthor. Cyrus vai comê-la viva.

De fato, ele estava certo. Cyrus estava faminto, sua fome piorada por sua cura recente, e embora fôssemos amigos, nenhuma quantidade de lealdade anulava o apetite de um vampiro.

Viktor sacudiu a mão em nossa direção, e a garota choramingou quando uma ferida longa e profunda se abriu em seu braço. Imediatamente, seu cheiro doce de sangue encheu a pequena clareira, a fragrância de jasmim e mel fazendo a saliva explodir na minha boca. Atrás de nós, Cyrus rosnou, profundo e ameaçador. Voraz.

Mas Cyrus não era minha preocupação.

Foi a forma como o rosto de Victor relaxou por um instante.

Ele sabia.

Uma respiração e ele sabia de tudo.

Porque eu estava fugindo. Porque eu tinha assumido o risco. Quem ela era.

Tudo.



EU ESTAVA presa no meu corpo, observando tudo, incapaz de fazer nada.

No segundo em que ouvi a voz do vampiro loiro na minha cabeça, tentei impedir que meus pés se movessem em direção a ele. Lutei loucamente contra seu comando venha aqui garota, que me ofendeu em todos os níveis.

Reconheci Viktor como uma ameaça, mas não consegui me conter. Mas então sua compulsão foi substituída por algo ainda mais forte.

Luthor.

Luthor fez meus pés pararem de se mover. Ele tirou o controle horrível e convincente de Viktor, e meu corpo relaxou. Havia uma calma constante no equilíbrio de Luthor sobre mim, como se eu estivesse embrulhada em seus braços, e ele estivesse me mantendo segura.

Mas eu ainda não conseguia reagir quando uma dor ardente cortou meu braço.

Nem correr, e quando Cyrus rosnou atrás de mim, profundo e ameaçador, meu coração bateu rápido como um coelho.

Uma aura de poder arrogante irradiava de Viktor, como se ele estivesse acostumado a governar todos ao seu redor. Eu imediatamente odiei a frieza que vi em seus olhos, na forma como ele zombou da deficiência de Luthor, provocou Cyrus, me olhou como um pedaço de carne.

— Bem, bem, bem. Parece que toda a minha colheita finalmente valeu a pena. Você não é uma coisinha bonita?

Viktor saltou com um flash de presas, mas antes que ele me alcançasse, Luthor o interceptou.

Eles colidiram, e eu caí no chão enquanto minhas amarras invisíveis desapareciam. Caí de bruços e pisquei enquanto Luthor lutava com Viktor, suas bocas cheias de dentes incrivelmente longos, a luta se transformando em um borrão enquanto eles se moviam cada vez mais rápido.

Atrás de mim, Cyrus rosnou de novo, a respiração quente roçando minha nuca enquanto eu me arrastava para longe, meu progresso parou quando ele me prendeu facilmente com uma mão, então me virou para ficarmos nariz com nariz.

A centímetros de distância, vi claramente o brilho espelhado em seus olhos, a curva longa e mortal de suas presas, a frouxidão de seu rosto que me dizia que o lado brincalhão e insolente dele havia sido substituído por um animal faminto.

— Cyrus. — Tentei pensar no que Luthor havia dito para chamar sua atenção antes, mas meus pensamentos eram como seda de aranha, muito frágil para se firmar. — Por favor, Cyrus. Por favor, não me machuque. — Apertei meus dedos ao redor da rocha, olhando aqueles dentes mortais muito perto da minha garganta.

— Eu realmente sinto muito por isso…

A pedra atingiu o lado de seu rosto com um baque profundo e carnudo. Eu não esperava que o golpe fizesse muito, mas apenas o irritou ainda mais.

Cyrus estalou aqueles dentes, quase errando meu nariz, saliva pingando de sua boca para meu rosto. Como Luthor tinha feito antes, ele passou a língua pela minha bochecha mutilada, o rosnado sinistro se transformando em um ronronar áspero.

— Cyrus. Saia dela, — Luthor gritou antes que Viktor o virasse de costas, mordendo sua garganta. — Tenha algum controle pelo amor de Deus.

O aviso de Luthor foi mais grunhidos do que palavras, então ele gritou mais alto naquela língua estranha. Eu não sabia o que ele disse, mas não havia como confundir o tom de comando com as palavras. Cyrus recuou, confusão em seu rosto.

— Isso mesmo, eu não sou seu inimigo —, eu disse a ele enquanto me levantava, apontando para Luthor preso em suas costas. — Ele é. Ajude Luthor. Eu implorei a ele. — Por favor, ajude-o para que todos possamos fugir.

O peito de Cyrus arfava sob o brilho do sangue. Por um segundo, eu não acho que ele entendeu, mas lentamente seu olhar seguiu meu dedo apontador e um rosnado mais profundo e animalesco saiu de sua boca.

— Isso mesmo, Viktor é quem te machucou. Esta é a sua chance de machucá-lo de volta.

Em um piscar de olhos ele se foi, e eu me virei bem a tempo de vê-lo derrubar Viktor em um equipamento voador, envolvendo seus braços ao redor dele. Ouvi um som rasgado quando os dentes de Viktor afundaram profundamente no ombro de Cyrus. Ele jogou a cabeça para trás e uivou.

— Tire ela daqui.

Cyrus gritou, enquanto a risada maníaca de Viktor ecoava pelas árvores. Cyrus rosnou novamente, mas foi interrompido com um grunhido de dor.

Então fui arrancada do chão, e o mundo ficou embaçado enquanto voávamos.

Capítulo 09

Seraphina

Não parou até que estivesse escuro.

No segundo que Luthor me soltou, eu desmaiei, musgo esponjoso e folhas mortas amortecendo minha queda. Eu não sabia exatamente onde estávamos, mas o fedor do lago era tão forte que eu sabia que não tínhamos viajado muito.

Meu braço... gritou. Eu não sabia mais como colocá-lo. A ferida era profunda, sangrando, e a dor foi além do normal. Senti como se minha pele estivesse queimando.

— Tentei nos tirar da prisão, mas havia muitas estradas. Estradas largas e veículos e luzes. — Ele caiu no chão ao meu lado. — Não sei onde estamos.

Bem, isso faz de nós dois.

— Estamos ao norte do lago?

— Sim, mas tudo parece diferente do que eu me lembro.

— Bem, é noite ...

Ele balançou sua cabeça. — Eu posso ver bem o suficiente no escuro. Todo o resto parece estranho... as estradas... estão marcadas com linhas amarelas, e os carros estão ... silenciosos demais. Eles se movem em velocidades tão altas.

Eu processei sua confusão enquanto procurava ao nosso redor por alguma pista de onde acabamos. Definitivamente ao norte do lago, mas a que distância?

— Eu não vi nada, já que tudo era um borrão. —Passei a maior parte do tempo lutando contra minha vontade de vomitar, forçando meu coração a parar de bater tão rápido, concentrando-me na respiração. Tentou ignorar o fato de que estávamos nos movendo mais rápido do que deveria ser fisicamente possível.

— Estávamos nos movendo rápido demais para você ver qualquer coisa.

Sim, exatamente.

Nada fazia sentido para mim, nada exceto fugir daquela prisão, o belo e cruel rei, e o que quer que ele estivesse fazendo com o pobre Cyrus no final.

— Cyrus... ele ficou para trás para que pudéssemos fugir.

— Cy é um bom soldado. A única coisa que importava era mantê-lo a salvo de Viktor.

Eu tinha tantas perguntas. Mas mais tarde, eles poderiam ser solicitados mais tarde. Minha mente se prendeu no que ele disse sobre as estradas. Claro, eles tinham linhas. Exceto pelas estradas secundárias, todas as estradas tinham linhas. A não ser que …

— Luthor, quanto tempo você ficou na prisão?

— Qual é a data?

Quando eu disse a ele, ele soltou um suspiro trêmulo. — Quase cem Anos.

Espere, isso não fazia sentido. — Você está me dizendo que esteve lá por ... cem anos?

— Próximo a isso. Fui capturado em 1917.

— E Cyrus?

— A mesma quantidade de tempo que eu.

Eu queria rir do puro absurdo de tudo isso, mas estava com medo de não parar. — O que significa que você não sabe de nada. Nada sobre o mundo moderno, nada que vá nos ajudar agora, — eu murmurei, frustrado ilogicamente pelo fato de que meu salvador precisaria ser salvo. Esfreguei meu braço ferido, e minha mão ficou vermelha.

Luthor agarrou meu pulso, me puxou para ele e respirou fundo quando viu meu braço. — Isso é profundo, e você ainda está sangrando.

— Eu sei. E isso machuca. — Eu puxei minha mão para trás, mais preocupada com Viktor saindo da escuridão, do que com um corte, não importa o quão profundo. — Eu vou lidar com isso mais tarde.

— Temos que encontrar abrigo. — Ele se levantou desajeitadamente. — Em algum lugar longe de Nova Orleans, onde Viktor não pensaria em olhar. Eu tenho um lugar …

— Eu conheço um lugar onde podemos ir. — Mesmo com a mata ao nosso redor, me senti completamente exposta. Eu verifiquei meu bolso de trás, e uma pontada de desconforto passou por mim. — Eu não tenho meu celular, ou eu poderia nos levar para fora daqui.

— Celular?

Eu queria bater meus pés em frustração. — Sim, meu celular. Preciso de um ponto de referência para nos levar à minha avó. Ela saberá o que fazer.

Luthor balançou a cabeça. — Você só vai levar Viktor direto para a porta dela.

— Eles levaram meu telefone. Eles terem meu telefone significa que sabem quem eu sou e onde moro, — expliquei cuidadosamente, tentando manter a calma. Ele nem piscou.

— Eu armazeno tudo no meu telefone. Pense nisso como um arquivo portátil com as localizações de todos que conheço e em todos os lugares que já estive. Todos os meus endereços, fotos de pessoas e lugares... pistas que Viktor pode usar para me localizar.

O que significa que se Cyrus não parasse Viktor permanentemente – eu me recusei a dizer morto – ele já poderia estar procurando por nós. Ele pode estar nos observando. Agora mesmo.

— Leve-me de volta para aquela estrada. O lugar onde você viu as listras.

Deixei de lado o fato de que ele estava suado e pálido, que tinha uma perna quebrada e estava à beira do colapso. Ele ainda podia se mover mais rápido do que qualquer um que eu já tinha visto, e nós tínhamos que sair daquela floresta e ir para algum lugar seguro. Uma vez que eu soubesse onde estávamos, eu poderia nos levar para casa, e eu descobriria o resto quando eu falasse com Vovó.

Não que eu confiasse nele inteiramente, mas algo me dizia que ele estava comprometido com a minha sobrevivência.

Ele me ofereceu sua mão e me puxou para cima, balançando em sua perna boa. Houve um estalo nas profundezas da floresta, e eu sussurrei: — Leve-nos para aquela estrada. Agora.

Com seus braços em volta de mim, meus pés saíram do chão, o vento rasgou meu cabelo e, segundos depois, pousamos bem no amarelo duplo.

— É a Rota 22. — Eu respirei aliviado. — Nós não estamos longe. Cerca de dezesseis quilômetros ao norte daqui fica Abita Springs. É para lá que precisamos ir. — Apontei para dar ênfase para ter certeza de que ele entendeu.

Ele parecia duvidoso. — Levá-los de volta para onde você mora é tolice. Se você tem parentes lá, isso coloca todos em perigo. — Ele olhou para a estrada por um longo tempo antes de seus olhos azuis sérios deslizarem de volta para mim. Ele estava realmente tentando me proteger agora. Proteja minha família.

— Abita Springs não é meu lar permanente, bem, não mais. Eu tenho um apartamento na cidade, mas quando aquele guarda vampiro estava me perseguindo, eu entrei em pânico e o levei direto para o meu prédio. Não posso voltar lá, o que significa que a vovó Claire é minha única outra opção.

— Meu trabalho é proteger você. Tem que haver …

O trabalho dele…?

Eu levantei uma mão. — Olha, isso não está em discussão. Eu aprecio tudo o que você fez. Eu realmente quero. Uma vez que eu esteja lá, você pode seguir seu caminho.

— E esse celular? Os endereços e fotos?

Para alguém que dizia estar fora do circuito do século XX, Luthor era bastante observador.

— Ela nem tem um telefone ou me deixa tirar fotos dela. Nem colocar nada nas redes sociais nem nada. Vovó diz que teme que o governo a prenda por impostos

atrasados. O problema é que ela pode não estar mentindo sobre essa parte. — Fiz meu melhor olhar de olhos de cachorrinho.

— O que estou dizendo é que ela vive completamente fora do radar, e não há nada no meu telefone que me ligue a ela. Só estou pedindo uma... carona até a casa da minha avó, só isso.

Eu não sabia se cavalgar era a melhor descrição para o que ele podia fazer, mas eu estava amaldiçoado se eu pudesse pensar em algo melhor. Tínhamos que nos mexer logo. Meu braço estava escorregadio de sangue, e eu estava tão tonta que não podia prometer que não iria desmaiar.

Levamos várias tentativas, saltitando por riachos enevoados e estacionamentos de grandes lojas, densas florestas de carvalhos e áreas suburbanas luxuosas, antes de pousarmos na estrada de terra em frente a Vovó. Definitivamente não há linhas aqui. Dei um passo à frente, e o braço de Luthor disparou, me parando.

— Eu entro primeiro e faço uma varredura.

Eu pressionei contra seu braço restringindo, e um sorriso frio brincou em sua boca. — Não está em discussão. Meu trabalho é mantê-la segura. Eu entro primeiro, ou vamos para outro lugar. — Quando eu fechei minha boca, ele apenas bufou. — Jure ou vamos embora.

— Tudo bem, — eu cortei. — Eu juro que vou ficar aqui enquanto você vai dar uma olhada. — Fiz aspas no ar nessa última parte, embora tenha feito meu braço doer ainda mais.

Foi difícil vê-lo mancar pelo caminho não pavimentado, sua perna ruim sacudindo enquanto seu pé descalço raspava pela terra rochosa. Ele estava no meio do caminho quando de repente parou como se tivesse batido em uma parede.

Ele estremeceu visivelmente, esfregou as mãos nos braços e me lançou um olhar tão forte que jurei que seus olhos brilharam. Depois de um momento, ele continuou arrastando aquela perna inútil atrás dele. Em algum lugar durante seu lento progresso, ocorreu um pensamento terrível.

Luthor não conhecia Vovó.

Não sabia sobre o calibre doze na porta da frente.

Sua ânsia de usá-lo.

E merda, era no meio da noite, como eu poderia ter esquecido isso? Ela acordava, pegava a arma e então...

Saí ao mesmo tempo em que o som de tiros ecoou contra as árvores, incrivelmente alto na escuridão, e corri pela calçada, determinada a chegar lá antes que ela tirasse sangue.

Quando cheguei, Vovó estava com a arma apoiada no ombro e estava olhando para Luthor, parado no pé da escada, aquelas sombras estranhas envolvendo-o. Quando eles desapareceram, minha boca se abriu quando duas balas caíram no chão.

— Vovó, abaixe a arma, eu posso explicar.

Não realmente, mas eu poderia tentar.

Surpreendentemente, ela fez exatamente isso, um olhar de total confusão em seu rosto. Dei outro passo, com a intenção de lançar alguma explicação racional das

últimas doze horas. Sua confusão só aumentou quando ela olhou entre nós, então levantou a arma novamente, o cano fixo no peito de Luthor.

Ele nem se contorceu.

— Luthor Fontaine. O que diabos você está fazendo com minha neta?

Capítulo 10

Luthor

Eu não via Claire Marvelle desde a noite em que Viktor invadiu a sala do trono, matando todos em seu caminho enquanto se dirigia à Rainha Lyra. Ao vê-la, tudo fazia sentido. A garota descendia da casa real Marvelle, uma de nossas linhagens mais antigas e preciosas. Uma linha que Viktor pensou ter apagado cem anos atrás.

Claire parecia mais velha, mas a mesma, do jeito que os vampiros fazem quando não se alimentam direito. Seu cabelo escuro agora estava com mechas grisalhas, e ela estava mais magra ultimamente. Ainda podia lidar com uma arma, no entanto.

— Vovó Claire, o que diabos você está fazendo?

Pura descrença irradiava da minha Rainha.

Eu sabia que não deveria, mas estendi a mão e provei suas emoções. Eu tinha que saber onde a garota estava porque minha próxima decisão dependia disso. Ir embora? Ou ficar ao lado dela e protegê-la?

Tudo o que encontrei foi confusão, alívio, exaustão.

Nenhum indício de mentiras.

O que significava que ela não sabia. Não que ela fosse vampira. Não que ela viesse de uma linhagem distinta de rainhas. Não porque ela foi sequestrada.

Claire, por outro lado, fedia a duplicidade.

— Faz anos, Claire, — eu falei lentamente, sabendo que enquanto um tiro direto não iria me matar, isso me atrasaria o suficiente para ela acabar comigo. Algum traço latente de orgulho masculino empacou com o pensamento de cair diante de minha rainha, falhando com ela antes mesmo de ser capaz de servi-la. — Esta é uma grande mudança para você. — Eu indiquei a casa em ruínas que nos cercava.

— Vovó Claire ... — a garota advertiu gentilmente, como se ela estivesse falando com alguém de um parapeito. — Abaixe a arma. Ele não é uma ameaça.

— Ele é a maior ameaça deste lado do Atlântico. Afaste-se dele, fina, faça isso agora.

Ela mordeu o lábio, seu olhar fixo em mim. — Não, ele é um amigo e eu não vou deixar você machucá-lo.

— Viktor está atrás de nós, — eu disse a Claire ... Vovó Claire... e soube que ela acreditou em mim quando s arma caiu. — Um grupo de invasor capturado... — Eu levantei minha sobrancelha para a garota.

— Seraphina, — ela respondeu calmamente. —Meu nome é Seraphina.

Por um momento, rolei o nome – Seraphina – na minha língua. Era um nome apropriado para uma rainha, impregnada da história e tradição de nossa espécie.

— Um dos grupos de ataque do rei capturou Seraphina, e ela acabou na cela ao lado da minha. Ela estava sangrando... — Eu me encolhi, sabendo que está era mais

uma conversa que eu não queria ter na frente dela. Não quando ela não sabia nada sobre o nosso mundo.

Mas isso não foi minha culpa.

Isso foi culpa da velhinha carnuda na minha frente.

A arma caiu das mãos de Claire quando ela correu para sua neta, olhou para ela rapidamente, então a envolveu com força, balançando um pouco. Os braços de Seraphina envolveram as costas ossudas da mulher quando ela começou a chorar. — É verdade, vovó. Achei que iam me matar.

Com o braço em volta dos ombros da garota, Claire se engasgou. — Você está coberta de sangue, Fina. O quanto você está ferida?

— Eu... acabei de bater, eu acho, desde quando eles me pegaram. Mas meu braço não para de sangrar.

O cheiro de seu sangue encheu o ar ao nosso redor, e Claire olhou para mim como se eu tivesse feito isso.

— Eu sabia exatamente quem ela era, no segundo que eu... uhm... — Deixei de fora a parte da mordida. Eu realmente não achei que Seraphina gostaria que eu dissesse isso.

Seraphina levantou a cabeça o suficiente para me lançar um olhar sombrio.

— Seriamente? Você sabia quem eu era? E como vocês dois se conhecem?

— Dentro, — disse Claire, tocando o braço de Seraphina para guiá-la até a varanda. Ela me lançou um olhar. — Assim que entrarmos, explicarei tudo.

Eu não tinha dado um passo quando Claire ordenou, — Luthor, conserte as proteções que você quebrou no caminho, então entre. Se eu conheço minha neta, ela terá um milhão de perguntas. Provavelmente vamos precisar de nós dois para contar essa história.

Eu me virei para as salas, olhando para o buraco que eu tinha aberto nelas. Eu não conseguia entender a sabedoria de deixar um vampiro inexperiente vagar livremente em Nova Orleans, de todos os lugares, mas talvez Claire tivesse suas razões.



— *ESPERA, CYRUS,* — zombou do guarda através das grades. — Desta vez, o Rei não vai apenas brincar com você. — O bastardo falava em francês médio, a versão preferida de Viktor da língua, e eu respondi no mesmo.

— Talvez seja eu que termine de brincar com ele. — Eu estalei meus dentes para fazer efeito, o clique oco o forçou um passo para trás.

Uma hora atrás na clareira, Viktor tinha chutado minha bunda.

Agora eu estava acorrentado a uma cadeira nas masmorras e testei minhas amarras novamente, esperando que depois de algumas horas o inchaço diminuísse o suficiente para ficar livre. Mas as algemas se mantiveram firmes, a faixa de prata em meu peito chiando enquanto eu me inclinava sobre as amarras que eu estava fraco demais para quebrar. Meu pescoço estava devastado onde Viktor quase o arrancou, e eu não estava curando porque estava morrendo de fome.

— *Caramba.*

Um estremecimento profundo passou por mim. Eu tinha atacado a garota. Quase a mordi.

Apenas minha obediência arraigada ao comando de uma rainha a salvou, junto com a ordem gritada de Luthor para sair dela. Ah, e a pedra no rosto, que pode ter quebrado um dente.

Felizmente, minha mente obedeceu, mesmo quando minha fome me levou a sugá-la até secar. Mesmo quando eu vi o medo em seus olhos. Eu estive tão perto de violar todas as regras que estabeleci para mim mesmo.

Se Luthor não tivesse me parado, eu teria matado uma rainha.

Mas Luthor, como sempre, apareceu. Agora ela estaria segura.

Eu, por outro lado, estava condenado.

Tínhamos liquidado o guarda noturno, além do grupo de ataque que permaneceu na prisão. Atravessamos as alas arcaicas da prisão, para o mundo além. Aqueles poucos goles de ar fresco foram meus primeiros em um século, e enquanto eu não tinha chegado tão longe quanto eu esperava, pelo menos eu tinha rompido as paredes. Eu poderia ter morrido dentro deles.

Morreria dentro delas.

Acalmei minha mente e estendi a mão, através das barras, da pedra e dos intermináveis corredores. Viktor estava aqui e indo nessa direção. Talvez eu morresse rápido, embora soubesse que Viktor gostava de levar seu tempo com as coisas. Especialmente coisas que ele gostava.

Mais cedo do que o esperado, o rei espiou através das barras, tomando cuidado para não as tocar e estragar seu terno sob medida. Era uma boa, provavelmente de Saville Row, se aquele lugar ainda existisse.

— Estou surpreso que você o tenha ajudado a escapar, Cyrus. Achei que vocês dois estivessem de fora.

Claro, nós estávamos – nós brigamos, de vez em quando durante a maior parte de nossos cem anos de prisão. Mas como sempre, Viktor estava confundindo sua percepção da realidade com a verdade. Luthor e eu éramos como irmãos. Fizemos os mesmos votos, fizemos as mesmas promessas, sentimos o mesmo senso de dever.

Coisas que Viktor não podia sentir e nunca entenderia.

— Bem, ele abriu minha porta, então realmente, eu ...

— Cala a boca, — o Rei disse agradavelmente, e minha boca fez exatamente isso, apesar de eu resistir com tudo que eu tinha. Maldito seja ele e sua magia profana.

Nosso rei tinha poderes terríveis. Alguns eu só tinha ouvido falar.

Outros eu tinha visto de perto.

— Você vai me ser útil, Cyrus. Você vai encontrar aquela que quer ser rainha e trazê-la de volta para cá, onde ela será extinta. Você vai orquestrar a queda de Luthor, e você vai fazer isso sem que ele saiba. Até você matá-lo. Então você vai dizer a ele a verdade. Você é meu escravo.

Um fio de magia flutuou pelas barras enferrujadas, roçando minha bochecha com uma dor alucinante.

— Quero que ele vá para o túmulo, sabendo que foi traído por seu último amigo restante.

— Eu pensei que você disse que estávamos fora? — Eu sorri quando disse isso, só para irritar Viktor.

Não havia como ele me transformar em uma porra de um escravo. Se eu pudesse irritá-lo o suficiente, talvez ele me matasse imediatamente. E claro, uma vez que eu estivesse morto, não haveria mais ternos extravagantes, nem carros brilhantes. Nada de festas selvagens ou mulheres ou comportamento hedonista e desaprovado.

Mas estar morto era muito melhor do que ser um escravo.

Os olhos de Viktor ficaram mais brilhantes, e a gavinha envolveu minha cabeça. Meu rosto se inflamou, minha carne descascando dos meus ossos.

— Eu não vou te matar, Cyrus. Eu vou usar você. Minha magia acabará com sua mortalidade deixará para trás algo muito mais útil do que um ex-guarda-alto tagarela.

Lutei com cada grama de mim mesmo contra o domínio de sua magia e consegui dizer apenas duas palavras. — Foda-se.

— Vamos ver o que minha magia faz com suas entranhas, vamos?

Eu sabia o que Viktor poderia fazer. Todos nós fizemos. Por cem anos, fui poupado de sua magia de comensal da morte. Mas minha sorte se foi, junto com minha alma, que estava sendo consumida por sua magia voraz.

Claro, ele estava com fome. O Rei era um necromante, um devorador de almas. Sua magia tinha sido um truque macabro de salão quando ele era jovem, segundo rumores de ter causado a morte de sua mãe. A magia da morte é o que o tornou tão poderoso, governando um reino acovardado, mantido na linha pelo medo de se tornar escravos irracionais.

— Eu devo saber de onde a garota veio. Quem a criou. — Eu mal podia vê-lo mais enquanto a dor corroía dentro de mim, enquanto suas instruções chacoalhavam em meu crânio. — Quero saber qual família a escondeu todos esses anos. Você descobrirá tudo isso e me reportará.

Seu comando – seu propósito – pegou, cavando fundo no centro do meu cérebro, onde eu sabia que não poderia desenterrá-lo.

Mas eu não o obedeceria. Eu não poderia fazer isso.

Eu me mataria antes mesmo de sair desta cela. Me jogar no incinerador no porão, me queimar até virar cinzas antes de tocar um fio de cabelo na cabeça daquela garota ou trair meu ex-comandante.

—Eu sinto sua resistência, e tem um gosto... adorável. — Ele lambeu os lábios. — Eu não te contei a melhor parte. Você vai acordar e não lembrar de nada. Eu possuo suas memórias agora, assim como seu corpo. Faça bom uso do seu tempo, Cyrus. Quero resolver este assunto antes do final da semana.

Sua magia abriu minha boca, então a esticou até que eu pensei que meu maxilar quebrou. Viktor esticou o braço sobre minha boca aberta, então sacudiu o dedo e abriu um ferimento em seu pulso, eu me debati. Mesmo com a dor, mesmo sabendo que ele acabaria me matando, nada era tão ruim quanto o que estava por vir.

Uma gota de sangue preto, manchado de óleo, brilhante e corrupto, escorreu, então caiu em minha boca, e não havia nada que eu pudesse fazer sobre isso. Com isso dentro de mim, Viktor seria capaz de me rastrear em qualquer lugar deste reino ou de qualquer outro. Ele seria capaz de me chamar de volta para ele, o que essencialmente, me fez pouco mais que um cachorro.

Houve uma briga atrás dele, e eu ainda estava lutando contra a magia de Viktor quando eles empurraram um guarda para dentro da sala, o empurraram de joelhos bem na minha frente. Viktor apontou, e um corte se abriu no pescoço do homem, então o sangue jorrou em gotas. As amarras que me prendiam foram liberadas, e eu estava nele, alimentando-se como um vampiro desonesto.

— Coma, Cyrus, você vai precisar de sua força.

Acordei sozinho na clareira.

A última coisa que eu lembrava era brigar com Viktor, e eu levantei minha mão para o meu pescoço. Não havia nada lá, e eu me perguntei se talvez eu tivesse imaginado tudo. Mas as imagens eram tão reais que eu quase podia sentir a dor.

Não havia sinal de ninguém, nem de Viktor, nem de Luthor. Não a garota.

A dor passou pela minha cabeça quando pensei nela, e o ar mudou, trazendo uma pitada de sua essência do Norte. Foi um chamado de sereia para meu sangue, um chamado de rainha para seu protetor, e eu não pude resistir.

Fazia um século que eu não saía da prisão e sabia que o mundo havia mudado.

Eu os vi atualizar a prisão a cada vinte anos mais ou menos. Eu tinha visto um cabo de plástico colorido substituir o cobre. Eu tinha visto os guardas tirarem as telas finas e brilhantes de seus bolsos – checando seus telefones quando achavam que ninguém mais estava olhando. Mas tudo isso era diferente de estar aqui fora, sem saber como nada disso realmente funcionava.

Mesmo assim, parti, mais forte do que estive em anos, perseguindo seu cheiro pelo vento.

Capítulo 11

Seraphina

Eu pensei que tinha escapado do pior pesadelo que já conheci.

Mas eu percebi que não tinha acabado, enquanto eu observava Vovó, ou Claire como Luthor a chamava, me entregar uma compressa quente com as mãos trêmulas. Pensando em tantas coisas, era como se meu cérebro estivesse em alta velocidade, chacoalhando pelos trilhos em direção a uma parede de cimento.

Ela envolveu meu braço, mas o sangue já florescia através da gaze. A dor também não tinha ido embora. Se alguma coisa, estava ficando pior. Luthor tentou ajudar, mas Vovó o empurrou, dizendo que era seu trabalho consertar sua neta, e ele fez o suficiente, muito obrigada.

Imagens da prisão voltaram à tona. Eu os empurrei de volta para baixo, porque compartimentar aquele show de merda era a única maneira de eu passar por essas próximas horas sem desmoronar.

Eu estava fazendo o meu melhor, mas Luthor olhou para mim como se pudesse ver através das minhas defesas, como se conhecesse meus segredos, o que deveria ter me assustado. Mas isso não aconteceu.

Luthor me lançou um olhar preocupado, mas obedeceu silenciosamente quando Vovó o apontou para o banheiro, ordenando-lhe que lavasse o sangue, antes de começar a mexer em mim novamente. Ela colocou uma xícara fumegante de chá na minha frente com um sorriso que desapareceu tão rápido quanto apareceu.

Quem era ela?

Quem sou eu?

— Nós temos muito o que conversar, Fina, — Vovó disse, se acomodando ao meu lado e estendendo a mão para tocar meu rosto, mas puxando sua mão para trás quase imediatamente. — Eu mandaria o bruto embora, mas algo me diz que isso só levantaria mais perguntas. — Sua boca se afinou. — E suponho que devo agradecê-lo adequadamente por salvá-la.

— Acho que praticamente nos salvamos. — Eu reajustei a compressa, estremecendo quando ela caiu sobre meu olho ainda inchado e fechado.

— Sem considerar. — Sentamo-nos no sofá, nenhum de nós disse nada quando a água foi desligada, os canos retinindo como sempre.

Luthor saiu do banheiro, uma toalha gasta sobre os ombros, aquela desculpa suja e manchada de sangue para calça de volta. Mas eu não estava olhando para eles. Seu cabelo escuro e emaranhado escorria água pelo seu torso, mas agora que foi empurrado para longe de seu rosto, eu dei minha primeira boa olhada nele.

Santo Inferno, ele tirou meu fôlego.

Mesmo em suas calças esfarrapadas. Mesmo com o cabelo emaranhado.

Mesmo a cicatriz irregular que percorria o comprimento de seu rosto, da testa ao maxilar, só o fazia parecer perigoso. Maluco, até.

Não, esse homem era do tipo sobre o qual os poetas escreviam, um rosto atraente com maçãs do rosto salientes, um maxilar afiado e olhos sem fundo dos quais eu não conseguia desviar o olhar.

Na prisão, eles refletiam azul, a cor de uma água-marinha, mas na sala de Vovó, eles pareciam enlameados. Levei um segundo para perceber que estava olhando, que não estava pensando nas coisas horríveis que aconteceram nas últimas horas, e engoli em seco.

Eu só pensava nele.

Mas Luthor nem estava olhando para mim.

Seu rosto ilegível estava focado em Vovó. Quando seus olhos me encontraram, eles ficaram glaciais com a visão da compressa, e eu sabia que ele estava prestes a explodir.

— Você fez um bom trabalho protegendo-a, Claire. O grupo de ataque de Viktor a abocanhou antes mesmo de escurecer. Você sabe melhor. E o fato de ela não ter treinamento faz dela um alvo fácil. O que você estava pensando?

— Penso na minha família e, em mantê-los seguros. — Suas palavras se transformaram em um sorriso de escárnio. — Você é o único que estragou tudo. Você, que permitiu que Viktor matasse nossa rainha. Você falhou conosco, Fontaine. Você falhou com ela.

Vovó se virou para ele, sua voz mais alta. — Além disso, quem disse que ela não tem treinamento? Vocês? Você esteve em um buraco por cem anos. Muita coisa mudou.

— Eu esperava que sim. — Ele caminhou para frente até que pairou sobre nós duas. — Mas o que permaneceu o mesmo é que sempre protegemos os nossos... — Ele olhou para mim, e suas palavras diminuíram. Eu me perguntei o que ele estava prestes a dizer.

— Passei minha vida protegendo essa garota, — vovó retrucou. — Ela é meu maldito sangue, Fontaine. Minha. Você está ultrapassando seus limites.

Por mais confuso que isso fosse, minha maior pergunta não havia sido respondida. Como esses dois se conheceram? Agora, minha vida estava implodindo. Não que nenhum deles tenha notado, já que estavam muito empenhados em ganhar a discussão.

Fui sequestrada, resgatada, voltei para casa, apenas para descobrir que tudo o que sabia era mentira.

Ou pelo menos, Vovó não me contou toda a verdade.

As coisas começaram a fazer sentido. A quase obsessão de Vovó com privacidade. Sua insistência para que eu andasse até em casa, um quilômetro e meio pela estrada de terra, depois que o ônibus me deixou no centro da cidade. Sem telefone. Não V. Nenhuma trilha para ninguém – especialmente um rei vampiro – seguir.

Não pela primeira vez, desejei que mamãe não tivesse morrido. Percebi - com clareza surpreendente e vívida - o quanto eu sentia falta dela agora, o quanto eu precisava de seu conselho. Eu tinha tantas perguntas, tantas coisas para entender, e ela sempre tinha as respostas. Com tudo que eu tinha acabado de passar, não a ter aqui só amplificou minha solidão em proporções nunca antes experimentadas.

Mas eu nunca a veria novamente.

Estou sozinha e tenho que fazer meu próprio caminho.

— Como vocês dois se conhecem? — Eu interrompi sua épica partida de olhares. — Como e por que é o que diabos isso está acontecendo?

— Sua avó tem algo que ela gostaria de lhe dizer.

Vovó lançou a Luthor o olhar que eu gostava de chamar de conheça seu criador, antes de seu rosto suavizar em uma máscara serena. Como eu não tinha visto isso antes? Sua habilidade de deslizar de uma personalidade para outra me fez pensar que vovó com certeza tinha algo a me dizer, e era melhor ela começar a falar.

— Serafina. Fina, eu nunca quis que você descobrisse assim. Eu pretendia te contar tudo tantas vezes... depois que sua mãe morreu, então quando nos mudamos de volta para Nova Orleans. E eu quase fiz. Mas você ainda é tão jovem… e naquela época, eu queria que você tivesse uma infância, uma vida sem medo de que algo viesse surgir das sombras e…

— Exceto que foi o que eles fizeram. Me encontraram e me levaram. Se não fosse por Luthor, eu provavelmente estaria morta.

Por quão exausta eu estava, eu também estava incrivelmente irritada.

E eu estava ficando cada vez mais louca, quanto mais eu pensava sobre o que quer que fosse.

Eu tinha sido enganada e isso doeu.

— Sim. Eles fizeram. — O rosto de Vovó não mudou tanto quanto ela me informou: — Eles estavam atrás de uma rainha. — Seus olhos se voltaram para Luthor. — E graças ao Comandante da Guarda Superior, eles não a pegaram.

— Deixe-me ver se entendi. Eu nem sou humana, e você mentiu para mim todos esses anos?

— Eu te protegi de horrores que você não teve que ver por todos esses anos.

— E a parte humana? — Minha voz soou amarga.

— Isso foi ... você não pode ter um sem o outro. Ou você sabia de tudo. Ou você não sabia nada.

Desta vez, a máscara de Vovó caiu, a menor mudança em seu rosto quando ela balançou a cabeça antes de continuar, — eu prometi a sua mãe que nunca deixaria você descobrir a verdade. Contra o meu melhor julgamento, eu jurei isso. Apesar das minhas dúvidas, mantive minha palavra.

— Essa é a coisa mais estúpida que eu já ouvi, — Luthor murmurou. — O que teria acontecido quando ela conseguiu sua magia? Como você pensou que poderia mantê-la segura? Você deveria ter ido para o norte ou para um continente diferente.

— Nós fizemos, — eu interrompi, sentindo que tinha que defender Vovó. — Nós nos mudávamos com tanta frequência que nem me lembro de todos os lugares em que morávamos, mas quase sempre havia neve. Então estávamos no Maine, para quê? Sete anos?

— Sim, — Vovó concordou, mantendo seu olhar em Luthor. — Fizemos tudo certo. Viktor nunca soube que eu escapei do massacre, nunca soube que eu estava grávida. Ficamos à frente deles até que Izzy foi morta. Depois disso, encontrei uma cidade no Maine que era tão remota que imaginei que Viktor nunca nos encontraria. Foi onde Izzy cresceu.

O rosto de Luthor se contorceu. — Izzy?

— Minha mãe, — eu expliquei. — Estávamos em algum lugar em Ohio quando mamãe foi morta. Ela foi... nós fomos perseguidos por um assaltante... — Eu bufei. — Exceto que não estávamos. Os eventos daquela noite se transformaram em algo totalmente diferente.

— Fomos perseguidas por vampiros naquela noite, não fomos? — Meu peito estava prestes a rachar, Vovó olhando para longe com culpa, como se ela tivesse sido pega.

— Eu sempre pensei... eu sempre pensei que a morte dela era minha culpa por ser muito lenta. — Minhas palavras saíram estranhamente distorcidas, e percebi que era difícil respirar. — Porque ela ficou para trás, me empurrou para a frente, então eu cheguei em casa.

Embora eu soubesse que minhas palavras machucaram vovó, eu não pude impedi-las, e enquanto eu estou jogando tudo isso de volta na cara dela, a morte da minha mãe me atinge novamente. — Ela foi morta por vampiros, e você decidiu que era mais sensato me dizer o contrário.

Luthor estremeceu quando eu disse a palavra - vampiro - um olhar de arrependimento apareceu em seu rosto antes de balançar a cabeça. — Eu não entendo como você conseguiu ficar à frente das equipes de busca de Viktor e pensou que poderia mantê-la segura?

— Eu a mantive segura. — Vovó me indicou com um aceno. — Veja, ela está segura, viva e chateada, graças a você. Nós nos saímos bem, ao longo dos anos, e para sua informação, Viktor não envia um grupo de busca há vinte anos.

Vovó bateu um prego na mesa, olhando atentamente para Luthor. — O que pegou Izzy... são dez vezes piores.

Esperar. O que? Algo pior do que vampiros espreitava lá fora? E eles mataram mamãe?

— Quando você estava pensando em me dizer isso, ou você ia esperar até que eu me deparasse com uma gangue deles, e eles me chupassem até secar?

Vovó foi responder, provavelmente com alguma versão de sua verdade – no interesse de me manter segura, é claro – mas eu pensei em algo que Luthor disse.

— Que massacre?

Desta vez, ambos pareciam culpados.

— Foi há muito tempo…

— E talvez você já tenha passado por bastante esta noite.

— Você provavelmente deveria dormir um pouco.

— Que massacre? — O simples fato de nenhum deles querer que eu soubesse nada sobre isso... agora eu tinha que saber sobre isso. — Vou perguntar de novo. Sala do trono. Massacre. Viktor.

— Você sempre foi como um cachorro velho com seu osso favorito, assim como sua mãe. — Vovó disse, e não soou como um elogio. — Se você quer entender tudo, vamos ter que lhe dar um pouco de história primeiro, antes de chegarmos ao massacre.

A gaze que cobria meu braço estava vermelha agora, quase saturada. Por que o sangramento não parou? Decidi que mudaria a gaze mais tarde. Descobrir quem eu era e o que estava acontecendo era mais importante.

— Em primeiro lugar, nosso sobrenome não é Smith. É Marvelle.

Vovó colocou tal floreio no final de Maaar-velle, ela o transformou em duas palavras. Então agora até meu próprio nome era uma mentira. Troquei a compressa agora fria na minha bochecha, os olhos de Luthor acompanhando o movimento, seus olhos se arregalando quando ele viu o sangue da gaze.

— Posso manter meu primeiro nome, ou isso também é inventado?

— Seu nome de batismo é Seraphina.

— Bem, graças a Deus por isso.

Serafina Marvelle. Parecia tão estranho.

— Marvelle é uma das famílias mais antigas do Darkfell Clan. Você é parente distante de Lyra Marvelle, nossa última rainha reinante. Luthor inclinou a cabeça, seu cabelo tristemente caindo em seu rosto e escondendo as maçãs do rosto. — Tive o privilégio de servi-la. — Seu olhar foi para Vovó. — Assim como sua avó. Cem anos atrás.

Minha cabeça falhou sobre esse fato casualmente pronunciado.

Cem anos.

Oh sim. Vampiros. Imortalidade.

Eu tinha um milhão de perguntas. Quanto tempo eles viveram? Quanto tempo eu viveria?

— Lyra era minha prima, — Vovó explicou. — Fomos criadas mais como irmãs, e quando ela ascendeu, ela me pediu para me juntar a sua corte, mesmo que minha magia não fosse tão potente quanto algumas.

— Então ... vocês dois trabalharam para Lyra... até este massacre... cem anos atrás. Perdoe-me se estou tendo um pouco de dificuldade em aceitar tudo isso. Quero dizer, ontem, eu era uma estudante universitária, voltando da aula para casa, esperando ter passado no meu exame de química. O que você está me dizendo desafia a lógica. É quase ... louco.

— Louco é simplesmente uma questão de perspectiva, — disse Vovó. — Seu braço ainda está sangrando, Fina?

— Estou bem. — Eu a afastei. — Qual é a parte de Viktor em tudo isso?

— Ele organizou um golpe, assassinou a rainha Lyra e sua corte, assassinou todos na sala e destruiu duas de nossas casas reais. Tudo em uma noite. — Havia um brilho inconfundível nos olhos de Luthor agora, um lampejo interno de algo que parecia raiva.

— Oh. — Fraqueza tomou conta de mim, mesmo que eu não soubesse exatamente por quê. Eu não conhecia essas pessoas. Isso não tinha nada a ver comigo. — Quais duas casas?

— Casa Marvelle. E a Casa Fontaine.

Então ele esboçou uma reverência, e eu não perdi o olhar zombeteiro que ele lançou em Vovó.

— Nunca fomos apresentados adequadamente. Luthor Fontaine da Casa Fontaine, Primeiro Cavaleiro da Guarda da Rainha, Ordem da Cruz Negra, Comandante da Alta Guarda do Clã Darkfell.

Capítulo 12

Seraphina

— Viktor tentou acabar com todos nós? Por que ele faria isso?

— Porque para tomar o trono, ele matou nossa legítima rainha. —Vovó respondeu.

— Então ele sabe que haverá outro. — Luthor sentou-se cautelosamente no braço da cadeira favorita de Vovó, e a coisa gemeu. — É por isso que ele reúne fêmeas humanas com sangue de vampiro. É por isso que ele subjuga as mulheres de sangue das casas reais. Para permanecer no poder, ele não pode se dar ao luxo de nenhum desafiante. Ao matar todas as rainhas em potencial, ele remove essa ameaça.

— Funcionou, até agora.

— Então eu não sou uma ameaça. Eu nem sabia sobre esse mundo até ontem. — Eu não conseguia dizer vampiro em voz alta. — Eu não me importo com nada disso. Eu só quero ficar sozinha.

— Só para você saber, isso é o que eu tentei poupar você, — Vovó observou com um olhar significativo para Luthor. — Esse medo de ser caçada. Eu não queria essa vida para você. Eu queria que você conhecesse a paz. Eu queria que você soubesse como era ser normal.

— Você já pensou que eu estaria melhor se você tivesse me ensinado algo sobre este mundo? Aquele, aparentemente, eu faço parte.

— Ela tem um ponto válido. — Eu aqueci um pouco quando Luthor me apoiou, mesmo que eu ainda estivesse lutando para descobrir como todos nós acabamos sentados em uma sala de estar discutindo uma realidade inteira que eu nunca soube que existia.

— Esconder nosso mundo ... o mundo dela ... seu segredo só serviu para tornar Seraphina mais vulnerável.

— Exceto que eu não fiz. — Vovó olhou para Luthor. — Ensinei a ela tudo o que ela precisava saber.

— Eu não sei de nada. — A linha meio que me lembrou de algo, mas eu não tinha certeza do quê.

— Qual é a estrutura de poder de uma monarquia?

— Quer saber, vovó? Eu dificilmente acho que este é o momento para uma de suas estúpidas aulas de história.

— Poder. Estrutura. Monarquia. — Ela mordeu as palavras como um sargento.

Suspirei. — Multar. Estrutura de poder. Grande Rei, Rei, Arquiduque, Príncipe, Duque, Senhor, blá, blá, blá ... — Eu marquei os títulos – em perfeita ordem, a propósito – enquanto o olhar no rosto de Luthor mudou de dúvida para aprovação.

— Explique a estrutura da Corte Real Europeia.

— Vovó, isso é ridículo.

— Fina…

— OK tudo bem. Apenas a família do rei ou da rainha, amigos mais confiáveis e conselheiros compõem a corte, juntamente com os chefes das casas reais e suas comitivas associadas. Todos operam dentro da etiqueta do tribunal, que varia de rígido – um calendário diário de eventos e obrigações – a apenas comparecer aos eventos estaduais exigidos.

Vovó acenou com a mão para eu elaborar.

— Cada corte opera em vários níveis de ritual e decadência, geralmente dependendo da idade do reinado. A corte de Luís XIV tinha gastos excessivos até uma arte, mas ele também levou o país à falência, assim como o rei Luís II. Os tribunais mais jovens começam simples, tornando-se mais complicados com o tempo.

— E em quem você confia em uma corte real?

Revirei os olhos. — Ninguém, Vovó. Você não pode confiar em ninguém.

— Ali, você vê? — Vovó desafiadoramente disse a Luthor: — Todos treinados.

A raiva aguda lambeu minha espinha quando as implicações me atingiram, pequenas pistas do meu passado se juntando em uma imagem mais clara. — Você tem me preparado o tempo todo para isso, não é? Esgueirando-se em coisas aleatórias de vampiro, enquanto retém a verdade?

— Eu te ensinei tudo que você precisa saber se o impensável acontecesse. Eu mantive você segura por anos. — Ela suspirou. — Se você não tivesse conseguido aquela bolsa de estudos. Se você não tivesse escolhido Tulane.

— A única escola que oferecia um diploma duplo em bioquímica e hematologia, — eu a lembrei, mas ela apenas acenou com a mão cheia de veias no ar.

— Se ao menos não tivéssemos voltado para Nova Orleans, você teria ficado fora dessa confusão. — Ela se virou para Luthor, e eu aproveitei a oportunidade para inspecionar meu braço ainda sangrando. Parecia estranho, como se a dor viesse de algum lugar no fundo do meu braço, não do corte em si.

— Sua mãe se certificou de que ela aprendesse artes marciais e, acredite, fina era uma aluna ansiosa.

O rosto de Luthor mudou, a maneira como ele olhou para mim mudou. E quando ele falou baixinho, para apenas eu ouvir, ele parecia orgulhoso.

— Ah, o guarda. Você o machucou.

Vovó ignorou nós dois. — Seraphina entende tudo sobre política da corte. Então você vê, Luthor, ela sabe tudo o que precisa saber sobre o nosso mundo. Melhor ainda, Seraphina sabe mais sobre o mundo humano do que qualquer um de nós jamais saberia. Isso funcionará a seu favor.

— Uhm, você quase parece que este é um negócio feito. Como se eu não fosse — notícia: humana — e na verdade estivesse interessada, ou acreditasse, nessa coisa de rainha.

— Você está envolvida agora, Seraphina, quer você queira ou não, — Luthor explicou gentilmente enquanto ele se agachava na minha frente, sua perna ruim dobrada embaixo dele. Eu apertei meus joelhos contra meu peito como se eles pudessem me salvar da ternura – e pena – em seu rosto.

— Viktor sabe que você existe. Ele não vai parar até encontrar você e matá-la, como fez com Lyra... e sua mãe.

Algo suavizou dentro de mim com a preocupação genuína em seus olhos, e eu sorri, antes de me lembrar de manter minha guarda. Era fácil esquecer, especialmente quando ele me tratava como se eu fosse algo precioso.

Ele pegou minha mão e franziu a testa quando moveu a gaze. — Ela ainda está sangrando.

Vovó se aproximou, colocou os óculos de leitura e apertou os olhos.

— Talvez você não tenha amarrado o suficiente.

— Eu amarrei bem apertado, — Vovó retrucou, mas havia um tom preocupado em sua voz. — Como isso aconteceu, Fina? Eles usaram uma faca? Poderia ter sido envenenada?

Mas eu estava ocupada pensando em mamãe. Viktor realmente a matou, como Luthor disse?

Viktor foi a última coisa que ela viu?

Lembrei-me de seu rosto claramente. Ela tinha um rosto redondo e pálido, olhos luminosos — ouro líquido como o meu — e seu cheiro, que era de limões, sálvia e sol. Ela foi rápida para rir e lenta para ficar com raiva. De muitas maneiras, ela era exatamente o oposto de Vovó.

— Viktor matou mamãe? — Ele nos encontrou naquela pequena cidade bastante espetacular?

Vovó deu um leve aceno de cabeça. — Eu acredito que sim. Ele não matou Izzy com suas próprias mãos, mas algo que ele criou sim. — Seus olhos se ergueram, encontraram os de Luthor, e os seguraram. — Fantasmas mataram minha Izzy. Há

bandos aleatórios deles nos Estados Unidos, resultados de seus pequenos... experimentos. Ou assim me disseram.

Luthor parecia saber o que isso significava.

Suas mãos ficaram tensas nos joelhos, apertando com força. — Um grupo deles seguiu… bem, não sabemos ao certo se eles estavam nos rastreando, mas de alguma forma eles acabaram na mesma cidade minúscula e esquecida de Ohio que nós.

Mesmo sabendo como essa história terminou, eu não conseguia parar de ouvir.

— Isabelle sabia melhor, mas naquela noite, ela e Seraphina tiveram que... sair sozinhas. — Os olhos de Vovó se voltaram para mim, e eu desviei o olhar, vergonha aquecendo meu rosto. — Era tarde – meia-noite – tarde demais para estar do lado de fora, e elas estavam encurraladas, — Vovó explicou a Luthor, enquanto aquele núcleo duro de arrependimento se enrolava dentro de mim.

— Isabelle ficou para trás para segurá-los... Seraphina voltou para casa. Pelo que vi, eles a cercaram. Nunca soubemos se Viktor os enviou ou se foi apenas uma infeliz coincidência. Cheguei tarde demais para salvá-la.

Lembrei-me de cada detalhe daquele dia.

Eu era a razão pela qual mamãe tinha ido embora naquela noite.

Eu era a razão pela qual ela estava morta.

Minha teimosia adolescente finalmente levou minha mãe ao limite e, pela primeira vez, brigamos. Amargamente e com palavras eu desejei mil vezes poder voltar atrás.

Eu saí correndo de casa, mesmo sabendo que estava quebrando todas as regras de Vovó. Eu não me importei. Eu só queria me afastar daquele olhar de decepção e mágoa no rosto de mamãe.

Ao amanhecer, ela foi enterrada, Vovó finalmente parou de chorar e nossas malas estavam prontas.

Depois disso, dirigimos o mais ao norte que pudemos, nenhum de nós falando por dia. Eu ainda sentia uma pontada de remorso cada vez que pensava naquela noite.

Eu não podia contar as vezes que desejei poder voltar no tempo.

Retire minhas palavras.

Traga-a de volta.

Ao mesmo tempo, um entendimento crescente se acendeu.

Como um quebra-cabeça de cabeça para baixo, onde você não sabia qual era a imagem, então as peças se encaixavam. O treinamento quase militar da minha mãe, a estranha obsessão da minha avó com a realeza e história chata. A aura de segredo que cercava nossa família, do tipo que outras crianças normais nunca pareciam ter. Todos esses eventos aleatórios me movendo para frente até que eu estivesse aqui, tentando absorver minha nova e inacreditável realidade.

Luthor retirou a gaze, e sangue pingou no meu jeans sujo.

— Traga mais desses curativos. Talvez a ferida seja mais profunda do que eu pensava. Vovó correu para o banheiro, meu braço inteiro consumido em uma dor ardente, minha mente sobrecarregada com revelações de mudança de vida.

Mas se isso fosse verdade... se eu realmente tivesse nascido para ser uma rainha?

Eu precisava do que Luthor tinha. Velocidade. Habilidades bizarras. Presas.

Se eu tivesse isso, eu iria me vingar da patética vida real de Viktor. E eu faria isso sem os enfeites de títulos estúpidos e dinheiro e vestidos brilhantes. Eu poderia pagar Viktor de volta pelo que aconteceu na masmorra. Para mãe. Para esta meia-vida que eu estava vivendo.

De repente eu queria fazer parte desse novo mundo.

Porque se eu realmente fosse uma vampira, faria chover fogo do inferno e sangue nos Cárpatos – em Viktor – pelo que ele fez com minha família.

Se eu realmente fosse imortal, teria muito tempo para me vingar.

Capítulo 13

Seraphina

No final, mesmo as revelações que mudam a vida e os juramentos de vingança mortal não substituem a exaustão absoluta.

Luthor amarrou meu braço, com força suficiente, pensei que ele havia cortado a circulação, e eu adormeci no sofá irregular, ouvindo Vovó e Luthor discutirem. Sobre de quem era a culpa disso tudo. Sobre quem tinha feito mais, ou menos, ou nada.

Eu não sabia quanto tempo eu estava fora – felizmente meu sono estava livre de sonhos – mas eu acordei enrolada na minha própria cama com as cobertas puxadas sobre minha cabeça, rangendo os dentes de dor.

Meu braço não estava cicatrizando.

Tipo, nem um pouco.

Vovó deve ter feito um novo curativo em algum momento durante a noite, mas doeu mais do que nunca, e o sangue ainda escorria sobre a toalha que ela colocou. Eu sabia que os humanos podiam perder até meio galão de sangue e ainda funcionar, mas se eu não parasse de sangrar logo, teria que ir a um hospital.

O corte nem parecia tão profundo, mas as bordas pareciam... estranhas.

Quase enegrecidos, como se tivessem sido cauterizados.

O que eles não tinham, porque eu ainda estava sangrando.

Apesar das minhas preocupações com o meu braço que não se curava, minha vida fazia mais sentido do que nunca.

Quando criança, eu acreditava que tínhamos nos mudado tanto por minha causa. Eu atuei na escola, entrei em brigas pelas razões mais estúpidas. Ei, eu tive que aproveitar todo aquele treinamento de artes marciais. Meu pavio curto me deixou em apuros mais do que eu gostaria de admitir, e sempre parecia que depois de um incidente, nós faríamos as malas.

Bom Saber que nossa existência nômade era porque um rei assassino estava nos perseguindo.

Não por eu ser uma merdinha.

Havia vários sinais de alerta, agora que pensei nisso. Eu sempre fui mais rápido que as outras crianças. Uma coruja da noite, por mais que eu tentasse não ser.

E toda a minha vida, eu tinha sido obcecado por uma coisa.

Sangue.

Esse fascínio nos levou até aqui, a Tulane, onde me matriculei em seu programa de pré-medicina, esperando ser hematologista. Curar doenças como leucemia e anemia falciforme. Meu fascínio tinha ido além do que eu sabia que era normal. Eu nunca entendi minha quase obsessão por sangue.

Agora eu fiz.

— Fina? Você está acordado? — Vovó fez aquela batida suave e hesitante dos nós dos dedos na minha porta; o que ela fazia quando estava preocupada, mas me incomodava até que eu cedesse e abrisse a porta. Eu queria ignorá-la. Eu queria viajar

no tempo de volta para a semana passada, quando eu era um estudante universitário sem noção, imaginando como eu iria pagar os livros para o próximo semestre.

Problemas de primeiro mundo e tudo mais.

Agora eu tinha problemas no mundo dos vampiros.

Deus, era risível.

— Estou acordada.

— Vista-se e desça. Você dormiu por quase doze horas e precisa comer alguma coisa. Como está seu braço esta tarde? — Vovó parecia preocupada.

— Está bem.

Meu rosto, no entanto, estava uma bagunça dolorida, e eu ainda não conseguia ver com aquele olho. Tenho certeza de que parecia algo saído de um filme de terror. Acendi a luz para dar uma olhada melhor no meu braço. As bordas estavam mais pretas do que antes, quase ondulando, como se a carne estivesse... morrendo. Considerando a fonte, senti um lampejo de desconforto.

Viktor tinha – mesmo sem me tocar – causado está ferida.

E se houver algo... antinatural nesse corte?

Vovó saberia. Ela sempre tinha uma resposta para tudo.

Optei por uma legging e uma camiseta de manga comprida para esconder a ferida e, por hábito, toquei a pequena pintura a óleo pendurada ao lado da porta ao sair. Mais ou menos do tamanho de um livro, era a única coisa que eu tinha da mamãe — um talismã feliz e colorido — uma lembrança de dias melhores.

Quando entrei na pequena sala de estar, Luthor imediatamente se levantou, balançou em sua perna boa e me deu aquela pequena reverência estranha, que eu ignorei.

Nós não estávamos fazendo coisas de rainha hoje.

Ainda não, de qualquer maneira.

Eu sabia que estava em total negação. Eu simplesmente não conseguia entender o fato de que minha vida agora era diferente. O mundo era diferente.

Que eu era o único que estava mudado para sempre.

Toda vez que eu me aproximava da aceitação, meu cérebro criava um argumento convincente contra isso.

É inteiramente possível que não saibamos sobre todas as criaturas que existem.

Não seja louco, vampiros são um tropo de livro.

Mas esta é a vovó, eu a conheço toda a minha vida.

E ela mentiu para mim sobre tudo.

— Serafina. — Luthor veio mancando, e eu percebi que estava tudo na minha cabeça.

— Você deveria comer. — Ele colocou um prato na minha frente e aproveitou a oportunidade para inspecionar meu rosto preto e azul, depois meu braço, franzindo a testa quando viu a ferida ainda aberta.

— Você está se curando tão lentamente. É doloroso?

— Parece que está pegando fogo. Talvez eu esteja pegando uma infecção. Meu rosto está melhor, no entanto.

Claro, quanto mais eu mentia, pior doía. Havia um peso estranho para mim hoje, mas isso pode fazer sentido. Eu passei por muita coisa.

Talvez isso não fosse nada.

— Eu só quero revisitar o aglomerado de ontem à noite e ter certeza de que estou em dia. — Enfiei um pedaço de torrada na boca e falei enquanto mastigava. — Eu sou de alguma forma relacionado com a Rainha dos Vampiros, venho de uma família dominante em um sistema que agora é um patriarcado, e disse que o rei – Viktor, o Idiota – me quer morta porque eu ameaço seu poder.

— Mesmo que eu não queira nada com isso, eu não tenho escolha e agora sou empurrada para este mundo de faz de conta de vampiros e ... como você os chamou, vovó? Ah sim, fantasmas.

Vovó mexeu no colarinho.

— Deixei algo de fora ou você gostaria de acrescentar algo? Como você pode até pensar que é uma boa ideia mentir para mim todos esses anos, enquanto eu passei a vida acreditando que o mundo era de um jeito, quando é de outro? Quero dizer, tem que haver uma boa razão para isso, certo?

Eu não tinha a intenção de fazer isso, mas agora eu estava presa no impulso e estava perfeitamente disposta a deixar que ele me levasse. Isso me distraiu de como eu me sentia; essa estranha letargia que me fez sentir como se estivesse em câmera lenta.

— Fina. — A boca de Vovó se firmou em uma linha que não iria quebrar, não importa o quê. — Tudo isso foi feito para mantê-la segura. O movimento. O

treinamento. Minhas lições. Tudo isso. Não vou me desculpar por isso, não quando você teve uma infância normal…

— Não foi tão normal assim, vovó.

— Infância quase normal, dadas as circunstâncias.

— Estou chateada com você. Muito, muito chateada.

— Sim, fina, eu vejo isso, e eu não culpo você. Estou com raiva de mim mesma com essa coisa toda. Mas me sinto melhor, agora que tudo está na mesa.

— Estou tão feliz que você faz, — eu murmurei, cruzando os braços e sentindo a maldita ferida queimar como um inferno de fogo.

— Ela tem o direito de estar com raiva, — Luthor apontou. — Toda a sua vida foi revirada, e tudo o que ela sabia ser verdade agora está em dúvida. Mas você deve saber, Claire, Seraphina me salvou, não o contrário. Ela foi esperta e se arriscou, e valeu a pena.

Esfreguei meu polegar sobre meu pulso, sentindo as duas pequenas protuberâncias que suas presas deixaram.

— Porque minha garota é inteligente, — Vovó disse orgulhosamente.

— Eu... você bebeu de mim, certo? — Perguntei a Luthor, porque depois de uma noite de sono, toda a experiência de estar naquela cela parecia um sonho estranho e meio lembrado. — Eu nem sei por que fiz isso, foi quase como…

— Foi instinto. Você sabia o que fazer e fez.

Vovó entrou na minha frente, e foi uma prova de quão perto ela estava que seu corpo minúsculo obscureceu Luthor, raiva escrita em sua postura de mãos nos quadris. — O que você quer dizer com ele bebeu de você?

— Estávamos em celas adjacentes. Eles estavam arrastando as outras garotas para... — Eu parei ali mesmo, lutando contra aquela sensação oca e dolorida na boca do meu estômago. Eu quase morri, foi assim que as coisas foram acontecendo.

— De qualquer forma, eu era o único que restou. Parece estúpido, mas eu só pensei ... eu acreditava que se eu desse meu sangue a ele, ele seria capaz de me tirar de lá. Eu sei que não faz sentido - acredite em mim, eu sei —, mas pensei... esta é minha única chance, e estou aproveitando.

Eu deixei de fora toda a parte sobre eu vi em um filme, então tem que ser verdade, certo?

Vovó não disse nada para mim, mas ela se virou para Luthor. — Como você pôde fazer isso, sabendo quem ela é?

— Você nunca teve o prazer de estar nas masmorras do Rei, Claire. Confie em mim quando digo isso, o raciocínio rápido de Seraphina é a única razão pela qual estamos aqui agora. Em minha defesa... tentei recusá-la. Mas eu não tinha me alimentado em séculos.

Meu polegar ainda estava brincando com os solavancos, e notei os olhos de Luthor fixos no movimento. Eu cruzei minhas mãos recatadamente no meu colo, esperando que ele não pudesse detectar a onda de calor inundando através de mim agora.

Quando eu disse sem merda de vampiro hoje, eu estava falando sério.

— Ele rasgou uma parede de pedra de um metro e meio de espessura. Mesmo que eu o tenha visto fazer isso, como tudo na minha nova realidade, meu cérebro estava lutando com o que tinha visto. — Então ele ficou invisível e matou o guarda quando ele veio atrás de mim. Então nós pegamos Cyrus, eles mataram todos os outros, e ele fez alguma coisa demoníaca... para passar pelas proteções. Então encontramos Viktor, que obviamente estava esperando por nós.

— Depois disso, Cyrus – que aparentemente estava com muita fome – quase me comeu, mas ao invés disso tentou comer Viktor. Então Luthor me levou para uma estrada com linhas amarelas, e chegamos aqui para o nosso tapete de boas-vindas de espingarda, onde descobri que toda a minha vida foi uma mentira.

No final, Vovó estava pálida. — Você encontrou Viktor? Ele realmente viu você?

— Ah, sim, ele me viu. Nós... perdemos Cyrus em algum momento na época em que começamos a voar.

— Cyrus Rayne?

Então Vovó também conhecia Cyrus. Claro, ela conhecia.

Luthor foi quem respondeu. — Sim. — Quando ele empurrou o cabelo do rosto, dei uma olhada melhor na cicatriz. E aquelas maçãs do rosto cortantes de vidro. — Havia guardas extras porque era a Noite da Colheita. Eu sabia que não poderia tirá-la sozinha. Eu precisava de Cyrus.

Pelo seu tom amargo, parecia que ele se ressentiu da ajuda, e percebi que ele não estava se movendo muito, provavelmente por causa de sua perna machucada. Eu

pensei que ele estava ferido, mas agora, quando olhei mais de perto, vi que não era nada disso.

Através do tecido esfarrapado de sua calça, eu vi o que estava errado. Se a cicatriz em seu rosto era enorme, a que descia ao lado de sua panturrilha era enorme. E pelo jeito que suas calças estavam penduradas, parecia que aquela coxa estava encolhida, metade do tamanho da outra.

Ele abaixou a cabeça, claramente envergonhado.

— Estou aleijado, e é por isso que precisamos de Cyrus. Eu sabia que sua fome criava um risco ..., mas não havia outro jeito. Quando ele finalmente olhou para cima novamente, o arrependimento estava em seu rosto. — Sinto muito que ele atacou você. Achei que ele conseguiria se segurar por tempo suficiente para nos tirar de lá. Eu estava errado. Peço desculpas por colocar sua vida em perigo.

— Você nos tirou de lá. Não precisa se desculpar por nada. No entanto, reviver as presas de Cyrus estalando a uma polegada do meu pescoço enviou uma nova onda de pânico através de mim. Isso era algo que eu nunca quis relembrar.

— Eu aprecio o que você fez. —Eu puxei uma respiração, tentando aliviar meu crescente desconforto de que algo realmente ruim estava acontecendo com meu braço. Ele estava fazendo essa coisa de coceira e queimação que não parecia normal.

— Eu nunca disse isso antes, então vou dizer agora. Obrigada por me tirar de lá.

Desta vez ele fez uma reverência, seus ombros enormes amontoados, aquela barriga lisa esticada. Mudando de ideia, decidi que gostava de merda de vampiro, e poderíamos fazer isso o dia todo. — Eu estava apenas fazendo o meu trabalho.

— Sim, e não se esqueça disso, — Vovó disse rispidamente. — Quão perto Viktor chegou dela?

— Perto o suficiente para saber, — Luthor murmurou. — Ele a feriu, tirou sangue para distrair Cyrus. Viktor sentiu o cheiro dela... ele sabia.

— Deus. — Vovó desabou no sofá, então me puxou para ela, inspecionando o corte longo e fino. — Viktor fez isso com ela? — Sua cabeça virou para Luthor. — E você não achou por bem mencionar isso antes?

Ela fez a coisa mais estranha. Ela baixou o nariz para o corte e ... cheirou.

Eu puxei contra seu aperto. — Eew, Vovó, isso é nojento.

Seu rosto relaxou antes que ela olhasse para Luthor. — Magia. Sinto cheiro de magia na ferida. Ele deve ter feito algo com ela para que ela não possa se curar.

Luthor ficou branco.

— Ele experimentou em alguns dos prisioneiros. Os que sabíamos não ficariam por muito tempo. Ele os colocou no Poço – uma espécie de confinamento solitário, e então... — Sua voz sumiu, então ele agarrou o braço de Vovó e a arrastou para a cozinha. Eles discutiram baixinho enquanto numerosos – todos eles horríveis – cenários se passavam na minha cabeça.

Os vampiros carregavam doenças?

Câncer? Talvez seja apenas uma infecção.

Ugh, Seraphina, pare com isso.

— Vai levar tempo para Viktor encontrá-la. — Luthor apareceu bem na minha frente, olhando. Eu nem tinha notado ele voltando. — Eu fui cuidadoso. Já

desmaterializamos o suficiente para que ele tenha problemas para encontrar nosso rastro. Além disso, fortaleci suas proteções. Deve dar-lhe tempo para curar isso.

— Curar isso? — Vovó indicou a ferida. Meu braço não queimava mais, coçava. Minha cabeça estava cheia de algodão. Meu estômago revirou, como se estivesse rejeitando a comida que eu comi, e algo estranho rastejou pelos meus ossos.

— Está ferida foi feita por magia, Luthor. Magia dos Cárpatos, e nem quero adivinhar de que tipo é.

— Eu sinto... — Minha língua ficou presa por um segundo, e eu pensei que ia vomitar. — Meu braço parou de queimar… mas me sinto tão estranha.

— É óbvio que Viktor fez algo com ela, Claire. — A voz de Luthor ficou mais suave, ou foi minha imaginação? — Espero que você saiba o que fazer sobre isso.

— Não esse tipo de magia, Luthor.

— Bem, quem você conhece então? — Ele estava tão bravo. — Você está aqui há tempo suficiente para ter conexões. Ligue para um deles e peça ajuda a Seraphina, droga.

Meu cérebro estava atrasado. A sala girou... não, eu estava caindo. Ambos mergulharam para mim quando eu caí de cara do sofá.

Então a garganta de Luthor se fechou quando ele gritou para Vovó fazer alguma coisa, caramba. Eu vi Vovó rosnar de volta, presas afiadas caindo de suas gengivas. Eu comecei a rir. Eu nem sabia por que, mas sabia que estava morrendo.

Agarrei o antebraço de Luthor, puxei seu rosto para o meu.

— Se eu morrer, você me transforma em um vampiro. Eu não me importo como tudo isso funciona, mas eu quero ser como você.

Surpresa brilhou em seu rosto, mas então ele assentiu solenemente.

A sensação maçante de algodão empalhado em minha cabeça transformou o mundo em neblina, e meu braço coçou como se fosse feito de hera venenosa, mas as palavras fluíram de mim como um juramento.

— Bom. Porque eu quero machucar Viktor, da mesma forma que ele me machucou.

Capítulo 14

Cyrus Rayne

Torturar Luthor e a garota era mais difícil do que eu pensava, e o mundo moderno – fedorento, ocupado, complicado – era muito diferente do que eu imaginava.

Tudo havia mudado no século passado, e nem tudo era bom.

No entanto, algumas coisas me surpreenderam. Fiquei especialmente impressionado com os automóveis, que eram elegantes, brilhantes e silenciosos, como algo saído de um romance de Júlio Verne.

As roupas... bem, alguns desses homens precisavam ser apresentados a um bom alfaiate.

Aprovava completamente o traje da dama, que deixava pouco para a imaginação.

Havia uma longa ponte de concreto que atravessava todo o lago, que fedia como um pântano rançoso, as águas completamente saturadas de produtos químicos. Eu havia perdido o rastro deles perto de um lago de asfalto bem iluminado, onde os veículos estavam estacionados em fileiras organizadas, depois o peguei novamente perto da margem norte do lago. De lá, desmaterializei-me para um bosque de pinheiros

cobertos de musgo, perto de uma cidade chamada Abita Springs. Nada ao redor, exceto alguns barracos degradados em estradas de terra sem nome.

Ainda assim, eu sabia que estava perto do cheiro de um dia no ar.

Minha necessidade urgente de me reunir com minha rainha era intensa, e eu não teria pensado em nada disso, exceto em vez de alívio - alegria, até mesmo - por encontrá-la, a compulsão estava tingida de escuridão. Como se eu tivesse segundas intenções. Os maus.

Nascido para proteger uma rainha, treinado para colocar minha vida antes da dela, algo dentro de mim recusou essa estranheza, questionou-a, mesmo enquanto eu era movido por algum desejo ainda maior que o meu.

Então havia minhas próprias dúvidas pessoais, perguntas não respondidas que se contorciam em meu cérebro como tantos vermes.

Eu era mais forte do que deveria, não estava morrendo de fome, já que não me alimentava há décadas.

Meus braços não eram músculos finos e rígidos esticados sobre os ossos; eram suaves e fortes. Minha barriga estava plana, não cedeu.

Também não tinha nenhuma explicação para o tempo perdido, quando a última coisa que me lembrava era lutar com Viktor, antes de acordar naquela clareira sozinha.

Toquei minha garganta cicatrizada novamente, revivendo a agonia da crueldade de Viktor. Quantas vezes ele tentou me decapitar, apenas para minha carne se reparar? Quantas vezes eu tinha vivido com a dor? Mais vezes do que eu gostaria de contar, isso era certo.

Ainda assim, eu estava livre, e eu não estava olhando aquele cavalo de presente na boca.

Além disso, raciocinei, Luthor precisava da minha ajuda. Dada a abrangência dos recursos de Viktor, tínhamos mais chances juntos do que separados. Quanto mais cedo eu os encontrasse, mais rápido poderíamos nos mover, dada a deficiência de Luthor, e assim ficar à frente de Viktor.

Nossa rainha estaria segura.

Desde que eu mantivesse meus dentes longe dela.

Um carro passou rugindo por mim, levantando uma nuvem de poeira, sem deixar vestígios de gasolina em seu rastro. Eu tive um carro, uma vez, antes de Viktor destruir minha vida, e não tinha ido um quarto tão rápido quanto aquele.

Muita coisa mudou. Algumas ruins, algumas incompreensíveis, algumas boas.

Mas nós tínhamos nossa Rainha novamente, e uma vez que ela matasse aquele bastardo dos Cárpatos e tomasse o trono de volta, nosso clã poderia recuperar sua antiga glória. Eu queria ter certeza disso. Pulei de novo, aterrissando na frente de uma igreja branca. Igreja Batista Abita Springs.

Eu sabia onde os vampiros se esconderiam.

E com certeza não era uma igreja.

Capítulo 15

Seraphina

Falando... não, ordenar que Luthor me transformasse em uma vampira foi meu último pensamento coerente por um tempo, se você pode chamar isso de coerente.

Embora ser um vampiro com certeza resolveria muitos dos meus problemas.

Acordei no sofá com uma dor de cabeça ofuscante e um gosto estranho de sujeira na boca.

— Ah, aí está ela.

Luthor, não Vovó, me cumprimentou quando voltei da terra da fantasia. — Você esteve dormindo por um tempo. Eu estava preocupado. Como você está, Seraphina?

— Não como você está se sentindo..., mas como você está.

Há algo sobre Luthor que me faz relaxar. Eu sei que Vovó o odeia, eu sei que ele é um estranho, mas algo sobre ele fala comigo em um nível mais profundo. Eu confio nele. Não sei exatamente por que, mas sei.

— Não tenho certeza. — Minha boca estava tão seca que meus lábios grudaram. A sensação pesada e sufocante se foi, mas algo mais tomou seu lugar. Algo ainda mais pesado que não parecia muito... certo.

— Você está desidratado. Beber. — Ele pressionou um copo em meus lábios. Tomei um gole, e a água tinha gosto de óleo combustível. Cuspi-o de volta no copo, depois dei uma cheirada hesitante. Cheirava a água. Estava claro como água. Mas tinha gosto... envenenado.

— Desculpe. — Eu passei meu braço pela minha boca e peguei a sugestão de podridão.

— Eu não queria fazer isso. Acho que há algo errado com a nossa água, — eu me desculpei, me empurrando para cima. — Às vezes fica realmente sulfuroso. Achamos que é o poço.

Luthor cheirou. — Cheira bem. Deixe-me ir verificar. — Ele foi para a cozinha. Percebi que ele estava vestindo jeans, uma camisa larga e vagamente me perguntei onde ele os havia encontrado. A água correu por alguns segundos, depois desligou.

Alguém havia refeito minha ferida; desta vez em um pano preto puído que cheirava levemente a hamamélis[1]. Mas mesmo isso não conseguia mascarar o odor que se infiltrava sob o curativo. Agarrei a ponta e a puxei de volta. O pânico tomou conta de mim, e eu tive problemas para recuperar o fôlego.

[1] Hamamélis é uma planta medicinal que age como fitoterápico natural feito a partir da casca e das folhas da espécie Hamamelis virginiana, um tipo de arbusto nativo da América do Norte que chega a atingir de seis a nove metros de altura. Utilizado com fins medicinais, sobretudo nos Estados Unidos, podendo ser transformado em chás e pomadas.

A ferida era horrível. Algo preto escorria dela, e a ranhura parecia ter ficado mais larga, talvez até mais longa, mas não doeu. Na verdade, todo o meu braço parecia estranhamente morto, exceto pelo próprio ferimento, que coçava terrivelmente.

A coisa ruim de entrar na profissão médica era que eu simplesmente sabia demais para algo assim não me assustar. Feridas normais não faziam isso. Feridas normais não cheiravam assim.

— A água está boa... — Luthor parou, e seus olhos se arregalaram quando viu meu braço.

— Claire, — ele gritou, e um segundo depois, eu ouvi os chinelos de Vovó se arrastando pelo andar de cima. Eu estava tendo problemas para respirar fundo, meu peito parecia comprimido, meus pulmões pequenos demais para qualquer outra coisa além de uma respiração ofegante em pânico.

Antes de Vovó chegar lá, Luthor desajeitadamente caiu de joelhos ao meu lado, se colocando em sua melhor postura. — Não se preocupe, tenho certeza que isso parece pior do que é, Seraphina. Claire conhece as pessoas. Encontraremos uma maneira de curá-la. — Mas ele não me enganou nem um pouco. Sua fachada de que tudo vai ficar bem não escondia o fato de que ele estava tão assustado quanto eu.

O aparecimento de Vovó foi precedido por uma inalação aguda. Não havia como negar que a ferida fedia, obviamente não era normal, e pelos olhares em seus rostos, eu estava realmente em apuros. Apenas minha sorte de escapar da morte em

uma masmorra de vampiros, apenas para morrer de algum tipo de infecção mágica por estafilococos[2].

— Fina, querida, parece pior do que é.

Por que eles continuaram dizendo isso? Eles não sabiam que eu tinha olhos?

— Obviamente, você é uma boa mentirosa, vovó, mas não desta vez. — Tentei me empurrar para fora do sofá irregular, mas meus braços cederam. — Acho melhor procurar um médico.

— Não é preciso isso. — Ela olhou para a porta, como se esperasse que alguém estivesse lá. — Eu mandei uma amiga parar aqui, ela te remendou um tempo atrás. Achamos que o feitiço dela neutralizaria a magia de Viktor, mas claramente não resolveu o problema. Talvez seja melhor eu ir e…

Um tempo atrás? É por isso que estive no deserto do Saara para encontrar ajuda? — Há quanto tempo esteve fora?

O par trocou olhares, e meu coração afundou. Isso foi muito, muito ruim.

— Dois dias, — Luthor finalmente disse. — Levou algum tempo para Claire encontrar alguém com as habilidades certas para tecer um contrafeitiço. Ela disse que ajudaria.

— Ajudar? — Eu levantei meu braço doente. — Isso não parece que alguém me ajudou. Parece sepse. Aqui está uma ideia, algum de vocês já ouviu falar sobre

[2] Estafilococos- Uma das infeções mais temidas, provocadas pelo Staphylococcus aureus pode não ficar restrito apenas à nossa pele. Se invadir a circulação sanguínea, poderá atingir qualquer órgão, desencadeando infecções graves, sepse e choque, é a endocardite, no coração, mas outras infecções possíveis são a pneumonia, a pielonefrite e osteomielite. Infecções causadas por essa bactéria são tratadas com os derivados de penicilina, e nos casos mais graves é feita a internação hospitalar.

essa invenção moderna chamada… hospital? Eu não culpo Luthor, ele está indisposto há cem anos, mas você, vovó, você deveria saber melhor.

— Essa não é uma ferida normal, Seraphina Jane.

Ok, então ela só me chamou assim quando eu estava em apuros.

— Marie deixou o suficiente para mais algumas aplicações, e eu nunca soube que uma de suas misturas falhasse. Se isso não funcionar, vamos para o hospital. — Vovó puxou uma garrafa da mesa e a derrubou contra um rolo de tecido preto até que estivesse saturado.

Hamamélis picou meu nariz enquanto ela enfaixava meu ferimento com força, puxando as bordas de volta. Não senti nada, o que me preocupou ainda mais.

— Viktor usou a magia de sua casa para cortar você. A medicina regular não funcionará neste tipo de lesão. Estamos tentando descobrir o que está acontecendo, mas até agora... — Ela abriu as mãos impotente e olhou para Luthor. — Mesmo Marie não tinha certeza.

— Viktor tem magia da casa? Você quer dizer como... ele é um sonserina?

Luthor parecia totalmente em branco - nenhuma surpresa - mas Vovó parecia pensativa. — É exatamente assim. É assim que a magia da casa funciona – cada família de vampiros tem habilidades únicas, dependendo de sua composição genética. Da mudança de forma ao controle da mente e à necromancia, as características são fortes dentro das famílias.

— Estamos falando de anomalias e mutações de DNA? Evolução através da seleção natural? — Estávamos estudando isso na minha aula de genética, focando na hereditariedade dos traços familiares.

— É exatamente assim. Sentidos aguçados, velocidade não natural, cura rápida, essas habilidades são universais para nossa raça, Fina. — Vovó começou a andar de um lado para o outro. — Cada casa real é dotada – alguns dizem amaldiçoada – com uma habilidade específica. Cada casa é abençoada com sua própria magia única, que não parece ser duplicada fora da linhagem.

— Quais são algumas das habilidades? — A parte médica do meu cérebro acordou, imaginando até que ponto essas habilidades iam além das habilidades aparentemente ilimitadas de um vampiro.

— Difícil dizer com certeza, já que o segredo é conhecido apenas pelos familiares relacionados pelo sangue. Dizem que os pontos fortes de cada casa são adaptados de seus dons específicos. Por exemplo, a Casa Gaunthier possui força física excepcional, astúcia e forte pensamento estratégico. — Vovó não se incomodou em esconder seu desgosto. — Eles também controlam os militares, fornecem mercenários ao trono e formam um bom número de confidentes de Viktor.

Bem, não admira que ela odiasse os Gaunthiers; claramente, eles eram pessoas de merda.

— Quais são as habilidades da Casa Marvelle? — Ao contrário de Vovó, mantive o nome com uma sílaba, ou pelo menos uma e meia. — Espero que seja algo legal. — Eu imaginei que não era a habilidade de curar feridas mágicas enquanto eu enfiava um dedo sob o curativo e começava a coçar.

Vovó hesitou, então apontou Luthor para a porta. — Este é um assunto privado. Você precisa esperar lá fora para isso.

— Não, ele fica aqui —, argumentei, o pânico aumentando com o pensamento dele saindo. Ele arriscou sua vida por mim. Grande coisa se ele soubesse nosso

segredo de família. — Luthor, você não tem que sair. Na verdade, eu insisto que você fique.

— Não é assim que se faz, — ela retrucou. — Somente sangue.

Mas eu não me importava como os outros faziam as coisas.

Já que ela estava sendo difícil, eu seria difícil de volta. Eu não me importava com nada, exceto garantir que Luthor fosse incluído nessa conversa.

Eu não sabia quando, exatamente, minha lealdade mudou, mas agora, eu confiava em Luthor tanto quanto em Vovó. Talvez um pouco mais. Eu sabia que precisava dos dois para sair dessa confusão.

— Ele fica. — Foi difícil identificar o olhar em seu rosto, não quando argumentei em seu nome, nem quando o chamei para se sentar ao meu lado. Mas se eu tivesse que adivinhar, diria que ele estava agradecido. Dei a Vovó o movimento universal para continuar.

— Alguns membros da Casa Marvelle têm a habilidade de ressuscitar da morte. Qual é a razão pela qual a Casa Marvelle colocou mais rainhas no trono do que qualquer outra casa do Darkfell Clan.

Bem, isso não é apenas inesperado, é fisicamente impossível. Eu me senti um pouco entorpecida enquanto ela prosseguia. — Mas só funciona uma vez se as lendas forem verdadeiras.

Ressuscitar dos mortos. Eu podia ver onde isso poderia ser útil.

— Aquela magia de sangue passou por mim.

— Também passou por cima de sua mãe, mas não passou por você, Seraphina. Você, minha querida, é abençoada com o sangue da Rainha.

— Como você pode mesmo dizer?

Eles trocaram olhares, mas foi Luthor quem finalmente respondeu. — O olfato de um vampiro é bastante... específico. A magia infunde o sangue com um aroma único. A magia de uma rainha é rara e, uma vez que você a cheira, nunca mais pode esquecê-la.

— Então você sabia? Eu exigi, virando-me para Vovó. — Você sabia, não é?

Seu rosto suavizou. — Eu tinha minhas suspeitas. Nos últimos meses... sim, não havia dúvida de que sua magia estava se desenvolvendo, mas foi só quando chegamos a Nova Orleans que percebi que você tinha potencial de rainha. Ela balançou a cabeça. — Isso só tornou o mundo mais perigoso para você. Tentei fazer você ir para qualquer outro lugar, menos Tulane, Fina. Você se lembra?

Sim, na verdade. As discussões tarde da noite, ela tentando me convencer de que a Califórnia tinha melhores programas de hematologia. Eu recusei, é claro.

Manchas escuras nadaram em minha visão, e eu tentei piscar para afastá-las.

— Tornar-se rainha é mais do que ter o sangue certo. Você também tem que sobreviver ao Sacrifício.

Bem, isso soou perfeitamente aterrorizante. Ao meu lado, Luthor ficou rígido, mas se aproximou, o calor de seu corpo afundando em mim. Ele não interrompeu, sua expressão intensa nunca mudando.

— Então, eu tenho sangue mágico, você e mamãe não tinham, e agora eu tenho um rei louco me perseguindo. — Esfreguei os olhos, mas as manchas ainda estavam lá. — Isso é ótimo.

— O que mais você não me contou? — O ressentimento ferveu meu sangue. — Meu pai? E ele? Você e mamãe agiram como se ele não fosse uma entidade, ou isso também era mentira?

— Meu engano foi apenas para mantê-la segura, nada mais. — Vovó insistiu, mas seus olhos se desviaram dos meus, e eu sabia que isso também era outra mentira.

— Eu estava falando sobre a magia do Queen... — Vovó esfregou as mãos. — A magia é rara, e sua existência ameaça a própria existência de Viktor. É por isso que ele nos eliminou.

— Tentou nos eliminar, — eu a corrigi. — Tentou e falhou. E eu não gosto do som dessa última parte. Parece muito ruim.

Vovó assentiu. — O Sacrifício é um ritual durante o qual a futura Rainha morre. Neste momento, sua magia é apenas um sussurro, mas durante a morte, essa magia se manifestará completamente. Apenas os mais fortes retornam para assumir o trono. — Luthor se inclinou mais para mim, sua mão apoiada nas minhas costas.

— É aqui que você tem uma vantagem. Seu sangue Marvelle permitirá que você sobreviva ao ritual e se torne a Escolhida.

— Você já viu esse ritual?

— Não pessoalmente, não, — Vovó sussurrou. — Luthor e eu servimos a Rainha Lyra, mas guardas juniores e damas de companhia não estavam a par dos detalhes. Apenas seu Chanceler, o Grande Ancião e seu Alto Comandante estavam com ela durante a transformação.

Tantos títulos e rituais estranhos. Eu estava curiosa sobre tudo isso, mas, ao mesmo tempo, tudo parecia um retrocesso para uma idade mais avançada. Uma era mais primitiva.

— Vimos Lyra depois que ela ascendeu, mas antes que seu poder tivesse evoluído completamente. Durante esse tempo, ela estava vulnerável e exigia proteção. Que é onde Luthor entrou.

— O que isso significa, o poder dela evoluiu? — Meu dedo cavou na ferida, coçando e coçando, e ainda assim, isso me deixou louca. Luthor gentilmente segurou meu pulso e puxou minha mão para longe do meu ferimento que coçava como louco.

— Seraphina, deixe essa coisa em paz.

— Mas coça. — Afastei o curativo e fiquei horrorizada ao ver que tinha cavado fundo em meu próprio braço e não tinha sentido nada.

— Fina, como você pôde fazer isso? — Vovó exigiu. — Não doeu?

— Eu não senti nada, — eu admiti, me levantando do sofá, balançando um pouco quando finalmente estava de pé. — Estou bem. Estou bem.

Mas eu não me sentia bem. Na verdade, eu me senti horrível.

Manchas pretas dançavam na minha visão.

O latejar na minha cabeça era uma bomba-relógio, e agora a pesada letargia se estendia pelos meus ombros e por todo o meu outro braço.

Exceto por aquela coceira infernal, que estava se espalhando a um ritmo enlouquecedor, eu juraria que meus braços estavam separados do meu corpo.

Depois vieram os cheiros. Luthor cheirava a cerejas, Vovó cheirava a nozes, e eu... eu cheirava como a sujeira mais suja já criada.

Era mais do que a ferida, que cheirava seriamente a infecção, era como se eu estivesse enterrado até o pescoço em barro molhado, o cheiro permeando todos os sentidos.

— Claire. — A voz de Luthor era um aviso silencioso quando ele se afastou de mim e puxou o braço de Vovó, seu olhar estreito travado no meu rosto. — Olhe nos olhos dela.

Vovó era tipo fazer, não um falador.

Eu sabia. Eu sempre soube disso.

Mas até eu fiquei surpresa quando ela puxou uma faca enorme do aparador e a segurou com a ponta para baixo enquanto examinava meu rosto, enquanto mil emoções passavam pelo dela.

Temer. Surpresa. Arrepender.

Ela avançou com a habilidade de uma esgrimista olímpica. A ponta da faca fez um som de estalo quando perfurou a pele, então com uma torção de seu pulso, a lâmina deslizou entre minhas costelas com uma precisão doentia.

Eu nunca senti chegar ao centro do meu coração, porque eu já estava morrendo.

Capítulo 16

Luthor

— Maldição, Claire.

O choque tomou conta de mim. Eu manquei o mais rápido que pude, mas Seraphina já estava esparramada no chão quando a alcancei, aquela faca enfiada em seu peito. Eu o puxei e joguei aos pés de Claire, onde respingou sangue na frente dela.

Eu sabia o que Claire tinha feito.

Eu até entendi o porquê.

Mas ela tirou a escolha de Seraphina, e ninguém faz isso, nem mesmo para salvar a vida.

Deveríamos ter explicado o que estava acontecendo.

Não tomar o assunto em nossas próprias mãos.

Caindo de joelhos, alisei o cabelo de Seraphina para trás e, pela primeira vez na minha vida, conheci o medo real. Seu rosto já estava mortalmente imóvel, sua pele branca leitosa. Apesar das minhas promessas, eu falhei em protegê-la.

Mas o que Claire fez foi muito pior. Tirar a escolha dela parecia o pior tipo de traição, e minha raiva aumentou ainda mais quando Claire me provocou suavemente.

— Você sempre quis uma rainha, Luthor. Esta é a sua grande chance.

Deslizei meus braços sob o corpo ainda quente de Seraphina e olhei para ela. Eu poderia matar Claire agora mesmo. Matá-la e não me arrepender nem por um momento.

— Ah, não me olhe assim. Você viu os olhos dela. Eles eram vermelhos. Ela teria se tornado um desses fantasmas em um minuto, e eu não podia permitir isso.

Ela tinha tanta certeza de que estava certa, o que me fez querer matá-la ainda mais.

— Ninguém nunca retorna de se tornar em um fantasma. Mas agora ela tem uma chance. Serafina é forte. Ela se tornará nossa próxima rainha.

Claire acreditava que sua neta era a única. Ela acreditava nisso com cada grama de seu ser. Eu também acreditei, mas ainda assim... isso estava errado.

— Você sabe o que fazer, — ela instruiu friamente, como se eu fosse seu servo, não o comandante da Guarda Superior. — Traga minha neta de volta para mim.

Eu nunca tinha visto uma rainha se erguer do Sacrifício.

Eu sabia, em teoria, o que viria a seguir.

E eu não queria a vovó Claire por perto para isso.

— Saia. — Mostrei minhas presas, e ela teve o bom senso de recuar um passo. — Saia e não volte até que isso acabe.

— Se você acha que vou deixar minha neta sozinha com gente como…

— Saia. — Desta vez não houve calor em minhas palavras, apenas ameaça mortal.

— Se eu tiver sucesso, se ela conseguir subir, isso não é nada que você queira ver. — Eu nem pisquei. — Então, saia ou eu juro... eu vou te matar onde você estiver.

Ela virou as costas e correu enquanto eu pegava Seraphina do chão, a parte de trás de sua camisa encharcada de sangue. O cheiro dela era tudo que eu cheirava. Como na prisão, a fragrância de mel foi dirigida para minha cabeça, uma calma doce de ópio vindo sobre mim.

Claire estava certa sobre uma coisa.

Eu sempre quis servir a outra rainha. Desde o segundo em que vi Seraphina, todos os instintos me empurraram para ela, incitando-me a servi-la, meu coração secretamente esperando que ela me escolhesse para ser aquele que a ajudasse a ascender.

Mas nunca assim.

Com sua forma flácida em meus braços, eu desajeitadamente subi as escadas. Eu não estava fazendo isso no chão da sala. Seu rosto já estava ficando cinza; eu só tinha alguns momentos antes de seu corpo esfriar, e perder minha chance.

Quando cheguei ao quarto dela, eu a deitei em sua cama e inclinei seu rosto para o meu. Ela era tão bonita, quase serenamente calma na morte. — Lamento que você não tenha realmente escolhido, — eu me desculpei, dando um beijo em sua bochecha fria.

— Mas você me pediu isso. Vamos esperar que você quis dizer isso.

E comecei a beber.

Meu primeiro gole foi como mel quente. Seu sangue pulsava com poder inexplorado, picante quente contra minha língua, enchendo meu intestino com fogo

que se espalhou por mim, então explodiu até que eu vi raios de sol contra minhas pálpebras.

Mesmo contaminada pela magia venenosa de Viktor, o sangue dela era o mais potente que eu já tinha bebido. Seu poder fez meu próprio sangue zumbir em resposta, e ao contrário dos goles leves que tomei na prisão, bebi muito e forte, puxando contra seu pescoço, sugando até a última gota dela.

Depois de uma vida inteira sem saber quem ela era, Seraphina estava prestes a se tornar algo que ela só tinha lido.

Algo que ela estaria certa em temer.

Era meu trabalho vê-la do outro lado dessa transformação.

Eu só rezei para que uma vez que ela subisse, ela ainda me quisesse, embora, quem iria querer um guarda manco? Não uma rainha de Darkfell. Não, uma verdadeira rainha merecia alguém inteiro ao seu lado, alguém que combinasse com ela em todos os sentidos.

Um aleijado não era tão macho.

Mesmo com meu coração partido, eu a drenei.

Seu poder pode ser inexplorado, mas a magia afundou em mim, tornando meu interior incandescente. Minha própria magia sombria estremeceu enquanto se fundia com o sangue da minha rainha, os dois poderes diferentes se fundindo dentro de mim, criando algo novo e terrível.

Quando isso fosse feito, eu seria mudado.

Talvez tanto quanto Seraphina.

Superada, deslizei para o chão ao lado de Seraphina e teci minhas sombras sobre ela, criando um cobertor protetor que nos esconderia dos intrusos.

Sem seu sangue, levemente tingido com a magia corrompida de Viktor, ela permaneceria no Outro Mundo até retornar. Ressuscitou a si mesma, como Claire afirmou.

Pelo menos ela não tinha mais a magia dele dentro dela. Pelo menos ela não se transformaria em uma de suas criaturas possuídas, aquelas que Claire chamava de fantasmas. Insensato com sede de sangue, cada movimento controlado por um louco.

Nós os ouvimos uivando do Poço quando eles se viraram.

Claire havia matado seu próprio sangue para evitar que esse destino acontecesse. Agora veríamos se a magia Marvelle salvaria Seraphina, ou se a morte seria um estado permanente para ela.

Havia uma razão pela qual as rainhas eram chamadas de As Escolhidas.

Havia uma razão para que houvesse tão poucos.

Havia uma razão pela qual elas eram tão temidas.

Se Seraphina ressuscitasse, uma vez que sua transformação estivesse completa, ela seria a vampira mais forte do clã Darkfell.

Uma vez que ela reuniu sua corte ao seu redor, ela tinha o potencial de se tornar a rainha mais poderosa do mundo. A verdadeira magia de uma rainha levava semanas para aparecer, e havia lendas de poderes monstruosos conferidos a algumas rainhas.

Até loucura.

Enquanto eu rezava para que ela fosse poupada de um poder tão horrível, pedi aos deuses um milagre.

O instinto me disse para ajudá-la, mas eu não sabia como. Ajoelhando-me ali, quebrei meu cérebro em busca de qualquer informação que pudesse me ajudar. Apenas alguns já tinham visto essa transformação acontecer, e todos eles estavam mortos. Eu tinha ouvido muitos rumores, mas nunca nada útil.

Ouvi dizer que Lyra levou um dia inteiro para se levantar.

Alguns nunca mais abriram os olhos.

Destino e sorte eram duas coisas diferentes, mas agora, eu me esforcei para acreditar em ambas.

O sol se pôs, então se levantou novamente, iluminando seu rosto exangue. No início da tarde, perdi a esperança, mas a encontrei novamente ao anoitecer, lembrando-me de que havia rainhas que demoravam uma semana para ascender.

À meia-noite, meu corpo se enrolou protetoramente ao redor dela, eu estava me arrependendo de mandar Claire embora.

E foi quando Seraphina se arqueou para fora da cama com um grito.

Capítulo 17

Seraphina

Quando acordei, estava muito consciente de tudo ao meu redor, desde o áspero arranhão de minhas roupas contra minha pele até o corpo quente esticado ao meu lado. A luz era fraca, quase como se tivéssemos um cobertor sobre nós. Esfreguei meu nariz – formigando com a doce colônia no ar – então abri um olho.

Eu tive uma série de pesadelos intermináveis, amarrados como uma espécie de rolo de filme dos velhos tempos onde os cortes são desiguais, e o áudio não combina muito com a ação.

Eu, sem braços.

Minha cabeça latejava tanto que pensei que ia explodir.

Vovó com uma faca.

Na minha frente havia uma colcha de retalhos de cicatrizes cobrindo a pele dourada – um peito familiar – para ser exato. O pânico apertou minha garganta enquanto eu pensava onde estava... e porque Luthor estava na cama ao meu lado.

Não pânico, exatamente, mais como um emaranhado selvagem de emoção que eu não conseguia processar.

— Serafina? — A primeira parte do meu nome rolou suavemente para fora de sua língua, apenas para ficar presa na última parte, seus dentes pegando seu lábio inferior quando ele disse o 'f'. Com seu sotaque, foi o mais sexy que meu nome soou. Sempre.

— Luthor? — Deus, por que meu rosto doía? Ah, sim... tinha sido esmagado em uma calçada. Dias atrás? Anos atrás? O tempo estava todo embaralhado na minha cabeça.

— Você está bem. Viva. — Suas palavras eram cautelosamente confiantes. Seus olhos contavam uma história diferente - não havia nenhum indício do brilho da água-marinha, nada além de sombras escuras neles. Eu o conhecia bem o suficiente para saber que ele estava preocupado.

— Você está com alguma dor?

— Me sinto estranha. Como se partes de mim estivessem dormindo... ou partes de mim estivessem muito acordadas. Eu sei que parece estranho, mas não sei como descrevê-lo.

— Você está bem, — ele repetiu. — Você vai se sentir assim por algumas horas... talvez dias até se estabilizar. Estou aqui para garantir que isso aconteça. — Sua mão se curvou, como se ela estivesse pegando uma bola, e o que eu pensei que fosse um cobertor desapareceu.

— Minhas sombras, — ele explicou. — Para nos esconder.

— Eu sofri um acidente? — *Deus, aqueles sonhos sobre Vovó e a faca pareciam tão reais.*

— Não é um acidente. — Ele parecia saudável, até mesmo corado, e eu me perguntei se ele tinha a mesma doença que eu. Nós dois estávamos doentes de alguma coisa na prisão?

— O que, então? EU…

Eu não conseguia explicar. Meu corpo não parecia meu corpo. Minha boca estava tendo problemas para formar palavras, como se eu nunca a tivesse usado antes. E eu estava ciente dessa dor surda dentro de mim, quase como se estivesse morrendo de fome.

— Eu me sinto muito, muito estranha.

A preocupação percorreu seu rosto antes de voltar a uma versão branda e semelhante a uma máscara de calma. Aquele cheiro de fumaça de cereja estava em toda parte, algum tipo de colônia pesada, forte demais para ser ignorada. Eu me enrolei, aquela dor corrosiva na minha barriga piorando a cada segundo.

— Serafina. Minha rainha.

Eu observei sua boca de perto desta vez, a forma como seus dentes – desta vez presas – beliscaram seu lábio no meio do meu nome.

— Acho que poderia passar horas ouvindo você dizer meu nome assim.

Finalmente, havia uma faísca azul em seus olhos, sua boca se curvando em um meio sorriso. — Eu gostaria disso. — Ele limpou aquele olhar de seu rosto e voltou para sua versão de negócios.

— Me diga como você se sente. Está com fome? — Tanta preocupação nessas palavras.

E se ele estivesse mentindo? E se eu tivesse sofrido um acidente? Eu alisei minhas mãos sobre meu corpo, verificando se havia ferimentos, mas minha pele estava queimada de sol, tão sensível ao toque que parei. Mas não antes de meus dedos encontrarem meu braço, aquele lugar onde...

Como um tsunami, tudo inundou de volta.

A prisão. Luthor. Vampiros.

Vovó com uma faca.

Essa última parte foi real. Eu só sabia disso, embora não houvesse uma marca no meu peito enquanto eu esfregava entre meus seios.

Eu não poderia dizer isso sobre o meu braço. Era como se alguém cavasse um sulco ao longo dele, do cotovelo ao pulso, retirasse a carne e deixasse uma fenda aberta de pele vermelha furiosa.

— Eu pensei... — Os olhos de Luthor ficaram tristes quando ele encontrou meu olhar. — Pensei que a Ascensão desfaria o dano. Meu palpite é que a magia de Viktor corrompeu tanto sua carne que mesmo ressuscitar dos mortos não vai curá-la.

Suas palavras afundaram em mim, e o medo subiu.

Eu pensei que estava morrendo, e implorei a Luthor para me fazer um vampiro.

Essa foi a última coisa clara de que me lembrei.

Ele tinha acreditado na minha palavra.

Como se ele lesse minha mente, Luthor se apressou em explicar: — O corte de Viktor estava transformando você em... algo que você não queria ser. — Ele pegou minha mão e a colocou em seu peito, logo acima de seu coração batendo rapidamente, e eu concentrei a batida na palma da minha mão.

— Claire te matou antes que a transformação estivesse completa. Eu permaneci até você ascender. — Nenhum indício de dúvida para essa última parte. Luthor acreditava na minha magia. Acreditou e cuidou de mim. Lutei com as implicações desse tipo de fé.

— Onde está Vovó? — Minha voz soava alta e fina, a fome dolorida na minha barriga era impossível de ignorar.

— Eu a mandei embora, — Luthor acalmou, pressionando minha palma com mais força contra ele. — Há outra parte de torna-se, uma parte que ninguém mais deveria ver, especialmente sua avó.

Deus, eu mal o ouvi sobre o baque pesado que encheu a sala. Ele pressionou contra meus ouvidos com cada batida latejante, que parecia ecoar a dor no meu centro.

— Você está com fome, Seraphina. — Luthor passou a mão pelo meu lado, mas as sensações resultantes só me aumentaram ainda mais.

— Tanta fome que você não consegue se concentrar em nada além daquele vazio. Você vai pensar em comida, mas isso não vai acalmar sua mente ou parar a fome. Você precisa de algo mais, algo que eu possa lhe dar.

Eu queria ouvir Luthor. Sua voz calma era uma âncora em um mar tempestuoso.

Mas o calor, o baque, essa fome dolorida esculpiu minhas entranhas até que nada mais importasse.

Ele rolou nós dois para que eu estivesse meio em cima dele, então virou a cabeça até que sua garganta estava nua para mim. Meu coração acelerou, minha respiração acelerou, a adrenalina explodiu em mim e eu não sabia por quê.

— Não há vergonha em se alimentar. Não há vergonha em levar o que você precisa. Estou aqui para lhe dar o que você precisa, para ajudá-la a passar por esta próxima parte.

Minhas mãos trêmulas estavam apoiadas no peito de Luthor. Eu consegui ver tanto.

Ele inclinou a cabeça ainda mais, e os tendões se esticaram, aquele baque adorável a apenas alguns centímetros da minha boca. Eu queria ..., mas não, eu não podia, isso não estava certo...

Antes que eu soubesse o que estava fazendo, eu mordi, meus dentes afundando profundamente, com gosto de suor e sal. Mas meus dentes sem corte não penetrariam em sua pele.

Eu rosnei de frustração, um som animalesco, parecido com um lobo, então instantaneamente me afastei, as mãos pressionando minha boca.

— Oh meu Deus. Meu Deus, eu sinto muito…

Luthor não fez nada além de me puxar de volta contra ele com uma risada curta. — Você terá suas presas no devido tempo. Como eu disse, estou aqui para lhe dar o que você quer.

Seus olhos brilharam em um azul cristalino. — Você vai pegar o que você precisa, Seraphina. E você vai tirar isso de mim. — Cada palavra um comando. Cada

palavra martelava em minha barriga, alimentando aquela pequena dor carente em meu núcleo que ia muito além da fome.

Quando me mexi para sair de cima dele, ele apenas segurou minha bunda.

— Coma, então sexo. Ou os dois ao mesmo tempo. O que você quiser, minha rainha.

Minha rainha.

Em algum lugar nas profundezas empoeiradas da minha mente, eu sabia que isso significava algo, mas não me importei. Eu queria provar Luthor e não apenas seu suor, eu queria... Deus, eu queria beber seu sangue.

De alguma forma, parecia depravado e, ao mesmo tempo, perfeitamente normal.

— Você ainda não tem presas, então vamos fazer isso de outra maneira. — Eu ouvi um estalo metálico, e então Luthor tinha uma faca em sua garganta. Antes que eu pudesse reagir, ele usou a ponta para cortar uma linha em sua pele.

Eu segui o sangue vermelho e jorrando que a faca abandonou, todos os sentidos focados em seu doce aroma de chocolate. Eu mergulhei no sangue de Luthor, fechando minha boca sobre o corte, chupando e chupando com tanta força que eu estava envergonhada, uma mão amassando seu peito, a outra envolvendo sua nuca, segurando-o firme.

Cada gole causava uma onda de calor entre minhas pernas, minhas terminações nervosas gritando, minhas coxas se alargando até que eu estava montada nele, esfregando-me contra ele com cada puxão em seu pescoço.

Embaixo de mim, ele retumbou com uma risada, e seus braços envolveram minhas costas, me segurando no lugar, me pressionando mais apertado contra ele.

— Beba, Seraphina. Beba o quanto quiser.

Deus. Ele tinha gosto de combustível puro.

Seu sangue extinguiu minha fome, enquanto acendeu outra, mais profunda enquanto eu me enterrava contra ele. Mas pouco a pouco, gole a gole, minha cabeça clareou até que finalmente pude saborear apenas ele. Luthor era intoxicante.

Cerejas e chocolate.

Especiaria e café.

Profundo e rico e totalmente proibido.

Nos próximos minutos – sem um pingo de vergonha ou reserva – eu alimentei, só porque ele tinha um gosto tão incrível. Só porque ele era... meu.

Depois de um tempo, levantei a cabeça, olhando para a ferida, que ainda sangrava.

— Lamba a ferida, Seraphina. Isso deve selar.

Minhas mãos se apoiaram em seu peito, corri minha língua pelo lado de sua garganta, a sensação decadentemente sexual, o aperto em espiral substituindo minha fome. Saciado, eu deslizei para a cama, uma perna ainda presa entre as dele, meu braço jogado sobre seu peito. Quando ele cobriu minha mão com a dele, houve uma sensação fugaz de contentamento.

Que desapareceu quando percebi o que tinha feito.

Quero dizer, você não bebeu sangue de outras pessoas. Foi uma daquelas coisas que você sabe que é proibido. Mas por que se sentiu tão bem? Por que parou meu desejo?

— Existe um coagulante na minha saliva agora?

— Quando você está se alimentando, sua saliva mantém o sangue fluindo. Quando você termina, você produz outro que fecha qualquer ferida. Útil em casa.

Eu pisquei para ele. — Luthor Fontaine. Você acabou de fazer uma piada?

— Eu fiz. Mas não muito bem porque você não riu.

— Estou um pouco... sobrecarregada agora.

Deus. Eu realmente acabei de beber de Luthor? Eu tinha saído completamente dos trilhos aqui? Bem, sim Seraphina, parece que sua vida deu uma guinada louca.

— Eu sinto muito. Eu nem sei o que acabou de acontecer.

— Você estava com fome. Você comeu, — ele disse com naturalidade, como se eu tivesse acabado de comer um sanduíche. — Eu sei que isso é confuso, mas tudo fará sentido em alguns dias, quando você tiver tempo para processar tudo isso. Você foi mergulhada em um mundo que você nem conhecia há alguns dias. À luz disso... você está lidando com tudo extraordinariamente bem.

— Eu com certeza não me sinto extraordinária. Eu sinto... como se eu tivesse feito algo errado. Exceto que isso era apenas parte disso. Porque a outra parte de mim queria fazer tudo de novo.

Luthor estava seriamente delicioso.

— Até agora você superou o Rei, sobreviveu à magia de Viktor, morreu, ascendeu e está a caminho de se tornar a nova Rainha do Clã Darkfell. — Luthor se mexeu, mas manteve minha perna enganchada sobre a dele. — Eu diria que você realizou muito no pouco tempo que conheceu nosso mundo.

— Piada número dois —, eu disse distraidamente, cada pedaço de mim focado na minha perna sobre a dele, em quão íntima era nossa conexão. Mas quando tentei me afastar, ele colocou a mão sobre minha coxa e me parou. Ele não a soltou, e seu polegar começou a fazer círculos por dentro, seus calos ásperos contra a pele sensível.

— Eu deveria avisá-lo, há um efeito colateral em beber o sangue de outro vampiro. Se for de um Vampire Made, então o efeito é um tanto eufórico, capaz de despertar a luxúria.

Um arrepio de calor passou por mim quando Luthor sorriu, suas presas apertando seu lábio inferior.

Sua boca se curvou em um desafio provocante, e eu me tornei muito consciente da umidade entre minhas pernas.

— Então um Vampiro Nascido... esse sangue tem a capacidade de fazer com que todos os pensamentos deixem sua mente, remover todas as inibições... Ele estava certo. Eu nunca me senti tão vazia antes.

Eu queria…

Deus, eu queria que Luthor me enchesse, não apenas seu sangue, mas seus dedos. Seu pau.

Eu não sabia do que ele estava falando – Vampiro feito versus Vampiro Nascido – parecia algum tipo de sistema de classes de vampiros. Não que eu me importasse.

Eu só estava ciente de seu polegar esfregando e esfregando, a forma como meu núcleo chorava, quão ásperos seus calos eram, todos os sentidos muito conscientes.

Parecia que os vampiros tinham todos os tipos de poderes especiais.

Cheiro, sendo um deles.

O cheiro no quarto mudou. Passou de cerejas e chocolate para luxúria pecaminosa, e eu não conseguia me mexer. Não quando Luthor deslizou sua mão mais perto de onde doía, não quando sua boca se fechou sobre meu ombro, a repentina picada de presas me surpreendendo e me deliciando.

Fiquei imóvel, presa nas sensações de sua mão, sua boca, aquela deliciosa antecipação enquanto esperava que ele me tocasse enquanto imaginava tudo o que poderíamos fazer um ao outro com dedos e línguas.

Eu corei.

Um movimento e eu estaria de volta em cima dele.

Mas prefiro tê-lo em cima de mim.

No segundo a ideia flutuou pela minha mente. Luthor me rolou debaixo dele, prendendo minhas pernas juntas com suas coxas, cotovelos plantados em cada lado da minha cabeça. Eu deveria me sentir enjaulada. Mas não me senti. Apenas uma antecipação inebriante crescendo em mim enquanto eu cautelosamente coloquei minhas mãos em seus ombros, sentindo o poder contido nos músculos lisos e duros.

— Como você quer isso, minha rainha? — Luthor deu aquele sorriso provocante. — Suave e lento? Veloz e furioso?

Minha risada explodiu tão inesperadamente que nos surpreendeu.

— Desculpe, eu... — Eu sufoquei minha risada com seu olhar de total confusão. — É só que... esse é o nome de um filme, e me pareceu engraçado. Na hora errada exata também.

— Um filme... um filme muito engraçado, aparentemente.

— Sim, é muito engraçado. Você perdeu muito, Luthor. Mas não se preocupe, eu vou te pegar de volta.

— Gostaria disso. — Desta vez, seu sorriso passou de sexy para quase ansiando, e me lembrei de quanto tempo ele estava naquela cela. Cem anos. Uma vida inteira.

Algo dentro de mim mudou, um despedaçamento do meu coração que parecia perigosamente próximo ao amor.

O que era impossível. Mal nos conhecíamos. Praticamente estranhos, aqui.

— Nós vamos te pegar. Primeiro, vamos cortar o cabelo. Depois algumas roupas. — Toquei seus dreadlocks, que na verdade estavam crescendo em mim. — Mas acima de tudo, vamos dar o troco em Viktor pelo que ele fez com você.

— E para você —, ele terminou, colocando sua testa contra a minha.

Eu nunca estive tão relaxado com ninguém, mas com Luthor, parecia tão natural, era assustador.

Como se já nos conhecêssemos tão bem, não precisávamos perder tempo com as pequenas inseguranças e jogos mentais que a maioria das pessoas jogava enquanto tentava se entender.

— Nós, — eu disse a ele, meus dedos deixando seu cabelo e traçando a cicatriz em seu rosto. — Nós o pagaremos de volta, nós dois juntos. E quando o fizermos, ele desejará nunca ter mexido com nenhuma de nossas famílias.

— Viciosamente vingativo. Eu gosto disso.

— Fazendo o que é certo, — eu retruquei, meu polegar acariciando a marca onde roçou seu olho. — Eu quero matá-lo por isso.

— Espero que você tenha sua chance, — Luthor murmurou, deixando-me explorar seu rosto, seguindo cada movimento meu com aqueles olhos levemente brilhantes. — Mas o suficiente sobre aquele bastardo. Vamos voltar à minha pergunta inicial. Lento ou rápido? Temos a noite toda e a casa para nós — sugeriu ele, e olhei para a janela.

Eu nem tinha notado a hora, nem sabia exatamente que dia era mais. A lua era um holofote em um céu de veludo azul. A escuridão estava brilhando, como se iluminada por magia, e eu me perguntei se minha visão, como minha audição, agora estava de alguma forma aprimorada.

— Lento. — Eu escolhi, minha raiva de Viktor desaparecendo, substituída pela sensação de Luthor pressionado em cada centímetro do meu corpo, se ajustando às minhas curvas como se fôssemos feitos um para o outro.

Eu não esperava que minha primeira vez fosse na minha própria cama com um vampiro, mas agora, eu nem tinha nervosismo pela primeira vez. Tudo que eu queria era Luthor dentro de mim. Seu sangue, seu... pênis. Estremeci em antecipação quando percebi que queria fazer tudo com ele, o tipo sem limites de tudo, mesmo que eu não soubesse exatamente o que isso implicava.

— Oh, eu posso ir devagar, — disse Luthor, acariciando as mãos na minha garganta, em seguida, segurando um seio. — Eu definitivamente posso ir devagar. — Seu polegar – seu polegar mágico – traçou círculos ao redor do meu mamilo, e

instantaneamente atingiu o pico, uma protuberância dura que ele rolou entre o dedo, sua cabeça caindo antes que eu sentisse a sucção quente de sua boca perto dela.

Minha respiração saiu dos meus pulmões em uma corrida aquecida, minha cabeça nadando com sensações. Ele estava apenas começando e já era quase intenso demais. Cada movimento de sua língua enviava um choque através de mim, cada mordida fazia minhas mãos apertarem seus ombros com muito mais força.

— Eu deveria te contar. — Minha voz soou distante, mas passei meus dedos por seu cabelo grosso para me sentir ancorada novamente. — Não sou muito experiente nisso, então não sei o que fazer a seguir. Para você, quero dizer.

Eu sabia que no segundo em que as palavras saíram da minha boca eu não deveria tê-las dito.

Suave, Serafina. Você acabou de admitir que é uma virgem de vinte anos.

Eu esperava que Luthor risse. Ou ficasse horrorizado por estar sobrecarregado com alguém completamente inexperiente. Mas ele parecia pensativo.

— Eu não vou mentir. — Ele mordiscou minha mandíbula, e eu virei minha cabeça para lhe dar um melhor acesso. — Essa é a coisa mais sexy que você poderia ter dito para mim.

Por um momento, eu me perdi em seus beijos suaves, o raspar de presas, nossos corpos esfregando juntos enquanto ele se movia sobre mim. Não havia fim para a deliciosa onda de luxúria em mim, não havia fim para as sensações provocando meu corpo inexperiente. Apenas o caos do calor enrolado que me forjou em um instrumento bem amarrado, apenas esperando para ser tocada pelas mãos e lábios de Luthor.

— Fazemos uma barganha. Você me diz o que é bom, e me diz se quer que eu pare. Apenas um toque no ombro, ou uma palavra é tudo que eu preciso, entendeu? Eu balancei a cabeça; — você está no controle, Seraphina.

— Continue dizendo meu nome assim, — eu disse a ele, e ele sorriu, torto e doce.

— Estar no controle significa que farei o que você quiser. Seja parando ou deixando esta casa completamente.

Emaranhados juntos assim, com Luthor duro contra minha perna, eu vi o esforço que levou para ele dizer isso. Eu também sabia que ele quis dizer isso. Tudo que eu tinha que fazer era dizer a palavra, e ele iria embora. Até agora, eu nunca tinha entendido o que era poder – não poder real.

Eu tinha total controle sobre este macho, e a percepção foi inebriante.

Tudo que eu tinha que fazer era dizer a palavra, e Luthor me obedeceria sem hesitação. Eu nunca tive ninguém para fazer isso por mim antes, nem tinha certeza do que fazer com tanto poder.

— Me beija. — Eu finalmente decidi, deixando todas as minhas inseguranças de lado. — Eu gostaria que você me beijasse.

— Gosto de ter ordens a seguir. — Ele riu, e lá estava aquele maldito sorriso torto novamente. O calor floresceu entre minhas pernas quando ele agarrou meu queixo enquanto seus lábios pairavam a uma polegada de distância dos meus. Eu estava tão molhada, pingando, e esmaguei minhas pernas juntas de vergonha e antecipação.

— Você tem gosto de fogo. Como fumaça e brasas, maduras com poder. Eu poderia passar todos os dias assim com você, Seraphina. Meu coração deu um pulo. — Nós poderíamos apenas conversar, e ainda seria o melhor dia que eu já passei.

Foi uma prova de quão difícil nos últimos dias tinha sido que as lágrimas brotaram dos meus olhos, apenas da gentileza de Luthor. Ou talvez fosse porque eu sentia o mesmo e estava grata por ele ter sido o único a dizer isso em voz alta.

Desta vez fui eu quem fechou a distância entre nós.

Eu pressionei minha boca na dele, passei minha língua sobre seus lábios quentes e macios apenas uma vez antes de ele assumir, embalando meu rosto em sua mão enorme e lambendo dentro da minha boca. Parecia estranho, mas o fogo entre minhas pernas explodiu, me enchendo de calor. O que ele disse sobre sangue?

Algo sobre todos os pensamentos sãos deixando minha mente.

Ele estava certo.

Tudo que eu podia sentir, tudo que eu queria sentir, eram seus lábios fundidos aos meus. Eu queria estar cheia dele, sangue e carne. De repente eu não conseguia o suficiente, sem saber por que eu estava tão desesperada por seu toque, essa conexão... por ele.

Eu queria que isso nunca acabasse. Ou, pelo menos, para ele continuar.

— É melhor você acreditar que eu vou continuar, — ele murmurou contra a minha boca. — Não pense que posso parar.

Eu tinha dito isso em voz alta?

Então eu estava perdida nele novamente, apenas me separando por tempo suficiente para recuperar o fôlego. Preso embaixo dele, seu joelho estava de alguma

forma entre minhas pernas, minhas unhas cavando em seus bíceps. Eu estava perdendo minha sanidade, e eu queria cair do precipício, contanto que Luthor viesse comigo.

— Serafina. — Meu nome soou como uma oração em seus lábios, e quando parei para respirar, para realmente saborear este momento, uma onda de emoção fluiu em mim. Estava conduzindo a necessidade masculina, estremecendo através de mim, tão fortemente quanto Luthor estava sentindo.

Como eu poderia sentir suas emoções?

Eu não ousei me perguntar mais do que isso porque, sob a luxúria, havia uma emoção que me abalou em meu núcleo. Acima de tudo, Luthor estava determinado a me proteger. Para me manter seguro. Para morrer por mim.

Ele se perguntou se eu seria capaz de amá-lo.

Havia esse sentimento de admiração por baixo de tudo, como se ele não pudesse acreditar que eu estava aqui, com ele, assim. Como ele pode sentir meus pensamentos?

— É o vínculo de sangue. Sem segredos entre nós. — Ele respirou contra meu ouvido. — Sem segredos e sem mentiras.

Para alguém que passou toda a sua existência se movendo a cada poucos meses e nunca se aproximando de ninguém, tudo isso – o influxo de suas emoções, a intensidade com que ele se sentia – deveria ter me assustado. Em vez disso, sua promessa me fez sentir ainda mais segura.

— Sem mentiras, —, eu prometi de volta, alargando minhas pernas para que seus quadris se acomodassem entre elas. — Sem segredos.

Senti as emoções de Luthor mudarem.

Alívio, alegria e dúvida se misturaram enquanto ele se perguntava se ele era bom o suficiente, bonito o suficiente, forte o suficiente.

— Eu quero você, Luthor. Apesar disso. — Acariciei a cicatriz em seu rosto. — Talvez por causa disso. Você sobreviveu ao pior que a vida tem para dar, e ainda é um homem decente. Um macho digno de mim. Um homem digno de amor.

Um leve estremecimento passou por ele, e seu braço cedeu, seu peso se acomodou em meus quadris, a pressão deliciosamente quente e enviando meus pensamentos em uma direção totalmente diferente. — Temos a noite toda, Luthor. Nós temos a casa para nós mesmos, — eu repeti de volta para ele, preocupado que em breve, a vida pudesse voltar e destruir esta noite perfeita.

— Devagar, — ele murmurou. — Eu prometi a você devagar.

— Sim, você fez. — Eu acariciei meus dedos por aqueles braços musculosos, observando os arrepios subirem em seu rastro. — E eu sei que você é um vampiro que cumpre suas promessas.

Eu não tinha ideia do que eu estava dizendo. As palavras saíram da minha boca, minhas emoções oscilando entre desejo intenso e ternura por este homem que estava determinado a cuidar de mim.

Eu não entendia, não quando meu corpo ainda parecia estranhamente incompatível com meu cérebro, e eu estava prestes a fazer sexo pela primeira vez.

— Deuses. — Ele abaixou a cabeça, me beijou novamente, quase com reverência. Então sua boca traçou meu queixo, mordiscou meu queixo e ele hesitou, como se quisesse me beijar novamente. Eu inclinei minha cabeça para trás e mostrei

minha garganta para ele. O movimento parecia estranhamente submisso, mas em nenhum momento me senti à mercê dele.

Em vez disso, me senti no controle total.

Sua boca se fechou sobre minha garganta, sua língua rodando ao longo da minha garganta enquanto ele beijava uma trilha até minha clavícula, então puxou com os dentes até que a camiseta deslizou do meu ombro. Eu alisei minhas mãos em seus ombros, minhas mãos deslizando pelo seu cabelo enquanto ele descia pelo meu corpo, lambendo e beijando seu caminho até meu umbigo.

Eu estava molhada. Tão molhada que era embaraçoso, e ainda assim, tudo que eu queria era que ele me tocasse, para liberar esse aperto que pulsava entre minhas pernas.

Quando seu dedo deslizou sob o cós, eu mexi meus quadris para deixá-lo tirar minhas calças de ioga, querendo não ter nada entre aquela mão indagadora e eu. — Deuses, você é perfeita. — O rosto de Luthor estava extasiado quando ele olhou para mim, seus lábios puxados para trás para revelar longos caninos, seus olhos brilhando enquanto um longo e profundo estremecimento o percorria.

Sua mão deslizou pelo meu estômago, parando em meus cachos antes de me segurar e deslizar um dedo dentro das minhas dobras, encontrar meu clitóris e pressionar. Meu corpo pulou sob seu toque, prendendo a respiração.

— Tão pronto para mim. Eu gosto desses barulhos que você faz quando está excitada.

Eu estava fazendo barulho?

Ele me puxou para a beirada da cama, então seus joelhos bateram no chão com um baque, e ele me puxou para ele, colocando meus joelhos sobre seus ombros largos, suas mãos alisando o interior das minhas coxas, me espalhando.

Eu deveria estar envergonhada.

Eu deveria ser um monte de coisas, mas agora, a necessidade estava dirigindo meu corpo, tão quente que ardia em meu núcleo, exigindo ser liberado.

Então Luthor lambeu bem no centro de mim, sua língua áspera enquanto varria entre minhas dobras, meus quadris empurrando enquanto ele chupava meu clitóris em sua boca. Havia algo à frente, algum poder espiralado ameaçando ser liberado dentro de mim, poder que rivalizava até mesmo com minha magia.

Luthor fez pequenos sons enquanto lambia em mim, lambendo e chupando, o raspar ocasional de uma presa em minha carne sensível, me fazendo resistir freneticamente.

Então estou subindo, subindo e subindo e subindo, mas preciso de mais. Estou vazia, e quero estar cheia, quero Luthor dentro de mim, movendo-me, batendo, me preenchendo.

— Luthor, por favor... eu preciso de mais.

Eu não sabia exatamente como explicar o que eu precisava, mas ele empurrou seu corpo entre as minhas pernas até que ele estava montado em mim, uma mão apoiada na minha cabeça, e eu senti algo enorme se arrastar entre minhas dobras, então de volta para baixo. Deus, como ele vai caber?

Quando olho para o rosto dele, seus lábios estão brilhantes com a minha umidade, seus olhos brilhando até que suas pupilas são apenas pontinhos pretos em um mar azul-marinho.

— Isso pode doer, Seraphina, — ele disse calmamente. — Vou devagar.

Eu balancei a cabeça, então houve um segundo de pressão intensa e fugaz, então estou bem esticada quando a cabeça de seu pau desliza dentro de mim.

— Você está bem? Estou te machucando?

Eu balanço minha cabeça, além das palavras com as sensações que me percorrem.

Há pressão e uma dor passageira, mas além disso, apenas a necessidade de ser preenchida por ele parece importar.

— Está tudo bem, você não precisa falar. — Através de seu beijo, senti sua boca se curvar em um sorriso. — Eu posso ler sua mente, Seraphina.

Meu nome em seus lábios e outro centímetro dele dentro de mim, e eu me apertei ao redor dele, minha mente ficando em branco enquanto as sensações se entrelaçavam dentro de mim, se retorcendo em algo intenso e um pouco assustador. Minhas pernas tremeram quando ele ganhou mais um centímetro e uma onda de prazer passou por mim. Meus dedos cravaram em seus ombros tão profundamente que temi que estivesse machucando-o.

Ele se retirou, e eu apertei mais forte. Mais, Luthor. Eu quero todo você.

Em uma longa onda ele me encheu, deslizando profundamente, a sensação deliciosamente apertada e cheia. Corri meus dedos por seus ombros musculosos,

descendo por seus braços tensos. Ele era dolorosamente lindo, uma criatura de outro mundo.

Um mundo do qual eu agora fazia parte.

Seus golpes lentos e poderosos aumentaram meu prazer cada vez mais alto, nossos corpos encharcados de suor, nossos quadris batendo juntos, mas tudo o que me importava era a sensação de crista enrolando entre minhas pernas.

Eu queria que ele me separasse.

Eu queria montar está crista de prazer enquanto eu pudesse.

Porra, eu não sabia o que queria, exceto que isso nunca acabasse.

— Venha, Seraphina, — Luthor ordenou, e assim, um orgasmo ondulava através de mim, cada onda mais forte, mais intensa enquanto balançavam através de mim.

— Agora beba, — ele ordenou, e eu afundei minhas presas em seu pescoço.

O sangue de Luthor inundou minha boca, fluindo sobre meus lábios. Eu não conseguia beber rápido o suficiente, com avidez suficiente para tomar tudo, nem mesmo parando quando ele jogou a cabeça para trás e rugiu,

— Minha rainha. Rainha do Clã Darkfell.

Capítulo 18

Seraphina

Ele estava emaranhado, manchado de sangue e suor, flácido e perfeitamente saciado.

Meu braço estava feio, mas não doía, e eu tinha o uso total da minha mão, então não havia dano no tendão. Meu rosto parecia normal também. Eu podia ver pelo meu olho inchado, e minha bochecha não estava inchada.

Eu poderia estar bem por fora, mas por dentro, eu era uma bagunça emaranhada. Luthor... e Vovó achava que eu era alguém que não era.

Rainha do clã Darkfell. Fosse o que fosse.

Meu cérebro estava indo em tantas direções que eu não sabia o que pensar.

O sexo tinha sido alucinante. Melhor do que eu tinha sonhado ser possível.

Eu queria mais.

Na verdade, eu queria tanto Luthor que me fechei porque essa fome – muito voraz, muito consumidora – parecia perigosa de maneiras que eu não entendia. A mão de Luthor pousou no meu quadril, casualmente descansando lá como se não estivéssemos ambos nus e escorregadios.

Minha luxúria agora satisfeita foi substituída por essa onda de um poder estranho e escuro dentro de mim, a sensação quase desconfortável já que eu sentia que poderia explodir a qualquer momento. Reflexivamente, eu abri meus dedos, e jurei que minha pele ondulou enquanto a magia viajava por cada dedo, uma sombra preta sob minha carne pálida.

Em vez de me sentir forte, me senti instável, sabendo que não tinha controle real sobre isso.

— Essa é a sua magia, — Luthor explicou, massageando meu ombro, enquanto meu olhar se voltava para os fios escuros de fumaça saindo das pontas dos meus dedos.

— E isso é meu. — Ele falou mais rápido quando eu endureci de surpresa. — Com meu sangue, você ganha alguns dos meus poderes. Essa troca de poder é como tudo isso funciona, Seraphina. Você é minha Rainha, e eu a fortaleço dando a você um pouco da minha magia.

Eu engoli em seco.

— Vai levar algum tempo para você se acostumar com isso, mas tudo isso é perfeitamente normal, Seraphina.

— Duvido que alguém chamaria isso de normal, — murmurei. — Minha magia vem de uma vez ou um pouco de cada vez?

— Eu não posso responder isso. Eu só vi a magia de Lyra no dia de sua coroação, uma vez que seu poder estava totalmente formado. Eu sei que você não está segura até que sua magia se desenvolva, especialmente com Viktor caçando você. Mas se seu sangue for alguma indicação, você será forte.

— Hmmm. — Não me senti forte, me senti confusa. E estranha e desequilibrada. — E a fome? Isso acaba eventualmente, ou meus desejos vão acabar?

— O desejo é desencadeado pelo sangue, e o sangue é a única – bem, uma das únicas coisas que satisfazem a fome. — Ele parou de esfregar meu ombro. — Eu sempre estarei lá para alimentá-la.

— Essa fome parece... depravada, — confessei, embora não me mexesse. Eu gostava de me sentir depravada, talvez. Eu sei que gostei desse companheirismo calmo que compartilhamos. Mais do que isso, me senti segura com ele. Eu sabia que se Viktor ou fantasmas ou uma ameaça de qualquer tipo estourasse por aquela porta, ele se jogaria na minha frente.

O pensamento me aterrorizou.

— É natural. É assim que somos. — Sua mão, porém, apertou meu quadril.

— O que você não está me dizendo?

Eu era boa em identificar os sinais. Eu sempre sabia quando Vovó estava mentindo, quando estávamos prestes a nos mudar novamente.

Não aparentemente, que ela fosse uma espécie totalmente diferente, mas todos nós tínhamos nossos pontos cegos, e ninguém era perfeito.

— Quanto você se lembra do dia passado? — Ele respondeu, um meio de deflexão perfeitamente aceitável. Talvez como uma distração, ele começou a acariciar minha perna para cima e para baixo, o que de alguma forma me acalmou o suficiente para que eu pudesse repetir o que aconteceu.

— Lembro-me de Vovó. Ela tinha uma faca. Ela me esfaqueou. — Eu levantei meu braço machucado. — Lembro-me da ferida coçando... tanto que queria coçar e

coçar até que meu braço desaparecesse. Foi assustador, como meus pensamentos estavam confusos.

Tudo naquela noite parecia tão distante.

Como se tivesse acontecido com outra pessoa.

— Eu deixei Claire explicar, mas eu a mandei embora porquê... bem, ela não gostaria de estar aqui. — Corei, mas ele não percebeu. Em vez disso, ele parecia sombrio. — Sua ferida foi resultado da magia de Viktor. Não sabemos exatamente como funciona, mas a magia dele corrompe sua carne, então corrompe você. Depois de um dia, talvez dois, dependendo de quão forte você é, você viraria.

Ele ficou totalmente imóvel ao meu lado, e eu estendi a mão, senti o medo irradiando dele.

— Uma vez que você se transforma, não há cura, não há nada que o desfaça.

— No que eu me transformei?

— Você não virou, Seraphina, graças aos deuses. Claire te matou a tempo, então eu... fiz minha parte, e você fez o resto ressuscitando.

— Agora você é uma vampira.

Havia algo estranho em sua declaração, algo faltando, mas eu estava muito focada nos talvez para me importar.

— O que eu teria me tornado, se a vovó não tivesse... feito o que ela fez?

Eu ainda não conseguia acreditar que ela *me esfaqueou. No coração. Tchau Luísa.*

— Seraphina... — Sim, eu definitivamente queria que ele continuasse usando meu nome completo. — Não aconteceu. Não empreste problemas e se preocupe com o que poderia ter acontecido. Não foi.

Ok, agora eu tinha que saber.

— Diga-me o que teria acontecido se minha avó assassina não tivesse me esfaqueado no coração.

Luthor hesitou, então suspirou. — Você se lembra de Claire falando sobre fantasmas?

Meus olhos se arregalaram. — De jeito nenhum. Ela os fazia soar como animais selvagens.

— Eles são. Na prisão, ele os mantém amarrados com magia de sangue, depois os manda atrás de inimigos e membros do clã que não seguem a linha. Claire disse que há bandos deles circulando livremente. — Sua mão ficou totalmente imóvel.

— Ele os colocava no calabouço, em um lugar que chamávamos de O Poço. Eles ficavam quietos por um dia, então eles deliravam enquanto se transformavam em feras.

— Mas você viu ele me cortar. — Eu o cutuquei no peito, com força. — Por que você não me avisou o que ia acontecer? Por que você não avisou vovó?

Ele me puxou apertado contra ele. — Eu nunca vi o que Viktor fez, só ouvi através das paredes. Confie em mim, em meio a todos os gritos lá embaixo, era difícil acompanhar o que estava sendo feito com quem.

— Mas isso eu sei. Ele parecia devolver apenas membros das casas reais, aqueles que ele não mantinha como prisioneiros ou como resgate para suas famílias. —

— E as garotas... aquelas como eu?

— Elas tiveram uma morte rápida, pelo menos. A maioria delas era de sangue misto, parte humano. Normalmente, ele nem se incomodava em ir às masmorras na Noite da Colheita.

Luthor começou a me acariciar novamente, sua mão calorosamente reconfortante enquanto eu me perguntava em voz alta: — Então o que ele estava fazendo lá naquela noite?

— Não sei. Mas quando Viktor usou magia para marcar você, ele quis te transformar em um monstro. Ele planejava controlar você.

A onda interna de energia ficou desconfortável, e eu me perguntei se poderia explodir com a pressão. Eu esperava que não; as coisas estavam ficando interessantes. Ou esquisito. Ou ambos.

Ainda assim, a parte cientista de mim estava tão curiosa sobre tudo.

Do que eu era capaz agora? Eu poderia realmente usar esse poder, de alguma forma, uma vez que eu conseguisse lidar com isso? Como Viktor poderia usar sua magia para me transformar em outra coisa?

— Bem, ele estava errado, porque eu nunca vou obedecê-lo.

— Não, você não vai, vai? Há algo mais.

Sua voz ficou quieta. — Ao longo dos anos, ouvi os guardas falando. Viktor só podia transformar vampiros nascidos em fantasmas. Imagino que tenha algo a ver com

o sangue deles, o que lhes permite sobreviver à transformação. Essa ameaça impede que as Casas saiam da linha, porque a morte é uma coisa, mas viver seus dias como um monstro irracional é outra bem diferente.

Deus, soava horrível e cruel e como algo que Viktor faria.

— É por isso que Viktor precisa das casas reais, já que todas são nascidas vampiros.

— Humano aqui. — Eu o cutuquei na lateral. — Eu não sei nada sobre o seu mundo, e não tenho nenhuma referência para o que você está falando.

— Não mais.

— O que você quer dizer? Isso não responde a minha pergunta.

— Você não é humana. Não mais, — ele disse com naturalidade. Ele fez parecer tão... normal.

— Você é uma vampira, e uma Nascida Vampira é exatamente o que parece. Uma criança nascida de dois vampiros de sangue puro. Eles geralmente pertencem a uma das casas reais, e a maioria é poderosa, pois a força aumenta a cada geração. Eles são parecidos com os humanos, até os vinte anos, quando amadurecem.

— O que isso implica?

— Eles crescem presas, sua magia aparece e eles aprendem a manejá-la se ainda não tiverem sido instruídos a fazê-lo. —Sua mão ficou imóvel novamente.

— Vampiro criado é exatamente isso. Um humano que é transformado em vampiro. Eles são estéreis e não tão poderosos quanto um Vampiro Nascido.

Essa era minha realidade? Sistemas de castas de vampiros? Casas reais? Esse zumbido baixo no meu meio era minha magia se desenvolvendo? Que tipo de magia eu tinha?

— Seraphina, olhe para mim. —Virando minha cabeça, Luthor estava me observando, boca meio aberta, presas tocando seu lábio inferior. Ele era estranho e alienígena, e eu queria olhar para ele pelo resto da minha vida.

— Apenas um Vampiro Nascido se torna uma rainha.

— Mas eu não sou ... —Minha voz sumiu quando percebi a verdade.

Eu não sabia o que eu era.

Mamãe sempre pareceu tão... humana.

Eu nunca tinha conhecido meu pai. Vovó e mamãe fizeram questão de nunca falar sobre ele. Ele sempre foi uma sombra borrada sem nome e sem rosto, e depois da minha adolescência, parei de fazer perguntas.

— Você perguntou se Claire mentiu sobre seu pai. —Luthor murmurou. — Acho que você nunca o conheceu?

Eu balancei minha cabeça, desejando ter feito mais perguntas. Empurrou Vovó com mais força para obter respostas.

— Quem quer que seja, ele tem sangue poderoso. Se eu tivesse que adivinhar, sangue real.

Pensei na pequena lição de história de Luthor.

— Isso significa que eu eventualmente teria presas? Ou magia? —Deus, eu teria surtado completamente. Ou apareceu no laboratório de química ostentando caninos novos e brilhantes. Isso teria sido um iniciador de conversa.

— Aparentemente, você já estava. É por isso que eu estava tão chateado com Claire. Você estava sozinha na cidade. Sua vida teria sido virada de cabeça para baixo sem nenhuma maneira de se proteger, sem ninguém para ajudá-lo a entender o que estava acontecendo. —Ele balançou a cabeça desgrenhada. — Mantê-la no escuro era imperdoável.

— Bem, eu sei muito sobre estratégia e manobras reais, então é isso.

Ele me abraçou apertado contra ele com uma risada, deslizando sua mão para baixo para segurar minha bunda. — Isso você faz. Agora descanse, minha rainha. Quando você acordar, podemos fazer tudo de novo.



Eu assisti a casa em ruínas, pegando três cheiros, todos vampiros.

Uma era de Luthor.

Outra era da minha rainha e o outro era vagamente familiar.

A propriedade estava envolta por uma teia de aranha de magia, tecida e reforçada a ponto de eu saber que não conseguiria passar.

Se eu não conseguirem passar, minha Rainha permanecerá segura.

Eu balancei minha cabeça, me perguntando por que eu tinha esse pensamento. Eu deveria ter sentido uma onda de alívio por tê-la encontrado, mas em vez disso, senti... pavor.

Como se eu tivesse feito algo terrivelmente e errado.

Tudo estava calmo, e a proteção mágica poderosa o suficiente para manter inimigos perigosos afastados. Luthor estava por perto, e eu estava aqui para... fazer o quê? Eu não tinha certeza, e o pânico apertou meu peito como um torno.

Examinei a floresta, depois o longo caminho que levava à varanda da frente.

Eu não vi nada.

Eu não senti cheiro de nenhum vampiro próximo, mas eu senti como se estivesse sendo observada, examinada, mesmo de longe. Minhas presas se abriram, minha respiração ficou rasa enquanto o pânico apertava e, apertava e, apertava até minha visão piscar.

Algo estava terrivelmente errado, mas eu não sabia o quê. Todos os meus outros sentidos concordaram - eu era o único aqui, e não tinha sido seguido. Mas eu não conseguia me livrar da terrível sensação de que havia perigo para minha Rainha, e isso estava ao meu redor.

Na minha vida passada – minha existência de playboy que virou guarda-alta – eu tinha sido bom no meu trabalho. Para fazer esse trabalho, sempre confiei em meus instintos.

Esses instintos estavam ficando loucos.

Havia o tempo perdido entre lutar com Viktor e acordar. Pelas minhas estimativas, foi uma hora. Uma hora era um período plausível para desmaiar por perda de sangue.

Havia o fato de eu me sentir forte. Meu pescoço foi curado.

Eu deveria estar fraco e faminto. Mas eu estava inteiro e vivo. Pânico inexplicável explodiu novamente, então se acalmou quando ouvi vozes flutuando pela floresta.

— Você acha que ela está viva, então? —A voz profunda da mulher teria sido muito suave para ouvidos humanos, mas eu peguei cada palavra sussurrada.

— Seraphina sempre foi determinada. Ela tem sangue Marvelle. —A vampira respondeu com confiança, embora eu tenha ouvido uma esperança desesperada em sua voz. — Ela tem que estar viva, ou tudo o que eu fiz não importará.

Seus cheiros atingiram meu rosto ao mesmo tempo em que pararam na beira da ala protetora, o vampiro estendendo a mão e tocando o escudo mágico, formando uma porta.

— Bom trabalho, — a bruxa encapuzada comentou, correndo os dedos ao longo da magia brilhante entrelaçada em uma barreira impenetrável. — Isso é muito bem-feito e deve resistir a qualquer coisa.

— Obrigada, — a mulher mais velha resmungou. — Eu tive alguma ajuda.

Eu reconheci aquela voz.

A última vez que eu tinha ouvido, eu tinha sido preso no chão por uma espada na minha garganta.

Claire Marvelle estava viva. Ela escapou da carnificina de Viktor.

E naquele instante, tudo se encaixou.

Eu sabia por que estava aqui.

E eu sabia que não havia nada que eu pudesse fazer sobre isso.

Capítulo 19

Luthur

— Deveria limpar você.

Nós cochilamos por uma hora, e eu odiava me mexer, mas Seraphina e eu estávamos cobertos de sangue, e já estava seco o suficiente para ser desconfortável. Um choque de orgulho me abalou enquanto eu examinava seu lindo rosto, completamente curado do meu sangue.

Algo mais havia mudado, e agora eu estava fora de ordem. Com medo.

Com medo de não poder fazê-la feliz. Com medo de que eu não fosse macho o suficiente para ela.

Em algum lugar, entre vê-la pela primeira vez e este exato momento, eu me apaixonei completamente por Seraphina Marvelle. Eu não sabia se era como ela tentava resistir ao controle de Viktor quando ele era infinitamente mais forte. Ou quando ela insistiu em me incluir nos negócios da Marvelle, apesar dos protestos de Claire.

Ou poderia ter sido a confiança em seus olhos cada vez que ela olhava para mim, como se ela tivesse colocado sua vida em minhas mãos, sem perguntas.

Algo sobre ela superou todas as minhas reservas, rasgou minhas defesas e agora... eu não conseguia me lembrar como passei um segundo da minha vida antes dela.

Ela era de tirar o fôlego, olhando para mim com olhos da cor de ouro derretido, seus cachos escuros e desenfreados explodindo em torno de um rosto perfeitamente oval polvilhado com sardas fracas. Tudo que eu quero fazer é mantê-la na cama, manter meu pau dentro dela, ouvir seus gemidos ofegantes e pequenos suspiros.

Mas ela está coberta de sangue e esperma, e eu quero limpá-la.

Mesmo agora, eu sentia o poder irradiando dela, o leve tremor em suas mãos enquanto ela se ajustava, o rubor rosado em suas bochechas. Levaria semanas para que seu poder se desenvolvesse completamente, e uma vez que ela o fizesse...

Ela seria perfeita.

Eu mal podia esperar para vê-la coroada Rainha depois de matar Viktor.

Depois de eras imaginando isso, minha Rainha não era mais sem rosto. Eu conhecia seu rosto intimamente agora. Uma vez que ela fosse forte o suficiente, eu a ensinaria tudo o que ela precisava saber, para que ela pudesse enfrentar Viktor. Merda, eu esperava que ela passasse por cima de seu corpo morto em seu caminho para o trono.

Eu me deleitaria naquele dia, naquela visão, naquela morte.

— Você entra no chuveiro. Vou esperar até que você termine. —Seu olhar curioso percorreu meu corpo tão lentamente que alterei minha oferta. — A menos que você gostaria de tomar banho juntos?

— É apenas grande o suficiente para uma pessoa, não há como você se encaixar. —Mas não perdi o tom de arrependimento em sua observação, nem o pico de seus mamilos rosados. Ela me queria tanto quanto eu a queria.

— Você está certo sobre isso, —eu concordei.

— Eu não me importo com a bagunça, mas para você, esse tipo de jogo vai levar algum tempo para se acostumar. Não sugeri que nos lambêssemos e começássemos tudo de novo, porque meu único objetivo era fazê-la passar pela transição.

Não transar com ela por uma semana seguida, embora meu pau tenha saltado com a ideia.

O vapor flutuou para fora do banheiro quando Claire deixou cair as proteções mágicas que cercavam a casa. Senti alguém com ela e amaldiçoei enquanto caminhava até a janela. Este era um momento delicado, e Seraphina precisava de proteção.

Não visitantes.

O ar lá fora mudou um pouco, tornando-se mais carregado, e eu sabia que a recém-chegada não era uma vampira... ela era uma bruxa.

Fiquei rígida quando detectei a terceira presença do lado de fora, alguém que escapou quando Claire deixou cair as proteções.

Coberta de sangue ou não, puxei minhas calças – Claire as chamava de jeans – e desci as escadas como um fantasma, materializando-me em um canto e tecendo minhas sombras ao meu redor. Uma vez que nosso intruso passasse por aquela porta, eu os largaria e seria a primeira – e última – coisa que ele via.

Claire irrompeu primeiro, seu olhar balançando para mim antes de casualmente chamar a bruxa para dentro, sem dar nenhum sinal de que algo estava fora do lugar. Fechando a porta atrás dela, ela empurrou a mulher encapuzada passando pelo sofá na cozinha escura, então pegou a espingarda em seu caminho de volta.

— Senti-o escorregar pelas alas. Vampiro?

Eu balancei a cabeça. Definitivamente vampiro. Definitivamente masculino. Felizmente, apenas um.

O estranho foi que não senti nenhuma ameaça de qualquer tipo emanando dele, o que me preocupou.

Preocupava Claire também, que apoiou a arma em seu ombro.

— Isso não vai matá-lo, — apontei secamente. — Se ele for forte, as balas só vão irritá-lo.

— O que você planeja fazer? Faça com que ele espere até você ir lá fora para matá-lo? — Ela bufou. — Melhor a arma primeiro, depois acabamos com ele juntos.

— O que está acontecendo? — Seraphina desceu os degraus, fazendo barulho suficiente para alertar todos e quaisquer vampiros dentro de um quilômetro e meio. Um olhar para nós e seus olhos se arregalaram.

— Seraphina, volte para cima, — Claire ordenou baixinho, mantendo o rifle apontado para a porta.

— O que é esse cheiro? — Ela sussurrou de volta, alto o suficiente para qualquer um do lado de fora ouvir. Teríamos que explicar a ela a audição de vampiros, uma vez que esta situação estivesse sob controle. — Há esses odores estranhos no ar, e um deles cheira a relâmpago.

— Isso é magia de bruxa. Ela acabou de colocar uma camada extra de proteção ao redor da casa, — Claire explicou, tomando posição do outro lado da porta.

— Agora volte para cima até que isso acabe.

— Nós temos bruxas agora? Vampiros e bruxas e magia, oh meu Deus. Os olhos de Seraphina nunca me deixaram enquanto ela apertava o roupão e descia os degraus, parando ao meu lado. Eu teci minhas sombras ao redor de nós dois, efetivamente escondendo-a à vista de todos, então a empurrei firmemente atrás de mim.

— Serafina. — Ela lambeu os lábios, e eu peguei uma flor de desejo dela. — Ouça Claire. Não sabemos o que está lá fora, pode ser qualquer coisa.

— Não seja bobo. Vovó tem a espingarda, e você tem os dentes, e me sinto perfeitamente segura com vocês dois aqui para me proteger. Além disso, o que estou cheirando é familiar. Tipo... sujeira. Ela sorriu enquanto seus olhos brilhavam. — Eu acho que talvez... poderia ser Cyrus? Talvez ele tenha escapado.

O olhar de Claire se estreitou em sua neta, e eu não precisava ser um leitor de mentes para saber que suas dúvidas eram as mesmas que as minhas. Viktor e Cy estavam brigando, e não era preciso ser um gênio para saber qual deles era mais forte. O fato de Cyrus estar lá fora – e eu não podia sentir o cheiro dele – abriu uma infinidade de possibilidades. Nenhum deles é bom.

Nesse momento, Seraphina estava mais vulnerável.

Claire e eu sabíamos disso.

Se ela não sobrevivesse a esta primeira batalha... eu não era digno o suficiente para estar ao seu lado. Se ela não aprendesse a usar seu poder – e rápido – ela seria um alvo fácil para Viktor.

Havia mais um passo para a Ascensão, mais um ritual para garantir que a transformação ocorresse.

E para nossa sorte - tínhamos uma bruxa esperando na cozinha.

— Faça isso, Luthor, — Claire sussurrou, tão zangada que ela mal conseguia pronunciar as palavras.

— Tem que ser a maldita decisão dela, — eu assobiei de volta, plenamente consciente de que os olhos de Seraphina estavam jogando pingue-pongue entre nós como bolas de tênis. — Ela precisa de tempo para pensar sobre isso.

— Uhm, só para vocês dois saberem, eu não tive muita escolha em nenhuma dessas besteiras até agora. Já que parece que Cyrus representa uma ameaça, é melhor você me dizer por quê. Ela bufou. — Além disso, qual é o problema? Você lidou com Cyrus antes.

— A última vez que vimos Cyrus, ele estava lutando com Viktor. Agora ele está aqui.

Ela percebeu rapidamente, e a cor sumiu de seu rosto.

— Você acha que Viktor o transformou em um fantasma?

— Possível.

Mas pior do que isso, eu sabia como Viktor usava fantasmas e escravos, rastreando suas presas até seus covis, então atacando com seus mercenários para acabar com eles. — Não saberemos com certeza até vê-lo.

Todos os nossos olhos se voltaram para o lado leste da casa. — Eu posso sentilo se movendo, — Seraphina sussurrou, mais baixo desta vez. — Como isso é possível, para eu saber onde ele está? — Ela se pressionou contra mim, uma mão enrolando em meu braço enquanto eu a empurrava contra a parede, usando meu corpo para protegê-la.

— Ele cheira a lama... sujeira, talvez —, ela meditou suavemente. — Mais ou menos como eu fazia... antes das coisas ficarem loucas.

— Eu realmente não podia sentir o cheiro dele antes, já que vocês dois fediam até o céu, sem ofensa. Mas ele não cheira assustador, se isso faz sentido? — Ela balançou a cabeça. — Rapaz, isso soa duas vezes mais louco em voz alta do que soava na minha cabeça.

— Todos os seus sentidos mudarão – olfato, audição, visão – quando você entrar em seu poder. Mas agora...—Eu olhei para Claire, esperando que ela pudesse falar com sua neta e levá-la de volta para cima.

Mas Claire estava olhando para nós dois, como Seraphina estava enrolada em cima de mim.

Ela estava tão ciente quanto eu de que era o sangue de Seraphina seco no meu corpo. Que eu já tinha me ligado a ela da maneira mais íntima possível. Não que Claire soubesse que eu amava Seraphina, quando eu tinha acabado de perceber isso.

— Faça isso, Fontaine. Acabar com isso. Mesmo que seja você. Os lábios de Claire se apertaram com desgosto. — Eu saberei que ela pode se manter segura, não importa o que aconteça comigo.

— Não. — Eu rebati, ignorando seu golpe de que eu não era bom o suficiente. — Esta não é uma decisão para ser tomada às pressas.

Como esfaqueá-la com uma faca.

— A garota deve completar o ritual antes que Viktor chegue. É sua melhor chance de sobrevivência, — a bruxa disse da porta da cozinha. — E para completar a cerimônia, precisaremos de tempo.

Instantaneamente, magia branca e brilhante revestiu as paredes e o chão enquanto o ar ficava sobrecarregado com eletricidade. Os olhos de Seraphina se arregalaram quando o poder estremeceu pela sala, e a bruxa abaixou o capuz, revelando seu rosto.

Eu apertei meus olhos fechados.

Eu não tinha ouvido aquela voz em uma vida – tanto tempo – que eu não tinha reconhecido o cheiro dela antes. — Minha magia pode manter um vampiro fora, mas o que espera lá fora é apenas uma amostra do que está vindo para ela. Ela tem que ser capaz de se proteger.

A Bruxa de Nova Orleans inclinou a cabeça. — Luthor.

— Marie Laveau. — Ela envelheceu nos últimos anos, linhas finas se espalhando em seus olhos escuros, um toque de cinza no cabelo preso por baixo de um turbante. Antes que eu pudesse dizer outra palavra, Claire estava bem ali, me espetando no peito com o cano da espingarda.

— Mesmo que me doa dizer isso – faça isso, Fontaine.

Capítulo 20

Seraphina

Eu os assisti discutir - Vovó usando sua espingarda como um aguilhão de gado, e Luthor, nu da cintura para cima, coberto de sombras negras e meu sangue, e o estranho no turbante - pensando que minha vida não poderia ficar mais louca.

Ao nosso redor, as paredes brilhavam. Não apenas brilhando, eles tinham relâmpagos rastejando sobre eles, o chão também, e meu nariz queimava com todo o ozônio no ar.

Eu estava sendo assaltado por mil novas sensações, a consciência arrepiante de que a presença lá fora estava se movendo para os fundos da casa, os cheiros avassaladores que assaltavam meu nariz e a estranha agitação dentro de mim que só estava ficando mais forte.

Eu poderia explodir. Poderia acontecer.

Ou vômito, era difícil dizer no momento.

— O que, exatamente, você quer que Luthor faça comigo?

Ele tinha feito algumas coisas incríveis, a maioria das quais eu gostaria de repetir, mas porque esta era Vovó, eu assumi que estávamos falando de outra coisa.

— Vamos lidar com Cyrus primeiro. — Luthor não tinha me soltado, e eu ouvi suas palavras mais como um estrondo em meu ouvido do que uma declaração real. Seu coração batia mais rápido do que o normal, e eu juro que ouvi o silvo de lixa de seu bombeamento de sangue.

— Ela precisa disso agora, — disse a mulher de turbante - a bruxa - sua voz arrastada e pacientemente calma. — É por isso que você me trouxe aqui, afinal. Proteção e conselho. Mas o vampiro lá fora não pode ficar esperando muito mais tempo antes de correr de volta para seu mestre. Então será tarde demais.

Luthor pegou meu braço, me guiou para a cozinha.

— Marie só pode manter Cyrus à distância por mais alguns minutos.

Eu medi seu perfil sombrio, imaginando o que ele não estava me dizendo enquanto eu inclinava o quadril contra a mesa surrada. Ele deu uma olhada ao redor da cozinha – nos armários gastos e na bancada desordenada – e balançou a cabeça.

— De todos os lugares que eu pensei que faríamos isso, aqui não é um deles.

— O que estamos fazendo, exatamente?

— Você sobreviveu à mudança, Seraphina. Mas sua transformação não está completa.

Excelente.

Mas espere, há mais.

— Uma rainha precisa de guardas em sua corte para proteção. Você precisará de um complemento completo de cavaleiros - sete, no mínimo - mais se quiser. Cada um deles deve estar ligado a você pela magia do sangue. Você entende o que aquilo significa?

Não, eu certamente não.

— As rainhas extraem seu poder de seus guerreiros com laços de sangue. Sua magia reforça seu próprio dom inato, dando-lhe um impulso no poder. As escolhas geralmente são feitas estrategicamente, o que significa que você escolhe sua guarda com base em quão forte eles são fisicamente e no tipo de magia que eles têm. — Percebi que ele parecia azedo quando disse estrategicamente.

— Mas você não tem esse luxo agora.

Luthor procurou meu rosto antes que seus ombros caíssem, seu rosto cheio de algo próximo ao arrependimento. — Se você assim escolher, eu serei seu primeiro. Uma vez que você beba meu sangue, você pode extrair poder de mim – minhas sombras – você pode usar minha magia à vontade, sempre que precisar.

— Você quer que eu beba seu sangue... de novo? — Eu estava confusa. — Mas eu já fiz isso. — Ele tinha um gosto tão chocolate... com a memória, minha boca começou a salivar.

— Isto é diferente. Desta vez, há um ritual que realizamos onde eu presenteio minha magia para você. A magia de Marie criará um canal aberto entre mim e você. Por isso, você pode acessá-lo a qualquer momento, independentemente de onde estivermos… ou mesmo se estivermos separados. Pense nisso como um pacto entre nós dois. —Sua explicação fazia sentido, da maneira estranha como minha vida agora

fazia sentido, mas havia tanta dúvida na voz de Luthor. Eu me perguntei se ele ainda queria isso.

De qualquer forma, eu sabia que ele não estava me contando tudo.

— Qual é o problema? — Ele hesitou, então eu o lembrei. — Nós não temos tempo para isso, certo? Não que eu entenda completamente o que está acontecendo, mas Cyrus está lá fora, e a senhora disse que só pode mantê-lo fora por alguns minutos. Então, vá explicando.

— Toda rainha constrói sua corte para ser a mais forte possível. Esta é a única maneira que ela mantém o poder. Para ser forte o suficiente para governar o clã... bem, não há espaço para fraqueza.

Eu ainda não sabia o que ele estava tentando dizer.

— Eu não sou forte, Seraphina. Você nem deveria estar me considerando como membro de sua corte, não quando há escolhas muito melhores.

Tudo ficou tão claro para mim. O arrependimento, a hesitação.

— Discordo. — Até Vovó baixou a arma um pouquinho quando eu disse as palavras, como se ela não pudesse acreditar nelas. — Você, Luthor Fontaine, é a melhor escolha que eu poderia fazer, apesar de você pensar o contrário.

— Serafina…

— Cala a boca, Luthor.

Seus olhos ardiam, mas ele parou de falar.

— Sem tempo, lembra? Além disso, não consigo pensar em ninguém que eu prefira ter como meu primeiro, além de você.

Eu enganchei meu braço em volta do pescoço dele, puxei-o para baixo para que Vovó não pudesse ouvir.

— Se você pensa por um segundo que não é o melhor homem deste mundo, ou de qualquer outro, está muito enganado. Você significa tudo para mim, Luthor Fontaine. Um estremecimento passou por ele, e então eu fui esmagada contra ele, sua respiração ficando irregular.

— Vamos fazer isso, — eu disse a ele, entrelaçando meus dedos com os de Luthor e seguindo a bruxa até a cozinha. — Só por curiosidade, o que suas sombras fazem, Luthor?

— Você terá a capacidade de desaparecer no ar e se esconder no meio de uma multidão, sem que ninguém perceba. Você pode esconder aqueles que deseja proteger e mantê-los seguros.

— Isso soa muito legal.

A mulher baixou a cabeça. — Marie Laveau, ao seu serviço. —O nome tocou um sino; eu o reconheci como uma das velhas amigas de Vovó.

Depois disso, as coisas progrediram rapidamente, como uma espécie de casamento de espingarda sobrenatural onde o pregador usa um turbante e atira magia de seus dedos, e Vovó é a testemunha mal-humorada e relutante.

Minha mão nunca deixou a de Luthor, algo profundo e silencioso borbulhando quando nossos olhos finalmente se encontraram. Importante. O que estávamos prestes a fazer mudaria minha vida, mais do que qualquer outra coisa até agora.

A bruxa — Marie Laveau — enrolou sua magia branca e formigante em nossas mãos, estendendo-se até nossos pulsos, a fita brilhando com energia suficiente para

me incinerar. Mas eu estava paralisada por Luthor, o olhar de sofrimento em seu rosto desaparecendo, seus olhos realmente clareando, percebi, pela primeira vez desde que o conheci.

A cor era assombrosa, tão gélida que era quase transparente.

Uma faca apareceu na outra mão de Marie, e antes que eu pudesse fazer um som, ela passou a lâmina na mão livre de Luthor, cortando profundamente sua palma.

— Agora beba, minha rainha, e fique ligada ao seu cavaleiro.

Algo em mim zumbiu quando Luthor ofereceu sua mão, com a palma para cima, então a levantou lentamente até minha boca. O gosto de seu sangue me transportou para longe desta cozinha suja, minha vida confusa, longe de todas as minhas perguntas e dúvidas até que fôssemos apenas nós dois, compartilhando este momento.

Cantando, Marie levantou as mãos sobre nós, as paredes agora pulsando em um vermelho profundo, todos os pelos do meu corpo se eriçando enquanto a eletricidade no ar se intensificava. A pressão amorteceu o som, então eu mal podia ouvir o que ela disse. As paredes estremeceram ao nosso redor, a magia vermelha formando um minitornado que abriu as portas do armário e chicoteou os cabelos grisalhos de Vovó ao redor de sua cabeça.

Não havia mais como ouvir o canto, a pressão do ar era ensurdecedora, mas algo dentro de mim mudou, permitindo que Luthor se tornasse parte de mim, dando-lhe as boas-vindas.

E o sangue de Luthor... estava mais rico do que antes, cheio de poder, mas ainda tinha um gosto doce de chocolate e escuridão e algo que acariciou minhas entranhas até que se estabeleceu em meu coração como um peso sólido e calmante.

Diferentes, mas iguais.

Eu levantei minha boca de sua mão, lambendo o resto de seu sangue de meus lábios, sentindo o peso em meu coração se espalhar até que eu estivesse cercada por um cobertor impermeável de proteção.

— Luthor...—Eu mal senti a fita cair, não estava consciente das duas mulheres na sala - uma delas Vovó - enquanto eu o puxei para mim, esmaguei sua boca na minha. Fios de sombra flutuavam ao nosso redor, e eu vagamente me perguntei de onde eles vieram.

— Cyrus está lá fora, e temos que deixá-lo entrar.

Espere, não é? O sangue batia tão alto em meus ouvidos que mal a ouvi. Além disso, quem se importava com Cyrus ou qualquer outra coisa? Eu tinha Luthor fundido aos meus lábios, e a mesa da cozinha estava bem ali.

— Serafina.

Eu acenei para Vovó como uma mosca irritante.

— Se Cyrus está aqui, Viktor não está muito atrás.

Victor. Aquele bastardo. Ele machucou Luthor. Ele machucou Cyrus e tentou me matar.

Os pelos dos meus braços se arrepiaram segundos antes de uma explosão de magia potente irromper de mim, explodindo pela cozinha, sacudindo os armários, jogando Vovó e Marie contra a parede.

Pratos caíram no chão com um estrondo, copos explodiram no lugar e, quando acabou, apenas uma das portas permaneceu, balançando por uma única dobradiça. O resto se foi.

— Oh meu Deus, eu sinto muito.

Eu tinha acabado de destruir a cozinha de Vovó. Sem nem tentar.

Luthor apenas sorriu para mim.

— Lá está ela. —Sua voz calma soou com orgulho. — Rainha do Clã de Vampiros de Darkfell.

Com o gosto de seu sangue ainda na minha boca, fiquei ciente de tudo, desde a torneira pingando no andar de cima até o vampiro à espreita lá fora. Daqui eu senti claramente a confusão de Cyrus, seu desejo furioso de se aproximar de mim... frustração por não conseguir penetrar na magia de Marie.

Mas ele também estava com medo.

Eu empurrei mais fundo nele, sob sua magia de sabor lamacento, até o núcleo de seu poder, onde encontrei um núcleo pulsante de escuridão. A corrupção de Viktor. Tinha que ser.

A questão era, se Viktor pudesse colocar o mal, eu poderia tirá-lo?

Assim que o pensamento passou pela minha mente, minha nuca formigava, como se minha magia me respondesse de volta.

Sim, você pode salvá-lo.

— Deixe-o entrar Vovó, vamos ver o que ele quer.

Capítulo 21

Seraphina

Luthor bloqueou Cyrus com a intensidade sobrenatural de um predador no segundo em que passou pela porta que Vovó mantinha aberta, Marie escolhendo ficar na cozinha agora completamente arruinada.

Luthor sugeriu que a mantivéssemos como reserva caso isso fosse mal.

Luthor ficou rígido quando eu dei um passo à frente, bem ao alcance dos dentes de Cyrus. — Oh meu Deus, você escapou. Eu não posso acreditar que você escapou. —Tolice, talvez, mas não tivemos tempo de esperar para descobrir o que Cyrus queria.

Tínhamos que descobrir rápido, caso Viktor estivesse logo atrás dele.

Cyrus se conteve, dúvida em seus olhos, tentando descobrir se isso era um truque. Eu me aproximei, e ele se encolheu, os músculos de sua mandíbula apertando e relaxando, tão apertados que tinha que doer.

— Não deixe que ela se aproxime de mim.

O aviso de Cyrus soou como se tivesse sido puxado para fora do abismo, sua voz soando com alguma escuridão escura e antinatural, e eu deixei cair meus braços.

— Você sabe, então? — Luthor perguntou, movendo-se lentamente para a posição ao meu lado, então eu estava quase atrás dele. — O que foi feito?

Com grande esforço, Cyrus conseguiu inclinar a cabeça, apenas uma vez, e Vovó pegou a espingarda, encostada na parede. Movendo-se mais rápido do que qualquer coisa humana, Cyrus a interceptou. Ela se esquivou sob o braço dele e, em um instante, teve o cano da arma pressionado em seu rosto.

— Nada mal para uma velha senhora – Cyrus murmurou com o canto da boca.

— Nada mal, — Vovó concordou, seu dedo roçando o gatilho. — Quão atrás de você ele está?

— Tão perto que você nunca vai escapar, — Cyrus cantarolou, e eu detectei uma pitada de arrogância de Viktor em suas palavras. — Tão perto, ele a terá sob seu polegar entre os batimentos cardíacos. Uma rainha como uns fantasmas. Nunca houve um antes e ele está ansioso por isso.

O rosnado que saiu da boca de Luthor era feio. Mais profundo e mais cruel do que qualquer animal jamais poderia fazer, e presas escorriam de sua boca como punhais.

Meu coração pulou uma batida.

— Não haverá uma agora, — eu rebati quando o dedo de Vovó apertou o gatilho. Calmamente, perguntei a Luthor: — Meu sangue restauraria Cyrus ao normal? Se por normal, eu quis dizer desgrenhado, com o cabelo emaranhado e coberto de sujeira.

Ele ainda tinha aquele cheiro de barro; o mesmo cheiro nauseante que eu tinha apenas um dia atrás. Um cheiro de verme de dia chuvoso que eu detectei pouco antes de Vovó me esfaquear no peito.

— Ele pode ser salvo? Ele já é um fantasma? —Eu tive que perguntar, já que eu só sabia como era se transformar em um, não como eles realmente se pareciam. — Ele parece... ele não parece um monstro para mim.

De repente, me senti protetora de Cyrus, apesar do fato de ele ter tentado me comer. Algum instinto estava me dizendo que ele precisava de minha ajuda, e eu devia isso a ele, já que ele se sacrificou a esse destino para me salvar.

— Ele não é uns fantasmas. Ainda assim — Vovó concordou, a espingarda pressionada com tanta força no rosto de Cyrus que sua bochecha poderia ter um amassado permanente. — Os olhos dele não estão vermelhos.

— Então, como Viktor o está controlando, então?

— Sangue, — Cyrus conseguiu dizer com aquela voz profunda.

— Algumas gotas, talvez, é tudo o que precisaria. —Luthor se aproximou, seu rosto pensativo enquanto examinava Cyrus, cheirava, balançava sobre os calcanhares, os olhos estreitados.

— Ele cheira como se tivesse sido poluído. — Eu disse a eles, sem ter certeza se minha descrição ajudaria ou se era mesmo real.

Quero dizer, as pessoas realmente cheiravam tão diferente?

A boca de Cyrus trabalhou, seus olhos rolando. Finalmente, palavras estranguladas saíram. — Ele me transformou em seu escravo, usando seu sangue. —

Seus olhos selvagens se voltaram para Vovó. — Mate-me agora antes que ele rastreie o sangue. Antes que ele a encontre.

— Merda. —Vovó apertou o gatilho.

— Pare, — eu gritei. — Ele está tentando nos ajudar. Você não pode simplesmente matá-lo.

— O inferno que eu não posso.

— Apenas esperem, vocês dois. — Eu ainda estava tentando resolver tudo na minha cabeça, mas meu coração estava me dizendo para poupar Cyrus.

— Viktor passou anos com medo de que houvesse outra rainha, certo? O que significa que ele tem medo de mim. O que significa que eu o ameaço, o que significa... talvez... que eu seja mais forte que ele.

— Ainda não, você não está, — Vovó retrucou. — Não por semanas e semanas, e apenas com treinamento adequado.

— Ok, talvez eu não possa vencê-lo em uma luta real. Mas se o que você disse sobre magia e sangue é verdade, então minha magia poderia...—A palavra soou incrivelmente estranha saindo da minha boca. — Se meu sangue for mais forte que o de Viktor, eu poderia consertar Cyrus?

Quando nenhum deles respondeu, eu retruquei: — Ao contrário de você, eu não abandono meus amigos quando eles me protegem. Não só isso, mas não vou deixá-lo sob o controle de Viktor, não quando eu puder fazer algo a respeito.

Nenhum deles fez um som, mas Vovó soltou o gatilho.

E foi nesse momento que Cyrus atacou.

Para mim, não querer repetir o que aconteceu na clareira, ter Cyrus vindo até mim mais rápido do que um piscar de olhos, os dentes à mostra como os de um leão, foi desconcertante. Aterrorizante, na verdade, mas no momento em que meu cérebro alcançou meu corpo, eu estava do outro lado da sala, observando Cyrus cair de cara na lareira, o escudo mágico de Marie se quebrando com o impacto.

Eu não me lembrava de ter me mudado, mas fiquei feliz por ter feito isso.

Então Luthor o envolveu com força em suas sombras negras, balançando em sua perna boa, Cyrus lutando como um animal louco enquanto saltavam de parede a parede, o escudo brilhante se estilhaçando cada vez mais com cada impacto. Marie emergiu de seu esconderijo, e o ar estalou com energia enquanto ela amarrava Cyrus com sua magia, mantendo-o imóvel.

Peguei a faca que Luthor ofereceu e cortei no meu dedo.

Eu me perguntei vagamente quando me acostumei com essa merda de vampiro louco enquanto eu enfiava na boca de Cyrus, rezando para que eu pudesse salvá-lo em vez de vê-lo morrer, tudo porque algum rei estúpido gostava de jogar com a vida das pessoas.

Seu cheiro mudou gradualmente, o cheiro de sujeira desaparecendo, substituído pela mordida gelada do inverno.

Então eu não estava ciente de nada, exceto ele sugando avidamente meu dedo como um bebê faminto.

Eu não sabia o que esperar depois disso. Certamente não para ele cair de joelhos, prostrado diante de mim, enquanto eu estava ali em meu roupão curto demais, me sentindo todo estranha.

— Minha rainha. —Eu mal o ouvi, com o rosto pressionado no chão do barraco de Vovó.

— Levante-se, — eu murmurei. — Você está nos envergonhando. — Cyrus ficou de pé, os ombros se contraindo enquanto eu olhava para qualquer lugar além de suas calças esfarrapadas que ameaçavam cair de seu corpo perfeitamente esculpido.

— Tentei não vir.

Ele esfregou a nuca, olhando, eu tinha certeza, para a casa em ruínas, o chão sujo, móveis caídos, e o resto de nós, em vários estados de desconfiança.

— Eu tentei resistir... essa compulsão. Eu sabia que estinha algo errado quando acordei na clareira. Eu deveria estar morto. Mas eu não estava... e eu soube naquele momento... que algo estava errado.

As palavras de Cyrus pararam de espanto. Ou talvez apenas alívio por não o ter matado, embora pelo olhar no rosto de Luthor, ainda fosse uma possibilidade. Vovó estava se movendo um segundo quando ela colocou a coronha da arma no chão, mas não soltou o cano. Marie era a única que parecia perfeitamente calma, examinando tudo isso como se fosse qualquer outra terça-feira.

Não que eu soubesse que dia realmente era.

Eu tinha perdido o rastro em algum lugar ao longo da linha.

— Ele virá.

Ouvi as palavras como se estivessem a quilômetros de distância. Eu me senti tão distante de tudo que nem fiquei tão surpresa quando Marie acenou com a mão, e as paredes foram novamente envoltas em um revestimento mágico brilhante.

— Isso é tudo que posso fazer, — ela murmurou, me lançando um olhar em algum lugar entre pena e dúvida.

— Minha magia vai durar apenas por um curto período de tempo, e eu não sou forte o suficiente para lutar contra o Rei um contra um. —Seu olhar escuro estudou Cyrus, a perna de Luthor, finalmente descansando em meu braço machucado. Como Vovó, ela fungou alto, seu rosto se contraindo como se ela tivesse descoberto algo sujo.

— Seu rei é um necromante. Sua magia é amarrada pela morte, e somente quando ele estiver morto seus corpos serão curados. Não apenas morto, mas morto por sua mão.

— Obrigada por nos ajudar. —Eu não sabia quem ela era, mas ela estava disposta a se arriscar por nós, e eu apreciei isso.

— O Rei só governou por tanto tempo por uma razão. Não havia ninguém para desafiá-lo. —Seus olhos se suavizaram ligeiramente. — Agora existe. Boa sorte, garota, espero que você sobreviva.

Com um giro de sua capa, ela se foi.

Capítulo 22

Seraphina

Assim que Marie-a-bruxa desapareceu bem na minha frente, Luthor empurrou o enorme armário de porcelana do outro lado da sala para bloquear a janela.

Cyrus fez o mesmo com a porta dos fundos, virando o sofá de ponta-cabeça, coelhinhos de poeira balançando nas molas expostas como fantasmas sujos enquanto o enfiava no batente da porta.

Vovó apagou as luzes, nos mergulhando na escuridão.

Ou não.

Eu ainda podia ver tudo, até a pipoca deixada para trás quando o sofá foi movido. Um dos meus novos superpoderes de vampiro, eu assumi. Para alguém que usou lentes de contato a maior parte de sua vida, eu queria fazer um soco para comemorar.

— Há um túnel que vai do porão até a linha das árvores. É possível que a saída não esteja sendo vigiada, — Vovó me disse enquanto jogava uma caixa de cartuchos de espingarda na mesa final, as balas rolando pela superfície de madeira com finalidade oca.

— Eles já estão aqui. —Meu coração saltou na minha garganta, e eu olhei para a porta enquanto Luthor calmamente acrescentava: — Mesmo que você não possa vê-los, estamos cercados.

Senti a ameaça pressionando da escuridão lá fora. Eu não tinha sido capaz de definir o sentimento, mas se eu me concentrasse, eu poderia dizer que a ameaça estava se movendo, rastejando por entre as árvores, mais perto, quase alcançando as barreiras.

Patos sentados foi uma frase que me veio à mente enquanto eu olhava para a espingarda de Vovó, desejando ter aprendido a atirar. Corri para cima e coloquei algo adequado para nossa próxima batalha com o malvado rei vampiro, mas Luthor agarrou meu braço e me arrastou para o centro da sala.

— Não há tempo para isso. Eles passarão primeiro pelas janelas ou pelas portas. Cyrus? — Ele latiu, e Cyrus tomou posição ao pé da escada, suas presas de aparência perigosa praticamente tocando seu queixo.

— Não os deixe passar pelo patamar, — Luthor ordenou, uma mão segurando o armário firmemente contra a janela.

— Claire. Pegue-os quando eles passarem por aquela porta dos fundos. Eles terão que passar um de cada vez, então escolha suas fotos com cuidado.

— Quem diabos morreu e deixou você no comando?

— Você realmente quer lutar comigo agora? —Luthor respondeu suavemente. — Ou Victor?

Ele não esperou por uma resposta, mas Vovó virou a espingarda para a porta dos fundos, guardando mais opiniões para si mesma.

— O que devo fazer? —Eu saltei para cima e para baixo nas pontas dos meus pés. O poder pulsante estava ricocheteando em minhas entranhas, minhas mãos tremiam e eu me sentia como um ataque de pânico esperando para acontecer. Eu nem sabia o que, se é que poderia fazer alguma coisa, eu não estava disposta a deixar o resto deles fazer todo o trabalho pesado.

— Fique atrás de nós. Não suba as escadas e fique longe das portas.

— Isso soa como uma opção muito mesquinha se você me perguntar.

— Serafina…

Sim, eu realmente gostei quando Luthor usou meu nome completo.

Na verdade, eu ia proibi-lo de usar meu apelido, desde que sobrevivêssemos a isso. — Eu quero ajudar. Tem que haver algo que eu possa fazer. —Eu solucei nervosamente, e uma onda de poder escapou, enviando tudo na sala derrapando pelo chão, incluindo a pobre Vovó.

— Pare com isso, Fina. —Seus olhos foram sobre a minha cabeça, e seu rosto se contraiu. — Olhar. Uma vez que eles arrombam aquela porta... você vai para o porão. Atrás da fornalha, há um túnel antigo. Deixei uma lanterna na entrada, peguei e segui pelo túnel até o fim. Você vai sair para as árvores, e…

— Eles esperarão por ela, Claire. —Luthor rosnou. — Você sabe muito bem se ela pegar o túnel, eles esperarão no final.

— Que outra escolha temos? —Um estremecimento percorreu o ar, como se a pressão barométrica tivesse caído mil pontos.

— Merda, — Vovó disse. — Eles terminaram com as proteções.

O ar estremeceu novamente, e o brilho branco da magia de Marie desapareceu das paredes, deixando-nos em um silêncio que parecia mais ameaçador do que se estivessem atacando. Fechando os olhos, identifiquei três na frente e senti aquele cheiro de terra pantanosa no ar.

— Três na frente, — eu chamei enquanto Luthor se apoiava na cristaleira, pressionando-a firmemente na abertura.

Respirei fundo, segurei o ar, vasculhei todos os aromas – tão avassaladores – separando-os em grupos. — Dois no lado oeste. Quatro... não cinco, lá atrás.

Merda, isso era pelo menos dez. Vovó apontou sem palavras para a porta do porão ligeiramente entreaberta. Quase completamente obscurecido por suas sombras, Luthor murmurou — corra, Seraphina — e acenou com a cabeça na mesma direção. Eu cerrei meus punhos.

Eu não estava prestes a deixá-los.

Eu ficaria e lutaria até a morte, lado a lado, dando tudo de mim.

Essa foi a minha resolução até a porta da frente se abrir, uma explosão de magia gelada me atingindo como um trem de carga e me jogando contra a parede. A gaiola giratória por pouco não me errou no caminho, mas eu não era o alvo da magia irada de Viktor.

Luthor era. As sombras se foram, ele lutou para se levantar, sua cabeça coberta de sangue.

Viktor se materializou na porta, seu olhar ganancioso fixo em mim, olhos arregalados quando viu meu braço arruinado antes de sorrir. — Você carrega minha marca. Estou surpreso que você ainda não tenha se transformado. Você deve ser mais

forte do que eu pensava. Mas seu rosto mudou quanto mais perto ele chegou, e eu me perguntei se ele percebeu que eu tinha ressuscitado.

Me perguntei se era medo ou ódio em seus olhos quando ele sacudiu a mão em minha direção.

Eu me mexi, me movendo mais rápido do que o possível, e sua magia passou por mim, me perdendo completamente.

O tiro de espingarda próximo ao meu ouvido ensurdeceu minha audição recém-sensível, e Viktor tropeçou um passo para trás. Houve um clique metálico quando Vovó bombeou outro projétil na câmara.

Do outro lado da sala, Luthor gemeu e sangue espirrou pelo chão enquanto tentava se levantar. A dor passou pela minha cabeça e minha visão ficou turva. Acariciei meu rosto, não encontrando nada fora do lugar.

Mas quando Luthor plantou suas enormes mãos no chão e se ergueu, a dor espetou minha têmpora.

No local exato onde o sangue jorrou da cabeça de Luthor.

De alguma forma, eu senti sua dor. Não deveria ser possível, mas foi.

Definitivamente não é uma coisa boa.

— Você deveria saber, Viktor, eu fiz um pit stop hoje à noite. Estrada do Cemitério. Essas balas são infundidas com pó de prata e magia negra. —Vovó disparou novamente, e o corpo do rei se curvou sob o impacto antes de ser jogado de volta pela porta.

— Ele não vai se levantar disso tão cedo. — Do lado de fora da porta dos fundos, algo rosnou, bestial e baixo. Algo afiado raspou na varanda dos fundos.

Vovó olhou para mim, só por um segundo. Se alguém pudesse infundir tudo o que sentia em um único olhar, foi o que ela fez. Tantas emoções vazaram dela agora, eu não poderia classificá-las rápido o suficiente para decifrar qualquer coisa com clareza.

— Sua mãe morreu porque não seguiu as regras.

Ela colocou mais dois cartuchos na arma e a engatilhou, então equilibrou a coronha contra o quadril e puxou algo da mesa lateral.

— Ela não morreu por sua causa, então você precisa parar de acreditar nessa merda de cavalo, Fina. —Seu peito subia e descia rapidamente antes que ela cuspisse o resto palavras que eu nunca, nunca pensei que ouviria sair da boca de Vovó.

— Ela te amava com tudo o que ela tinha. Assim como eu. —Com isso, Vovó jogou algo para mim. Eu me atrapalhei, mas não o larguei.

A pintura da mamãe.

— Fique com Luthor. Você pode confiar nele para mantê-lo seguro. Cyrus vai te ensinar tudo sobre a corte. Ouça-o, Fina. Mantenha seus olhos e ouvidos abertos, mas lembre-se, nossa espécie são bastardos mortais, nunca se esqueça disso.

Vovó apontou para a porta do porão. — Agora tire sua bunda daqui, e quando estiver pronto... chute a bunda de Viktor por mim. —Com os braços cruzado, abri a boca para protestar, mas ela já estava alinhando sua próxima imagem.

— Cyrus... tire-os daqui, mesmo que você tenha que carregá-la chutando e gritando. Posso te dar algum tempo, mas você tem que se mexer. Agora.

— Espere... não, eu não vou deixar você sozinha. Eu posso ajudar, eu sei que posso.

Eu estava desesperada para ficar e lutar, especialmente quando ela levantou o cano para trás e puxou o gatilho, seus ombros esbeltos flexionando com o impacto da arma.

Eu tinha dado dois passos em direção a ela quando mãos fortes me arrastaram para trás, meus pés batendo em madeira quebrada e detritos até que eu aterrissei no chão de terra do porão, a pintura agarrada em uma mão.

Ouvi outra explosão, a provocação rindo de Vovó de que Viktor se arrependeria de não a matar cem anos atrás, e meus pés começaram a se mover.

Cyrus apoiou a mão no meu peito, me parando. — Não Serafina. Você fica aqui enquanto eu busco Luthor.

Eu empurrei com força contra ele, porque eu não ficaria escondida. Eu não deixaria Vovó sozinha para enfrentar Viktor, e isso era tudo.

O poder rugiu de mim enquanto lutávamos, enviando potes de enlatados para o chão, quebrando com o impacto. Eu empurrei mais forte, e as paredes de terra ao nosso redor ondularam antes de Cyrus ficar bem na minha cara e gritar.

— A única maneira de Luthor sobreviver é se eu tirá-lo de lá. Eu só tenho alguns segundos. Você não quer que ele morra, quer?

Maldito seja, chantagem emocional. Você trabalha sempre.

— Mas é Vovó?

— Neste momento, ela é a única coisa entre Luthor, que está fora de serviço, e Viktor, que não hesitará em matá-lo. Decida Serafina. Eu só tenho tempo suficiente para salvar um deles, e Claire já fez sua escolha.

— Vá... Deus, vá buscar Luthor então. —Eu me senti enjoada enquanto ele corria para cima enquanto eu andava em direção às escadas, então me virei e marchei de volta para a fornalha. Cyrus voltou, um Luthor encharcado de sangue pendurado em seu ombro.

Acima veio um baque pesado, e poeira caiu sobre nós.

— Viktor Cárpato. Você deve ter magia negra em suas veias para se recuperar disso. —Vovó soou azeda, como se estivesse repreendendo uma criança pequena, não o rei dos vampiros. — Mas desde que você nasceu, eu sabia que você estava podre até o âmago.

Ouvi o clique metálico dela engatilhando a arma. — Você demorou o suficiente para me encontrar.

Meu coração parou quando ouvi o rei rir, o deslizar de algo como facas pelo chão acima de nossas cabeças. Cyrus estendeu a mão e passou o braço em meu peito para me manter no lugar, o outro apertou minha boca.

— Claire Marvelle. — Viktor parecia sem fôlego. — Encontrei você dez anos atrás. Senti sua falta. Matei a sua filha em vez disso. Ou então eu ouvi.

Antes, quando eu tinha audição mortal, Viktor soava como um idiota. Mas agora eu ouvi claramente a nuance cruel em suas palavras, a ameaça por baixo delas, e a promessa de que esta seria a última posição de Vovó. Eu puxei contra o aperto de Cyrus, mas seu aperto era como uma faixa de ferro.

O som afiado e deslizante se multiplicou, e percebi que eram garras.

Fantasmas. *Oh deus, oh deus.*

— Você ouviu errado. Minha filha morreu em Paris há setenta anos. — Acima, Vovó recuou, seus chinelos chiando como uma lixa, parando no centro da sala. Seguiu-se o tropel de botas e o raspar de garras. — Gripe espanhola.

— Faça-a passar pela porta. —Luthor grunhiu, sua cabeça baixa. — Nós temos que tirá-la. Agora.

Eu balancei minha cabeça, quase feliz por Cyrus ainda ter sua mão apertada sobre minha boca porque se eu abrisse, eu teria gritado.

Cyrus me empurrou para a fornalha.

Atrás da caixa cinza enferrujada, havia uma pequena porta grande o suficiente para Luthor. Cyrus abriu a porta, junto com uma nuvem de poeira sufocante. Eu peguei a lanterna no nosso caminho porque eu não estava prestes a ser espremida em um túnel infestado de insetos sem luz.

Pouco antes de Cyrus me empurrar pela abertura, a risada de Viktor me envolveu como um laço, seus passos parando.

Bem no centro da sala.

Bem ao lado da vovó.

Cuja arrogância rivalizava com a dele. — Você é muito velho para ser tão estúpido, Viktor.

O que quer que ela dissesse em seguida foi interrompido com um gorgolejo. Houve um silêncio tenso, e lutei contra Cyrus, socando e chutando para que ele me deixasse subir os degraus e ajudar. Para me lançar em cima de Viktor, arrancar seus olhos, arrancar sua garganta.

Viktor jogou Vovó no chão com um baque surdo, e sangue pingou pelas tábuas do piso, correndo em um fio fino para o chão enquanto eu assistia com um horror mudo. Então Cyrus fechou a porta atrás de nós e me empurrou mais para dentro do túnel, empurrando e empurrando enquanto meus pés tropeçavam em si mesmos e ranho e lágrimas corriam pelo meu rosto.

— Mais rápido, Seraphina, — ele pediu, com as mãos sobre meus ombros, me empurrando para frente enquanto eu abraçava a pintura no meu peito, soluçando. — Devemos ir mais rápido. —Atrás de nós, a respiração de Luthor ficou mais difícil, e o som surdo de raspagem era ele tentando se espremer pelo túnel estreito.

— Eu não posso simplesmente deixá-la. Nós temos que ajudar Vovó, — eu gritei, empurrando contra suas mãos implacáveis que me impediram de virar e voltar para a casa.

Eu sabia que Vovó estava morta.

Sabia, mas não podia me permitir acreditar. Eu queria fingir que éramos pessoas normais, que monstros não viviam no escuro e que vampiros não existiam.

— Mais rápido minha rainha, devemos nos mover mais rápido.

As paredes de terra ao nosso redor balançaram, pedras caindo roçaram meu rosto, e uma nuvem de poeira sufocou o brilho da lanterna. Muito atrás, ouvi Luthor grunhir de dor, então as mãos de Cyrus apertaram meus ombros com força, e meus pés deixaram o chão, meu estômago revirando enquanto voávamos cada vez mais rápido pelo corredor estreito.

O instinto me avisou que estávamos prestes a ficar presos no subsolo quando um calor abrasador passou por nós, transformando o túnel em um forno superaquecido, queimando meu rosto.

Tudo ficou borrado enquanto Cyrus e eu voamos, e eu poderia ter gritado o nome de Luthor – ele ainda estava atrás de nós? — Enquanto uma fumaça preta sufocante inundava o túnel. Eu estava com medo de respirar, com medo de abrir os olhos, mas quando o ar frio atingiu meu rosto, eu suguei o doce aroma de pinho e ar noturno.

Através das árvores, não vi nada além de um clarão amarelo. A casa de Vovó era um inferno furioso, chamas lambendo o céu, o cheiro de fumaça oleosa no vento. Viktor a tinha matado, e tudo que eu sempre chamei de lar era cinza ao vento.

Ele tinha tirado tudo de mim.

Ali mesmo, segurando o retrato de mamãe no peito, jurei retribuir o favor.

Através das árvores, havia sombras se movendo na frente das chamas, formas distorcidas que não podiam ser reais.

Com os braços de Cyrus ainda em volta de mim, me esforcei em direção ao buraco escuro de onde saímos, a nuvem de fumaça espessa saindo dele, cobrindo a grama marrom do inverno. Abri minha boca para gritar o nome de Luthor, mas ele colocou a mão sobre minha boca e me puxou para perto.

— Devemos ficar quietos. Os fantasmas estão ao nosso redor. Luthor vai sair de lá. Você vai ver, ele vai conseguir. —Mas as palavras calmas de Cyrus continham a mesma quantidade de dúvidas que meu coração tinha. O túnel estava desmoronando

- talvez já tivesse desmoronado - e Luthor estava gravemente ferido. Ele poderia voar, como Cyrus, ou ele estava sendo enterrado neste exato minuto?

Eu me recusei a acreditar.

Mas quanto mais olhávamos, mais a realidade entorpecedora se instalava em mim.

Ele estava atrás de nós e mal conseguimos. Eu fui uma tola em acreditar que ele iria se afastar disso...

Os braços de Cyrus eram a única coisa que me segurava quando Luthor emergiu, seus ombros gravemente queimados, seu cabelo ainda fumegando. Ele estava arrastando aquele pé; havia sangue escorrendo de sua cabeça, mas ele estava vivo, e isso era tudo que me importava. Eu me afastei de Cyrus e corri direto para ele, batendo nele, meus braços envolvendo-o enquanto nós dois cambaleávamos.

— Oh Deus... eu pensei...—Eu nem diria isso.

Não quando eu ainda estava chegando à conclusão, ele tinha sobrevivido.

— Eu senti o cheiro dos explosivos no porão, — Luthor murmurou baixinho, me pegando com força. — Fogo de dragão e dinamite. Isso vai continuar queimando por dia. Claire usou a casa como uma armadilha para Viktor. Ela sempre foi uma mulher astuta.

Meu rosto pressionou contra ele, eu só peguei pedaços – explosivos, armadilha... Viktor. Raiva como eu nunca tinha conhecido antes correu para cima, me sufocando com intensidade quente, enquanto visões de Viktor, sangrando e implorando por misericórdia, enchiam minha cabeça.

Sob minha bochecha, Luthor estremeceu, me apertou mais forte, então deu uma risada silenciosa.

— Sede de sangue e vingativo. Vamos torcer para que você veja essa profecia cumprida. Eu, pelo menos, rezo para estar lá para ver também.

Capítulo 23

Seraphina

A grama estalava em algum lugar à nossa esquerda, o som de pés enormes rastejando pelo mato seco. Minha nuca formigou, e eu levantei meu rosto do peito de Luthor para ver o brilho vermelho de olhos fantasmagóricos, três pares pelo menos, brilhando entre as árvores.

Luthor cuidadosamente me colocou de lado, rolando a cabeça, seu pescoço estalando oco.

Eu não sentia mais cheiro de sangue fresco, o que significava que ele tinha parado de sangrar, então ele e Cyrus fecharam fileiras, transformando-se em uma parede sólida de músculos na minha frente. Além da linha das árvores, os fantasmas fediam com aquela podridão do fundo do rio, me engasgando.

Um par de olhos se afastou, desviando para a direita, circulando atrás de nós. Eu coloquei a pintura para baixo, puxei o roupão mais apertado em volta da minha cintura e me acomodei em uma postura defensiva.

A calma mortal se estabeleceu em mim, estranhamente reconfortante depois de passar os momentos passados assustado. Minha magia ondulava para cima, quase

dolorosa enquanto rastejava ao longo dos meus braços, forçando minhas mãos a se curvarem. Desde que eu tinha sido sequestrada, eu estava agindo como uma vítima.

Não mais.

Eles mataram Vovó.

Eles vieram para me matar. E Luthor e Cyrus.

Minha raiva precisava de uma válvula de escape, e esse monstro de olhos vermelhos parecia o alvo perfeito.

— Eles não são tão rápidos quanto você, — Luthor advertiu. — E suas gargantas são a parte mais vulnerável, além do intestino. Eles podem ser presos, como cobras, e a decapitação é a única maneira segura de matá-los. Caso contrário, você vai apenas irritá-los.

— Talvez ela devesse ficar atrás de nós – sugeriu Cyrus.

Foda-se essa merda.

— Ela está cansada de se esconder, — disse Luthor com aprovação. — Ela quer fazer outra coisa além de ficar por perto e nos ver lutar por ela.

— Então veja como é feito, minha Rainha. —Cyrus se lançou contra o fantasma mais próximo, meio escondido nas sombras, depois arrastou a criatura para mais perto.

Eu não tinha certeza do que esperava, talvez algo ainda vagamente humano, talvez algo menos... monstruoso. Eu não sabia de nada, exceto que a magia poderia transformar um corpo humano em... seja lá o que diabos isso fosse.

Apêndices desengonçados se estendiam trinta centímetros mais do que braços humanos, a pele de um cinza maligno, garras substituíam os dedos com precisão

mortal e curva. As pernas da criatura sofreram a mesma transformação, terminando em pés articulados com um trio de ganchos pretos, perfeitos para rasgar carne macia.

Assustada, eu pulei para trás, meus dedos formigando quando sombras negras explodiram de meus dedos, parecendo notavelmente com as que Luthor produziu. Antes que meu cérebro percebesse esse fato, a coisa passou na minha direção, as garras curvas raspando um sulco profundo de grama.

Enquanto o monstro se debatia, Cyrus evitou facilmente seus golpes, movendo-se tão rápido que era pouco mais que um borrão, puxando um braço para trás, deixando-o pendurado indefeso ao lado do fantasma. Houve um estalo, e o outro braço da coisa pendeu frouxamente.

O horror substituiu minha raiva quando Cyrus prendeu a coisa de barriga no chão com o pé descalço, e virou o rosto para mim.

Tinha fileiras duplas de dentes.

Fileiras duplas de dentes afiados como agulhas.

Dentes que rangeram descontroladamente quando o fantasma se aproximou de mim, ignorando completamente Cyrus, que o prendeu no chão, e Luthor, quando ele veio atrás de mim.

— Essa coisa é ... treinada para me caçar?

Por mais ridículo que soasse, não havia como negar o fato de que o fantasma estava fixado em mim sozinho e completamente alheio aos dois machos comigo.

— Viktor implanta uma imagem de sua presa neles, e eles caçam até encontrar você —, explicou Luthor. — E antes mesmo de você pensar, não, seu sangue não vai salvá-los.

Lembrei-me do que ele me disse, que essa coisa já foi membro de uma das casas reais. Qual deles? Eu pensei vagamente para mim mesmo, lutando para ver como alguém, mesmo Viktor, poderia condenar um ser vivo a esse tipo de destino.

Os olhos do fantasma queimaram mais vermelhos quando Cyrus desceu com mais força, esmagando sua garganta. O brilho vermelho em seus olhos diminuiu, mas suas garras ainda se contraíram, aquela boca ainda rangeu. Não estava morto, não inteiramente, e me perguntei se eles eram capazes de se reanimar.

Outro saltou para o nosso meio. Luthor a segurou antes mesmo de atingir o chão, e o estalo de madeira seca dos braços do fantasma se quebrando ecoou pelas árvores. Fiquei fora do alcance de suas garras trêmulas.

— O último está vindo, Seraphina, — Luthor advertiu, voltando ao meu lado, seu tom calmo e reconfortante. — Não pense muito nisso, apenas relaxe seu corpo e deixe suas mãos caírem para os lados. Você precisará pegar os braços e dobrá-los para trás até que quebrem. O instinto assumirá o controle e fará o resto.

Eu duvidava muito disso. Apenas o pensamento daqueles dentes foi o suficiente para transformar meu estômago em uma bagunça. Reorientei, avistei a coisa espreitando em torno de um bosque de árvores, aqueles galhos anormalmente longos flexionando estranhamente a cada passo.

Mas eu apreciei a agilidade do fantasma quando ele saltou, a destreza em câmera lenta de suas ancas apertando, a maneira como ele jogou seu peso para frente quando saiu do chão. Eu não pensei, apenas confiei em meus reflexos. Em um piscar de olhos, eu estava fora de seu caminho, minhas mãos pegando um braço enquanto ele voava por mim, os ossos cedendo com aquele som horrível.

Quando ele se lançou novamente, eu peguei o outro braço, maravilhado com o quão vagaroso parecia se mover, quase em câmera lenta. Seus braços inúteis pendurados, eu circulei atrás dele e agarrei seu pescoço, então o virei de barriga para baixo, imitando Luthor.

Eu não tinha matado fantasmas no meu cartão de bingo hoje, mas aqui estávamos nós.

— Agora apoie seu pé contra a parte de trás do pescoço dele e segure-o no chão, dessa forma ele não pode alcançá-lo com suas garras traseiras. — Com certeza, mesmo que as pernas fossem estranhamente articuladas e longas, de alguma forma, essa posição as impedia de chegar longe o suficiente para me cortar.

— Pode espalhar essa doença para mim se me morder ou me cortar?

— Não. A magia de Viktor parece funcionar apenas nas criaturas que ele muda diretamente, e sua magia não pode ser transmitida pelos infectados, — Cyrus disse, observando cuidadosamente, seu olhar fixo no meu pé. — Mas mantenha-o preso, sua mordida é dolorosa e essas garras são tão mortais quanto parecem.

Agora que eu tinha a coisa se contorcendo debaixo do meu pé, eu não queria matá-la.

Talvez eu estivesse pensando demais, mas em algum momento, essa monstruosidade tinha sido uma pessoa. Uma pessoa com uma vida e uma família, talvez até alguém que os amasse.

Se alguma coisa, eu senti pena por isso.

Pior ainda, isso poderia ter sido eu, se Vovó não tivesse me esfaqueado.

Ao pensar em Vovó, a emoção brotou em uma bola ardente no meu peito, e quando enxuguei as lágrimas, meu pé escorregou. Apenas a reação rápida de Luthor, que envolveu me jogar para cima de Cyrus, salvou minha perna dos dentes de moedor de carne do fantasma, embora o estalo agudo quando ele quebrou seu pescoço ainda me fez estremecer.

Eu estava tremendo quando Cyrus me colocou gentilmente na grama e se ajoelhou ao meu lado.

Mamãe tinha me ensinado melhor. Assim como Vovó. Eu tirei meus olhos do prêmio por um segundo, e isso poderia ter me custado muito.

Eu não queria lutar contra monstros. Eu queria ir para a escola e trabalhar duro e viver minha vida sem intercorrências em alguma cidade sem intercorrências, longe de toda essa loucura.

Mas esse sonho acabou.

Vovó estava morta. Viktor a tinha matado.

A tristeza tomou conta de mim, e eu mal senti Luthor me levantar do chão da floresta, me levar para longe dos corpos quebrados espalhados na grama.

— Cyrus vai acabar com eles. Não é algo que você quer ver. Temos que nos mover porque duvido que Claire tenha feito muito mais do que desacelerar Viktor.

Eu queria dizer a ele que não importava.

Que Viktor ou seus fantasmas acabariam me encontrando, que Vovó morreu por nada.

Então estávamos voando, as árvores nada além de um borrão escuro, enquanto eu me concentrava em manter tudo no meu estômago para baixo e enterrei meu rosto em Luthor, desejando que eu pudesse fazer tudo isso ir embora.

Capítulo 24

Luthor

Eu mantive um aperto firme em Seraphina enquanto eu nos afastava daquele lugar.

— Espere, minha rainha, estaremos seguros em um momento. —Meu sussurro soou rouco, meus pulmões ainda queimando, minhas costas doloridas pelo fogo do dragão, que queimava com uma dor ímpia.

Cyrus acabaria com os fantasmas, e ele teria ido embora quando Viktor descobrisse que não estávamos dentro da casa quando ele vasculhou as cinzas. Lamentei que Claire tivesse morrido, mas entendi seu sacrifício. Ela deu sua vida por Seraphina.

Eu faria o mesmo.

Assim como Cyrus.

Seraphina já pensava em mim como seu cavaleiro de armadura brilhante, e eu não ia estragar essa ilusão, embora uma vez ela pudesse estar certa. Antes de Viktor colocar suas garras em mim. Antes de passar cem anos em um inferno.

Ela me permitiu entrar em sua cama. Confiou em mim para ser seu primeiro.

Mais uma vez, o remorso azedou meu estômago, mesmo enquanto tentava me convencer de que estava à altura da tarefa.

Eu me importava com Seraphina – a amava – caso contrário, nunca teria completado o ritual. Mas eu era mais um passivo do que um ativo, e essa percepção colocou tudo em risco, incluindo a sobrevivência da minha rainha.

Eu era um vampiro de quatrocentos anos.

Sobrevivi a inúmeras guerras e à maldita corte real sem sequer um arranhão. Eu matei mais da minha espécie do que eu gostaria de lembrar. Eu conhecia dez idiomas diferentes, dois deles extintos, e com o sangue de Seraphina dentro de mim, minha magia estava se recuperando.

Eu sabia o quão poderoso eu era.

Eu estava bem ciente das minhas fraquezas.

Eu sabia exatamente o que eu era, apesar de como Seraphina me via.

Um aleijado. Lento e antiquado. Eu não podia mais vencer ninguém em uma luta de espadas porque meu equilíbrio era uma merda. As sombras não podiam fazer muito, sem uma espada para apoiá-las. Tudo que eu podia oferecer a ela era sábio conselho e conselho, e ela poderia encontrar isso em qualquer lugar.

A ideia me enfureceu, mas eu era inteligente o suficiente para saber que tinha que ser realista.

Sozinho, eu não poderia protegê-la.

Precisávamos de mais guardas, pelo menos dois ou três, embora eu estivesse malditamente sabendo onde encontrar alguém nos dias de hoje. Precisávamos de refúgio, suprimentos e tempo.

Depois vem o Viktor.

Deixando de lado suas emoções, especialmente a forma como seu coração estava partido por Claire, ela queria o sangue de Viktor em suas mãos tanto quanto eu, e eu estava mais do que disposto a ajudá-la a conseguir.

Apenas em uma capacidade mais... consultiva.

Minha Rainha mostrou seu coração mole quando hesitou em matar o fantasma, e se eu não estivesse ali, ela poderia ter perdido um pé. Ela tinha uma alma gentil, mas quando se tratava de Viktor, ela teria que ser implacável.

Ela tinha que ser forte para suportar os intermináveis jogos da corte.

Ela teria que construir uma corte forte, para sobreviver em nosso mundo.

Parte de mim odiava que ela perdesse uma parte de si mesma para se tornar uma de nós, mas parte de mim se alegrou. Eu a ajudaria a escolher sua corte com cuidado, de acordo com suas forças individuais. O Queens historicamente escolhia apenas aqueles que tinham mais a oferecer, como minhas sombras protetoras, que ela logo seria capaz de manejar tão bem quanto eu.

De repente exausto, eu me acomodei em um muro baixo, embalando-a em meus braços. Limpando uma mancha de poeira de sua bochecha, ela estava quase inconsciente, suas emoções encharcadas de perda e luto, lágrimas espremendo entre suas pálpebras.

Ela era delicada, e esperávamos que ela assumisse um reino inteiro.

Eu era um aleijado e inútil.

Melhor eu deixá-la com Cyrus e angariar apoio para sua causa. Encontre mais guerreiros treinados se ainda houver algum vivo. Deixando de lado minha frustração, estabeleci um plano rudimentar.

Uma vez que eu tivesse as coisas no lugar e soubesse que ela estava segura, eu a deixaria.

Uma rainha florescente com uma corte novinha em folha não tinha recursos para carregar um vampiro velho e inútil, e eu me recusei a ser um fardo.

Mas eu ficaria tempo suficiente para que Seraphina crescesse em seu poder, tempo suficiente para examinar sua Guarda Superior. Tempo suficiente para construir uma corte digna dela.

Ela tinha que se tornar rainha.

Viktor havia tirado o suficiente de todos nós, e Seraphina era a única que poderia detê-lo.

Capítulo 25

Seraphina

Embora tivéssemos parado de nos mover, mantive meus olhos bem fechados, repetindo a confissão final de Vovó, aquele baque horrível e oco de seu corpo no chão, seu sangue pingando do teto.

Os monstros malformados que uma vez foram pessoas.

Era tudo tão terrível que eu queria manter meus olhos fechados para sempre.

Foi o suficiente para saber que Luthor me segurou. Melhor fingir dormir do que falar sobre o que acabou de acontecer.

Luthor não me colocou para baixo. Pela frieza no meu rosto, eu sabia que estávamos do lado de fora. Mesmo no frio de dezembro, o calor de seu corpo me manteve confortável; seus braços me fizeram sentir segura.

Senti o cheiro de ozônio – magia de bruxa, como a ala que protegia a casa de Vovó – e me senti um pouco tranquilizada, mas estava captando uma miríade de emoções conflitantes de Luthor. Alívio, o que era compreensível. Arrependimento, provavelmente por Vovó ter sido morto. Mas havia uma profunda, quase culpa, que eu não conseguia entender.

A emoção se intensificou quando ele passou a mão gentilmente sobre meu rosto, enxugando minhas lágrimas.

Algo sobre Luthor parecia estranho, mas eu seria amaldiçoado se eu visse isso através da confusão desta noite. Ele parecia desequilibrado para mim e, embora eu não tivesse um nome para a irregularidade, sabia que estava errado.

Se ao menos eu pudesse voltar aos meus dias humanos, incapazes de ler os rostos das pessoas, muito menos suas emoções, com tanta precisão. Às vezes, a ignorância era realmente uma benção.

— Serafina. —Sua voz era tão terna, me tirando do meu sono simulado, mas eu mantive meus olhos fechados. Eu estava morto de cansaço.

Talvez de alma cansada.

— Serafina. Eu preciso que você acorde.

Minha letargia afundou profundamente, passando pela minha dor e tristeza, transformando meus ossos em chumbo. Mas algo no tom de Luthor me fez notar, e eu abri meus olhos. Estávamos do lado de fora, onde galhos nus de inverno esculpiam a lua e nuvens obscureciam as estrelas.

— Eu nos trouxe ao único lugar que eu sabia vir. Eu não conheço este mundo... o seu mundo. Não entendo seus carros... sua tecnologia. Não sei quais são as regras humanas.

O rosto de Luthor estava envergonhado, e ele parecia envergonhado. Ele disse que a tecnologia era uma linguagem diferente que ele tentou imitar foneticamente. Eu odiava que ele se sentisse envergonhado.

— Duas vezes você me salvou agora, Luthor, — eu disse enquanto ele olhava para a floresta. — Você nos tirou de casa quando não reconhecemos o perigo. Você tomou boas decisões. Você não é fraco, e eu não estou desapontado com você. Você foi isolado do mundo por cem anos. Se não fosse, você saberia tudo o que há para saber sobre este mundo.

Ele colocou uma mão firme atrás das minhas costas e me ajudou a ficar de pé, me acomodando confortavelmente em seu colo com minha cabeça contra seu peito. Apesar de tudo na minha vida desmoronar, eu podia depender de Luthor.

Havia rochas e homens como ele.

— O que você não sabe, eu posso te ensinar. Em troca, você pode me ensinar tudo sobre o mundo dos vampiros das trevas…

— O Clã Darkfell. —Sua boca se contraiu.

— Direita. O Clã Darkfell. —Eu me afastei para dar uma olhada melhor em seu rosto, notando que seu ferimento na cabeça estava completamente curado. — As casas reais. E qualquer outra coisa que eu precise saber.

— É uma lista bem longa.

— Algo me diz que tenho tempo.

Um som estalou na escuridão e, instintivamente, eu me pressionei em Luthor antes de perceber que ele não tinha nem mesmo vacilado. — É apenas Cyrus, o que significa que os fantasmas estão mortos, — ele murmurou, me colocando em uma parede de pedra fria como o inferno. — Eu tenho que baixar as proteções e deixá-lo entrar. —Havia uma pergunta em seu tom, e embora eu entendesse suas dúvidas, eu não tinha nenhuma.

— Faça isso, — eu concordei. — Eu confio nele e o quero por perto caso Viktor no alcance.

Enquanto Luthor fazia algum movimento *woo-woo (magico)* com as mãos, e o cheiro de ozônio se intensificava, tentei descobrir onde diabos estávamos. Mausoléus cobertos de musgo erguiam-se de camadas de folhas marrons, delineadas na escuridão antes do amanhecer como sentinelas solitárias.

Árvores se erguiam acima de nós, seus galhos grossos formando uma parede sólida ao nosso redor. Este lugar era velho; as lápides gastas inclinadas em um ângulo, pedra outrora branca manchada de preto e corroída pelo tempo.

Achei que conhecia todos os cemitérios de Nova Orleans, mas nunca tinha visto esse.

Cyrus emergiu da floresta, poeira soprando dele, um sorriso enorme no rosto.

— Eu eliminei os fantasmas, então Viktor terá que fazer alguns. Seu sorriso diminuiu um watt ou dois. — Isto é, se ele sobreviveu ao fogo do dragão.

— Ele sobreviveu. — Luthor cruzou para a maior das estruturas e agarrou a maçaneta ornamentada, a madeira podre da porta desmoronando enquanto ele a abria antes de me fixar com um olhar calculista. — Ele é tão forte, apenas Seraphina pode matá-lo.

Esse fato foi registrado como um pontinho no meu radar de fatos estranhos e aleatórios que compõem minha nova vida.

— Por que eu sou o único que pode matá-lo?

De alguma forma, eu duvidava da confiança de Luthor. Eu não poderia nem matar um monstro horrível com dentes de navalha. Deus sabe que eu não tive coragem de matar Viktor, não importa o quanto eu quisesse.

— O que Luthor está dizendo é que o sangue da Rainha supera o sangue do rei usurpador bastardo em qualquer dia da semana, — Cyrus explicou suavemente. — Mesmo quando ele está puxando magia de... de onde quer que ele esteja.

Luthor empurrou a porta aberta, mas além daquela antiga porta não havia nada além de escuridão. Após o colapso do túnel, eu tinha minhas dúvidas sobre entrar em espaços fechados apertados, e minha ansiedade aumentou enquanto eu processava o que ele disse.

— Viktor está bebendo de seus guardas? Tipo... o que nós fizemos? Eu não conseguia nem olhar para Cyrus enquanto repassava o que Luthor e eu tínhamos feito.

Sangue.

Sexo.

Intimidade de mudança de vida que estava a anos de uma manhã fria em um cemitério vazio.

— Ele tem que estar roubando magia de pelo menos... vinte ou mais vampiros de nível médio, é o meu palpite. Não consigo imaginar ninguém compartilhando poder com ele, então ele tem que assumir. Você viu ele. —Cyrus encontrou os olhos de Luthor enquanto eu hesitava na frente da porta. Olhando para cima, mal pude ler o nome coberto de musgo sobre o lintel.

FONTAINE.

— Ele não é um ano mais velho, e sua magia... ele passou por aquelas proteções como se elas não fossem nada, — acrescentou Cyrus, mal hesitando antes de desaparecer na escuridão. Eu o segui, forçando-me a superar isso e manter a calma.

Ainda assim, tinha que haver milhares de outros lugares onde poderíamos nos esconder.

Por que um prédio onde pessoas mortas eram armazenadas era nossa única opção?

— As escadas podem estar escorregadias. Apenas siga Cyrus e lembre-se, estou bem atrás de você. Ouvi o barulho áspero da porta se fechando, e todos os sons da floresta foram cortados quando fomos mergulhados na escuridão que fedia a pedra molhada.

Eu peguei a lanterna, embora eu pudesse realmente ver melhor do que eu pensava. O suficiente para distinguir os passos à minha frente, e a cabeça de Cyrus balançando enquanto ele corria por eles.

— Eu esqueci sobre este lugar, Luthor. Surpreendente, ainda está de pé.

— As proteções são mantidas por cem anos, então isso vai servir por um dia ou dois. —A mão de Luthor deslizou para as minhas costas e se tornou uma pressão tranquilizadora. Enquanto descíamos, me ocorreu... eu nunca voltaria.

Eu poderia desejar o normal tudo o que quisesse, mas nunca o encontraria novamente.

Não no mundo humano.

O que quer que minha vida se tornasse, eu teria que me reinventar da maneira mais extrema possível.

Uma rainha vampira. Internamente, eu estava rindo quando realmente queria chorar. Pelo menos eu podia confiar em Luthor — Cyrus também, contanto que ele ficasse por perto e não tentasse me comer.

— Vocês dois trabalharam juntos, não é?

— Trabalhado é um termo relativo. Nós dois servimos a rainha Lyra, mas eu era apenas um guarda júnior, servindo apenas por cerca de quarenta anos. A risada de Cyrus foi pouco mais que uma lufada de ar. — Luthor era nosso comandante, mais preocupado com o treinamento de armas do que com as coisas boas da vida.

— Se você tivesse trinta anos...—Tentei calcular quantos anos isso fazia dele e desisti. — Quanto tempo você serviu, Luthor?

Senti sua hesitação antes de responder. — Duzentos anos. Dar ou pegar.

Eu não poderia nem responder a isso. Os números eram muito absurdos. Vovó tinha mais de cem anos, Luthor era ainda mais velho, e minha mente voltou para algo que Vovó havia dito. — Algum de vocês sabe quantos anos minha mãe tinha?

Ela sempre me pareceu jovem, seu rosto suave e seus olhos risonhos. Um forte contraste com o comportamento salgado de Vovó. Depois que ela morreu, e éramos apenas Vovó e eu, eu senti falta dela. Mas acima de tudo, eu sentia falta de sua risada, sua brincadeira brincalhona, sua bondade. Vovó equiparava bondade com fraqueza e quase nunca ria. Ela nunca, nunca brincou.

Pela maneira como eles trocaram olhares, pensei que não, pelo menos até Luthor limpar a garganta. — Claire disse que estava grávida quando escapou de Viktor. Eu diria que ela teve sua mãe dentro de um ano. Que era 1918.

1918.

Como na Primeira Guerra Mundial. Como no crash do mercado de ações. Como sem eletricidade, vacinas ou encanamento interno. Como em... santo Inferno, não era de admirar que Luthor se sentisse inadequado navegando no meu mundo.

Tão inadequado quanto eu me sentia navegando na dele.

Mais uma vez, fui atingido pelo puro absurdo que estava acontecendo. Talvez fosse o cientista em mim, mas eu simplesmente não conseguia conciliar o mundo dos vampiros com o humano.

— Muita coisa mudou em cem anos, — observei, não para fazer a diferença conhecida, mas para tranquilizá-los. — Isso deve parecer um planeta diferente para você. Vocês dois. Mas algumas coisas não mudam. A maioria de nossas estradas existe desde que esta área foi colonizada. Os carros são mais rápidos, mais brilhantes, mas ainda usam gasolina, ainda têm pneus de borracha. A comida é mais fácil de encontrar, assim como a maioria das necessidades.

— Seja como for, todos nós temos muito trabalho a fazer, — Luthor murmurou se desculpando em meu ouvido. — Eu sei que este lugar não é muito, mas é seguro. Até que Cyrus nos consiga quartos melhores.

Meus olhos se ajustaram completamente quando chegamos ao fundo, uma sala enorme se estendendo diante de nós. Luthor riscou um fósforo, e depois de algumas tentativas – e alguns fósforos – a ponta ganhou vida.

Acendeu um banco de velas, largou o fósforo no chão e esfregou-o com o pé descalço. Ele estava certo. Não havia muito. Uma mesa de madeira coberta de teias de aranha, um tapete puído no chão de pedra e uma cama caída com cobertas roídas por traças na qual jurei nunca dormir.

Quebrando o silêncio, meu estômago roncou de uma maneira definitivamente imprópria.

— Temos que comprar roupas. Sapato. Comida, — eu decidi, minhas mãos suando enquanto fazia uma lista mental do que precisaríamos, que era praticamente tudo.

— Água, talvez algumas bebidas, roupas esportivas com alguns eletrônicos. Eu queria perguntar se poderíamos viver só de sangue, mas isso era outra conversa.

Além disso, meu estômago queria comida. De preferência algo salgado.

— Depois disso, conversamos. Quero saber tudo sobre o seu mundo. Não só eu queria saber, algo me dizia que eu tinha que saber tudo para sobreviver.

Como o mancar de Luthor o desacelerou e sua cicatriz o tornou memorável, expliquei a Cyrus o que era um Walmart, o que precisávamos, e esperei o melhor quando ele me deu um sorriso largo e desapareceu.

Capítulo 26

Seraphina

As costas queimadas de Luthor já estavam cicatrizando, as bolhas desaparecendo como mágica, sua pele ficando rosada, depois branca sob a espessa camada de sujeira.

Fiquei fascinado.

Essa cura acelerada... desafiava a lógica, para não mencionar as leis da física, que agora percebi que foram criadas por humanos para explicar o fenômeno humano. Vampiros, ao que parecia, viviam por suas próprias leis.

Apesar de inúmeras tentativas, não consegui fazer com que mais sombras negras fluíssem dos meus dedos e decidi que devia ter imaginado.

Eu coloquei a pintura em uma prateleira de pedra estreita que se projetava da parede, minha garganta queimando enquanto eu pensava em Vovó tendo tempo para me dar.

O que ela disse.

Cyrus levou várias viagens para reunir o que precisávamos. Tentei não pensar em câmeras de vigilância e imagens de segurança quando ele jogou seu saque no chão, depois partiu para outra incursão na extravagância do varejo que era o século XXI.

Ele era naturalmente curioso e tinha uma afinidade séria por doces coloridos. Separei mais algumas caixas de gomas azedas em sua pilha de doces do tamanho de Halloween, ao lado da lanterna Coleman novinha em folha.

Tínhamos leite, cereais, pão. Manteiga de amendoim 'crocante' e várias caixas de mistura de trilha. Ele conseguiu um edredom king-size, travesseiros e roupas para todos nós em vários tons de cinza suave e cores pastéis brilhantes.

Eu não tive coragem de reclamar sobre seu senso de moda duvidoso quando eu rasguei um saco de carne seca, rasgando a tira de segurança com meus dentes antes de oferecer o conteúdo para Luthor.

Ele deu uma cheirada irônica na carne antes de mordê-la e mastigar pensativamente.

— Provavelmente é como comida de prisão. —Eu me chutei pelo comentário impensado, mas ele respondeu imediatamente.

— Não tínhamos comida, Viktor gostava de nos matar de fome. Isso nos impediu de curar. A fome nos mantinha meio loucos. Você se lembra de como se sentiu quando acordou pela primeira vez? —Eu balancei a cabeça. — Imagine essa sensação, dia após dia. Assim era a prisão.

— Como você não está morto?

— Viktor nunca permitiria que seus brinquedos favoritos morressem. Ele nos alimentaria apenas o suficiente para sobreviver, mas não poderíamos revidar. Ele

gostava de nos torturar, sabendo que estávamos fracos demais para nos curar. Foi o que aconteceu com a minha perna. E o pescoço de Cyrus.

Mastiguei outro pedaço de carne seca, depois desenrosquei a tampa do leite e bebi da caixa, ignorando o pico azedo de tristeza. Vovó nunca gostou quando eu fiz isso, e eu esperava que haveria muitas coisas, nas próximas semanas, que me lembrariam dela.

Depois que mamãe morreu, tudo me lembrou dela.

Tantas coisas pareciam desencadear essa melancolia profunda e sufocante. Do perfume de uma flor a algo que alguém disse, mamãe esteve em todos os lugares que eu procurei por meses.

Então ela desapareceu, até que a única vez que eu pensava nela era se eu tentasse.

Resisti ao impulso de verificar o torrão no meu braço, mas sabia que Luthor estava certo sobre Viktor. Eu acreditava que chamavam pessoas como ele de psicopatas. — Ele gosta de deixar marcas nas pessoas, não é?

Lembrei-me de sua fria satisfação quando viu meu braço.

— Uma das muitas coisas que ele gosta, — Luthor concordou. Deitei-me no edredom, nem mesmo me importando com a pedra embaixo dele, nem que eu estivesse imunda, apenas aliviada por finalmente estar fora dos meus pés doloridos. — Ele gostava de ver até onde poderia ir e ainda nos manter vivos.

Eu estremeci.

Tanto na imagem que essas palavras conjuraram, quanto no tom abafado e resignado que penetrou na voz de Luthor. Eu estava naquele lugar há horas e estava com cicatrizes. Essas memórias me manteriam acordado por muitas noites.

Luthor passou duas vidas lá.

— Eu sinto muito. — Eu tinha me desculpado antes, nem mesmo sabendo do que eu sentia, mas agora... eu senti a dor de Luthor em minha alma.

O que Viktor tinha feito – era capaz de fazer – isso era uma merda de nível psicótico. Que Luthor sobreviveu... não, mais que isso... que ele ainda era um macho sólido e decente apesar disso, não era nada menos que um milagre.

Houve um estalo alto, e percebi que estava esmagando o saco plástico em meu punho.

— Nada do que aconteceu comigo é culpa sua, Seraphina. —Elevando-se sobre mim, o rosto de Luthor se apertou quando ele indicou nossos arredores. — Você merece um palácio. Você merece um banquete, roupas finas, e isso é tudo que posso oferecer a você…

— Agora, — eu terminei para ele, puxando-o para mim. — No momento, isso é tudo o que temos. —Eu o beijei, saboreando o gosto dele, mesmo através da sujeira e sangue. — Mas nada dura para sempre, e uma vez que descobrimos o que vem a seguir…

Eu nunca consegui terminar porque no segundo em que nossas bocas colidiram, Luthor me rolou debaixo dele em um movimento suave, e eu tranquei minhas pernas ao redor de seus quadris, puxando seu pau contra mim, sentindo o cume duro esfregar exatamente onde eu precisava.

Chupei sua língua em minha boca, então estremeci quando a ponta de sua presa afundou em meu lábio inferior, sangue inundando nossas bocas. Então foi uma questão de segurar minha respiração enquanto ele mergulhava fundo, lambendo e chupando, meu corpo ondulando contra o dele como uma maldita onda.

Eu não tinha certeza de como eu tinha ido de lágrimas para vadia em tão pouco tempo, mas o atrito entre minhas pernas era definitivamente uma boa distração da tristeza.

— Serafina. —Por que toda vez que Luthor dizia meu nome eu me molhava? Era como uma coisa de cachorro de Pavlov, ou era apenas aquele sotaque sexy que desencadeou alguma parte profundamente enterrada do meu cérebro primitivo?

Fosse o que fosse, ele poderia apenas mantê-lo.

Falando nisso, Luthor empurrou contra mim, o atrito enviando meu cérebro para a terra da fantasia. Eu me mexi até que ele estava deliciosamente aninhado na minha virilha, e eu nem me senti constrangida.

Não até que ouvi passos.

Nós nos separamos segundos antes de Cyrus chegar ao último degrau, doces e roupas derramando de seus braços quando ele parou. O cheiro de sexo estava pesado no ar, e com o jeito que eu estava corando, não precisava ser um gênio para saber o que ele havia interrompido.

— Merda. Eu uh... preciso... de guarda — Cyrus gaguejou, desviando os olhos enquanto jogava o resto de sua carga sobre a mesa.

— Precisamos de um guarda, e eu preciso fazer a primeira vigília, e então você pode assumir ao anoitecer, quando você estiver... uh, feito. —Ele se virou para ir, mas eu o impedi.

— Você deveria comer primeiro, Cyrus. Você fez todo o trabalho até agora, e eu sei que você está com fome.

— Eu comi dois sacos de carne curada e muitos doces.

Empurrando para os meus pés, eu mordi minha língua para não rir. Seus olhos estavam brilhantes por causa de seu alto nível de açúcar, mas ele cairia logo com nada sólido em seu estômago, e não podíamos deixá-lo fora de ação.

Abri a caixa de talheres de plástico e sacudi uma faca, espalhei dois pedaços de pão com manteiga de amendoim e entreguei a ele.

— Coma isso. —Eu empurrei o galão para ele. — E tome um pouco de leite para lavar.

Não tínhamos copos, e tentei não pensar em retro lavagem enquanto Cyrus o levava à boca e engolia metade do galão. Deste ângulo, eu vi sua cicatriz claramente, e meu estômago embrulhou. Era grosso e branco e ia até a garganta. O tipo exato de cicatriz que pode ser feita cortando a cabeça de alguém.

Se eles não morreram, isso é.

Eu fiz outro sanduíche para ele, então passei manteiga em outro enquanto Luthor assistia com diversão.

— Ele vai continuar comendo enquanto você fizer isso. Você pode ficar na primeira vigília, Cyrus. Luthor encontrou meus olhos, e não havia dúvidas sobre o

que voltaríamos quando Cyrus se fosse. — É hora de Seraphina aprender sobre seu novo mundo, e a narrativa levará algum tempo.

O aviso de Cyrus foi meio abafado por sua boca cheia de manteiga de amendoim e pão. — Certifique-se de explicar sobre as cortes e a realeza. Ela precisa estar preparada para esses idiotas.

Eu não tinha certeza se isso era pena nos olhos de Cyrus quando ele olhou para mim, mas ele estava na metade do seu quarto sanduíche quando ele desceu de volta os degraus.

Capítulo 27

Luthor

— É verdade? — A voz de Seraphina permaneceu deliberadamente calma, embora a raiva fluísse dela. — Viktor realmente tentou cortar a cabeça dele?

Eu não queria falar sobre Victor. Eu nem queria falar sobre Cyrus, mas não tínhamos o luxo de adiar segredos. Meu trabalho, como seu primeiro, era expor tudo para ela, fazê-la entender o que estava em jogo. O que significava que Seraphina estava prestes a fazer um curso intensivo em todas as coisas sobre vampiros.

Mais importante, ela tinha que entender... precisávamos dela. Ela não podia simplesmente ir embora.

Se a crueldade de Viktor foi o que convenceu Seraphina a lutar pelo trono, que assim seja.

— Preciso começar do começo porque o Darkfell Clan é uma teia complicada de casas reais, lutas pelo poder e antigas traições. Os vampiros guardam rancor para sempre, e alguns deles remontam a séculos. Quanto mais você souber, melhor poderá navegar em seu novo mundo.

Estendi-me no cobertor — ela o chamava de edredom — e dei um tapinha no lugar ao meu lado. Meus olhos foram para a pintura do tamanho de um livro apoiada

na prateleira. Significava algo para ela, e eu tinha visto Claire deslizar para ela quando tudo foi para o inferno.

Mas essa história poderia esperar.

Ela se acomodou ao meu lado, mergulhando no saco colorido de carne em conserva. Foi uma das piores merdas que eu já provei, fortemente contaminada com produtos químicos, mas pelo menos era comida. Enquanto ela parecia gostar, eu rezei para que ela não me fizesse comer mais.

— Desde que os vampiros existem, eles são governados por uma rainha.

— Vampiros são selvagens, mas eles reconhecem instintivamente a hierarquia de sangue. Faz parte do nosso DNA. Eles perceberão o poder em seu sangue e sua magia e obedecerão a você. —Eu não acrescentei... antes que eles te traiam porque esse era o meu departamento. — Uma verdadeira rainha só vem a cada poucas centenas de anos, forte o suficiente para sobreviver à Ascensão e magia forte o suficiente para segurar o trono.

— E quanto a esta corte que Cyrus mencionou? Ele parecia ter certeza de que eles eram uma ameaça.

Maldito Cyrus e sua boca grande.

— A corte real é composta por sete casas reais – Cormier, Carpathian, Rayne, Dubois e Gaunthier – mais nós, os Marvelles e os Fontaines.

— Alguns serão aliados, alguns inimigos, mas quando eles se unirem, será um labirinto mortal de enganos e intrigas. Um lugar onde as lealdades mudam diariamente, e qualquer um pode te apunhalar pelas costas. —Eu segurei seu queixo suavemente e levantei seu rosto para que ela visse a verdade em meus olhos.

— Para ter certeza de que você entende o perigo, quero dizer isso literalmente.

Ela inclinou o saco aberto para mim, e eu relutantemente peguei a fatia de carne seca oferecida.

— Você terá inimigos. Alguns você terá que destruir. Você terá que alavancar seus aliados. Todo o tempo tomando decisões que afetam a todos. Decisões que serão ressentidas por alguns.

— Bem, isso soa como um cenário perde-perde com muito pouca vantagem.

— Qualquer posição de poder geralmente é.—Eu me deitei, forçada a usar minhas mãos para ajustar minha perna ruim, mas Seraphina não percebeu. — Eu sei disso. Viktor aterrorizou o clã desde que assumiu o trono, deixando muitos corpos em seu rastro – corpos reais. O clã deve estar pronto para a mudança.

— Acho interessante você ser liderado por uma mulher. —Sua voz ficou pensativa. — O mundo humano é principalmente dirigido por homens. É difícil para uma mulher chegar a uma posição de poder. Chamamos isso de teto de vidro. Você pode ver onde deveria estar, mas nunca chegará lá.

— Isso porque os humanos nunca entenderam que as mulheres são líderes melhores. —Enquanto ela não estava olhando, joguei a carne nas sombras, rezando para que não houvesse ratos. — Os humanos têm vidas curtas e memórias ainda mais curtas. Eles tendem a repetir os erros do passado.

— Tão verdade.

— Com que frequência sua raça foi à guerra apenas no século passado? Os homens resolvem suas diferenças com balas e baionetas. As mulheres usam palavras.

—Eu vi pela expressão dela que ela não entendia onde eu queria chegar com isso, e provavelmente parecia uma das aulas de história chatas de Claire.

— Ao contrário dos humanos, não existem muitos vampiros. A última vez que eu sabia, havia um punhado de clãs nos estados, vários maiores no exterior, além de alguns lobos solitários cujas afiliações não eram claras. Se os vampiros passassem tempo guerreando entre si, já teríamos sido extintos há muito tempo. Mas sob o governo de uma rainha… o mundo dos vampiros prosperou por séculos.

Ela parecia confusa. — Prosperou? Não sei... pelo que vi, sua raça é muito sanguinária. Quero dizer, vamos lá, fantasmas? Quem faz isso com outro ser vivo?

— Homens, — eu disse amargamente. — Homens fazem esse tipo de coisa. Uma de nossas leis mais antigas nos proíbe de criar fantasmas. Escravos... na prática é desaprovada, mas não proibida, embora nenhum vampiro que se preze crie escravos. Tudo mudou quando Viktor assumiu o trono e o transformou em um martelo.

Escolhi minhas próximas palavras com cuidado.

— Embora as rainhas nem sempre sejam... benevolentes, elas são justas. As casas nunca tiveram que esconder suas filhas. Eles nunca viveram sob o tipo de medo que Viktor espalha, para manter o controle. As rainhas nunca tomam o trono pela força, elas chegam ao poder porque são as herdeiras legítimas.

— Não me sinto herdeira de nada. Na verdade, sinto vontade de fugir o mais longe possível de tudo isso.

— Eu não culpo você. —Desta vez, quando ela ofereceu a bolsa, balancei a cabeça. — Se você decidir ficar e retomar o trono, não vou mentir. Será guerra. Viktor vai lutar com tudo o que tem para manter seu poder.

Eu lutei por um segundo, me perguntando se eu a estava empurrando para algo que ela não queria, mesmo que ela tivesse nascido para isso. Mesmo que não tivéssemos outras opções.

— Ele sente que o trono é dele, desde que a família dos Cárpatos executou o único golpe que nossa espécie já viu. Em poucas horas, eles purgaram o clã Darkfell de todas as rainhas de sangue e qualquer mulher que pudesse ser considerada como Rainha. Incluindo minha mãe e três irmãs.

Seraphina ficou rígida ao meu lado, mas eu não queria que ela tivesse pena.

Eu precisava que ela entendesse o que estava em jogo.

— Lorde Vane Carpathiano pai de Viktor foi conselheiro da Rainha Lyra. Sempre achei que o golpe foi ideia dele. Ele tinha o apoio da Casa Gaunthier – eles fornecem nossos militares – junto com uma centena de mercenários contratados, e eles se infiltraram na festa real de Samhain. No final do dia, a rainha, sua guarda e aqueles leais a ela estavam mortos, e Viktor Cárpato foi coroado rei.

Com os olhos fixos em mim, ela brincou com a borda do cobertor. — Este foi o massacre, aquele que você e Vovó sobreviveram?

Lutei para manter contato visual, quando minha vergonha me fez querer baixar o olhar.

— Eu nunca vi isso chegando. Naquela noite... foi qualquer outra ocasião real. Jantar, risadas, as brigas internas costumeiras da corte — quem se sentava onde, quem estava vestido melhor — esse tipo de coisa.

— Alguma coisa assim já aconteceu antes?

— Não. — Como eu poderia explicar a inquietação que senti naquela noite? A atmosfera tensa e ansiosa que eu havia descartado como nervos da corte?

Não, meu instinto sabia que algo estava errado, mas eu tinha sido complacente.

— Como você iria saber, então?

Eu me senti doente com sua fé cega em mim. Mal colocado, na melhor das hipóteses, e talvez fosse culpa, mas minha confissão saiu de mim, palavras que eu nunca disse antes a ninguém.

— Eu sabia. Senti a mudança no ar e, olhando para trás, posso identificar o momento antes de atacarem. Mas eu baixei minha guarda. Ficou preguiçoso. E meu lapso nos custou tudo.

— Tenho certeza... — sua voz sumiu enquanto ela procurava meu rosto.

— Você tem certeza que eu fiz tudo o que pude? —Eu ri amargamente.

— Confie em mim, eu não fiz. Eu falhei com todos. Minha rainha. Meu homem. Minha família. Às vezes acho que Viktor só me manteve vivo para que eu pudesse lembrar de todos que eu ... alguns dias eu mal me importava com o que ele fazia comigo, eu desejava estar morto, porque então... tudo estaria acabado.

Sua mão cobriu a minha, seus pequenos dedos trabalhando entre os meus.

— Você, Luthor Fontaine, é um bom macho. Um macho que cuida de quem está ao seu redor e cuida de seus amigos. Às vezes, isso é tudo que você pode fazer. Às vezes, você não pode ver tudo. E às vezes, pessoas boas são falíveis.

Culpa fresca borbulhou em mim.

Era quando eu deveria ir embora. Mas com o pensamento, cada músculo se retesou dolorosamente e meu pau se contraiu.

Não, eu não podia deixá-la, ainda não.

Eu garantiria que ela estivesse bem protegida, com uma corte forte e uma guarda invencível.

Além disso, se ela soubesse que eu estava pensando em ir embora, ela se preocuparia, e eu não poderia aceitar isso.

— Eu era o capitão de Lyra. —Deixei de fora a parte do amante, imaginando que isso era óbvio. Quando afastei minha mão da de Seraphina, passei-a pelo meu cabelo. Ou tentei, já que meu cabelo estava uma bagunça endurecida e congelada. Ela estava em frangalhos também, e eu percebi que tínhamos que tirar esse sangue e sujeira de nós. — O que aconteceu foi inteiramente minha culpa. Mas posso te prometer uma coisa.

— O que é isso? — Ela perguntou com a voz rouca.

— Eu nunca vou falhar com você dá mesma maneira, desde que eu sirva você. —Cuidado, eu fui tão cuidadoso ao escolher minhas palavras. — Vou mantê-la segura e nunca permitirei que um fio de cabelo de sua cabeça seja prejudicado. Isso eu juro para você.

— Eu acredito em você. —Ela suspirou e se aconchegou com força, seus braços em volta de mim. — Você não tem que fazer tais declarações formais, Luthor. Eu posso sentir suas emoções. Eu confio em você para me manter seguro. Mas também não espero que você seja perfeito.

Perfeito. Eu queria rir.

Eu estava tão longe de ser perfeito que era risível. Em vez disso, cambaleei sobre meu pé bom, amaldiçoando minha perna aleijada. Estendendo minha mão, puxei Seraphina para cima, então indiquei a porta em arco no fundo da sala.

— Precisamos tomar banho. Há uma piscina no outro nível abaixo. É alimentada por uma fonte termal, ou pelo menos costumava ser.

— Uma piscina coberta. —Houve um pequeno suspiro no final. — E aqui eu me resignei a ser incrustado na sujeira no futuro próximo.

Ela caminhou até a mesa e vasculhou as pilhas de mercadorias que Cyrus havia adquirido. — Seu amigo tem um gosto duvidoso. Mas acho que estes servirão. —Ela ergueu uma camisa escura e calças, mediu-as contra mim, então assentiu. — Sim, estes definitivamente servirão.

Capítulo 28

Seraphina

Uma fonte termal subterrânea era a última coisa que eu esperava encontrar debaixo de um mausoléu abandonado em um cemitério assustador.

Mas eu não podia mentir, isso era exatamente o que eu precisava agora.

Minha pele coçava por causa da sujeira que trabalhava entre minhas roupas, cobria meu rosto, enchia meus sapatos. Quando Luthor pousou a lanterna, a água era um espelho preto e frio, totalmente imóvel, exceto pelos tentáculos de vapor subindo da superfície.

— Quão quente está?

— Quente o suficiente para ser confortável. —Ele mancou e testou, as ondulações brilhando à luz do lampião. — Assim como eu me lembro.

— Você construiu este lugar? — Eu perguntei, desamarrando o roupão minúsculo, deixando-me em um sutiã esportivo e calcinha. Eu nunca tinha mergulhado nua antes e brinquei em mantê-los. Pelo menos até Luthor abrir o zíper de sua calça jeans, seu pau perfurando enquanto minha boca salivava.

O cachorro de Pavlov, de fato.

— Todos nós precisamos de nossos refúgios, — foi tudo o que ele disse, antes de seus olhos piscarem para os meus, segurados, então um sorriso lento rastejou em seu rosto.

— Tire isso, Seraphina. Estão muito sujos.

Deus, quando ele disse isso assim - *suuujo*- com aquele pequeno sotaque no final, meus dedos dos pés se curvaram. Minha vagina se apertou e chorou de alegria, enquanto eu repetia ele batendo em mim. Desta vez, porém, haveria água.

Não que precisássemos de lubrificação extra.

Eu me mexi para fora do sutiã esportivo - sério, tinha que haver uma maneira melhor - então deslizei a calcinha pelas minhas pernas, seus olhos seguindo o movimento, suas presas crescendo mais até cobrirem seu lábio inferior.

— Entre na água, Seraphina. — Estremeci com o comando em sua voz. — Há uma prateleira baixa na qual você pode se sentar, coloque um pé sobre a borda e você a encontrará.

Assim como ele disse, meu pé deslizou na água, o calor me envolvendo em um abraço sonhador. Um movimento rápido e minha bunda estava em uma prateleira lisa, minhas pernas borrões brancos sob a superfície fumegante.

Eu não estava tão quieta, me sentia tão normal, desde que saí da aula naquela noite - poderia ser quase uma semana atrás, agora?

Eu precisava descansar meu cérebro, deixar-me processar que a vida era completamente diferente. Quando Luthor mergulhou perto de mim, eu o vi jogar água no rosto, os riachos marrom-avermelhados, saindo toda a sujeira.

Depois de um momento, fiz o mesmo, e quando lavamos tudo, deixei que ele me colocasse ao seu lado, deliciando-se com o fato de que não estávamos correndo por nossas vidas.

Mas agora que eu não estava correndo para salvar minha vida, aquela sensação assustadora de poder adormecido pressionou para fora, e eu estendi minha mão debaixo d'água, observando alguma força invisível enviar ondas em cascata pela água.

— Sua magia é forte, — Luthor sussurrou. — Continuará a crescer à medida que você constrói sua corte, extrai o poder deles. —Meu cérebro se agarrou ao fato de que a palavra era plural, mas antes que eu pudesse descobrir o porquê, as mãos de Luthor deslizaram sobre meus ombros e começaram a amassar, meu corpo se transformando em manteiga.

— Podemos ficar aqui enquanto as proteções durarem. Alguns dias, pelo menos. Cyrus e eu continuaremos a ensinar o que você precisa saber. Juntos, alimentaremos seu poder até que você esteja forte o suficiente para deixar este lugar.

Mais uma vez, meu cérebro se prendeu a certas palavras – alimentação, poder, juntos – mas elas eram como ar. Eu não conseguia agarrá-los com força suficiente para entender seu significado.

— Para onde devemos ir a seguir? — Lembrei-me de todas as mudanças, corridas e mentiras que fiz enquanto crescia, e não queria viver assim de novo. — Eu não tenho nenhuma ideia, então espero que você tenha.

— Cyrus tem um primo. Ele é um daqueles que mencionei antes... um solitário. Ele se escondeu anos atrás, então há uma possibilidade de que Viktor nem se lembre que ele existe. Quando eu assumir a vigilância, Cyrus sairá para encontrá-lo. Se ele ainda estiver vivo…. E dispostos, ficaremos lá.

— O que significa que estamos fugindo.

— Só até que você esteja forte o suficiente para ascender ao trono. Para isso, você precisa permitir que seu poder cresça e prenda mais guardas a você.

— Como nós fizemos? — Eu estava caindo em uma névoa reconfortante e sonhadora – exausta, mas contente – enquanto as mãos de Luthor massageavam cada uma das minhas preocupações. Quando ele me virou para encará-lo, me levantando em seu colo, deixei meus braços em volta dele, deitando minha cabeça em seu ombro.

— Assim como nós fizemos. — Uma das minhas pernas deslizou entre as dele, até que meu núcleo descansou em sua coxa, minha cabeça dobrada sob seu queixo enquanto seus dedos deslizavam sobre minha pele. Eu não conseguia me lembrar de alguma vez estar tão confortável.

E eu não queria falar mais.

Eu queria outra coisa dele.

E ele sabia disso.

Minha respiração saiu dos meus pulmões quando sua coxa bateu para cima, aqueles músculos duros pressionando meu clitóris, enviando raios de luxúria através de mim, me deixando acordada e querendo.

Antes eu estava morrendo de fome e tinha deixado a fome tomar conta de mim. Desta vez eu fui minuciosa quando corri meus dedos pelo rosto dele, sobre aquelas maçãs do rosto incríveis. Desta vez, um lampejo de raiva passou por mim enquanto eu traçava sua cicatriz. Uma raiva mais profunda e sólida.

O tipo pelo qual você exigia retribuição.

O tipo pelo qual eu faria Viktor em pedaços.

As sombras desapareceram dos olhos de Luthor, deixando-os pálidos e brilhantes, iluminados com uma luz etérea. Quando ele sorriu para mim, eles me perfuraram direto. Como se ele visse meus pensamentos mais íntimos.

Luthor me deixou ir primeiro; seus lábios eram macios e flexíveis sob os meus enquanto eu estabeleci o ritmo.

Lento.

Desta vez, eu queria que fosse lento e sem pressa, como se tivéssemos todo o tempo do mundo. Eu queria ouvi-lo gemer. Eu o queria estremecendo debaixo de mim enquanto eu... bem, eu não sabia exatamente o que eu faria, mas tinha algo a ver com seu pau e minha boca.

A água estava lambendo minha cintura enquanto eu deslizava para frente e para trás em sua coxa, minha boca se movendo na dele, nossos lábios molhados e escorregadios, nossas línguas mergulhando fundo antes de eu pressionar a ponta em uma de suas presas e me empalar nela com um ponta afiada. Sangue inundou nossas bocas, pingou do canto da minha. Vagamente, senti o calor deslizar pelo meu pescoço antes que Luthor se afastasse e o afastasse com a língua.

Seu peito arfando, ele olhou para mim, adoração em seus olhos. — Como você me quer, Seraphina? — Ele perguntou com a voz rouca. — Eu vou fazer isso bom para você. Melhor do que antes. Eu sou seu.

Claro que sim, eu pensei. Como eu quero ele? Mais importante, o que eu quero?

Eu deslizei para fora dele, sentindo o chão da piscina cair um pouco enquanto eu pisava na água. — Sente-se na borda, Luthor. — O teto baixo transformou meu pedido em um eco oco; os sons de respingos tornaram-se ruído ambiente quando ele

levantou seu corpo poderoso para fora da água, seus músculos brilhando enquanto ele seguia minha direção.

— Abra suas pernas... mais largas. — A respiração saiu de mim quando vi o tamanho de sua ereção.

Será que ele caberia na minha boca?

Eu flutuei mais perto, meus pés pegando o fundo rochoso até que ele estava na altura perfeita para o que eu tinha em mente. Apoiando minhas mãos em seus joelhos, eu me inclinei, encaixei minha boca sobre a cabeça de seu pau e chupei. Seu corpo inteiro estremeceu, e eu me afastei, pedindo desculpas.

— Eu realmente não sei o que estou fazendo.

Eu gostei da sensação dele na minha boca, no entanto. Eu queria devorá-lo inteiro, mesmo sabendo que não era possível. Desta vez eu relaxei minha garganta e o engoli profundamente.

— Você está indo muito bem. —Com um gemido, suas mãos bateram nas minhas, me prendendo no lugar, não que eu quisesse me mover.

Não, eu gostava dessa sensação, minha boca cheia, ele fazendo aqueles ruídos deliciosos e retumbantes que me incitavam a ir mais rápido. Mais fundo. Corri minha língua ao longo da crista de sua cabeça, depois para cima e sobre ela, encontrando a fenda no topo.

Quando eu pressionei a ponta da minha língua na fenda em sua cabeça, ele saltou para fora da borda, e uma série de maldições murmuradas encheu o ar úmido.

Poder como eu nunca tinha conhecido me encheu. Eu poderia controlar Luthor.

Eu podia fazê-lo sentir coisas que ninguém mais podia.

Prazer, do tipo que eu só tinha sonhado.

Pela primeira vez, me senti sexy.

Sedutora.

Seu pau saiu da minha boca, e eu corri minha língua pelo comprimento dele, enrolando em torno de suas bolas, então lambi de volta, mais lento desta vez, observando seu rosto o tempo todo. Ele estendeu a mão trêmula, enfiou os dedos pelo meu cabelo, seus olhos tão intensos que estavam em chamas.

Havia poder... e então havia isso.

Poder para desfazer um homem como Luthor. Poder para fazê-los sentir.

E naquele momento, eu sabia exatamente o que eu queria.

Eu o puxei para a água, praticamente afundando quando ele bateu em mim. Sua mão segurou minha bunda, me levantou, então seu pau subiu dentro de mim, minhas pernas envolvendo seus quadris enquanto ele pulsava em mim, água espumando ao nosso redor, meus dedos cavando em seus ombros como garras.

Eu descobri minha garganta, rezando para que ele soubesse o que eu queria, e ele atacou com força. A dor aguda de suas presas afundando foi instantaneamente aliviada pela pressão quente de sua boca enquanto ele chupava.

Então eu estava cavalgando ondas de sensação, a fricção dele dentro de mim, a pressão quente e úmida de sua boca, seu enorme corpo se agitando embaixo de mim.

Isso era erótico da maneira mais primitiva, e eu estava vagamente ciente de que o ar havia mudado. Estava cheio de um aroma profundo e picante. Sexo, talvez, ou nossos aromas se combinando para criar algo totalmente novo e totalmente único.

A mão de Luthor foi para a minha nuca, sutilmente me reposicionando enquanto sua boca apertava minha garganta, e ele puxou grandes goles de sangue. Comecei a flutuar, a fricção deslizante entre nós apertando o desejo enrolado dentro de mim, mais e mais apertado até explodir para fora, meu corpo tremendo, mãos apertando os ombros de Luthor, sons ecoando do teto que não soavam remotamente humanos.

A língua de Luthor varreu minha garganta, e então ele pressionou minhas costas contra algo duro e me fodeu. Tão duro e tão rápido, ele era uma fera com um pescoço tenso, seu rosto rígido enquanto ele congelava, então se esvaziou em mim, nossos corpos batendo um contra o outro.

No silêncio mortal, havia sua respiração irregular e minha descrença atordoada de que qualquer coisa – mesmo sexo – pudesse ser essa alteração mental.

Quando o zumbido da cabeça diminuiu, percebi que minha boca doía, pontos gêmeos de dor que sondei com a língua, encontrando algo duro sob minhas gengivas. Olhei para Luthor interrogativamente. — É estranho, minha boca dói.

— Prensas. —Luthor respirou. — Eles estão entrando.

Ele me colocou gentilmente no parapeito, então inclinou a cabeça para trás, apontando para o ponto entre o músculo tenso. — Bem aqui. Você vai querer bater forte, depois morder com firmeza e não se preocupe em me machucar.

Só de olhar para a garganta dele... Ouvindo aquele fluxo abafado de sangue tão perto da superfície, uma fome desesperada brotou, limpando tudo à sua frente, especialmente o bom senso. Sem pensar, eu o mordi, meus dentes rombos afundando profundamente, mas não penetrando, embora o gosto salgado dele fosse delicioso à sua maneira.

— De novo, Serafina. Morda mais forte.

Deus, eu não queria machucá-lo, mas ao mesmo tempo, a saliva se acumulava na minha boca. Seu sangue estava delicioso, e desta vez, quando mordi, senti uma dor aguda, a estranha sensação de meus dentes se reorganizando. Então o sangue de Luthor inundou minha boca, e eu não consegui beber rápido o suficiente.

— É isso, tome mais... tanto quanto você precisar. Mais Serafina.

Ele apoiou a mão na parte de trás da minha cabeça e me segurou lá, sua voz soando um pouco distorcida quando subi em cima dele, afundei em seu pau e comecei a deslizar para cima e para baixo, a enorme cabeça me esticando, cada puxão em seu pescoço enchendo minha boca com seu sabor de chocolate amargo.

Parte do meu cérebro ficou horrorizado com minhas ações.

A maioria de mim, no entanto, queria fazer isso para sempre.

Capítulo 29

Seraphina

Horas depois, Luthor e eu flutuamos na piscina, onde a paz que eu sentia estava em desacordo com o êxtase que veio antes dela.

Minhas presas ainda latejavam com uma dor profunda que me fez querer morder com força, colocar pressão sobre elas para aliviar a dor. Com meus olhos fechados, nossas mãos mal se tocando, minha mente saltou de uma revelação para outra.

Presas. Eu tinha presas.

Eu queria ser Rainha.

Para alguém que nunca se interessou por poder de qualquer tipo, eu queria muito isso.

— O que você pensa sobre? — A mão de Luthor roçou a minha, o mais leve toque de seus dedos, só para me deixar saber que ele estava aqui, consciente, preocupado.

— Nada. *Tudo.*

— Você está preocupada. Com medo. Sobre ser rainha?

— Eu sou. Eu nem sabia que existia outro mundo. Agora eu deveria governar um monte de gente que eu nem conheço. Isso é muito para absorver, especialmente quando não entendo nada.

— Você tem tempo para aprender.

— Não muito tempo. — Talvez se eu mantivesse meus olhos fechados, pudéssemos voltar ao nosso silêncio sociável.

— Não, — ele concordou. — Mas Cyrus e eu vamos ajudá-la, e você não precisa aprender tudo de uma vez. A parte quem é quem é uma obrigação, é claro, assim como explorar todo o potencial do seu poder. Quanto ao resto …

Havia uma tristeza em Luthor que não existia antes, percebi. Algo no tom oco e profundo de sua voz me disse tudo o que eu precisava saber. E isso foi antes de eu ler suas emoções, mais fácil quando eu não podia ver seu rosto.

Mais fácil aqui, no escuro, a quietude da água ao nosso redor.

Luthor estava travando uma batalha interna. Sobre o quê, eu não sabia, mas a tensão era aparente, mas eu não sabia como alcançá-lo. Ou se eu deveria, já que algumas coisas eram privadas e deveriam ficar assim.

— Casa Fontaine. Casa Marvelle. — O ar estava vaporoso quando respirei outra vez. — Casa dos Cárpatos. Casa Gauthier.

Essas eram as únicas famílias que eu lembrava.

Duas dessas famílias que Viktor tentou eliminar.

Ele falhou.

Decidi ali mesmo que não cometeria o mesmo erro.

— Quando tiver a chance, matarei Viktor. — Sem querer, as palavras soaram como um voto, e talvez fossem ecoando de volta para mim como se magicamente amplificadas pela água. — Não sei como ou quando, mas quando sou forte o suficiente, é isso que acontece.

Uma miríade de emoções saiu de Luthor, e eu as escolhi, arrependimento, orgulho, medo... vergonha. Preocupe-se com a ideia de que ele não poderia me proteger adequadamente.

— Você se lembra do que a bruxa disse? — Corri meus dedos ao longo do sulco profundo em meu braço, pensando na perna de Luthor. Quão forte ele seria, se ele não tivesse sido tão danificado?

— Maria?

— Sim, ela. Ela disse algo antes que ela desaparecesse no ar. Uma vez que o rei esteja morto, nossas feridas serão curadas. Acho que não sei exatamente como, mas eu, por exemplo, mal posso esperar para me livrar dessa coisa.

Ele estava tão quieto que estendi a mão, escovei seus dedos para ter certeza de que ele ainda estava lá.

— Viktor esculpiu os músculos da minha perna, — ele finalmente disse, e meu estômago caiu. — Ele esperou até que eu estivesse quase morrendo de fome, para ter certeza de que eu não iria me curar. Levou meses para minha perna cicatrizar, meses de infecções tão graves que pensei que ia perdê-la. Às vezes eu acho que poderia ter sido mais fácil se eu tivesse. Ou se eu tivesse acabado de morrer, mas Viktor não permitiria isso.

Deixei meus pés caírem até que eu estava pisando na água e observei Luthor, olhos fechados, meio submersos, tranças flutuando ao redor de sua cabeça como cobras marinhas. Aquele tom morto e resignado, aquele que eu estava aprendendo que ele usava sempre que transmitia alguma memória terrível, quase me matou.

— Você o conhecia, certo? Antes de matar a Rainha?

— Ele era um amigo. — A água pingava do teto durante a pausa. — Pelo menos, eu o considerava um. Acho que foi por isso que ele não me matou. Ou Cyrus. Além do fato de sermos mais duráveis do que o prisioneiro médio, ele sempre teve ciúmes da Alta Guarda, de nosso acesso à Rainha, da familiaridade que compartilhávamos.

Eu nem queria descompactar o final dessa revelação porque provavelmente significava o que eu achava que significava. Claro, ele se alimentou de Lyra. Claro, ela se alimentava dele... entre outras coisas, era assim que essa relação rainha-guarda funcionava. Embora eu soubesse que não era o primeiro, até agora eu não tinha entendido completamente que Lyra tinha vindo antes de mim.

Em todos os sentidos.

Uma pontada de ciúme passou por mim antes de eu desligar.

Isso era sobre Luthor. Nem eu, nem a Rainha, nem mesmo Viktor.

— Ele manteve você por perto porque você já compartilhava um tipo de vínculo, e ele descontava suas frustrações em você porque gostava de se sentir poderoso. — Obrigada, Psique 101 por toda a sua ajuda. — Ele não te alimentou porque, se o fizesse, ele sabia que você sairia daquele lugar em um piscar de olhos.

Lembrei-me da forma como a parede de pedra desmoronou sob os dedos de Luthor, como se fosse um castelo de areia na praia. — O que eu não entendo é como Vovó conseguiu ficar um passo à frente dele todos esses anos. Mamãe também.

— Se ela estivesse viva, essas são perguntas que eu adoraria ouvir as respostas. Mas meu palpite é que ela teve ajuda. Marie Laveau, por exemplo. Deve haver simpatizantes nas casas reais. Mais deles agora que Viktor os aterrorizou por décadas. Mesmo na prisão, ouvimos rumores. Os companheiros de prisão falaram, os guardas também.

— Que tipo de rumores? — Eu não precisava adicionar combustível ao meu fogo de eu-odeio-as-vísceras de Viktor, mas eu tinha que entender o escopo do que eu estava entrando.

— Existem histórias de horror que se espalharam pela prisão. A crueldade de Viktor é famosa e só é superada por sua paranoia.

— As meninas que foram trazidas... ele pensou que uma de nós poderia ser uma futura rainha?

— Ele pensou certo, não foi? —Luthor parou pensativo, seus olhos ainda fechados.

— Suponho que sua paranoia, pelo menos, foi correta no final. Embora, quando eu percebi...—Sua voz sumiu antes que ele virasse a cabeça, fixando aquele olhar pálido em mim.

— Naquela noite, quando percebi quem você era ...

Eu balancei nas ondulações em expansão quando ele balançou a cabeça.

— Muitas meninas passaram por aquele lugar ao longo dos anos. Nunca pensei que ele encontraria uma rainha. Eu perdi a esperança e Cyrus também.

— Com que frequência isso aconteceu? —Eu perguntei, minha voz rouca. Se Luthor não estivesse na cela ao meu lado, se ele não tivesse percebido...

Se eu não tivesse dado a ele meu sangue, se ele não tivesse aceitado, eu estaria morta agora.

— Cada solstício. Ele reuniria qualquer mulher com cerca de vinte anos de idade, que tivesse até mesmo uma gota de sangue de vampiro. Qualquer um que ele pensasse poderia representar uma ameaça. Todos eles inocentes. Mas ele não se importava, tudo o que importava era seu poder, seu título e seu controle.

— E as casas reais? Por que alguém não o deteve... alguém poderia detê-lo?

— Viktor também tem maneiras de controlá-los. Mesmo dinheiro e títulos não compram um adiamento. Na verdade, para algumas casas, a independência é uma sentença de morte. Especialmente se você tiver filhos.

A respiração saiu dos meus pulmões enquanto eu pesava as implicações disso.

Luthor deve ter lido minhas emoções porque ele se ajustou para flutuar na minha frente, seus olhos encontrando os meus.

— Aqueles fantasmas que matamos... eles já foram jovens lordes e damas, duques e duquesas. Vampiros que ofendiam ou desafiavam abertamente sua autoridade. Ele envia seu guarda para levar seus filhos e, uma vez que eles desaparecem, todos sabem qual é o seu destino.

— Acho que a ameaça de morte seria menos eficaz do que saber que você será transformado em um monstro irracional, capaz apenas de matar, à disposição de um monstro ainda maior. Ele me disse…

A voz de Luthor assumiu uma qualidade cantante, como se seus pensamentos estivessem em outro lugar, e eu resisti à vontade de tirá-lo de lá. Eu tinha que saber. Eu tinha que entender o quão profunda era a corrupção de Viktor. Eu tinha que entender, então, quando chegasse a hora, eu não o subestimaria.

Eu não hesitaria em matá-lo.

— Mas ele não pode matar todas as fêmeas, pode, senão nosso clã murcharia e morreria. Então, ele os reivindica em seu aniversário de dezoito anos. Fode-os e os força a tomar seu sangue, força o laço de sangue neles. Uma vez que o vínculo está completo, eles não podem desafiá-lo, e ele os envia de volta para seus parentes, arruinados e quebrados.

— Há quem não cumpra. Incluindo minhas irmãs, que sempre foram muito teimosas para seu próprio bem. Elas são chamadas de Mulheres Esculpidas do Rei, e você pode imaginar…

Um vazio tomou conta de seu rosto; seus olhos se voltaram para as sombras. — Mas eu nunca soube com certeza. Um prisioneiro me disse uma vez que minha mãe foi morta, e por isso, eu estava grato.

— Eu não posso ouvir mais, —murmurei, meu coração partido por ele, pelas meninas, pelas vítimas da loucura de um homem. Estendendo a mão, toquei seu rosto antes de me envolver em torno dele, como um escudo que poderia manter as más lembranças. — Já ouvi o suficiente.

Seu braço foi ao meu redor, e ele enterrou o rosto na curva do meu pescoço.

Apenas o conforto disso me lembrou o quão solitário eu estava.

Tão sozinha por anos e anos, especialmente desde que mamãe morreu, que eu não tinha certeza do que fazer com toda a confusão, frustração e solidão. Fora da tempestade emocional, eu me senti – pela primeira vez em muito tempo – amado.

Tudo por causa do macho que eu segurava.

Que me segurou tão desesperadamente quanto eu o segurei.

Foi assim que Cyrus nos encontrou, flutuando no meio da piscina, trancados juntos em silêncio, nenhum de nós querendo admitir que estávamos muito acima de nossas cabeças.

Capítulo 30

Luthor

Eu abri os olhos para encontrar Cyrus agachado perto da borda da piscina, os olhos brilhando, e por hábito, empurrei Seraphina atrás de mim. Eu nem o tinha ouvido porque estava muito envolvida com minha Rainha.

Não era hora de ficar desleixado.

Tínhamos trabalho a fazer e, para o que viria a seguir, precisávamos de Cyrus.

— Está quase amanhecendo. — Meu velho amigo olhou melancolicamente para a água fumegante. — Eu esqueci que isso estava aqui, faz tanto tempo.

— Estamos quase terminando. — Seraphina se moveu atrás de mim, uma mão segurando meu ombro enquanto ela me usava para bloquear a visão de Cyrus. Eu não me incomodei em dizer a ela que ele tinha visto mulheres nuas antes. — Vire-se e deixe-a se vestir, então a piscina é toda sua.

Cyrus, para seu crédito, não discutiu. Ele apenas se virou e encarou a parede, as costas cobertas de sujeira da prisão, além de uma nova camada de sujeira vermelha do túnel. Ajudei Seraphina a sair, ofereci a ela minha camisa para secar, então a observei se vestir, colocando a camisa enorme sobre as calças pretas apertadas que

mostravam cada parte das suas curvas, *calças de ioga*, ela os chamava, seja lá o que diabos fosse ioga.

Eu me senti fora de ordem, como se o mundo estivesse balançando descontroladamente sob meus pés. Por décadas, eu jurei vingança contra Viktor. Por dias agora, eu pensei que estava um passo mais perto.

Mas agora…

Algo mudou no segundo em que ela se envolveu em torno de mim como se fosse minha protetora, não o contrário. Algo mudou quando eu lhe ofereci minha garganta, minha submissão total. Ela me atingiu com suas presas, e meu sentimento mudou de afeto... para algo mais profundo do que amor.

Eu tinha servido bem a Lyra. Pelo menos, até o fim, quando eu falhei totalmente com ela. Mas eu nunca a amei. Eu tinha gostado dela - nós gostamos um do outro - e senti um senso de dever para com sua posição. E para o meu.

— Obrigado, Cyrus. —Olhando para baixo, percebi que ainda estava nu, e Seraphina tinha minha mão na dela, preocupação estampada em seu rosto. — Você deveria se vestir, Luthor. Me desculpe, eu tenho sua camisa toda molhada.

— A piscina é toda minha? — Cyrus perguntou, já tirando os trapos enquanto Seraphina desviava o olhar um segundo tarde demais. Com um sorriso tímido, observei, o que pode facilitar a próxima parte. Com um grito ensurdecedor, ele se lançou na piscina, sua cabeça roçando o teto, a água espirrando pelas bordas enquanto ele desaparecia sob a superfície.

— Vamos trazer algumas roupas para você em um momento.

— Não se apresse, linda. — Ele riu, despejando água em seu corpo, lavando anos de sujeira.

— Vou me certificar de escolher algo legal para você, — ela gritou de volta para ele, sorrindo descontroladamente, seu rosto vermelho brilhante.

— Talvez aquele macacão rosa, — ela sussurrou em meu ouvido. — Ele parece gostar de cores brilhantes.

Havia um rubor em suas bochechas, sua cor intensa realçada por cachos pretos pingando. Ela era linda, e ela era minha. Nossa, eu emendei, observando Cyrus descaradamente nadar de costas de uma ponta da piscina para a outra, seu pau espetado como a barbatana de um tubarão.

Ela pertencia a nós dois.

Tudo o que eu tinha que fazer era descobrir a melhor forma de explicar isso para ela.

E reze para que ela estivesse a bordo.

Ela não soltou minha mão no caminho, andando logo atrás de mim, já que os degraus não eram largos o suficiente para nós dois.

— Eu não posso acreditar que tenho presas agora. —Ela sondou sua boca, estremecendo quando encontrou os pontos sensíveis. Mas o espanto dela me fez sorrir, que se transformou em um sorriso quando os gritos e os respingos de Cyrus nos seguiram até o andar principal.

— Quando minha magia realmente começa? — Ela perguntou curiosamente, olhando para a ponta dos dedos por algum motivo. — E você sabe o que vai ser?

— Nunca há um prazo definido. Você se desenvolverá no seu próprio ritmo, e seria sensato não apressar as coisas. Mas você será poderosa, isso eu posso dizer. Eu coloquei minha mão em sua barriga. — Você pode sentir isso aí?

Ela assentiu, mas havia medo em seus olhos.

Sua magia estava aninhada dentro dela, apenas esperando o impulso certo. Pode ser sangue que o desencadeou. Temer. Perigo. Ela conseguiu suas presas, então sua magia não ficaria muito atrás, mas a Alta Magia era teimosa e imprevisível. Apareceria quando muito bem queria.

— No momento, está adormecida, esperando a faísca certa. —Eu vi a pequena pintura que ela estava segurando em uma prateleira. Era uma paisagem adorável, apenas destacando como tudo o mais estava abandonado.

Quando mandei construir este lugar, foi apenas como um retiro temporário, nas raras ocasiões em que fugi do palácio. Nunca sonhei que se tornaria nosso refúgio, mas não podíamos ficar muito tempo. Estar presa no subsolo era tão bom quanto estar morta, e eu não confiava em Viktor para não descobrir meu segredo.

Seraphina me deixou ir o tempo suficiente para vasculhar a pilha de roupas e escolher uma camisa branca. Fiel à sua palavra, ela tirou dois itens horrivelmente rosa - um suéter pesado de manga comprida que ela chamava de moletom e calças elásticas como a minha ... da pilha.

— Eu vou adorar ver Cyrus nestes. — Seu sorriso era um pouco malvado e completamente cativante. — Sem sapatos... oh espere, aqui estão alguns tênis. Não tenho certeza sobre o tamanho, no entanto. —Ela me entregou a caixa.

Os sapatos estavam em camadas de papel fino, e eu olhei para os sapatos azuis e brancos brilhantes com dúvida depois de descobri-los. Eu estava acostumada com botas. Pesados que eram bons para pisar e tinham boas pegadas no fundo para lutar.

— Experimente-os, — ela pediu. — São tênis. Nós os usamos o tempo todo, e eles são tão confortáveis. Você vai amá-los.

Ela vasculhou a pilha novamente, murmurando baixinho enquanto eu ajustava o sapato no meu pé. Era muito pequeno, mas se estendia, o que decidi ser um bônus, pois sabia que um vampiro descalço no inverno atrairia atenção, mesmo em Nova Orleans.

Ela ergueu um pacote claro e liso, então soltou um grito de prazer. — Obrigada, Cyrus, você se lembrou.

Peguei sua mão quando ela veio até mim, parando a tesoura a centímetros do meu rosto.

— Quero cortar seu cabelo. Parece que você deveria estar tocando em uma esquina, e com essa cicatriz... bem, vamos ver se conseguimos fazer você se encaixar um pouco melhor.

Embora eu não tivesse ideia do que ela estava falando, a ideia de fazê-la cortar meu cabelo era tão excitante quanto ver suas presas cutucando abaixo do lábio inferior. Eu duvidava que ela tivesse percebido isso, e eles deram sua pequena gagueira que fez coisas indecentes no meu pau.

Ela arrastou uma cadeira, o único móvel do quarto além da mesa e da cama, e me apontou para ela. Eu obedeci. Mesmo se eu tivesse tentado, não teria sido capaz de recusar, e foi aí que percebi que...

O roçar de seus dedos sobre meu couro cabeludo, trabalhando os fios de cabelo, quase fez meu cérebro entrar em curto-circuito. Então veio o snip-snip metálico de tesoura cortando enquanto ela trabalhava cuidadosamente sobre minha cabeça, então fez outro passe para garantir.

— É tão grosso. E suave, — ela murmurou, seus dedos escovando meu couro cabeludo, desinibida por rosnados. — É uma cor bonita também. Quase preto, mas com destaques… eles parecem prateados.

Mesmo antes de Viktor, eu não tinha passado tempo olhando em espelhos.

Ao contrário de Cyrus, que na verdade gostava de cores vivas e gastava a maior parte de seu pagamento em roupas, casas e noitadas, concentrei-me em coisas mais importantes, como a melhor maneira de matar um atacante, como coordenar a vigília noturna ou proteger o palácio de nossos inimigos. Mas enquanto os dedos de Seraphina continuavam explorando meu couro cabeludo agora sensível, decidi que talvez Cyrus estivesse certo.

— Eu tenho uma navalha e vou raspar você. Incline a cabeça para trás, Luthor.

Vampiros não cresciam pelos faciais, mas eu apreciei a atenção, e ela foi cuidadosa, especialmente em torno da minha cicatriz. Ela inclinou minha cabeça para trás com um dedo gentil, cuidadosamente arrastando a navalha roxa para cima em puxadas longas e uniformes. Ela se inclinou para mim, seu peito roçando meu braço, seu cabelo se arrastando pelo meu peito.

— Você não tem quase nenhum bigode, apenas alguns fios.

— Vampiros não têm pelos faciais. — Eu alterei minha declaração, pensando que ela poderia me barbear a qualquer momento. — Mas isso é bom.

E o cheiro dela... era esmagadoramente doce, deixando minha cabeça nebulosa.

— Temos que conversar sobre o que vem a seguir, Seraphina.

— Você tem um espelho em algum lugar? — Ela perguntou em vez disso, vasculhando aquela maldita pilha de merda na mesa mais uma vez.

— Ah, isso vai funcionar. —Houve enrugamento, então ela desembrulhou o que parecia ser um quadrado marrom, mastigando enquanto alisava a embalagem prateada, depois esticou as mãos para mim, segurando a coisa como um espelho.

— Olhe para isso, Luthor, e me diga se seu cabelo está bem. Posso tirar mais um centímetro, se você quiser, mas aí você vai ficar praticamente careca.

Eu não tinha certeza se estava mesmo respirando.

O que eu vi de volta... não poderia ser eu.

Antes de Viktor, eu era um macho grande, largo e musculoso. Agora…

Meu rosto estava magro e assombrado, bochechas e órbitas oculares afundadas e escuras. Meu cabelo era a única parte de mim que lembrava o que eu era. Ela tinha feito um bom trabalho; era perto de como eu o mantive como guarda, curto nas laterais e mais longo no topo.

— Você parece bem, Luthor. Realmente, muito bom. — Ela veio ao meu lado, e sua bochecha roçou a minha antes de se afastar. — O macho mais bonito que eu já vi.

— Não diga a ele coisas assim, isso vai subir à cabeça dele.

Cyrus ficou lá pingando, a camisa preta encharcada agarrada às suas partes íntimas, aquele sorriso sempre presente em seu rosto. Nem mesmo Viktor conseguiu apagá-lo. Eu duvidava que alguma coisa pudesse acontecer.

— Cyrus. — Seraphina colocou as mãos nos quadris. — Eu tenho a coisa certa para você... oh Deus, não, mantenha a camisa exatamente onde está. — Ela lhe entregou a roupa rosa, para seu deleite, e ele a pegou, mantendo a camisa – como ela ordenou – exatamente onde estava.

— Depois que você colocar isso, vou cortar seu cabelo e fazer a barba. Você fica bem, que tal?

— Você fez um bom trabalho com o comandante — disse Cyrus como resposta, deixando cair a camisa um segundo antes de Seraphina se virar. Ele piscou para mim enquanto vestia as calças.

— Você pode fazer o que quiser comigo. Desde que Luthor tome a vigília diurna.

Capítulo 31

Cyrus

A roupa que Seraphina me deu não era apenas o tom perfeito de magenta, era também a coisa mais suave que eu já tinha usado. Sedoso contra minha pele recém-limpa, o tecido – algo chamado mistura de nylon-algodão – parecia delicioso, e jurei encontrar mais.

Eu duvidava que seu objetivo fosse me fazer sentir sexy.

Não, ela achou engraçado eu gostar de cores fortes, e quem poderia culpá-la? Eu nunca fui como a maioria dos homens, e eu não estava prestes a mudar agora.

Eu sempre amei roupas, carros, casas e boa comida.

E mulheres. Eu amava as mulheres acima de tudo, e entre os olhares preocupados que Luthor estava me lançando e as vibrações só de amigos que eu recebi dela, eu sabia que tínhamos encontrado nosso primeiro obstáculo real na estrada.

Se Seraphina tivesse crescido vampira, ela estaria bem familiarizada com nossos costumes.

A maioria das mulheres teve vários amantes quando eram jovens, e a maioria viveu esse estilo de vida a vida toda. Para alguns, foi uma fantasia passageira, e eles acabaram acasalados com um macho e perfeitamente felizes.

Mas as rainhas eram diferentes.

Rainhas precisavam de sangue. Rainhas precisavam de magia. E as rainhas pegavam o que queriam e não faziam perguntas. Pelo menos, essa sempre foi minha experiência, não que eu estivesse reclamando.

Eu adorava servir Lyra. Ser sua Guarda Superior me deu um senso de propósito. Eu tinha sido o último guarda de pé, além de Luthor, quando os soldados de Viktor nos cercaram, um deles me prendendo no chão com sua espada.

De lá, eu assisti impotente enquanto eles massacravam a Rainha.

Luthor estava quase morto, e eu não estava muito melhor quando eles nos arrastaram para a prisão às margens do Lago Pontchartrain, onde – mal sabia eu – viveríamos nossos próximos cem anos.

Chicoteando garotos para Viktor.

Com licença… Rei Viktor, o babaca.

— Onde você me quer, Seraphina? — Eu perguntei, e seus olhos se arregalaram quando transformei seu nome em um ronronar. Não tínhamos muito tempo, e a única maneira de ela ficar mais forte era se alimentar de nós dois.

Um terceiro, se eu pudesse convencer Deston a se juntar a nós.

Uma proposta que me deixou mais do que um pouco doente.

Eu fiz uma parada no caminho para o Wall Mart, e pelas barreiras e portões que protegiam seu ninho, eu diria que ele estava lá em algum lugar. Mas meu primo não gostava de surpresas, gostava menos ainda de vampiros, e eu teria que ir sozinho se quisesse convencer Deston a se juntar a nós.

Claro, uma vez que ele ouviu o plano de Luthor para suplantar Viktor no trono e substituí-lo por Seraphina, meu dinheiro estava nele. Isso viria à guerra, e Deston devia vingança contra Viktor.

Ela me apontou para a cadeira, o cabelo de Luthor empilhado no chão como lagartas. — Não muito curto, — eu a adverti. — Quero meu cabelo comprido o suficiente para você passar os dedos.

Ela franziu a testa e olhou para Luthor em busca de orientação. Ele puxou uma camisa azul-celeste sobre a cabeça e me lançou um olhar que me disse que eu estava abusando da sorte.

— Ele não vai te ajudar, ele é tão enfadonho quanto eles. Eu, por outro lado... —Eu balancei minhas sobrancelhas para ela sugestivamente.

— Acalme-se, Cyrus. Ela já passou por muita coisa.

— Nós não temos muito tempo, — eu rebati. — Ela precisa ficar mais forte, rápido. Garanto que Viktor está por aí, nos caçando agora. Se ela não for…

— Cala a boca, Cyrus. — Luthor me interrompeu. — Fazemos isso do meu jeito.

— Estou bem aqui, me perguntando por que diabos você está falando de mim como se eu nem estivesse na sala. — Ela agarrou um pedaço do meu cabelo e a tesoura fez um corte de grama seca enquanto ela cortava a coisa toda.

— Cuidado aí, eu sou conhecido por minhas madeixas douradas.

— É dessa cor que eles são? — Ela perguntou, — porque eles parecem marrom sujo para mim.

— Eles são um lindo ouro que as senhoras não podem resistir, — eu atirei de volta, mas na verdade, eu não sabia mais. Luthor parecia uma sombra de seu antigo eu, enquanto meu pescoço estava devastado e meu corpo encolhido, mesmo sabendo que tinha me alimentado em algum momento.

Em algum lugar naquele tempo sombrio entre Viktor chutando minha bunda e acordando na clareira sozinho. Uma imagem de um prisioneiro sendo colocado de joelhos, medo em seus olhos, passou pela minha cabeça, e eu a afastei. Melhor não lembrar de coisas assim, elas só me amarraram por dentro.

— Vou vigiar. — Luthor rosnou de algum lugar atrás de nós. — Cyrus, comporte-se.

— Como o inferno, — eu murmurei, mas apenas para incomodá-lo. Eu só era livre por causa dele, e não era escravo por causa de Seraphina.

Era hora de começar a puxar meu peso por aqui.

Se isso incluísse deixar Seraphina me usar como um brinquedo sexual, eu estava totalmente de acordo.

— Sim, comandante, — murmurei, uma promessa formal para um pedido formal.

As pontas dos dedos de Seraphina dançaram pela minha cabeça, alisando meu cabelo, desembaraçando as esteiras enquanto ela cortava e alisava, cortava e alisava. Gostei da pressão de suas mãos no meu couro cabeludo, o suficiente para cochilar,

apenas meio consciente de seu trabalho, o puxão de seus dedos deslizando pelo meu cabelo, o contentamento fácil que senti ao ser atendido por mãos gentis.

Quando foi a última vez que alguém foi gentil comigo?

Quando foi a última vez que senti algo perto da felicidade?

— Isso é bom. — Ouvi minha voz de longe, e seus dedos acariciando pararam. Por alguma razão, meus olhos ficaram quentes, lágrimas queimando enquanto eu tentava não as deixar cair.

— Cyrus, você está bem? — Ela escovou minha mandíbula, o toque mais leve, e caramba, uma lágrima deslizou pelo meu rosto.

— Vamos apenas... eu só preciso de um minuto, Seraphina.

Houve o baque leve e metálico dela colocando a tesoura de volta na mesa, e então ela estava de volta, seu polegar acariciando minha bochecha. — Eu vou te barbear agora. Serei cuidadoso, mas preciso que você fique parado.

Minha mente ficou em branco quando obedeci, sua vontade facilmente substituindo a minha, mesmo que não tivéssemos nos ligado, mesmo que ela nunca tivesse provado meu sangue, e eu apenas uma gota do dela. Então foi ela me movendo, posicionando minha cabeça exatamente assim, e o raspar seco de uma lâmina contra meu rosto, ao longo do meu queixo.

— Eu vou raspar seu pescoço, tudo bem com você?

Eu balancei a cabeça, mas ela acariciou minha bochecha com o polegar novamente, sua mão segurando meu queixo. — Abra os olhos, Cyrus, e me diga se está tudo bem. Vou ter muito cuidado com sua... cicatriz. Ela se engasgou com a última palavra, e eu senti sua mão tremer. — Cyrus. Por favor, abra os olhos.

Incapaz de desobedecer, eu fiz.

Seus olhos estavam dourados com luz dourada, seu rosto pálido emoldurado por cabelos pretos rebeldes, encaracolados loucamente após a piscina. Se eu fosse um pintor, passaria o resto da minha vida pintando-a e provavelmente nunca acertaria.

— Terei cuidado, Cyrus. Eu prometo, eu nunca vou te machucar. Você confia em mim?

Eu ainda não conseguia dizer nada, então assenti em silêncio.

— Incline a cabeça para trás. Isso levará apenas um minuto.

Ela foi cuidadosa. Reverente, até, quando ela se aproximou da minha cicatriz. Mas toda vez que a navalha batia nele, sua respiração saía em um silvo. Toda vez, uma onda de raiva escoava dela, ficando mais forte enquanto ela raspava a navalha ao longo da minha pele.

— Eu vou matá-lo por isso, — ela murmurou. — Juro por Deus, vou matar Viktor pelo que ele fez.

Eu não esperava que a emoção brotasse em mim.

Eu nunca pensei que um simples barbear e corte de cabelo traria uma dor tão terrível das profundezas, não quando eu trabalhei tão duro para empurrá-lo tão fundo que nunca escaparia. Eu nunca pensei que alguém se importaria comigo novamente, o suficiente para querer me proteger.

Eu congelei, com medo de quebrar na presença dela, pois seu voto de vingança abriu novos buracos na minha já esfarrapada autoestima. Mas foi exatamente isso que aconteceu, e quando ela terminou, nós dois estávamos chorando.

— Ah, Cyrus. — Ela me abraçou, e a pressão quente de seu corpo foi uma espécie de bênção, meu rosto enterrado em seu pescoço. Eu resisti ao desejo de correr minha língua ao longo de sua garganta, deslizar minhas mãos para baixo e segurar sua bunda.

Achei que ela iria desaprovar os dois.

— Você quer falar sobre isso?

Eu fui dizer não. Eu pretendia dizer não, e fazer algum comentário espertinho e então tentar seduzi-la, mesmo tendo dado uma chance de cinquenta por cento ao sucesso. Eu estava tão acostumada a disfarçar o horror que nem sabia que palavras usar para descrevê-lo.

Eu não sabia se havia palavras.

— Em algum lugar, talvez cinquenta anos atrás, Luthor e eu fizemos um pacto.

Seraphina franziu a testa. Eu sabia que não estava começando no começo. Mas entre o início e nosso pacto, não havia nada além de dor e tortura, e quem queria passar por tudo isso de novo?

— Foi em algum momento dos anos sessenta, e a prisão estava sem espaço, então acabamos um ao lado do outro, lado a lado.

Um erro que os guardas nunca mais cometeram, já que Viktor os matou por isso.

De qualquer forma, pela primeira vez desde o cupê, Luthor e eu conversamos. Quase morremos mil vezes naquele inferno. Viktor gostava de infligir tortura, e sabíamos que nosso futuro era mais do mesmo. Eu estava sem esperança naquele momento.

Eu ri, vendo seu rosto. — Sim, eu, o eterno otimista, estava sem esperança.

Eu não disse a ela o quão ruim tinha ficado.

Não contei a ela como fiquei deitada no chão da minha cela por meses, incapaz de respirar porque o ar escapava pela ferida na minha garganta. Eu não podia rolar, muito menos rastejar porque minha cabeça caiu o suficiente que eu pensei que poderia rasgar imediatamente.

Como era doloroso voltar a crescer os tendões, meu esôfago e minha caixa de voz, que nunca mais funcionaram direito. Já era ruim o suficiente eu ter sobrevivido; eu não tive que revivê-lo.

— Então Luthor teve essa ideia. Ele disse que nós dois já estávamos mortos, e já que tínhamos morrido, se saíssemos de lá, todo esse tempo seria extra. Podíamos fazer o que quiséssemos com ele. Qualquer coisa, porque o tempo extra não tinha limites, o que significava que tudo era possível.

Ela ouviu em silêncio, suas emoções por todo o lugar.

— Ainda me lembro da onda de esperança que me encheu. Sobrevivi com essa esperança pelos próximos cinquenta anos. Eu ainda faço. — Eu balancei minha cabeça. — Quando Luthor veio à minha cela, quando eu vi você... esse foi o começo do meu tempo extra.

Seus olhos dourados estavam cheios de lágrimas, seus lábios trêmulos.

— Foi quando o relógio recomeçou e eu sabia que Viktor era um homem morto.

Eu me levantei e peguei seus braços, gentilmente sentando-a na cadeira. — Existem algumas verdades duras que você precisa aprender antes de prosseguirmos.

Verdades que você pode achar... desconfortáveis. Você não pode chegar perto de Viktor. Ainda não.

— Você sabe como você se uniu a Luthor e tomou seu sangue? Você sabe como pode ouvir seus pensamentos e sentir suas emoções?

Ela assentiu.

— Esse vínculo se fortalecerá, quanto mais tempo vocês estiverem juntos. Ele explicou como você será capaz de extrair poder dele? — Mais uma vez, ela deu um aceno mudo.

— Ele explicou que, com o tempo, você terá uma guarda completo de guerreiros ao seu lado e acessará a força deles da mesma maneira, sempre que precisar?

A resposta de Seraphina foi tranquila. — Luthor disse... sim, ele disse isso, mas eu não entendi. Na verdade, eu entendi, mas me convenci disso. — Ela inclinou a cabeça, como se me visse pela primeira vez. — Você quer me dizer que nós... eu e você...—Sua voz sumiu, e ela ficou vermelha brilhante.

Apenas imaginei que Luthor deixaria a difícil explicação para mim.

— Somos uma equipe, Seraphina. Quanto mais fortes nossos laços, mais forte você é, e maior sua chance de derrotar Viktor. — Coloquei minha mão em seu ombro e a senti ficar tensa antes de enviar um fio da minha magia para ela. — Toda rainha na história teve um bando de guerreiros. Toda rainha bebia deles. A maioria fodeu com elas.

— Mas isso é ... — Ela torceu as mãos.

— Perfeitamente natural. Luthor e eu e você, Seraphina. Nós três juntos somos... perfeitamente naturais. Nós três cuidando um do outro, protegendo um ao

outro. Este não é o mundo humano. Este é um clã de vampiros sedento de sangue, e precisamos ficar juntos para sobreviver ao que está por vir.



Apenas ouvindo o argumento de alguma forma convincente de Cyrus para um ménage à três, me fez pensar que os humanos tinham tudo errado. Vovó sempre foi tensa sobre sexo e, felizmente, nós nos mudamos muito para eu ter um namorado, mas isso...

Quero dizer, como isso funcionou? Um de cada vez, ou os dois ao mesmo tempo?

Só a ideia me fez corar ainda mais, e abaixei meu rosto para que Cyrus não visse. Ele provavelmente pensou que eu era uma idiota, uma garota ingênua que não conheceria a aventura nem se isso a mordesse na bunda.

— Para que conste, acho você incrível e encantadora. — Ele rosnou em sua voz de lixa.

Sua mão no meu ombro era reconfortante. Na verdade, me senti relaxada, despreocupado, como se seu toque fosse feito de Xanax.

— Tudo isso leva para se acostumar. Claire sempre foi um pau no saco, então não estou surpreso que ela tenha criado você como uma freira.

— E como, exatamente, você pode ver dentro da minha cabeça? Para sua informação, isso é coisa privada.

— Eu tive seu sangue quando você enfiou o dedo na minha garganta.

Ah, sim, eu tinha esquecido aquele pequeno cachorrinho na sala de estar de Vovó.

— Bem, fique fora da minha cabeça, por favor. É rude espionar.

— Eu vou se você for honesta consigo mesmo. — Ele parecia tão mandão que eu queria dar um soco nele. — Diga-me que a ideia de nós três junto é tão ridícula? Diga-me que você nunca, uma vez, imaginou como seria ter mais de um amante?

Deus, por que ele não para de falar?

— Cyrus…

— Pense em como foi com Luthor...—Seus olhos brilharam. — E então apenas me adicione a isso.

Oh meu Deus. Agora eu não podia dever.

— É assim que se faz, Seraphina. É biologia. É realidade. A única maneira de se tornar forte o suficiente é se alimentar de seus amantes. Caso contrário, sua magia nunca amadurecerá e Viktor vencerá. Você não tem tempo para pensar sobre isso. Você não tem tempo para lidar com o que tenho certeza que são os problemas americanos sobre sexo.

— Quem disse que os americanos são um bando de puritanos?

— O mundo inteiro, praticamente. Mas não estou preocupada com os EUA e suas virtudes, estou preocupado com você.

Sua voz passou de provocadora a mortal, e eu me endireitei.

Foi-se o piadista. Foi-se a postura desleixada e solta. Os olhos cinza-claros e sorridentes se foram, e a boca se curvou em um sorriso travesso.

Cyrus havia se transformado em outra coisa. Seus ombros estavam rígidos, seu rosto era de granito e seus olhos eram duros como uma pedra. Ele se tornou meu Guarda Superior, empenhado em me proteger, dedicado a me servir.

— Viktor vai matar todos nós e vencer. Podemos ter uma ou duas semanas antes que ele nos encontre. Mesmo agora, ele está enviando bandos de fantasmas pelo campo, caçando você. Haverá danos colaterais. Humanos.

— Mas…

— Você vai se tornar forte. — Cada palavra era uma ordem dura.

— Você vai usar Luthor e ... eu para fazer isso. — Parecia que Cyrus estava prestes a dizer outra coisa, mas minha mente já estava girando. Embora falando sério, eu realmente seria um pau na lama por causa do sexo?

Eu gostava de sexo.

Na verdade, eu adorava sexo, pressionando minhas coxas juntas enquanto as memórias do que Luthor fez comigo flutuavam pela minha cabeça. De repente, o rosto de Cyrus se contraiu e ele se virou, os músculos das costas se contraindo enquanto ele... se reorganizava? Merda, só de pensar em sexo teve esse efeito nele?

— Sim, ele faz, droga, — ele murmurou com força, de costas ainda viradas.

— Seu cheiro também mudou, o que não está ajudando nem um pouco.

— Desculpe, — eu disse timidamente, enquanto minha mente traiçoeira não pensava em nada além de sexo.

Quando ele se virou para mim – seu rosto definido em linhas rígidas, eu olhando para qualquer lugar, menos para a enorme tenda na frente de sua calça de moletom rosa brilhante – ele conseguiu dar um meio sorriso.

— Você não dormiu. Seu corpo já passou por muita coisa e você está exausta. —Abri a boca, mas tudo o que ele fez foi apontar para o edredom.

— Você é minha rainha, e é minha responsabilidade mantê-la segura e feliz. Deite-se e vá dormir. Por enquanto, estamos seguros. Eu tinha esquecido tudo sobre este lugar, e Viktor nunca soube que existia.

Eu me enrolei em uma bola, com a intenção de ficar acordada.

Eu tinha perguntas. Tantas perguntas e uma delas estava na ponta da minha língua quando minha cabeça afundou no travesseiro macio como uma nuvem e percebi que ele estava certo.

Talvez apenas um minuto.

Eu descansava meus olhos por um minuto, e então eu fazia minha pergunta.

Em um minuto.

Capítulo 32

Seraphina

Eu acordei para encontrar Cyrus enrolado em volta de mim, um braço pesado jogado sobre o meu lado, roncando suavemente contra a minha nuca enquanto eu decidia como me sentia sobre isso. A lanterna estava apagada, a escuridão impenetrável, mesmo com minha nova visão.

Mas minha falta de visão reduziu minha realidade aos pensamentos na minha cabeça.

E a ereção de Cyrus pressionou minha bunda.

Pela primeira vez desde que fui perseguida pelo centro de Nova Orleans, eu estava calma. O tipo de facilidade que não acontece com muita frequência, mas quando acontece, você percebe o quão tenso você esteve. Cada músculo estava solto, e minha cabeça estava perfeitamente clara, todos os traços de dúvida, arrependimento e hesitação desapareceram.

Cyrus se aninhou na minha nuca, me abraçando.

De alguma forma, ele e eu não nos sentimos estranhos.

De alguma forma, eu nem sentia que estava traindo Luthor.

Cyrus estava certo. Éramos nós três contra Viktor e um reino inteiro, e tínhamos que ficar juntos. Junte nossos recursos. Ou sangue e magia, por assim dizer.

Nada disso era normal.

Pelo menos, não do ponto de vista humano.

Mas essa era a coisa. Eu não era humana, não mais.

Eu nem queria mais ser humana, uma mudança cósmica que era tanto mental quanto física. Eu era uma vampira. Eu era diferente e podia fazer coisas incríveis. Ocorreu-me que eu nem sabia o que podia fazer, exceto destruir cozinhas e talvez atirar sombras pelos meus dedos. Isso também pode ter sido uma alucinação; era difícil dizer nesta escuridão negra.

Exceto que até a escuridão havia mudado, tornando-se mais pesada, de alguma forma, como se tingida com a consciência de outra pessoa.

Atrás de mim, Cyrus parou de respirar.

— Você está acordado. — Não é uma pergunta, porque eu sabia que ele estava.

Como, eu não tinha certeza, mas meus sentidos estavam mais aguçados esses dias. Eu escolhi a distância de cada parede, até a porta aberta que levava à piscina, o ar úmido tingido de calcário flutuando da abertura.

Sem ver, eu sabia exatamente onde estava tudo, até o pequeno quadro da minha mãe, ainda encostado na prateleira.

— Estou muito acordado. Acordei e voltei a dormir, tentando não me mexer enquanto esperava que você abrisse os olhos. Ele mudou de posição, e eu congelei quando ele me cutucou novamente no fundo.

Em um flash, o apêndice ofensivo desapareceu quando Cyrus murmurou: — Desculpe por isso. Já faz muito tempo desde que eu me abracei com alguém, e acabei de acordar, e eu tenho que fazer xixi. Nem sempre consigo controlar para onde meu sangue flui, especialmente pela manhã.

Nós realmente teríamos que trabalhar em seu compartilhamento excessivo.

— Isso é muito longo, desculpe.

— Parecia que você precisava de uma explicação.

— O que eu preciso é descobrir minha magia. Como usá-lo. —Eu marquei minha extensa lista de coisas a fazer. — Eu quero saber quem são meus aliados, quais inimigos eu preciso evitar ou destruir, e como diabos fazer essas sombras saírem das minhas mãos novamente porque isso foi muito legal.

– Não vi nenhuma sombra – disse Cyrus, rolando de costas. — Mas se você diz que foi legal, então é legal.

— Você parece muito mais... moderno do que Luthor, — observei, sentindo ao redor com uma mão até encontrar seu braço. Pelo menos eu esperava que fosse o braço dele.

— Se por moderno você quer dizer divertido, então sim, eu sou muito mais moderno do que meu ex-comandante e rabugento ex-comandante. — Uma mudança repentina no ar, e ele se foi, então ouvi o clique-clique-clique de um isqueiro de

butano. Eu cobri meus olhos logo depois que a lanterna do acampamento brilhou como uma explosão solar. — Há, assim é melhor.

— Você está brincando comigo? — Mantive minhas mãos sobre minhas retinas queimadas. — Vou ver manchas por dia.

Houve uma série de pancadas e xingamentos, e então tudo escureceu novamente.

— Em algum lugar no meio seria ótimo, Cyrus. Isso é muito escuro para eu ver, mas o outro quase me cegou. —Outro clique-clique-clique, outra explosão de luz que diminuiu, mal roçando as paredes com luz. — Muito melhor.

Ele ainda estava com aqueles suéteres magenta berrantes, mas de alguma forma, ele os fez funcionar. Provavelmente tinha a ver com seus peitorais quadrados, ou talvez o abdômen sulcado que desaparecia na cintura. Ou talvez aqueles olhos cor de lua que brilhavam com a luz enquanto ele se aproximava.

De alguma forma, apesar de toda a delícia masculina passeando em meu caminho, meu cérebro ainda estava se comunicando com minha boca. — Tudo o que estou dizendo é que você parece se adaptar mais rápido do que Luthor.

— Eu vou aceitar isso como um elogio. — Ele fez uma pausa, olhando para mim, seu corpo delineado pelo brilho pálido.

— Mas só para você saber, não há ninguém melhor do que Luthor. Ele é cauteloso, você vê, pesa todos os ângulos, o que significa que, embora leve tempo para aceitar a mudança, ele toma melhores decisões a longo prazo.

— Eu posso ver isso.

— Eu ainda tenho que fazer xixi. — Ele olhou para os degraus de pedra escura que levavam para cima. — E eu deveria checar com Luthor. Ele está de plantão há horas.

Eu tinha que fazer xixi também, mas podia esperar.

— Vai. Pegue um moletom, provavelmente está frio. —Eu acenei para ele, sem tirar os olhos daquela bunda apertada enquanto ele pegava um moletom amarelo da mesa e subia os degraus.

— Estarei aqui quando você voltar. Para o café da manhã, peguei um punhado de mistura de trilha e abri um refrigerante, de repente nostálgico por frutas frescas. Mas estávamos fugindo, e havia cerejas secas na mistura, então eles teriam que servir. Despejando um pouco da mistura na boca e ignorando as sementes que escorriam pelo meu queixo e encravadas entre os meus seios, caminhei até a pintura da mamãe.

Mesmo sabendo cada pincelada delicada de cor, a peça ainda me tirou o fôlego.

Ela pintou uma paisagem, um corte de penhascos escuros sobre um mar azul-esverdeado, emoldurado contra um céu rosado, pontilhado de nuvens escuras. Eu sempre me perguntei se ela estava lá quando ela desenhou. Ou tinha vindo de memória ou de uma fotografia?

Todas as perguntas que eu deveria ter feito muito antes de ela morrer.

Mamãe e Vovó estavam mortas agora. Eu era o último membro sobrevivente da Casa Marvelle e, de alguma forma, essa palavra me pegou no estômago.

Último.

Devastação vazia brotou, mas eu a empurrei de volta para baixo. Eu tinha perdido tudo que compunha minha vida. Tudo... exceto isso.

Carreguei a pintura até a lanterna e girei o botão até que estivesse no máximo. Eu conhecia cada pincelada, sabia de cor a curva de sua assinatura rabiscada. 4 de janeiro, data em que foi pintado.

O chip de um canto do quadro.

Isso tinha viajado muitos quilômetros, e eu não estava disposto a abandoná-lo agora.

Mas... agora eu tinha que fazer muito xixi. Os degraus de pedra ficavam mais frios à medida que me aproximava do topo. Quando finalmente consegui abrir a pesada porta, o ar estava gelado e minha respiração se transformou em neblina.

Luthor estava empoleirado em um muro baixo, de frente para a floresta.

Fui à ponta dos pés até o mausoléu ao lado, virei a esquina e me agachei. Uma coisa boa sobre usar banheiros públicos todos os dias no campus - meus músculos da coxa estavam fortes de fazer xixi, e foi útil quando eu evitei o emaranhado vermelho brilhante de carvalho venenoso.

As sombras negras de Luthor rastejaram ao virar da esquina, me assustando pra caralho. Cyrus apareceu segundos depois, olhando para o céu enquanto eu puxava minhas calças de ioga e minha explosão de magia induzida pelo estresse jogou seu cabelo para trás.

— Parceiro. Espaço pessoal. — Acenei para os cinco pés que nos separavam. — Vocês não podem esperar um minuto? Seriamente.

As sombras de Luthor ficaram tão espessas que era como estar no meio de uma forte tempestade.

– Não é seguro lá fora – sussurrou Cyrus, olhando em volta como se algo pudesse vir das árvores. — Não sem a magia de Luthor para esconder você. Foi essa a sua magia que me atingiu no rosto? Você realmente precisa lidar com isso.

— Sim, sem merda. O controle seria bom. Se eu soubesse como. — O poder só parecia explodir quando eu estava estressada, o que acontecia com frequência.

Olhei para sua brilhante roupa rosa e amarela. — No que diz respeito à ocultação, talvez as cores brilhantes devam ser evitadas, porque duvido que até as sombras de Luthor possam escondê-las. — Dei um passo em direção a Luthor, mas Cyrus me parou.

— Luthor disse que ficaria aqui o dia todo. Disse que tem alguma coisa para pensar.

Eu me afastei da mão de Cyrus e descobri que Luthor não tinha sequer olhado na minha direção. Seu lado cicatrizado estava para mim, seu olhar a milhares de quilômetros de distância, e de repente eu sabia que não iria interrompê-lo. Eu senti aquele cabo de guerra ainda em fúria nele, sua turbulência interior deixando-o dilacerado e confuso.

— Venha, Serafina. Deixe-me ensiná-la sobre as casas reais e os senhores e damas titulados que preferem a apunhalar pelas costas do que se curvar diante de você.

— Nós realmente não fazemos nenhuma reverência? Nós?

— Curvando e raspando em abundância. Você vai adorar, — ele murmurou, sua mão deslizando sob meu cotovelo enquanto ele me acompanhava de volta ao lar doce lar, as sombras de Luthor apenas se esvaindo quando Cyrus fechou a porta.

Lá embaixo, Cyrus apagou a lanterna enquanto eu olhava nervosamente para o edredom amarrotado.

Deus, eu o queria. Eu o queria e sabia que Luthor estava nos dando privacidade, e embora eu não me sentisse exatamente culpada, isso parecia estranho em algum nível.

Supere-se, Seraphina, eu disse a mim mesma severamente.

Cresça algumas presas.

Em um movimento hábil, Cyrus puxou o horrível suéter sobre a cabeça e então era simplesmente uma questão de onde olhar primeiro.

Deus, ele era lindo, absolutamente perfeito, desde seu torso afilado até o pequeno balanço que ele colocou em seus quadris enquanto passeava em minha direção. Ele me pegou como se eu não pesasse nada, então me deitou no edredom, esticado ao meu lado. Uma mão descansou levemente na minha clavícula, aquela sensação de contentamento calmo aliviando meus músculos tensos.

— Você é requintada. — Ele murmurou, pouco antes de começar a me beijar e me lamber toda, suas mãos acalmando minha reticência. Eu ansiava por ele no momento em que ele empurrou minha camisa sobre minha cabeça, despiu minha calça de ioga em um golpe.

Desnudado para ele, ele fez exatamente o que aquela arrogância prometia.

Cyrus tinha uma língua para morrer. Quero dizer, sério, cada movimento aumentava aquele calor enrolado entre minhas pernas, provocando e explorando e, em seguida, um beliscão afiado, acalmado pela pressão quente dele, contra meu peito.

— Você tem o corpo mais bonito, minha rainha, — ele murmurou, montando em mim, os braços apoiados em ambos os lados da minha cabeça. — Eu pretendo lamber cada centímetro quadrado dele. Frente. — Seu sorriso cresceu um pouco mal. — E volta.

Quase cheguei lá.

Juro por Deus, falar sacanagem seria minha ruína.

— Acho que vou começar aqui. — Ele lambeu um caminho da minha orelha até onde meu pulso batia na minha garganta, deslizando suas presas ao longo da minha clavícula, a leve picada enquanto elas se arrastavam pela minha pele quase me levando ao limite. Com um bom esforço, ele tirou meu sutiã esportivo.

Sim, bem-vindo ao século XXI.

— E depois há essas belezas.

Ele lambeu um mamilo e depois o outro, movendo-se para frente e para trás até eu jurar que ele tinha duas bocas, ou uma boca e cinco dedos muito espertos. Ele se recostou, e eu pressionei as palmas das mãos em seu peito largo, traçando seus peitorais, aquela linha dura de músculo em seu lado que levava para dentro de suas calças.

— Cyrus? — Eu segurei seu rosto em minhas mãos, segurando-o para que nos olhássemos nos olhos. — Antes de prosseguirmos, como isso funciona? Eu não quero machucar ninguém, e eu estou…

Mordi meu lábio, estremecendo quando minhas presas perfuraram meu lábio inferior.

Nota para si mesmo: terá que se acostumar com essas coisas.

— Nós três vamos descobrir nossa dinâmica. — Seu olhar fixo no meu lábio sangrando, e seus braços tremeram. — Mas se você está preocupada com Luthor e eu... não fique. A única coisa que importa para nós é a sua felicidade e segurança. Além disso, nós dois já superamos o ciúme ou a luta pelo domínio.

— Eu acho... sim, é com isso que estou preocupada.

Minha vida nunca foi preenchida com muitas pessoas - duas, para ser exato, até que fosse apenas uma - e o pensamento de fazer malabarismos com Luthor e Cyrus, bem, era assustador. Eu não sabia exatamente como administrar os sentimentos de uma pessoa, muito menos de duas, e certamente não queria magoar nenhuma delas.

— Pare de se preocupar, minha rainha. Apenas sinta.

Cyrus mergulhou e chupou meu lábio em sua boca, gemendo profundamente enquanto o segurava entre os dentes, sua língua lambendo e lambendo até que eu não sentisse mais o gosto de sangue. Seus olhos brilharam quando ele se afastou, o cinza pálido tão intenso que parecia que brilhavam com estrelas.

— Porra, você tem um gosto bom. — Ele ronronou, seus lábios macios se movendo contra os meus. Eu fiquei molhada no segundo que ele amaldiçoou, ainda tentando descobrir essa conexão entre palavras sujas e ficar excitada. — Você é nossa única prioridade. Você, Serafina. Nossa vida agora é ajudá-la a dominar sua magia, ensiná-la sobre nosso mundo e amá-la. Não se preocupe com mais nada, porque esse é o meu trabalho.

Ele riu na minha boca, nossa respiração emaranhada.

— Trabalho de Luthor, na verdade, já que não estou me preocupando com nada agora, exceto para mostrar a você o quão inteligente minha língua e meus dedos realmente são.

— Você precisa ficar fora da minha cabeça, Cyrus. — Mas eu realmente não me importei. Na verdade, eu me perguntei o quão claramente ele me ouviu.

— Claro como o dia, especialmente com seu sangue fresco na minha língua. E a melhor parte de mim lendo sua mente? Tudo o que você precisa fazer é pensar no que você gosta, e eu cuidarei de você.

Cuide de mim.

Uau, isso soou muito bom.

Sempre cuidei de mim mesma, mas nunca tive uma rede de segurança, caso as coisas dessem errado. Nunca imaginei que teria um, não dois vampiros lindos para cuidar de mim.

— Agora vamos ver se consigo descobrir do que você gosta.

Então ele não era nada além de lábios macios, dentes afiados e dedos que mergulhavam nos lugares mais inimagináveis, beliscando e beliscando – nunca com muita força – até que eu estava uma bagunça ofegante.

Então ele parou.

Estendi a mão para ele, pensando em puxá-lo de volta para mim, mas algo em seu rosto me fez parar.

— Você é, minha rainha. — Ele disse isso como se tivesse acabado de perceber que era verdade.

Ou ele estava fazendo um voto.

— Você é minha rainha, e todo esse tempo...—Seu rosto se contraiu levemente quando ele soltou as palavras. — Tudo isso é extra. Victor vai morrer. Seus apoiadores vão morrer. Construiremos uma corte para você, Seraphina, do tipo que este clã nunca viu. E você vai governar sobre todos nós.

Quando ele terminou, eu tive calafrios. Não pelo que ele disse, mas como ele disse.

Sua convicção absoluta enviou ondas de dúvida através de mim. Como eu deveria fazer qualquer uma dessas coisas que eles acreditavam que eu poderia fazer?

Mas antes que eu pudesse entender meus medos, Cyrus nos rolou, e eu acabei em cima, olhando para ele, suas mãos descansando levemente em meus quadris. Ele virou a cabeça, mostrando sua garganta para mim. — Alimente-se de mim, Seraphina. Beba e construa seu poder.

Eu não sabia se eu poderia fazer isso, não com aquela grande cicatriz branca em seu pescoço como uma espécie de laço macabro. Suas mãos suavemente traçaram meus braços, com tanta ternura, que lágrimas brotaram dos meus olhos.

— Ah, Fina, não. Não há motivo para chorar.

Exceto que havia. *Deus, a dor que ele deve ter sentido. Sozinho e com medo naquele lugar...*

Ele agarrou meus cotovelos e me deu uma pequena sacudida. — Você não vai desperdiçar suas lágrimas comigo ou com aquele bastardo do Viktor. Você se alimentará de mim e ficará mais forte. — Ele voltou para aquela carícia macia.

— Você, eu e Luthor vamos matar Viktor, e eu não quero jantar.

Ele virou a cabeça, batendo no local onde estava sua artéria carótida. — Bem aqui. Golpeie rápido e profundamente, e pegue o quanto precisar.

Abaixo de mim, ele se reposicionou, seu pau duro pressionando minha calcinha contra meu clitóris, minhas coxas apertando para baixo enquanto meu prazer avançava mais um pouco. Eu estava com fome. Minhas presas doíam enquanto se alongavam, empurrando mais longe do que nunca. Sob sua carne pálida, vi o pulsar de seu sangue, ouvi-o correr, me chamando.

Antes mesmo que eu soubesse o que tinha feito, minhas presas estavam perfurando sua pele, sangue inundando minha boca enquanto eu selava meus lábios sobre a mordida e bebia, balançando e balançando em cima dele.

Eu queria mais.

Porra, eu o queria enfiado dentro de mim, me enchendo profundamente...

— Não ouse parar. —Cyrus gemeu, então rasgou minha calcinha fina e empurrou seu pau em mim com um golpe de seus quadris. — Porra, você está molhada e escorregadia. Acho que vou te foder o dia todo, minha rainha. Com cada palavra, ele bateu em mim até que meu orgasmo me atingiu, e eu apertei em torno dele, engolindo grandes goles de seu sangue enquanto eu gozei, meus gritos silenciados porque eu não estava prestes a soltar sua garganta.

— Foda-se, isso foi bom. —Ele apertou as mãos na minha bunda e me segurou firme, me fodendo cada vez mais forte até que minha boca escorregou de seu pescoço, e eu segurei sua preciosa vida. Jurei que a cabeça de seu pau ficou cada vez maior até que era tudo o que eu sentia, deslizando para cima e para baixo dentro de mim até que todo o meu corpo se apoderou. Eu gozei novamente com força, sentindo sua ejaculação saindo de mim, cobrindo nós dois.

— Deus, Cyrus...—Eu o puxei fracamente para mais perto e lambi a mordida, selando-a, embora nós, e o edredom, já estivéssemos cobertos de sangue. Como um carneiro, aquele poder latejante se reuniu em meu centro, expandindo-se através de mim como uma onda.

— Sexo na piscina, — ele murmurou de volta. — Quando eu posso ficar de pé, eu estou fodendo você na piscina por trás, e você vai gozar com tanta força.

A imagem escandalosa que surgiu na minha cabeça me excitou.

Talvez muito ligado porque minha magia explodiu fora de mim, destruindo completamente a mesa, jogando a lanterna no chão, onde estava queimando. As repercussões ecoaram pela sala de pedra como um gongo, e me perguntei se Luthor as ouviu.

Cyrus esfregou a mão nas minhas costas antes de perguntar: — Isso foi bom para você? Porque foi muito bom para mim.

— Estou feliz porque acho que sou feito de nitroglicerina e propenso a um manuseio cuidadoso.

A onda se juntou novamente, estourando através de mim como um calor acelerado. Outra onda de magia explodiu em todas as direções, jogando a cama comida pelas traças contra a parede em uma chuva de poeira.

Se esta era a minha magia, eu não sabia como conseguiria.

Eu sabia que não podia controlar isso, o que me assustou.

— Isso é normal, — Cyrus acalmou, embora eu estivesse ficando cansada de todo mundo me dizendo que todas essas coisas estranhas eram normais quando não

eram. — Deus, eu posso sentir isso se multiplicando, como uma espécie de leviatã, apenas esperando para ser desencadeado.

Virei a cabeça para olhar para ele, e aquele olhar em seu rosto?

Satisfação masculina do tipo supremo.

— Meu sangue foi a chave para desbloquear sua magia, — ele disse presunçosamente. — Não de Luthor. Apenas espere até eu vê-lo. Serei capaz de dominar isso por séculos.

— Você pode se gabar mais tarde, —eu sussurrei, balançando até que minha cabeça estava em seu peito, seu braço em volta de mim. — Que tipo de magia eu tenho? Eu juro, tudo o que fiz até agora foram destroços.

— Difícil de dizer. Com um pouco de treinamento e foco, tenho certeza que podemos descobrir. Houve uma vez essa rainha, ela podia fazer as coisas mais depravadas com ela…

— Vamos torcer para que eu possa fazer algo útil. Como mediador da paz mundial.

Minha mente vagou quando Cyrus se aconchegou ao meu lado.

— De qualquer forma, tudo isso é tão estranho.

— O que, eu e você? — Ele se afastou, colocando um centímetro de espaço entre nós.

— Não. Sim. Mas principalmente quero dizer que há todo um outro mundo que existe ao lado do nosso. Que eu nunca soube disso, embora eu fizesse parte disso.

— Bem, Claire deveria ter lhe contado tudo. —Cyrus colocou um braço em volta da minha cintura. — Mas ela queria proteger você.

— Teria sido bom saber, — eu disse, então decidi que contaria a Cyrus o que eu estava pensando, mesmo que ele provavelmente já soubesse. — Mas no final, ela tomou a decisão certa. Lembro-me de como fiquei com medo quando mamãe foi morta. Tive pesadelos durante meses, pensando que era um assaltante. Imagine se eu soubesse a verdade.

— Como eu disse, concordo parcialmente com Claire sobre isso.

— E eu tenho minhas presas, mas não faço ideia de qual seja minha magia. — Eu pressionei minha língua em um dos pontos. Muito menos terno. — Tenho a sensação de que Vovó sabia qual era minha magia, mas nunca me contou. Seria bom saber disso agora.

— Eu aposto que você nunca viu isso acontecer. O dia em que Luthor drenou você e você acordou uma rainha com magia e presas.

Espere o que?

— Vovó me esfaqueou, foi assim que eu morri. — Ocorreu-me que não tivemos um segundo para explicar nada a ele, já que a merda atingiu o ventilador logo depois que ele chegou. — Luthor ficou comigo até eu acordar. — Então fodeu a merda fora de mim.

— Oh, tudo bem. — Ele parecia confuso. — Então Luthor não drenou você primeiro?

— Eu... eu não tenho certeza. É assim que se faz?

— Na minha experiência, sim. Seu guarda mais confiável o drena, então você ressuscita algumas horas ou dias depois. Mas você não pode ter uma gota de sangue em seu corpo – é isso que inicia a mudança. Você morre, e então sua magia ganha vida, age como um catalisador para fazer seu coração bater, seus pulmões respirarem.

— Você se recupera, cresce presas e obtém sua magia. — Ele parecia desesperado para terminar essa conversa, mas não eu.

Eu queria respostas.

— Luthor me drenou, até a última gota?

Exceto por uma maldição abafada, Cyrus ficou em silêncio atrás de mim. — Eu pensei que ele tinha dito a você.

— Nenhuma palavra.

— Porra. Acabei de colocar Luthor em apuros?

— O que você acha?

Capítulo 33

Seraphina

Eu decidi que a piscina teria que esperar.

Embora o pensamento de ser fodida por trás fizesse coisas engraçadas para minhas partes femininas.

— Eu tenho que urinar. — Eu enfiei meu dedo no rosto de Cyrus quando ele correu para colocar as calças. — Você fica aqui, porque o que eu tenho a dizer para Luthor... — Bem, eu não sabia o que eu diria a ele, mas seria ruim e cheio de comentários sarcásticos e respostas inteligentes.

Ou eu apenas gritaria, o que me fizesse sentir melhor.

Isso o ensinaria a deixar de fora detalhes importantes como me drenar até a morte.

Depois de endireitar a mesa e o lampião, vesti minha calça de ioga — rasguei a etiqueta de um moletom azul novinho em folha e subi os degraus.

Assim que abri a porta, eu o vi, ainda na mesma posição, parecendo uma gárgula mal-humorado. Oh, eu ia gritar com ele ..., mas primeiro eu realmente tinha que fazer xixi.

Andando na ponta dos pés para o meu lugar favorito do outro lado do próximo mausoléu, eu me aliviei, uma mão apoiada na parede da cripta, meus dedos a poucos centímetros do carvalho venenoso. Meu poder retumbou no meu centro, um pouco desconfortável e totalmente inquietante.

Se eu soubesse o que minha magia fazia, eu raciocinei, eu não ficaria tão assustada.

Debaixo da minha mão, algo do outro lado da pedra fez um leve som de arranhar.

Olhos nas folhas vermelhas venenosas, eu lentamente puxei minha mão, me equilibrando na minha posição desajeitada de cócoras quando terminei. Eu mal tinha colocado minhas calças e estava me afastando daquele som assustador quando Luthor mancou na esquina, com o rosto vermelho e obviamente zangado.

— Você não pode vir aqui sozinha, Seraphina, — ele repreendeu. — É também…

Seus olhos se voltaram para a cripta, onde não havia como confundir os arranhões entorpecidos do outro lado da pedra. Talvez eu estivesse louco, mas isso soava como pregos.

— Seraphina, — Luthor disse cuidadosamente, estendendo a mão.

Minha raiva esquecida, fui até ele porque o que quer que estivesse dentro daquele mausoléu estava vivo.

Eu estava no meio do caminho quando prendi a perna da minha calça em alguma coisa. Um galho, talvez, mas quando tentei me afastar, a resistência apertou meu tornozelo, quase como um...

Olhei para baixo e gritei, o som horripilante ecoando pelo cemitério enquanto eu puxava meu pé para longe da mão esquelética que o segurava. Luthor me arrancou do chão, e os ossos voaram, meus braços agarrando seu pescoço com tanta força quanto ele me agarrou contra ele.

— Corra, — eu resmunguei. — Corra e me tire dessa coisa.

Não que eu soubesse o que estava acontecendo, exceto em todos os filmes de zumbis que eu já tinha visto, essa cena acabou com a gente comendo nossos rostos.

Do meu olhar rápido, vi que Luthor não estava muito melhor, um olhar de horror absoluto em seu rosto. Ele mancou em direção à cripta que chamávamos de lar, minhas pernas enroladas em sua cintura, desviando das mãos esqueléticas surgindo do chão como galhos.

— Luthor, — eu gritei, puxando meus pés para fora de seu alcance ósseo.

Cyrus saiu do mausoléu, madeira lascada voando em todas as direções, derrapando até parar quando viu o que estava acontecendo. Agarrando mãos em garra brotando do chão.

Achei que ele tinha ouvido meus gritos.

Eu pensei que ele estava vindo para nos ajudar.

Mas quando o esqueleto saiu da porta atrás dele, percebi que ele também não queria ser comido por monstros zumbis.

— Serafina. Acalme-se, — ele gritou, esquivando-se dos braços esqueléticos da coisa atrás dele. — Luthor, esta é apenas a mágica dela aparecendo. Ela pode fazer isso parar.

Espere, este era eu? De jeito nenhum eu jamais, nem em um milhão de anos, como nunca, eu conjuraria pessoas mortas de seus túmulos. Exceto…

Fixei meus olhos no monstro de esqueleto completo fazendo outra tentativa de agarrar Cyrus, fechei os olhos e empurrei. Eu não achava que magia tivesse forma ou massa, mas empurrei algo em direção à coisa e, um segundo depois, ela estremeceu, depois caiu em pedaços, os ossos se quebrando em uma pilha aos pés de Cyrus.

—Nossa garota – disse Cyrus com orgulho.

Eu definitivamente precisaria de anos de terapia depois disso.

Luthor, sacudindo outra mão, parecia intrigado, então me empurrou em seus braços para que ambos tivéssemos uma visão completa do cemitério.

— Feche os olhos, minha rainha —, ele pediu calmamente. — Faça isso de novo, reúna sua magia e empurre, mas desta vez, crie um cobertor que cubra todo o cemitério, como neve.

Assim que imaginei, tudo parou, e tudo o que restou foram pilhas aleatórias de ossos espalhados entre as lápides inclinadas.

— A propósito, foi o meu sangue que fez isso. — Cyrus se gabava de nós, e eu queria matá-lo. Ou beijá-lo, mas para isso eu teria que sair dos braços de Luthor, e seria um dia frio no inferno antes que meus pés tocassem aquele chão coberto de ossos. — Meu sangue era o impulso extra de poder que ela precisava para que sua própria magia se desenvolvesse completamente.

— Então, eu vi. — Luthor não fez nenhum movimento para me colocar no chão, mas, novamente, eu tinha um aperto mortal em seu pescoço. — O interior da cripta?

— Rastejando com os mortos ressuscitados. —Cyrus sorriu. — Ou era, antes de nossa Rainha descobrir como controlar sua magia. Bom trabalho, aliás.

— Obrigada, — eu disse, sem saber se essa situação tinha algum ângulo positivo. — Então essa é a minha magia?

Deus, isso foi decepcionante. Eu realmente estava esperando por algo legal, não algo horrível. No entanto, aqui estávamos nós, no meio de um filme de terror onde eu, aparentemente, era o diretor. E responsável pelos extras. Pelo menos os mortos.

— Bem, isso simplesmente é uma merda.

— Pelo menos é útil, — Luthor murmurou, enterrando seu rosto no meu cabelo, seu peito se expandindo. Mesmo que eu estivesse pressionado contra ele, eu estava tendo dificuldade em lê-lo. Por um segundo, eu me perguntei se ele estava escondendo seus sentimentos, mas por que ele faria isso?

Confiamos um no outro. Ou assim eu pensei.

— Sem segredos, lembra, Luthor? — Em resposta, ele me apertou com mais força contra ele, e tive a estranha impressão de que ele estava se despedindo. — Luthor?

— Vamos levá-lo para dentro. Estamos muito expostos aqui. — Ele examinou as árvores enquanto me carregava de volta para a cripta.

Cheio de esqueletos.

— Uhm... — Sim, eu não ia entrar lá. — Luthor, eu não posso entrar lá. — Eu chutei reflexivamente enquanto chegávamos cada vez mais perto daquela abertura escura. — Eu não posso fazer isso, eu não posso...

Medo e adrenalina se misturaram para formar uma explosão de magia de alta octanagem, meu poder fluindo de mim em ondas. Desta vez, esqueletos inteiros irromperam do chão, ficando de pé, alguns rastejando em nossa direção. Tantos, até Cyrus parecia preocupado.

— Merda, — Luthor amaldiçoou então mudou de direção, mancando para a linha das árvores.

Senti uma onda de ar gelado, quase tão denso quanto a água. Percebi que havíamos passado pelas alas, a magia escorregando de mim como neve.

Cyrus estava bem atrás de nós, mas quando olhei para trás, ele estava preso dentro da barreira enquanto esqueletos o subjugavam. Ele abriu a boca para gritar, mas antes de fazer um som, ele desapareceu sob uma pilha de ossos se contorcendo.

— Abra as alas, Luthor, — eu solucei, as palavras distorcidas. Eu o puxei com as duas mãos para ouvir, para me virar, para fazer algo para acabar com essa loucura. — Abra as barreiras para que Cyrus possa sair, deixe-o sair.

Luthor entendeu, porque um momento depois, Cyrus se soltou, junto com alguns esqueletos, com a intenção de nos seguir enquanto eles cambaleavam em nosso rastro. Agarrei os ombros de Luthor, e jorros de sombra negra jorraram da ponta dos meus dedos, como fumaça de um veículo saindo pela culatra.

— Eu não quero que isso aconteça. Eu não quero esse poder, — eu gritei. — Faça parar.

— Você faz isso parar, Seraphina, — Luthor ordenou severamente, me colocando em minhas pernas bambas, me firmando quando eu balançava.

— Esta é sua magia, seu poder. Seu para controlar. — Ele nunca vacilou em sua calma tranquila enquanto eles se aproximavam. Se não fosse por sua confiança constante, eu estaria correndo. — Você tem todo o controle, minha Rainha. Pare-os, pare-os antes que machuquem Cyrus.

Sem nem pensar, joguei minha magia como uma rede, e os esqueletos que perseguiam Cyrus caíram em pedaços, seus braços girando enquanto ele se empurrava mais rápido.

— Isso realmente é uma droga, — eu disse enquanto caía contra Luthor.

— Essa foi a coisa mais incrível que eu já vi. — Cyrus parou ao nosso lado, o rosto corado de excitação. — E você tem que agradecer por isso.

Capítulo 34

Seraphina

No final, voltamos ao mausoléu, só porque não havia mais para onde ir.

Luthor ordenou que Cyrus entrasse primeiro – para arrumar o lugar antes que Seraphina o visse – e nós o seguimos alguns minutos depois.

Surpreendentemente, o único sinal do apocalipse zumbi era uma pilha de ossos no canto.

Cyrus tinha feito o seu melhor, jogando todos os tipos de moletons neon por cima, mas ainda havia alguns fêmures aparecendo.

— Você não pode me enganar com sua lamentável tentativa de camuflagem, — eu brinquei debilmente, então me senti mal quando ele discretamente moveu os ossos ofensivos com o pé, como se esperasse que eu não notasse. — Contanto que eles não estejam se movendo, eu estou bem.

Eu não era nada boa, mas era o que as pessoas faziam quando a merda desmoronava.

Eles fingiram.

Se havia uma coisa em que eu era boa, era fingir.

Isso tinha que ser a coisa mais hedionda que eu já suportei. Como esse tipo de magia pode ajudar em alguma coisa? Eu só queria desistir. Quero dizer, sério, isso estava ficando ridículo. Eu poderia trazer os mortos de volta à vida e lançar jatos negros de fumaça de meus dedos.

Por que alguém achava que eu era material de rainha, quando claramente, eu mal era material humano?

Os braços de Cyrus me envolveram. — Não pense assim, — ele murmurou quando eu me inclinei para o abraço. — Seu poder é incrível, Fina. Você verá isso quando aprender a controlá-lo. — Suas mãos esfregaram lentamente para cima e para baixo nas minhas costas, me relaxando a cada passagem.

De alguma forma, eu relaxei instantaneamente, como se ele tivesse um toque mágico…

Eu me afastei para olhar para ele. — Qual é a sua magia, Cyrus? Não estaria fazendo as pessoas se sentirem melhor, estaria? Isso com certeza explicava por que eu me sentia mais calma sempre que ele estava perto. — Exceto quando ele estava tentando me comer.

— Eu posso manipular os sentimentos das pessoas. — Ele parecia envergonhado, como se tivesse feito algo errado.

— Você me fez sentir melhor imediatamente, — eu assegurei a ele, me perguntando por que ele estava agindo assim.

— Não é um tipo útil de magia, — ele admitiu, olhando para Luthor e baixando a voz. — Eu não posso esconder meus arredores ou desaparecer no ar ... ou trazer os

mortos de volta à vida. Tudo o que posso fazer é fazer as pessoas se sentirem um pouco mais leves.

Eu o abracei mais perto, sentindo seu queixo descansar em cima da minha cabeça.

— Você me fez sentir melhor, e se alguém pudesse fazer isso depois do que aconteceu lá em cima... — Eu empurrei meu queixo para os degraus. — Então, tudo o que posso dizer é obrigada.

Eu balancei a cabeça para Luthor, ainda parecendo que ele tinha engolido uma pimenta fantasma, um limoeiro e uma caixa de abelhas, tudo ao mesmo tempo.

— Talvez dê um abraço em Luthor, ele poderia se animar.

— Eu estou bem, — ele resmungou. — Simplesmente ponderando nosso próximo movimento, que deve acontecer nos próximos dez minutos.

— Isso é uma merda engraçada. — Eu ri. Cyrus ainda estava em volta de mim como uma casca de tortilha macia, e eu estava me sentindo praticamente tonta.

— Você usou sua magia. Eu abri um buraco nas alas, — Luthor explicou, me afastando de Cyrus com um olhar que dizia meu. — Se houver fantasmas nas proximidades, eles já estão rastreando seu poder e estão a caminho daqui.

Merda. O prazo de dez minutos era real.

— Eu não... eu não queria que isso acontecesse.

A voz de Luthor nunca perdeu aquele tom calmo e paciente. — Nada disso é culpa sua, Seraphina. Mas isso não muda o fato de termos que sair. — Ele acenou para a pilha de merda do Walmart no chão. — Pegue o que você pode carregar, pode ter que durar alguns dias.

Eu puxei dois moletons da pilha e os joguei para Luthor e Cyrus. Encontrei um enorme preto, e puxei-o sobre minha cabeça, a coisa quase caiu de joelhos. No fundo da pilha havia uma mochila de criança, uma monstruosidade rosa, roxa e brilhante com um chifre de unicórnio saindo na parte de trás.

— Cyrus, eu preciso que você convença seu primo a nos esconder. Use os meios necessários, mas precisamos de refúgio, e ele é um aliado lógico.

— Só se todos quisermos morrer. — Ouvi Cyrus murmurar. O pavor sangrou dele, forte o suficiente para aumentar minha adrenalina. — Tem que haver outra opção.

— Não podemos sobreviver sozinhos no mundo, você sabe disso. —A voz calma e firme de Luthor mudou de calma para amarga. — Deston é nossa única opção no momento. O único, ou nem estaríamos tendo essa conversa.

Enfiei punhados de doces e barras de proteína e carne seca no saquinho, pensei em arrancar o chifre de unicórnio, mas de alguma forma, isso parecia um sacrilégio.

— Treinar Seraphina requer uma sutileza que nem você nem eu temos.

Em outras palavras, ela é um show de merda esperando para acontecer.

— Você é o único que sabe como encontrar Deston. —Luthor esfregou a testa. — Estou pedindo um grande favor, Cyrus, e sei disso.

— Eu sou, e você é. — Cyrus escolheu suas próximas palavras com muito cuidado. — Mesmo em seu auge, ele não seria uma boa escolha, Luthor. Ele é perigoso e depois de tanto tempo... não acredito que ele não tenha se tornado um desonesto.

Vampiros desonestos, mais uma coisa que eu não sabia nada.

— Ok. —Eu levantei a mochila ridícula, vendo Cyrus tentar calçar sapatos dois tamanhos menores. — Eu empurrei tudo para isso. —Com o canto do olho, vi a pintura.

Peguei-o da prateleira e o coloquei debaixo do braço, sentindo-me cada vez mais como se estivesse indo para o meu primeiro dia de escola primária. Assustado, inseguro e despreparado.

— Deston pode ser meu primo, mas ele nunca foi de respeitar os laços de sangue. Ele prefere me matar a falar comigo. Cyrus fez uma pausa. — Eu não ia dizer nada... mas passei por sua antiga casa durante uma das minhas corridas no Wall Mart, e pelo que parece... as coisas não estão indo bem para meu primo recluso e fodido.

Esperei o acordo de Luthor, ou talvez um Plano B, mas nunca veio.

— No entanto, é para lá que estamos indo. Você e eu não podemos mantê-la segura. Este lugar está prestes a ser invadido por um bando de fantasmas. —Luthor fez um último passe, tirou um boné de beisebol e o encaixou na cabeça, puxando a aba para baixo o suficiente para que eu não conseguisse ver nada além do brilho de seus olhos. — Cy, certifique-se de que está claro lá em cima.

Meu coração disparou, vendo Cyrus subir os degraus, depois parar no topo, antes de nos apontar para a frente. Sério? Tudo o que temos são algumas horas ruins sem fantasmas ou reis vampiros assassinos ou zumbis?

Luthor entrou na minha frente. Ele me puxou contra ele, enterrou o nariz no meu cabelo e respirou fundo. — Eu vou em seguida e você fica atrás de mim a cada centímetro do caminho. Se alguma coisa está esperando por nós lá fora, Cyrus vai se envolver e mantê-lo ocupado enquanto nos desmaterializamos.

Não. Eu queria gritar. Por que você está mandando ele para lá sozinho?

Então, isso me atingiu. Eles não deveriam ser responsáveis por mim.

Eu era responsável por eles.

Eu era a Rainha deles, e eles eram meus Guardas Superiores, e eu era responsável por tudo o que estava acontecendo. Os fantasmas estavam me perseguindo, não eles.

Fui eu quem matou Vovó.

Não diretamente, mas sim. Isso era tudo por minha conta.

— Não, — eu me ouvi dizer, passando por ele e saltando os primeiros passos. — Saímos todos juntos e nos desmaterializamos juntos. Ninguém fica para trás e ninguém está morrendo por mim hoje.

Do alto da escada, algo soltou um grunhido baixo, e não era Cyrus.

Mas ele levaria o peso de seu ataque. Ele era aquele que carregava ainda mais cicatrizes do que já carregava. Eu não ia deixar isso acontecer.

Fechei os olhos e empurrei com tanta força que meu corpo doeu.

Minha magia parecia lenta e resistente, uma mistura de melaço e ferro, resistindo às minhas exigências. Assim que começou, deslizou para fora de mim, através das paredes de pedra ao nosso redor, para o solo macio e úmido, encontrando sepultura após sepultura. Dizendo aos esqueletos para eliminar os intrusos.

Mate-os, ordenei aos mortos. Faça-nos um caminho.

Luthor e eu subimos o degrau mais alto ao mesmo tempo, e nós três assistimos em vários estados de horror e alegria quando oito ou talvez nove - era difícil dizer com certeza - os fantasmas foram arrancados membro a membro grotesco.

Capítulo 35

Seraphina

Seraphina se engasgou quando pousamos na neblina antes do amanhecer na frente do meu primo.

Localizado em uma ilha no fundo do pântano, Deston havia construído seu covil séculos atrás, e os ciprestes que nos cercavam deviam ser pelo menos tão antigos. O ar estava pantanoso com umidade e podridão, e estava escuro aqui. Tanto musgo nas árvores que pingava na água.

A curiosidade sangrou de Seraphina, embora seu olhar preocupado permanecesse em mim, aquela proteção feroz em seu rosto aquecendo meu coração.

— Eu vou primeiro.

Luthor me deu um aceno de cabeça e um aviso. — Ele saberá que estamos aqui. Convença-o, Cyrus. Use sua magia nele se precisar, mas nos leve para dentro dessas alas. Uma leve sensação de alívio passou por mim quando ele abraçou Seraphina mais perto. Eu queria que ele estivesse pronto para levá-la embora, caso esta situação piorasse.

Deston Rayne era um solitário por uma razão.

Ele estava com cicatrizes, por dentro e por fora.

Vendido pelas pessoas em quem ele confiava.

Ele tinha boas razões para odiar Viktor, o trono e as casas reais. O ódio era o que o impulsionava, o alimentava, o empurrava em sua vingança contra o trono. Ele já foi o vampiro mais poderoso do nosso clã, além da rainha reinante.

Ele serviu em mais tribunais do que eu podia contar; mas ali estava ele, apodrecendo no meio do pântano.

Eu teci através do cipreste, evitando bolsas profundas de água e mantendo um olho para jacarés. Você nunca sabia o que guardava o covil de um vampiro. Eu tinha certeza que era mais do que a magia do meu primo.

Havia um nevoeiro legítimo esta manhã, e a condensação pairava pesada no ar. Até as proteções tinham aquela sensação de ar úmido e frio, mas pulsavam com força suficiente para que eu pusesse a mão para trás.

Dentro das alas, a casa de Deston parecia estar em completo abandono, parte do telhado queimada, a seção principal uma força esquelética contra o céu pálido.

Coloquei minha mão nas proteções novamente, enviando um pulso de minha magia através dela.

Ele me sentiria, e então era uma questão de se ele me deixaria ou não entrar.

Ou... uma vez que eu fosse, se ele me mataria.

Houve uma abertura na barreira, e senti o cheiro da doçura das rosas enquanto rapidamente passava, lembrando tardiamente como meu primo era hábil com um arco.

Eu era difícil, se não impossível de matar – Viktor havia provado isso – mas não tinha vontade de ser atingido por uma besta.

Isso doeu como o inferno.

Eu tive que parar por um segundo e admirar o trabalho do meu primo. Ele sempre foi um artista, mas isso...

Alguns vampiros podiam usar suas sombras para se proteger da visão, como Luthor. Alguns podiam fazer-se desaparecer no meio de uma multidão. Mas havia uns poucos raros - nenhum nos últimos setecentos anos - que podiam dobrar a matéria à sua vontade como Deston podia.

Ravenswood era tão grandioso quanto eu me lembrava, atualizado com eletricidade e, rezei, encanamento interno. Presumi que ele teria todas as comodidades, já que Deston não gostava mais do que eu.

A pesada aldrava fez um baque surdo e foi apenas uma formalidade, já que ele já havia baixado as proteções e me permitido o acesso. A questão era, o que há para ele, porque essa é a única maneira de Deston abrir esse portal.

— Primo. — Deston parecia um clichê de vampiro ambulante. Vestido com um smoking de veludo – poderia ser Saville Row – ele fumava um charuto enquanto caminhava em minha direção enquanto eu debatia minha inteligência em vir aqui.

— Tu ressembles à un mendiant. *(Você parece um mendigo.)*

Eu gostaria de dizer que ignorei seu insulto e fui o melhor homem, mas eu estaria mentindo.

— Deston. Você parece bem para alguém que há muito se transformou em pó.

— E você se parece muito com alguém que está na prisão de Viktor há cem anos.

Ele me fez um tsked, levantando meu cabelo cortado. — Vejo que você andou mal com isso. —Ele zombou enquanto observava minha aparência. Embora eu soubesse que meu traje estava muito longe de ternos sob medida e sapatos italianos feitos à mão, eu também conhecia Deston bem o suficiente para reconhecer o brilho de seus olhos quando ele levou o dedo ao nariz.

Eu deveria ter encontrado tempo para me lavar na piscina.

Porque ele sentiu o cheiro de Seraphina em mim.

Eu era velho. Luthor era mais velho.

Deston... ninguém sequer sabia quantos anos ele tinha.

Deston era velho como o pó do sótão e, embora fôssemos primos - por parte de minha mãe, uma vez removidos - ele me antecedeu em pelo menos quatrocentos anos. Com idade suficiente para ter vivido três rainhas.

Velho o suficiente para saber como se cheirava.

— Vá buscar seus amigos, Cy. *Aportez-les-moi. (Trazê-los para mim.)* — Seu olhar calculista me pegou com olhos recém-avaliadores. — Diga a Luthor que vou oferecer santuário... santuário. Para nossa nova rainha.

Eu vi cada manobra de corte que ele fez por trás daquele olhar calculista. Cada ardil escorregadio para tirar vantagem de Seraphina e usá-la para alcançar seus próprios objetivos. Eu realmente debati rasgando sua garganta ali mesmo.

Então mentindo para Luthor e Fina sobre este lugar estar vazio.

Mas precisávamos de refúgio.

E para isso, precisávamos de Deston vivo porque apenas sua magia mantinha essa ilusão unida.

Sem ele, Ravenswood era apenas mais uma ruína no meio do pântano.

Capítulo 36

Seraphina

Claro que, estamos em uma mansão assustadora no meio do pântano assustador.

Claro que estamos.

Cyrus emergiu da neblina, seu traje escuro se misturando com o ambiente, pela primeira vez.

Ele travou os olhos com Luthor, e a tensão encheu o corpo de Luthor, contra o qual eu estava atualmente esmagada. Não que eu me importasse. Estava frio e eu estava cansada, e ele, me fez muito confortável.

— Estamos dentro, — Luthor murmurou enquanto se levantava, não parecendo nada feliz com isso. Eu deslizei para o chão, afundando em arbustos até os tornozelos.

— Cyrus liberou nossa chegada com seu primo, e ele concordou em retirar as proteções.

Pelo que vi, este lugar era apenas uma modesta atualização de nossa morada anterior, que pelo menos tinha um teto. Eu também não gostava da inquietação de Luthor no nível Richter, nem do conjunto de ombros muito bonitos de Cyrus.

O que estamos entrando aqui? Eu me perguntei com um arrepio. Algo me advertiu contra passar por aquela ala. — Talvez não devêssemos estar aqui, — eu disse. — Não parece seguro.

— Não, não é.—Luthor ofereceu sua mão. — Mas Lorde Deston Rayne é o único vampiro que odeia Viktor tanto quanto nós, e ele ainda mantém alguma autonomia do clã Darkfell.

Outro senhor? Sério?

— Minha família sempre achou que o título era um pouco arrogante. — Cyrus estava tentando aliviar o clima, mas nem mesmo um movimento de sua mão ao longo do meu lado me fez relaxar.

Ele se aninhou no meu pescoço. — Luthor está certo. Nós precisamos disso. Ele. Mas não saia do nosso lado, ok? Não até que tenhamos uma noção melhor de sua lealdade.

E sua sanidade.

A voz de Cyrus soou na minha cabeça. — Você acabou de falar na minha cabeça?

— Você me ouviu? — Ele parecia encantado. — Estou tentando e tentando há dias, mas essa é a primeira vez que você realmente respondeu. — Desta vez meus músculos ficaram fracos sob seu toque. — Aí está, Fina. Relaxar. Se ele sentir medo, ele atacará.

— Há, há. — Mas algo me disse que era apenas uma meia piada.

Ele deslizou um braço em volta da minha cintura, e nós caminhamos pelas alas juntos, a magia crepitando ao longo da minha pele, parecendo uma onda de ar gelado.

— Eu acho que cheiro...—O que quer que eu estivesse prestes a dizer saiu da minha língua no segundo em que limpamos a barreira mágica.

A mansão decrépita e sem teto tinha desaparecido.

Em seu lugar havia um elegante castelo de pedra, do tipo que eu esperaria ver em um penhasco na Escócia, pináculos subindo no céu rosa, rosas vermelhas escuras subindo em um lado da escultura de uma linda mulher. Jardins longos e sinuosos estavam em plena floração, e demorei alguns passos para perceber dentro das alas que o ar estava quente de primavera.

— Não entendo.

— Apesar dos dois crétinos com você, nem todos nós somos *païens exsangues* [3]eh, pagãos sem sangue.

O homem que apareceu do nada era enorme, tão grande quanto Luthor. Quanto mais perto ele chegava, mais eu queria recuar. Ele era imponente, até vestido com uma roupa estranha inspirada no Halloween, completa com uma jaqueta longa cor de vinho e uma camisa de babados dos anos 70.

A bengala de ponta prateada empurrou a fantasia por cima.

— Minha rainha.

O peito de Luthor retumbou em advertência quando Deston se curvou, então pegou minha mão, sua pele seca e fria como papel. Mas tudo o que ele fez foi girá-lo na palma da mão e dar um beijo no interior do meu pulso.

[3]*Païens exsangues- pagãos sem sangue*

Dei uma olhada melhor em seu rosto quando ele me olhou nos olhos, reconhecendo a loucura quando a vi. Junto com sua semelhança familiar com Cyrus.

Ele era bonito ‘impossivelmente1 e era o oposto de Cyrus em todos os aspectos que importavam. Não havia nada de brincalhão, alegre ou gentil em Deston Rayne. Este vampiro estava mergulhado na escuridão, desde seu cabelo preto e seus olhos sem alma até a pura ameaça saindo dele.

Eu concordei com Cyrus. Nunca deveríamos ter vindo aqui.

— Venha, meu pequeno pássaro. —Sua voz foi cuidadosamente matizada quando ele me ofereceu seu braço. — Deixe-me escoltá-la para Ravenswood, seu novo lar. —Sua compulsão me puxou, mas minha magia era mais forte.

Dias atrás, eu não teria a menor chance, mas agora?

Sua tentativa de me manipular me irritou.

Sem mencionar que ele insultou meus amigos.

Ele pode ser intimidador, e ele pode ser mais velho do que eu, mas se Vovó me ensinou uma coisa, foi nunca mostrar fraqueza.

— Mantenha seu controle mental assustador para si mesmo, — eu avisei, mostrando minhas presas para uma boa medida. — E fique fora da minha cabeça. É rude. Seus truques podem ter funcionado uma vez, mas parece que você está fora do circuito desde os anos setenta.

Surpresa brilhou em seus olhos antes que ele deixasse cair o braço, mas não havia como confundir o olhar fugaz de raiva em seu rosto. — *Mon Dieu, tu as des*

crocs après tout[4]. —Eu não falava francês, mas não precisei pelo jeito que ele cuspiu as palavras.

Ah, sim, eu o irritou totalmente.

Não só isso, mas sua raiva parecia... desequilibrada. Instável. Eu deveria ter descoberto mais sobre vampiros desonestos escondidos em castelos elegantes antes mesmo de concordar em vir aqui.

De qualquer forma, nossas opções eram poucas. Na verdade, provavelmente estávamos olhando para ele.

— Uma trégua, — Luthor propôs. — Refúgio em troca de uma chance de redenção.

Deston zombou. — Que interesse tenho no resgate? Agora, se você me oferecesse a cabeça de Viktor, isso é algo que eu consideraria.

— Viktor provou ser ... difícil de matar, — eu expliquei, feliz por ter encontrado um ponto em comum. — Não que não tenhamos tentado.

— Diga? — Deston cutucou antes de balançar a cabeça. — Onde estão minhas maneiras? *S'il vous plait, s'il vous plait*[5]. Venha e fique à vontade. Eu tenho comida.

Eu estava quase com medo de perguntar de que tipo, embora quanto mais nos aproximássemos do castelo, mais curiosa eu ficava sobre Deston e sua magia. Rosas no inverno. Um castelo no meio do nada. Esses vampiros estavam cheios de surpresas.

Deston abriu as grandes portas com um floreio teatral.

---

[4]*Mon Dieu, tu as des crocs après tou- Meu Deus, você tem presas, afinal*
[5]*S'il vous plait, s'il vous plait- Por favor por favor*

Eu nunca tinha ido à Europa, mas tinha certeza de que tudo o que via era importado, inestimável e com pelo menos quinhentos anos. — Isso é ... muito bom — , eu finalmente disse, não querendo fazer Luthor se sentir mal com toda a coisa do mausoléu.

Eu meio que duvidava que Deston tivesse uma piscina subterrânea fumegante feita para o sexo. Só de pensar na piscina, na língua de Luthor, na promessa de Cyrus, meu corpo esquentava.

Três pares de olhos se voltaram para mim.

— Eu nunca vi nada como este lugar antes. É lindo, — eu balbuciei insensatamente, tentando desligar minha libido enquanto o calor no meu centro só se intensificava.

Agora não é o momento, eu avisei meu corpo traidor.

— Uau, tantas pinturas. E todas essas antiguidades devem ter custado uma fortuna. —Minha magia estava prestes a fazer outra aparição explosiva, e eu me movi para trás em direção às portas, meu estômago revirando com o pensamento de destruir acidentalmente tudo à vista.

Eu tremi quando a magia rastreou meus braços, meus dedos...

A mão de Deston se fechou ao redor do meu pulso, e meu poder desapareceu.

Desapareceu, como se nunca tivesse existido.

— Você foi abençoada com magia poderosa, minha Rainha, — ele repreendeu gentilmente. — Melhor não desperdiçar.

Antes que eu pudesse perguntar como ele me fechou, ele gesticulou para o corredor em arco. — Através da cozinha. Vou providenciar suprimentos e bebidas. — Seu lábio se curvou em desgosto quando ele olhou para todos nós. — Roupas.

Ele voltou seu olhar negro e inflexível de volta para mim.

— Uma rainha não deve se esconder. Ela deve subir à sua posição e planejar sua estratégia. — Um meio sorriso curvou seus lábios; apenas acentuava sua beleza cruel. — Se você tivesse homens melhores ao seu lado, você já saberia disso.

— Esses machos me mantiveram viva. Eles deram suas vidas por mim, — eu disse a ele calmamente, quando eu realmente queria raspar aqueles olhos zombeteiros de sua cabeça. — O que é mais do que posso dizer sobre você, se escondendo aqui com suas flores e seus ridículos enfeites.

— No entanto, uma rainha deve…

— Sim, bem, eu sou uma rainha há apenas uma semana, então me dê um tempo.

Ele apertou a boca. Eu esperava que ele atacasse, mas ele simplesmente parecia pensativo.

— Se você puder nos mostrar nossos quartos, eu agradeceria muito. — Eu estava faminto. Faminto por sangue, faminto por alguns momentos a sós com Luthor e Cyrus.

Faminto por uma chance de apenas... respirar.

O lugar era um labirinto sem fim, embora Deston fizesse questão de comentar sobre cada artefato inestimável, cada quarto perfeitamente decorado pelo qual passamos no caminho para cima. Entrei no meu quarto, deixando Luthor e Cy

discutindo baixinho com Deston, algo sobre fortalecer as proteções e bandos de fantasmas famintos.

No momento em que finalmente caí na cama, eu tinha esquecido tudo sobre a minha fome.

Esqueci de tudo, exceto que até agora, mal tínhamos sobrevivido, e eu não tinha certeza de quanto tempo nossa sorte iria durar.

Eu não confiava em Deston mais do que em Viktor. O problema era que eu sabia que Viktor era meu inimigo, e isso acabaria com um de nós morto.

De alguma forma, eu senti que Deston e eu poderíamos terminar da mesma maneira.

Exceto que ele me apunhalaria pelas costas, enquanto segurava minha mão e fazia promessas floridas.

Capítulo 37

Seraphina

Eu devo ter cochilado porque um segundo depois eu abri meus olhos, incrivelmente quentes, meus ossos como geleia. Cyrus estava enrolado firmemente na minha frente, Luthor nas minhas costas, seu enorme braço cruzado sobre nós dois.

O cabelo de Cyrus cheirava a xampu, e meu coração deu um pulo ao pensar em um banho longo e quente. Eu me afastei entre eles, acalmando Luthor quando ele murmurou algo sobre não sair.

Percebi que esta era a primeira vez que ele dormia desde a prisão, o que me enviou para um buraco de coelho de quanto sono um vampiro precisava.

Eu senti que poderia dormir por dia e ainda não me sentir descansada.

Alguém — provavelmente Luthor — tinha apoiado o pequeno quadro da mamãe na cômoda gigante. Foi a primeira coisa que vi quando abri os olhos e tive a sensação de que também não foi um acidente.

Havia uma fila de sacolas ao longo de uma parede, do tipo chique com letras douradas e fitas para alças, papel de seda saindo delas como uma espécie de festa de

despedida de solteira enlouquecida. Eu vasculhei por eles, procurando por qualquer coisa que pudesse se encaixar. Minhas calças de ioga estavam rasgadas e eu cheirava a suor rançoso e ossos de zumbi.

Eu levantei a lingerie rendada da bolsa com um dedo, como se ela pudesse me morder.

Reconheci vagamente a etiqueta, sabia que esses dois pedacinhos de tecido pagariam um mês de aluguel do meu apartamento. Ao bufar, olhei para cima e encontrei Cyrus me observando, um sorriso lento rastejando em seu rosto quando ele viu o que eu segurava.

Eu balancei minha cabeça e corri para o banheiro, colocando minhas costas na porta fechada.

Uma mulher melhor o teria convidado.

Uma mulher melhor não estaria lutando com quem ela era e o que ela poderia fazer.

Liguei a água, tirei minhas roupas arruinadas e me esquivei sob o chuveiro da cachoeira, esperando que a água, pelo menos, me fizesse cheirar melhor. O xampu estava em um frasco dourado e cheirava a lilases, o sabonete líquido era uma rosa perolado e cheirava a narcisos.

— Vou cheirar como um jardim de flores. — Eu estava secando meu cabelo quando descobri que tinha um problema.

A única coisa que eu tinha que vestir era a calcinha que mal estava lá. Se eu estivesse pensando, eu não teria me trancado aqui antes de estar vestida com roupas adequadas, não... essa desculpa de calcinha.

Coloquei a lingerie, notando como as alças me abraçavam nos lugares certos, e o sutiã, pela primeira vez, era realmente confortável. Eu estava admirando a forma como a renda seguia a curva da minha bunda quando percebi duas coisas.

Deston – ou um lacaio – escolheu isso para mim.

Eles se encaixam perfeitamente.

Eu não sabia se ficava impressionada ou brava.

Mas só de repetir o sorriso sexy no rosto de Cyrus me deu coragem para afofar meu cabelo e abrir a porta.

Ele ainda estava no mesmo lugar, os olhos fixos em mim como se eu fosse um lanche saboroso.

Só de pensar nele na minha garganta, seu pau bombeando em mim... sua boca suja. Deus, meus pés pareciam se mover sozinhos. A próxima coisa que eu sabia, eu estava a centímetros dele, seus dedos traçando a alça que ecoava a curva do meu seio.

— Eu gosto disso, — ele sussurrou, aproximando-se da cama. Ambas as mãos em meus quadris, ele me puxou para sua boca, os dentes suavemente fechando sobre meu mamilo. — Muito.

Eu mordi de volta um gemido. Luthor estava bem ali, dormindo profundamente, e eu não queria acordá-lo.

— Mais alto, Fina. —Desta vez, Cyrus mordeu, a faísca de dor me fazendo gemer novamente e emaranhar minhas mãos em seu cabelo. — Eu quero ouvir você gemer mais alto. —Uma mão deslizou entre minhas pernas, mergulhou pela fenda na virilha da calcinha, e seu dedo mergulhou em mim.

Meus joelhos fraquejaram, e eu vagamente pensei que seria melhor me sentar. Cyrus me levantou do chão e me sentou nele, meus joelhos escarranchados em seus quadris, seu dedo entrando e saindo em um ritmo lento enlouquecedor. Luthor ainda parecia adormecido, e eu mordi meu lábio para não fazer barulho.

Isso era tão estranho, mas eu poderia ter me afastado.

Eu poderia ter me levantado, e não o fiz.

Eu queria seus dedos em mim. Eu queria... caramba, eu queria os dois, Luthor e Cyrus, juntos. Eu queria saber como era estar pressionada entre eles, não estar ciente de nada além de suas bocas, lambendo e mordendo e ...

Outro gemido baixo explodiu de mim, e eu apertei aqueles dedos – dois, agora – que estavam transformando meu corpo em um instrumento fortemente amarrado.

A cama mergulhou, e Luthor estendeu a mão e colocou a mão atrás da minha cabeça, me puxando para sua boca. Eu o deixei me devorar, preparando minha cabeça para acomodar sua língua sondando, uma mão apoiada no peito de Cyrus, meu cotovelo plantado no travesseiro ao lado da cabeça de Luthor.

Meu corpo se transformou em pouco mais do que pura sensação – essa tensão enrolada que me fez querer foder os dois ou tê-los me foder. Cyrus se mexeu e, em um movimento rápido, me empalou, seu pau deslizando profundamente, meus joelhos batendo para fora da cama enquanto ele empurrava em mim.

Luthor nunca parava de me beijar, uma mão acariciando meu mamilo, enquanto a boca de Cyrus se fechava sobre a minha outra, sua língua balançando para frente e para trás sobre a protuberância dura. Isso era uma sobrecarga sensorial séria.

Era como se meu corpo nem soubesse o que fazer com tudo o que estava acontecendo.

Devo vir? Devo gritar?

No final, eu fiz as duas coisas quando meu clímax quebrou através de mim, e amaldiçoei na boca de Luthor, meu corpo tremendo. Minha mente ficou em branco por um segundo quando Luthor me agarrou pela cintura, me puxou de cima de Cyrus e me deitou de costas, levantando minhas mãos sobre minha cabeça, envolvendo ambos os pulsos com uma mão enorme.

Ele me cobriu, pressionando minhas pernas para fora enquanto empurrava, mais e mais fundo, me esticando.

Cyrus mordiscou minha garganta, seus lábios deliciosamente macios, e eu virei minha cabeça para lhe dar um melhor acesso. — Morda-me, Cyrus. — Eu queria que ele bebesse de mim, enquanto Luthor me fodia lentamente, presa na cama. Eu queria que meu sangue estivesse dentro dele, enquanto Luthor estava dentro de mim.

Nada disso fazia sentido, mas meu corpo exigia essa troca entre nós três.

As presas de Cyrus eram ainda mais longas que as de Luthor, ligeiramente curvadas e de aparência perigosa. Antes que eu pudesse ter dúvidas, ele mordeu, seus dentes afundando profundamente.

Tudo o que eu podia fazer era superar as sensações, Cyrus sugando minha garganta, Luthor batendo em mim enquanto eu me separava, uma e outra vez. Eu ainda estava estremecendo, pequenos tremores secundários ainda ondulando através de mim quando Luthor gozou com golpes curtos e duros, enchendo-me enquanto ele

me apertava com força contra ele. Ele caiu de costas, os braços bem abertos. Passei a mão em seu peito, todo aquele músculo rígido e firme.

Ele tinha um gosto salgado enquanto eu corria minha língua ao longo de seu pescoço, então minhas presas, deliciada quando seu grande corpo estremeceu. Um movimento e minhas presas perfuraram sua pele, seu gemido ecoando pela sala enorme. Ele tinha um gosto tão rico, tão decadente, como um vinho finamente envelhecido. Bebi e bebi enquanto Cyrus alisava as mãos para cima e para baixo no meu corpo, amassando e massageando, acalmando todas as minhas preocupações.

Eu selei Luthor e rolei um Cyrus risonho em suas costas, lambendo e beliscando até que meus dentes estavam nele. Seu sangue encheu minha boca, seu cheiro meu nariz. Luthor veio por trás de mim e tirou meus quadris da cama, então empurrou sua coxa entre meus joelhos, ampliando minha postura até que eu estivesse completamente nua para ele.

Ele passou um dedo pela minha boceta, então eu senti a pressão de seu pau, enorme contra minhas dobras inchadas. Ele agarrou meus ombros e me levou em um longo e profundo mergulho, suas bolas batendo contra mim enquanto ele me fodia. Cyrus me segurou apertado em sua garganta, gemendo enquanto eu bebia, e estendi a mão e encontrei seu pau, correndo minha mão para cima e para baixo em seu comprimento duro.

Ele gozou enquanto eu ainda estava bebendo, seu corpo estremecendo debaixo de mim, sangue quente escorrendo pelo meu queixo quando levantei minha cabeça e rugi quando Luthor me levou ao limite, uma última vez.

A batida me acordou, um baque surdo que percebi que vinha da porta.

— Primo. Eu tenho um pedido, se você puder parar de *baise notre reine assez longtemps pour* [6] para ouvir.

Eu não sabia o que Deston disse, mas quando Cyrus saiu completamente nu para lhe dar uma resposta, não pude deixar de admirar seu traseiro. Ele murmurou algo profano através da porta, então eu mal ouvi a resposta murmurada de Deston.

— Deston pede que você o encontre no jardim ambulante em meia hora. — Mesmo Cy não conseguia manter uma cara séria quando ele disse passear no jardim, como se fosse algum eufemismo para dandismo.

[6] *Baise notre reine assez longtemps pour- de foder nossa rainha tempo suficiente*

Capítulo 38

Seraphina

— Será um dia frio no inferno quando eu passear em qualquer lugar com aquele idiota.

— Eu odeio dizer isso, mas precisamos de Deston. —Luthor deu um beijo carinhoso no meu ombro. — Ele é valioso de maneiras que você ainda não entende.

— Eu sei que não precisamos de um vampiro psicótico com problemas de raiva, — eu rebati. — Precisamos de alguém confiável. Nivelado.

— Deston treinou as últimas três Rainhas. Ensinou-os a dominar sua magia, a empunhá-la.

Bem, tudo bem então. Se ele realmente pudesse me ajudar...

Qual era o mal em passar alguns dias aqui enquanto nos reagrupávamos, comíamos, fodemos? Quero dizer, estava claro que Deston pretendia me usar, então por que eu não deveria usá-lo de volta? Talvez fosse hora de começar a colocar em prática meu repertório de manobras na corte, aprendido em livros.

Ver? Eu também sabia um pouco de francês.

—Muito bem. Vou falar com ele, mas quero vocês dois comigo quando o fizer.

Deston estava esperando por mim, além da loucura, desta vez em uma jaqueta de veludo azul que parecia o céu noturno, complementada com outra camisa de Elvis. Sua bengala prateada completava o visual, que era mais Dark Shadows do que Entrevista com o Vampiro.

— Agradável loucura. —Meu olhar viajou pelas pedras caídas, a parede meio caída, até a escultura no topo, o rosto da garota olhando fixamente para fora, passando pelo castelo.

— Essa é Selene, a deusa da Lua. — Diante do meu olhar vazio, ele perguntou: — Ambrogio e Selene? O primeiro vampiro e seu l'amour?

Eu balancei minha cabeça, e Deston olhou para Luthor e Cyrus.

— O que você tem ensinado a ela? Este é um dos nossos clássicos, e não há como ela crescer até a idade adulta sem aprender nosso passado.

— Eles não ensinavam isso no ensino médio. Ou ensino médio. Ou a Universidade de Tulane, eu temo, — eu disse a ele secamente, o cheiro pesado de rosas quase sufocando.

— Ela foi criada humana, — Luthor explicou calmamente. — Até uma semana atrás, ela não sabia nada sobre o nosso mundo.

Pela expressão no rosto de Deston, pensei que cagaria no sapato dele. Cômico, mesmo nessas circunstâncias.

— Sim, eu sou uma mera humana, oh bastião da imortalidade e gostos de roupas questionáveis. Mas eu sobrevivi a Viktor me caçando, sua prisão, seus fantasmas, e vou sobreviver a tudo o que ele mandar atrás de mim.

Quando terminei, minhas mãos estavam fechadas em punhos, meu poder retumbando dentro de mim, impulsionado pelo sangue de Luthor e Cyrus. Lembrar o que aconteceu no cemitério só aumentou minha magia, e pequenas sombras negras jorraram dos meus dedos.

— Droga, este é o poder mais estúpido de todos os tempos.

Eu balancei minha mão, enviando pequenos sopros de escuridão por toda parte enquanto Deston parecia estarrecido. — Quero dizer, para que serve essa magia se eu não consigo descobrir como usá-la?

— Serafina. — Deston pegou minha mão e minha magia se extinguiu. As sombras negras desapareceram. Até meu núcleo agitado de poder se acalmou, me sentindo mais como algo esperando silenciosamente do que algo pronto para explodir de mim como um bebê alienígena.

— Isso nunca deveria ter chegado tão longe. Que vergonha você é. — Ele lançou um olhar maligno para Luthor e Cyrus, mas seus olhos foram mais gentis quando encontraram meu rosto. — Você foi criada por humanos, *oui*[7]*?*

Mudei meus pés com culpa. — Minha mãe e, minha avó me criaram. —Olhei para Luthor, e quando ele assentiu, continuei, — Claire e Isabella Marvelle. Mas elas pensaram que seria mais seguro se eu pensasse que era humana. Acho que ambos esperavam que o passado nunca nos alcançasse.

[7] *Oui- Sim*

— *Mon Dieu, à quoi pensait* [8]*, Claire?*

— Eu não sei o que isso significa, mas sim, minha avó era Claire, — eu retruquei, desejando ter aprendido um pouco de francês no ensino médio. Mas na época morávamos em Ohio, que era mais alemão e espanhol do que francês ou latino.

— *Parle anglais, ou ne parle pas du tout*[9]*, Deston,* — Cyrus retrucou. — Ela não fala francês, e você sabe disso. Pare de se exibir.

— *Ou quoi?* — Deston encostou a bengala na parede de pedra.

— O que você vai fazer sobre isso, *mon petit ami?*

Antes que eles mostrassem suas presas um para o outro e atacassem as gargantas, eu me coloquei entre eles. — Olha. Até três dias atrás, eu era uma estudante universitária vivendo de meus empréstimos estudantis e esperando que pudesse passar em todas as minhas aulas. Tudo o que aconteceu desde então? *Vampiros, fantasmas e zumbis?*

Acenei com as mãos para as rosas de inverno, a loucura e o castelo ridículos. — Os últimos dias foram um choque atrás do outro. Quero dizer, vamos. Eu? Uma rainha vampira? Tente ver isso do meu ponto de vista. Isso parece quase real.

— Você espera que eu acredite que Claire Marvelle, dama de companhia de uma Rainha Darkfell, nunca lhe disse nada sobre o nosso mundo?

Ele estava se exibindo porque seu inglês era perfeito.

Eu segurei aqueles olhos escuros e brilhantes com os meus, sentindo alguma batalha invisível começar entre nós, um sutil cabo de guerra entre a magia dele e a

[8] *Mon Dieu, à quoi pensait- Meu Deus, o que estava pensando*
[9] *Parle anglais, ou ne parle pas du tout- Fale em Inglês ou não fale nada*

minha. — Juro por Deus. Nem uma palavra. Não até que um dos guardas de Viktor me capturou durante a Colheita de Inverno.

Eu nem sequer pisquei, minhas costas eretas, mãos cerradas ao meu lado.

Deston foi o primeiro a baixar o olhar enquanto pegava sua bengala.

— Então temos muito trabalho a fazer, minha rainha. — Ele a balançou por cima do ombro, então me olhou da cabeça aos pés. — Vestir a peça vem em primeiro lugar. Segundo, dominar sua magia, e o que quer que seja aquela coisa horrível que você fez com os dedos. Em terceiro lugar, você deve se alimentar para reforçar seu poder.

Eu já tinha a alimentado. Muito.

A boca de Deston se curvou para cima, em algo que ninguém jamais chamaria de sorriso.

— Você deve se alimentar até que eu considere você forte o suficiente. —Ele se aproximou. — Você deve ser forte o suficiente para controlar sua magia em vez de permitir que ela a controle. A única maneira de fazer isso é se alimentar. — Ele arqueou uma sobrancelha para mim.

— Muito. Você tem alguma ideia de qual é a sua magia? — Pela primeira vez, ele parecia simplesmente curioso, em vez de astuto.

— Eu posso ressuscitar os mortos. *Palavras que eu achava que nunca sairiam da minha boca.*

— Interessante.

— Se você acha interessante dar vida a um cemitério inteiro, então sim, essa é a minha magia. Eu acho isso horrível em muitos níveis, mas você acha.

— Necromancia é uma magia útil, — Deston murmurou, já de volta ao seu antigo eu calculista. — Você pode criar soldados para a batalha. Espalhe o medo entre seus inimigos. Crie fantasmas.

— Espere, não. Isso é coisa do Viktor. Ele é quem cria fantasmas.

— Porque Viktor é um poderoso necromante. Gosto de você. — Ele fez esse pequeno giro com a mão, como se isso fosse um fato bem conhecido.

— Não há como nós dois compartilharmos o mesmo tipo de magia. — Eu estremeci. — Eu não sou nada como Viktor. Especialmente não magicamente. —Mais uma vez, palavras que eu nunca pensei que diria.

Deston simplesmente estalou os dedos. — Agora tenho algo com que trabalhar. Vamos refinar sua magia até que você possa empunhá-la como uma espada.

— E se eu não puder? — Eu argumentei. — Eu tentei, mas não consigo controlar minha magia. Eu nem entendo como isso funciona. — Eu olhei para ele, chateada que meu futuro estava sendo decidido sem mim. — Eu sou uma cientista. Eu entendo como a ciência funciona e as regras que ela segue. Tudo isso, – acenei com as mãos no ar, indicando as rosas, o ar úmido, o castelo ridículo — Desafia a realidade.

— Não seja ridícula, claro que você pode controlar sua magia, está em nosso sangue.

— Tenho certeza de que isso será uma grande surpresa, mas não posso fazer isso. Eu nem sabia que existia uma rainha vampira até uma semana atrás. Antes disso, eu queria ser um hematologista especializado em leucemia e pesquisa com células-tronco. — Pronto, mastigue isso, Sr. Eu-tenho-seu-futuro-tudo-planejado.

Deston coçou o queixo pensativo. — Eu não entendo a maior parte do que você diz, mas eu sei disso. Você é a Rainha Darkfell. Nada muda isso, nem mesmo o que você quer. Além disso, Viktor sabe sobre você, sim?

Eu relutantemente assenti.

— Ele não vai parar até que você esteja morta. Ou ele estar. Claro, se você o matar, então... você pode voltar para seu mundo humano e sua... pesquisa com células-tronco. —De acordo?

Um alívio que fez meus joelhos se dobrarem me inundou. Até agora, eu estava me inclinando para o desastre e a morte.

Claro, nesse cenário, eu teria que matar Viktor, mas esse era um sacrifício que eu estava disposta a fazer. O pensamento de voltar para a aula e passar meus dias fazendo coisas humanas mundanas parecia um sonho tornado realidade.

— Temos um acordo.

— Isso foi uma piada. — Deston riu zombeteiramente. — Não há retorno. Você é uma vampira. Aja como uma.

A magia explodiu de mim como um maremoto, achatando a grama, arrancando rosas de seus caules e derrubando a pobre Selene de seu pedestal, arrancando sua cabeça, onde ela rolou pelos jardins perenes bem cuidados como uma bola de boliche.

Desta vez, enviei minhas sombras para Deston, que as repeliu como mariposas circulando.

Olhei para minhas mãos, excitação pulsando através de mim.

Eu tinha controlado as sombras.

Talvez eles não tenham feito nenhum mal – como um soco na garganta dele – mas pelo menos eles foram na direção que eu queria.

Deston me cutucou com sua bengala. — Você exercerá controle sobre sua magia o tempo todo. Não haverá deslizes, falhas, fraquezas. Você não pode pagar nada, não se espera sobreviver a Viktor.

Luthor pegou a bengala e a colocou sobre o joelho. — Você vai se dirigir a ela como minha rainha, ou se ela der permissão, Seraphina. Você vai mostrar a ela o respeito que ela merece. Também não haverá deslizes de sua parte, Deston, ou você não sobreviverá a mim.

Durante o discurso calmo, mas ameaçador de Luthor, Cyrus deu um passo atrás de mim e colocou as mãos sobre meus ombros. Uma sensação reconfortante de calma fez meus ombros tensos relaxarem, o aperto na minha barriga afrouxou.

Tínhamos as costas um do outro.

Não importa o que.

Deston deu uma olhada enojada para nós e seus jardins arruinados e desapareceu.

Capítulo 39

Seraphina

Naquela noite eu me deitei de costas, uma perna jogada sobre um Luthor exausto, enquanto Cyrus lambia um caminho pela minha barriga. Minha barriga bem cheia.

— Eu vou fazer você gritar de novo, Fina. — Sua língua mergulhou no meu umbigo, despertando todos os tipos de terminações nervosas. — Mais uma vez, então você pode dormir.

Depois do estrondo no jardim, ou da malícia no palácio, voltávamos para cá.

Luthor e Cy tinham me despido - na verdade, nós nos despimos um do outro - e agora eu estava saciada e completa e perfeitamente satisfeita. No entanto, depois de tudo isso, quando Cyrus lambeu o centro de mim, meus quadris saltaram da cama.

Bem, talvez só mais uma vez não machucasse nada.

Sua língua pressionou contra meu clitóris, então ele chupou em sua boca, sacudindo para frente e para trás com sua língua. Eu empurrei um pouco com cada

pequena mordidela, mal acreditando que eu ainda poderia estar com um pouco de tesão.

Este orgasmo foi lento, rolando através de mim em seu próprio ritmo, e minha mente ficou em branco quando meu corpo estremeceu, suas mãos acariciando e acariciando minhas pernas até que eu estivesse mole. Fui mover minha perna, mas Luthor passou a mão em volta da minha coxa para me segurar no lugar.

Com um suspiro, Cyrus subiu na cama ao meu lado e deitou sua cabeça ao lado da minha no travesseiro.

— Você está preocupada, — ele murmurou contra a minha testa, roçando o polegar na minha bochecha. — Sobre Deston. Sobre sua magia.

— No meu mundo... — Eu tive que parar de pensar em mim como humana.

Eu não estava, e eu tinha que ficar me lembrando desse fato.

— Sim. Estou com medo — admiti. — Todo mundo pensa que sou capaz de todas essas coisas incríveis, quando na verdade estou apenas tropeçando pela vida, tentando não morrer.

— Não somos todos. — Ele riu baixinho. — Olha, eu sou um Guarda Superior sem magia útil. Charme, sim. Magia, não. Eu compenso com minha boca inteligente e minha boa aparência, mas para ser honesto, para me encaixar, tive que treinar durante séculos para me tornar um dos melhores lutadores do clã.

Eu derreti nele enquanto suas mãos acariciavam suavemente para cima e para baixo nas minhas costas.

— Você vai fazer o mesmo, — ele me disse, com sua voz rouca. — Você permitirá que Deston a treine até que sua magia pareça tão natural para você quanto

outro braço ou perna. Você praticará com suas sombras até poder controlá-las tão facilmente quanto Luthor.

— Eu não sei se isso é possível, — eu admiti baixinho. De alguma forma, era mais fácil dizer a verdade, já que eu não estava olhando diretamente para ele.

— Quando não sei se realmente acredito em magia.

— Feche os olhos, Fina, — Cyrus insistiu, seu tom calmante tão hipnótico que eu fiz. Uma mecha da magia de Cyrus me alcançou, envolvendo-se firmemente em torno da minha como uma nuvem quente e fofa. — Sente isso? Essa é a minha magia envolvendo a sua magia. Se você fosse mais fraca, eu poderia assumir o controle de sua magia. Mas você é mais forte do que eu, mesmo sem treinamento.

A emoção do medo passou por mim. — Você poderia me controlar, apenas assim?

— Se você fosse mais fraca. Mas você não é. Agora, tente escapar. Saia do meu alcance, como se estivesse lutando contra um estrangulamento.

Levei um segundo para ter uma ideia do que ele estava me dizendo para fazer, mas forcei minha magia a se mover, e ela empurrou sob a dele, como melaço escorrendo de uma pedra fria e pesada.

Eu nunca soube que a magia tinha seu próprio caráter, mas o de Cyrus tinha.

O dele era antigo e pesado e meio fofo, como se eu pudesse socá-lo e chutá-lo, mas não fazer um estrago nele. O meu, por outro lado, parecia pesado de uma maneira diferente.

Como se estivesse esperando por algo.

— Agora. — Ele me reposicionou para que eu não estivesse diretamente em seu braço. — Ataque minha magia, veja se você pode capturá-la.

Mais uma vez, levei um minuto para descobrir como seria, mas eventualmente minha magia desajeitadamente envolveu a dele como um cobertor esfarrapado e furado. — Ok, acho que consegui.

— Agora aperte.

Mais alguns minutos se passaram enquanto eu lutava com a tarefa desconhecida de fazer algo quase indetectável se curvar à minha vontade. Cyrus soltou um gemido baixo enquanto eu comprimi sua magia, sentindo-a condensar para baixo e para baixo e para baixo até...

— Fina. — Ele se engasgou. Seu rosto estava pálido, seus lábios azuis, e eu recuei, minha magia se soltando como um elástico.

— Cyrus, que diabos? Você nunca disse que eu poderia te machucar.

— Desculpe, eu deveria ter mencionado isso. Nossa magia está ligada ao nosso eu físico, mas você precisa aprender de alguma forma. —A cor estava voltando para suas bochechas, seus olhos brilhavam. — Lembre-se de como foi e, da próxima vez, tente criar uma camada mais espessa de magia, que não tenha buracos ou lágrimas.

— Eu não vou fazer isso de novo, eu... — Minhas palavras morreram na minha garganta quando Cyrus pegou minha magia em um aperto de morte, me estrangulando.

Eu lutei de volta, desta vez mais por medo do que por instinto, e finalmente consegui escapar das garras de sua magia.

— É isso. — Ele beijou minha bochecha, mas foi a admiração em sua voz que me fez perceber que eu realmente controlei minha magia pela primeira vez.

— Este é o acordo, Fina. Ele pressionou sua testa contra a minha.

— Eu sei que você não quer fazer parte do que está acontecendo. Eu sei que tudo isso é assustador, intimidador e estranho. Mas Deston estava certo. Você tem que melhorar em tudo – sua magia, pensar como um vampiro, aumentar sua força – se quiser sobreviver.

Eu fiz um som de desdém.

— Esta é a sua realidade agora, e Luthor e eu... — Ele ficou tenso embaixo de mim. — Nós não vamos permitir que você falhe. Vamos garantir que você sobreviva a isso, mas no final, tudo se resume a você e Viktor, cara a cara, onde apenas os mais fortes vencerão.

— Você faz isso soar como Derringers [10]ao meio-dia.

— Mais como mágica à meia-noite. — Ele riu, mas soou oco.

— Então, eventualmente, Viktor e eu vamos lutar, como acabamos de fazer, magia contra magia?

— Sangue para sangue, na verdade, já que sua magia é reforçada pela magia de sua guarda, que é transmitida através do sangue. Uma espécie de cenário de massa crítica.

[10] Derringers- termo usado para armas curtas que não podem ser classificadas como revólver nem como pistolas.

Havia um zumbido baixo em meu corpo que vinha crescendo desde ontem. Quanto mais eu me alimentava, mais profundo e profundo se tornava. — Beber de você e Luthor me deixa mais forte.

— E quando nos alimentamos de você, isso nos torna mais fortes. Há um efeito cumulativo para a magia. Cresce à medida que nos alimentamos um do outro, mas somos apenas dois. Quando você toma mais...—Sua voz sumiu, e ele se virou.

— Assume mais guardas, é isso que você quer dizer? Mais do que apenas você e Luthor?

— A magia de Deston, o poder de criar coisas do nada… é um talento poderoso. —Ele não parecia feliz com isso, e eu não estava feliz com o que ele estava sugerindo. — Eu o vi erguer prédios inteiros durante a noite, criar defesas durante a batalha. Rotas de fuga pela encosta de uma montanha.

Parecia útil.

Mas era sobre Deston que estávamos falando.

Apenas o pensamento de permitir que ele entrasse em nosso círculo... eu me senti um pouco doente.

— Não, — eu decidi. — Agora não. Você e Luthor são bons para mim, e Deston é venenoso.

— Deston é um estrategista habilidoso, ele tem ligações com todas as casas reais, e todas devem favores a ele. Favores que talvez precisemos pedir, caso Viktor no alcance.

— Você quer dizer, quando, não é?

Ele me abraçou mais perto. — Isso mesmo, Fina. Quando Viktor nos alcançar, precisaremos ter um plano de fuga. De preferência um que não envolva eu ficar para trás e enfrentar Viktor novamente. — Sim, eu também não quero isso, pensei enquanto traçava meu dedo ao longo de sua cicatriz.

— Eu não vou deixar você para trás para lutar minhas batalhas por mim. Eu vou lutar contra eles ao seu lado.

— Assim como eu. — A voz de Luthor estava sonolenta, mas sua mão enorme esfregou meu ombro, e eu senti como se um peso tivesse sido tirado de cima de mim. Tínhamos um exército de três, mas pelo menos não estaríamos constantemente vigiando nossas costas.

Ou imaginando quem trairia quem primeiro.

Capítulo 40

Cyrus

Deixei Fina e Luthor dormindo na cama enorme e encontrei meu primo descontente arrumando seus jardins depois da explosão de minha rainha ontem.

— Você não deveria tê-la irritado, — eu comentei, notando que Deston parecia especialmente amargo quando ele levantou a cabeça da deusa da lua do chão e a colocou de volta em seus ombros. — Você não acha que tudo isso está sendo compensando um pouco demais?

— *Você* certamente está aproveitando as acomodações ao máximo, primo.

Ele acenou com a mão, e as sebes se repararam em uma impenetrável parede verde. — Eu não posso usar muita magia. Estou me guardando para o treinamento de Seraphina hoje. Sua expressão acética se transformou em um sorriso predatório.

— Se você a machucar... — Eu o avisei. Deston era um monte de coisas - mais velho, mais habilidoso, tinha roupas melhores - mas eu era mais forte, bem treinado e sabia que poderia levá-lo. Se ele não derrubar uma árvore em mim primeiro.

— Acalme-se, *mon chérie* [11]. Eu simplesmente quero estar no meu melhor, já que estou começando do zero. Com um pensamento, ele curou a rachadura no pescoço

[11] *Mon chérie-meu querido*

de mármore da deusa, e eu esfreguei o meu, desejando que eu fosse facilmente consertado.

Deston tinha sido o conselheiro de Lyra por eras, até que Vane Carpathian o forçou a sair. Uma semana depois, eles a assassinaram. Às vezes eu me perguntava como as coisas teriam sido diferentes se Deston não se deixasse enganar.

— Faz cem anos, Cyrus. — Deston finalmente se virou para olhar para mim, e notei novas linhas ao redor de seus olhos. — Eu acreditei que você e Fontaine estavam mortos. Ou pior.

— Ele só transformou a realeza em fantasmas. Acredito que lhe agradou reduzi-los a animais.

— Imagino. — A ponta da bengala de Deston afundou no chão macio quando ele colocou seu peso sobre ela. Nem tudo para mostrar, então. — Eu tenho uma proposta.

Luthor e eu discutimos, longamente, o que Deston iria querer de Seraphina.

Juntar-se a sua corte como membro fundador estaria no topo de sua lista, assim como instruí-la a usar sua magia, o que a colocaria diretamente sob seu controle até que ela a dominasse. Havia também a chance de que ele realmente tivesse enlouquecido e a quisesse morta, apenas para garantir que o status quo permanecesse o mesmo.

— Vá em frente, — eu pedi, mantendo meu tom uniforme e distante.

— Primeiro, eu tenho uma pergunta. Como você sabia que eu iria ajudá-lo?

— Porque algumas coisas nunca mudam. — Eu balancei minha cabeça, lembrando também desta parte da nossa conversa. — Especialmente vampiros velhos e astutos que não sabem nada sobre lealdade familiar.

— Hmmm. — Ele cutucou uma flor de lírio arrancada. — Algo que suponho que você e Luthor Fontaine sabem tudo?

— Nós temos, — eu disse agradavelmente, ficando bem fora do alcance de sua bengala. A coisa era mortal. — Eu sabia que você nos ajudaria porque você é conivente, e você sabe que Seraphina é sua melhor chance de chegar perto o suficiente de Viktor para matá-lo. O que significa que sei exatamente por que você está nos ajudando. Mas você não sabe nada sobre Seraphina, então estou aqui para lhe dizer como será esse arranjo.

— Um. Você a moldará na rainha mais forte que nosso clã já viu. Dois. Você não vai tocá-la, nem mesmo uma presa ou um dedo. Três. Você não vai provar o sangue dela, e se suspeitarmos que você derramou uma gota do seu na bebida dela, vamos acabar com você.

— O que eu ganho em troca?

Foi aí que meu estômago revirou de desgosto, tanto pelo que eu estava oferecendo, quanto pelo fato de eu ter que fazer isso em primeiro lugar.

— Um lugar em sua corte. Como seu conselheiro, é plausível que você apareça ao lado dela, e o fato de que você é ... —Deus, eu odiava ter que fazer essa barganha com o diabo. — Vai costurar a dúvida em todas as outras casas. Se você uniu forças com esta nova rainha, a realeza vai se perguntar por quê.

— Você realmente acha que vou trazer respeitabilidade para a corte de Seraphina?

— Não respeitabilidade, não. — Eu sorri. — Mas você traz um elemento de medo com você que fará os outros se sentarem e prestarem atenção. Imagino que você tenha mantido seus canais secundários abertos?

Deston inclinou a cabeça.

— Então esperamos que você os use. Sinta cada casa, avalie sua lealdade ou a falta dela. Descubra quem tem mais a ganhar com uma nova rainha no trono. Quem tem mais a perder... depois que Viktor se for?

Eu balancei minha cabeça fingindo desânimo quando o senti sondar meus escudos mentais. — Sério, Deston? Você acha que sobrevivi à prisão sem poder me proteger?

Ele simplesmente olhou para aquela flor quebrada por um momento antes de seus olhos voarem para os meus.

— Eu concordo com seus termos. Mas eu tenho um pedido meu.

Nós esperávamos isso.

Ele iria querer um título, muito provavelmente, ou uma parte da pilhagem assim que Viktor se fosse.

Ou ambos.

Estávamos preparados para dar isso a ele. Era o que se fazia na política. Formávamos alianças com pessoas que você desprezava. Então esperávamos que eles te apunhalassem pelas costas.

— Se ela decidir por conta própria, sem interferência minha, me tomar como amante, nenhum de vocês ficará no meu caminho.

Meus lábios se abriram, minhas presas se abriram, e antes que eu percebesse, Deston estava preso embaixo de mim enquanto eu mordia sua garganta como um animal. A única coisa que me impedia de alcançá-lo era a bengala que ele havia apoiado no meu peito.

Eu vou matá-lo.

Sua carne estava gelada onde eu agarrei seus ombros, seu rosto tão pálido que estava branco. Eu mal senti a faca longa e estreita – a que ele mantinha escondida em sua bengala – afundar no meu lado enquanto o sangue espirrou em nós dois. O movimento me permitiu uma abertura, e eu afundei minhas presas profundamente em sua garganta e rasguei, ouvi carne rasgando.

Minha mão agarrou seu rosto odiosamente perfeito, e eu pressionei meu polegar em sua órbita ocular, sentindo a suavidade de seu globo ocular esmagar sob a pressão. Eu o cegaria, então eu o mataria, então eu...

— Não se atreva a matá-lo. — Luthor me arrancou do meu primo, e eu caí de costas na terra, limpando o gosto dele da minha boca. — Precisamos das conexões dele, lembra?

— Eu estava apenas dizendo a Cyrus... — Deston tossiu um pouco. — Minha contraproposta.

— De jeito nenhum, porra. — Eu grunhi, meu peito arfando. — Sobre o meu cadáver.

— Facilmente arranjado.

— Eu mesmo mataria você, Rayne. — Luthor suspirou fingidamente. — Mas nós precisamos de você. — Ele me ajudou, e eu me inclinei, as mãos apoiadas nas minhas coxas, lutando para recuperar a compostura. — Sua cooperação agora lhe compra um lugar à mesa. Mas nossa paciência só vai tão longe. Tenho certeza de que Cyrus expôs nossos termos de uma maneira que até você entendeu?

— Porra, Luthor, ele quer... —Fui imediatamente interrompido por seu olhar de advertência.

O que significava que Luthor já sabia o que Deston queria.

Inferno, até eu sabia disso, praticamente tentei convencer Fina que ele seria uma adição lógica à nossa corte. Mas ouvir as palavras saindo da boca de Deston? Sim, não está acontecendo.

— É realmente apenas uma questão de sim ou não, Deston. Dentro ou fora? Pouco importa para Cyrus e para mim, e podemos treinar Seraphina nós mesmos, embora demore mais. Você é apenas um meio acelerado para um fim.

Deston já estava se curando, e o sangue parou de pingar do meu lado quando ele respondeu.

— Estou dentro. — Ele me lançou um olhar significativo.

— Mas meus termos também valem. — Desta vez ele foi esperto o suficiente para se proteger antes de falar. — Seraphina vai se decidir sobre mim, e nenhum de vocês vai ficar no meu caminho uma vez que ela o faça.

— Feito, — disse Luthor, nenhum traço de raiva em sua voz. — Eu apertaria sua mão, mas gosto de manter minhas limpas.



EU QUEBRARIA CYRUS e Deston ao mesmo tempo.

Eu precisava dos dois vivos e no seu melhor – embora com Deston, o melhor dele fosse questionável – para ensinar Seraphina as cordas e ter certeza de que ela estava pronta para qualquer coisa. Uma vez que ela estivesse preparada, eu planejava trazer mais dois guardas, no mínimo, para protegê-la.

Uma vez que eu soubesse que ela estava em boas mãos... eu teria ido embora.

Estava me matando proteger meus sentimentos e pensamentos dela. Me matou, toda vez que ela virou aqueles grandes olhos dourados na minha direção e me lembrou que juramos não esconder as coisas um do outro.

Mas eu estava agindo no melhor interesse dela, certificando-me de que ela estaria pronta para enfrentar Viktor quando chegasse a hora. Uma vez que isso acontecesse, ela não teria que desperdiçar recursos preciosos me protegendo. Porque eu não podia fazer muito mais do que me defender e fiz um trabalho medíocre nisso.

— De quais casas podemos esperar apoio?

Deston fingiu, considerando minha pergunta, como se ele realmente tivesse que pensar sobre isso.

— É assim que nosso acordo funcionará, — eu disse a ele, me aproximando o suficiente de sua proteção pessoal que a eletricidade faiscou contra minha pele. — Não temos tempo a perder com nossos jogos habituais. Eu faço uma pergunta, você responde. Você ensina a Seraphina o máximo que ela consegue todos os dias, até que

ela esteja pronta. Cálculo que temos três dias antes que os soldados de Viktor Cárpatos venham farejando.

Desta vez, quando eu sorri, minhas sombras rasgaram suas proteções e envolveram sua garganta ainda curando. — Quais casas vão nos apoiar e quais não vão?

Seus olhos se arregalaram comicamente antes que eu afrouxasse minhas sombras. — A Casa Gaunthier e a Casa Dubois nunca mostraram nenhum sinal de que estão insatisfeitas com os Cárpatos. O que significa que ele tem os militares e a inteligência no bolso.

Eu puxei minha magia de volta e esperei.

— A Casa Cormier tem bastante espaço no mundo humano, eles têm vantagem contra Viktor, pois ele não pode tocá-los sem chamar a atenção. Mas eles têm um histórico de permanecer neutros. Ele fez uma ligeira reverência. — A Casa Rayne, é claro, será leal à nova Rainha.

— Casa Marvelle e Fontaine têm um membro cada, — eu ofereci secamente. — Mas conte conosco. — Surpreendentemente, Deston não riu; em vez disso, ele parecia pensativo.

— Casa Cormier... A filha mais velha de Hugh e Liliana escapou por pouco das atenções de Viktor. Eles têm mais duas filhas que estão ansiosos para proteger, então espero que sejam leais a um novo regime, mas não estamos nos falando.

— Então, Casas Carpathian, Gaunthier e Dubois versus Casas Marvelle, Rayne e Fontaine, possivelmente Casa Cormier, se pudermos convencê-los, o risco valerá a

pena. Vamos supor que a Casa Boderaux mantenha a história e permaneça neutra. Eu balancei minha cabeça. — Como são essas probabilidades?

— Com a Casa Borderaux fora de cena? Dois mil contra dez mil, se meus cálculos estiverem corretos. Ele não hesitou ao acrescentar: — Se você puder trazer a Casa Cormier a bordo, são setecentos extras, além de conexões com a velha guarda da Europa.

— Cyrus. Você costumava ter laços com Hugh Cormier, correto?

— Ele era um amigo, sim.

— Arrume-se e faça uma visita. Se não me falha a memória, há um caminho de volta para a Mansão Cormier, e imagino que ainda esteja lá. Fale com Hugo. Veja se o ódio dele por Viktor supera seu medo do bastardo.

— Sim, comandante. — Cyrus saiu sem dizer mais nada, deixando mais uma coisa para resolver.

— Eu sei que você quer Seraphina. Eu até sei por quê.

Deixei as sombras escaparem de meus dedos, como um aviso e uma ameaça.

— Você não a terá. Você é instável, inadequado para uma corte jovem e não traz nada com você, exceto amargura e intrigas maquiavélicas. Você serve a um propósito, que é tornar Seraphina invencível. Ela é abençoada com magia poderosa. Você a ensina como afiá-la em uma lâmina para abrir caminho para o trono.

Eu mordi de volta o sorriso porque eu estou acima de regozijo.

— Depois disso, veremos o que nossa rainha quer fazer com você. Se eu fosse você, não prenderia a respiração sobre essa posição de conselheiro.

— E você nunca planejará seu caminho para a cama dela. Ou o coração dela.

Capítulo 41

Seraphina

— Não, não, não. Seraphina, tu dois faire plus d'efforts[12].

Limpei o suor dos meus olhos ardentes quando Deston gritou - educadamente - para eu tentar novamente.

— Sim, eu estou tentado. E tentando, e tentando, — eu gritei de volta, não tão educadamente.

Nada parecia funcionar, não os dois dias de treinamento que eu tinha suportado neste lindo jardim murado que eu estava começando a desprezar. Não a sempre presente picada da magia de Deston me cutucando, me ameaçando, na esperança de que a minha surgisse e ...

Eu nem sabia o que era esperado que eu fizesse.

Nada estava funcionando, e nós quatro, bem, estávamos todos frustrados.

No lado positivo, eu estava aprendendo um pouco de francês.

---

[12] —Seraphina, você tem que fazer mais esforço.

— *Mon Dieu, ma fille, tu es impossible*[13]. — Deston balançou a cabeça. Ele havia tirado a jaqueta ridícula, tinha a camisa bufante aberta na parte superior e as mangas arregaçadas. Para alguém que eu professava odiar, eu com certeza não conseguia parar de olhar para seus braços tonificados, nem para o triângulo pálido de pele que espreitava daqueles babados.

Ele era um idiota pomposo.

Mas por dois dias, ele trabalhou duro para me ajudar a dominar minha magia. Explicou, em grande detalhe, como deve ser a sensação, o comportamento, o gosto. Falou sobre me centrar, mergulhar fundo na minha consciência para encontrar o núcleo da minha magia. Mas além de soltar baforadas aleatórias de fumaça dos meus dedos e a explosão ocasional descontrolada – notei que estávamos longe de sua amada loucura – eu fiz pouco progresso.

— Mon chéri, você deve relaxar, permitir que a magia flua de você como água. É preciso finesse para exercer um poder tão grande, mas não posso ajudá-la se você não…

— O que eu deveria fazer? — Eu bati minhas mãos fumegantes ao redor. — Estou pior, não melhor, — eu rebati, embora não estivesse zangada com ele; ele era apenas o alvo mais próximo. — Nesse ritmo, Viktor não vai conseguir parar de rir enquanto me mata.

Pela primeira vez, Deston abandonou sua postura, e o que vi me assustou.

Depois de um momento de choque inicial, seu lindo rosto se contraiu, seu olhar fixo em mim com força, e parte de mim estremeceu. Isso foi antes de ele desaparecer,

---

[13] Meu Deus, minha filha, você é impossível.

então reaparecer bem na minha frente, suas mãos enfaixando meus braços, minha magia instantaneamente se esvaindo.

— Você nunca vai dizer isso de novo, — ele sussurrou, os olhos tão escuros que o branco tinha desaparecido totalmente. — Você vai aprender o que estou tentando te ensinar. *Você vai aprender, porra, entendeu*?

Eu recuei, mas ele segurou, fogo escuro tremeluzindo no centro de seus olhos artificialmente escuros.

— Isso não é um jogo, Seraphina. A corte não é um jogo. A cada palavra, sua voz ficava mais áspera. — Você não vai sobreviver a nada disso a menos que pare de brincar e domine sua maldita magia.

Luthor estava avançando de um lado, Cyrus do outro, mas levantei a mão e os avisei.

— Estou tentando, Deston. — Eu tentei manter minha voz trêmula firme. — Estou fazendo tudo o que você está me dizendo, e nada está funcionando.

Ele soltou meu braço, e eu esfreguei minha pele gelada de onde ele me tocou, sentindo minha magia escorrer relutantemente de volta.

— O que você quer que eu faça? — Perguntei-lhe desesperadamente. — Se eu entendesse como usar minha magia, eu faria. Eu quero aprender, sou bom em aprender, mas isso... Como um mistério que não consigo desvendar.

— Eu preciso de uma pausa, — ele murmurou, pegando sua bengala em seu caminho para fora do jardim. — Voltarei momentanément[14].

[14] Momentanément - em instante.

Eu o deixei ir.

Essa foi a primeira vez que sua máscara altiva caiu, e o que eu vi em seu rosto ... eu não tinha certeza de que qualquer coisa viva era capaz de manter tanta raiva dentro dele sem se partir.

— Venha e sente-se à sombra. — Luthor me chamou sob uma árvore de magnólia, os galhos cedendo sob as flores pesadas. Ele se acomodou em uma pedra, então me puxou para seu colo, onde eu acariciei sua garganta. — Beba.

Eu não precisei de mais insistência e mordi lentamente, meus dentes deslizando, um gemido fraco retumbando em sua garganta enquanto eu me satisfazia sem pressa. Minha mão traçou seu peito largo, sentindo a força enrolada por baixo. Todos nós nos alimentamos regularmente durante o dia, as manhãs e as noites.

Toda vez que fazíamos, nossa magia aumentava um pouco mais, não que eu soubesse o que fazer com ela.

Eu pensei que Luthor era grande antes.

Agora ele estava enorme.

Sua perna não estava melhorando, embora ele finalmente me deixou massageá-la na noite passada, e eu usei a oportunidade para inspecionar o dano. Não foi bom. Atrofia muscular maciça, junto com uma série de tendões ausentes, e eu não sabia como ele colocava peso nisso.

Assim que terminássemos minha fase de treinamento, eu encontraria uma órtese para ele, algo para aumentar sua mobilidade.

Cyrus estava se enchendo também, seu peito era uma extensão de músculos tonificados. Ele passava suas tardes do outro lado do jardim murado, fazendo o que eu presumi ser movimentos de treinamento.

Sua cicatriz no pescoço não tinha desaparecido, e nem a minha. O buraco comprido e feio ainda estava lá, embora minhas mangas compridas o cobrissem.

Eu lambi as perfurações e inclinei minha cabeça contra o peito de Luthor, acalmada pela batida constante de seu coração. Minha magia saltou, então se estabeleceu, meus olhos deslizando fechados enquanto eu cochilava no calor.

Ao longe, ouvi gritos baixos, e meus olhos se abriram quando Luthor me colocou suavemente contra a rocha. — Eu vou dar uma olhada, você fica aqui e dorme. Tenho certeza de que é só Deston e Cyrus discutindo. Volto em um momento.

Eu estava tão sonolenta do lanche do meio da tarde e do calor úmido que a pedra fria parecia quase confortável sob minha bochecha. Eu vagamente ouvi Luthor chamar o nome de Cyrus, então ele desapareceu através do arco coberto de rosas na parede.

Uma nuvem cruzou o sol, mergulhando o jardim na sombra. Eu abri um olho.

Vazio. O jardim estava vazio e ... estranhamente escuro.

Eu não ouvi Luthor ou Cyrus.

Os gritos distantes e abafados desapareceram.

Eu lentamente empurrei para uma posição sentada, examinando as bordas cuidadosamente plantadas em busca de algo fora do lugar. O ar mudou, ficando frio, e eu peguei um leve indício de ozônio, os cabelos do meu pescoço arrepiando.

Eu já estava de pé quando os dois fantasmas entraram no jardim, mal se encaixando no arco, pernas longas correndo naquele andar engasgado e anormal. Pedras se espalharam quando uma saltou em cima da parede, movendo-se lenta e deliberadamente, então a outra se partiu, flanqueando-me em ambos os lados.

A respiração estremeceu em meus pulmões, meu coração batendo mais rápido enquanto seus rostos horríveis balançavam em minha direção, dentes brilhando na luz fraca. Onde diabos estava todo mundo? Eles já estavam mortos, e essas coisas estavam aqui para acabar comigo?

Dois passos e eu estaria ao alcance de seus dentes. Algo frio encharcou meus pés, e sombras estavam saindo dos meus dedos até que parecia que eu estava até os joelhos em uma nuvem de tempestade. Minha verdadeira magia – minha estúpida e inútil magia – estava adormecida enquanto eu bloqueava meu pânico, minhas costas contra a parede.

Eles estavam tão perto que senti o cheiro de seu hálito fétido e me engasguei com o fedor pútrido.

Apertando meus olhos fechados, tentei me lembrar das instruções cuidadosas de Luthor, tentei visualizar como ele estalou seus braços, rolou-os, quebrou seus pescoços. Mas meu corpo estava rígido e inútil. Eu consegui uma respiração rápida, a expansão repentina do meu peito liberando meu pânico reprimido, meu corpo se soltando.

Na fração de segundo que relaxei, a magia explodiu de mim como uma espiral de fumaça clara e, instintivamente, me virei para o fantasma mais próximo.

Minha magia colidiu com a coisa.

Então consumiu.

Eu a vi murchar diante dos meus olhos, uma explosão de podridão explodindo na minha boca, como se eu tivesse comido um limão estragado. Quando o segundo rosnou, estendi a mão, provei o sabor agridoce e instantaneamente a coisa se deteriorou em uma pilha de poeira e ossos afiados.

Eu enrolei minha mão em um punho e lembrei da minha magia.

Eu assisti meu poder distorcer o ar enquanto ele sugava de volta para mim, deixando minha boca seca e mofada. Duas pilhas iguais de poeira eram tudo o que restava, e eu vomitei bem entre elas, um fluxo cor de ferrugem do sangue recém-bebido de Luthor.

Eu me virei para correr porque se esses dois fantasmas tinham entrado nas alas, então provavelmente havia mais. Eu estava a meio caminho do arco quando percebi que não sentia nada de Luthor ou Cyrus, nenhum medo ou raiva, como eu esperaria se eles estivessem sob ataque.

O que acabou de acontecer não fazia sentido.

Cheirei o ar, peguei aquele cheiro forte de relâmpago.

Do lado de fora dos muros do jardim, Deston se apoiou em sua bengala.

Seu rosto estava pálido, e ele estava suando, mas seu olhar escuro me atravessou como uma espada. Atrás dele, gritando e berrando sem som, Luthor e Cyrus estavam presos atrás de uma das proteções de Deston, de onde vinha o cheiro de ozônio.

Toda vez que eles batiam nela, rasgos se espalhavam pela barreira, rasgos que ele tinha para reforçá-la ou arriscar a coisa desmoronar.

— Foi você? — Eu rosnei, meus pés ganhando velocidade.

— Isso foi tudo você? — Eu bati nele, e nós dois caímos, sua bengala voando, eu terminando em cima, meus punhos batendo em seu rosto até meus dedos gritarem.

— Te odeio. *Achei que todos estavam mortos.*

Bla, bla, bla. Meus dedos estavam sangrando agora, sua bochecha aberta, meu sangue salpicando seu rosto, seu sangue espirrou na minha camisa, e eu não conseguia parar.

— *Morto, seu idiota.*

Então eu estava chutando o ar.

Luthor e Cyrus pegaram um braço e me puxaram de cima dele, cuspe voando da minha boca enquanto eu o amaldiçoava, palavras sujas que eu não achava que conhecia saindo da minha boca.

— Seraphina, foi apenas uma ilusão. — Luthor me puxou para um abraço apertado, seu calor afundando em mim, mas sob seu comportamento calmo, a raiva fervia. — Você está segura. Estamos todos seguros.

Foi por isso que eu não senti nada de Luthor e Cyrus; não houvera nenhuma ameaça real. Tudo tinha sido Deston fodendo com a minha cabeça. Raiva gelada, tão intensa que tirou tudo da minha cabeça, me encheu e parei de lutar.

— Coloque-me no chão.

No segundo em que meus pés tocaram o chão, voltei para Deston e olhei para seu rosto machucado, sangue espalhado por toda a camisa branca. Abri minha mão e enviei minha magia para ele, parando a lança do poder sombrio a apenas alguns centímetros de seu rosto.

Algo saltou em seus olhos, o mais leve lampejo, enquanto minha magia se preparava para rasgá-lo em pedaços ou transformá-lo em pó. Nesse segundo, fiquei tentada a matá-lo.

Bastaria um pensamento, e ele estaria morto.

— Serafina. — Deston respirou, seu corpo ficando mole embaixo de mim.

Achei que ele ia implorar por sua vida, pensei que ele choraria, ou gritaria, ou faria algo igualmente patético. Eu não esperava que ele relaxasse, as linhas ao redor de seus olhos desaparecendo, o alívio suavizando suas feições.

— Você pode fazer isso, — ele implorou baixinho, resignação calma escrita em todo o seu rosto.

— Mate-me, mon chéri. Eu mereço.

Capítulo 42

Seraphina

Eu cambaleie de volta para o meu quarto.

Eu avisei Luthor e Cyrus, deixei Deston caído no chão.

Vivo.

— Ele queria que eu o matasse, — murmurei enquanto subia as escadas de dois em dois. — Ele quer morrer e ia me usar para isso.

Rasguei minhas roupas sofisticadas e as deixei em uma pilha enquanto me abaixava sob a água gelada. Como se eu pudesse lavar aquele gosto amargo que a magia dos fantasmas deixou na minha boca.

Como se eu pudesse lavar a antecipação aliviada no rosto de Deston quando ele pensou que estava prestes a morrer.

Ignorei as primeiras batidas suaves na porta, mas tive que responder quando Luthor finalmente chamou, — Seraphina? Você está bem aí? Estou preocupado com você.

— Estou bem. Apenas me lavando… — O que devo dizer? O resíduo de fantasmas mortos fora? — Eu vou sair em um minuto. — Então meus ombros caíram

e eu comecei a soluçar. Eu não tinha certeza do porquê. Minhas emoções estavam por todo o lugar, me transformando em um quebra-cabeça de adrenalina, medo e raiva.

Com uma toalha enrolada em volta de mim, saí para encontrar Luthor na cama, as mãos frouxamente dobradas, seu rosto perfeitamente sereno. Mas no segundo em que ele viu meu rosto, seus olhos queimaram com um fogo branco-azulado.

— Cyrus vai matá-lo se você quiser.

Eu considerei isso. De muitas maneiras, estávamos melhor sem Deston. Ele era perigoso, eu não confiava nele, e parte de mim o queria morto pelo que ele tinha acabado de fazer.

Mas ele manteve sua promessa.

Eu poderia controlar minha magia.

Bastou eu pensar que os monstros estavam prestes a me comer.

Luthor observou silenciosamente enquanto eu me secava, então vasculhava uma das bolsas cor de rosa, tirando um sutiã esportivo deslumbrante e calcinha combinando. Moletom rosa com – Juicy - na bunda foi combinado com um moletom curto que mostrava minha barriga.

Toda rosa.

Cyrus ficaria emocionado.

— O que você quer fazer com Deston? — Luthor finalmente perguntou.

— Não sei. — Eu suspirei, abraçando meus braços ao redor da minha cintura. — Por que ele quer tanto morrer?

Meus dedos machucados já estavam se curando. Eu tinha certeza de que o lindo rosto de Deston não tinha uma marca nele. De alguma forma, eu queria que ele carregasse as cicatrizes do que eu tinha acabado de fazer. — Quero dizer, parece que ele conseguiu. Jardins. Castelos. Loucuras.

— É uma longa história. — Luthor passou a mão sobre o rosto. — Mas essa é a história de Deston para contar, não a minha. — Senti nele uma profunda tristeza e quase lhe perguntei o que o estava incomodando, mas achei que sabia.

Ele se arrependeu de vir aqui.

Ou alguma variação desse tema.

— Ok, isso é justo. — Sentei-me na cama ao lado dele, nós dois enrolados em nós mesmos.

— Eu fiz isso, no entanto. Na verdade, matei dois fantasmas. Usando magia.

Eu bati no ombro dele, então olhei de volta para minhas mãos. — Minha magia é desencadeada pela minha adrenalina. Toda vez que tento desligá-la, estou essencialmente desligando minha magia. Se eu apenas deixar minhas emoções voarem, então minha magia vem junto.

— Eu não sei o quão eficaz isso seria na batalha, — Luthor sussurrou em meu ouvido.

— Pergunte aos fantasmas se foi eficaz, — eu disse, tentando soar como a durona que eu não era. — Ou melhor, pergunte a suas pilhas de ossos cobertos de poeira.

Apesar da minha bravura, eu não podia apagar aquela visão – seus corpos mumificando bem diante dos meus olhos. Foi horrível, mas, novamente, tudo no mundo dos vampiros parecia estar em algum nível épico de horror.

Acho que você se acostuma.

— Nós não matamos Deston porque precisamos dele. Apesar de tudo, ele me ensinou a usar minha magia, mesmo que seus métodos sejam péssimos. Além disso, eu não conseguia tirar duas coisas da minha cabeça.

A maneira exagerada como ele reagiu quando eu fiz aquela piada sobre Viktor rindo enquanto ele me matava. O fato de Deston não querer viver.

Por que ele queria morrer?

Especialmente quando ele era imortal?

Inclinei-me para Luthor, para o braço que ele segurou ao meu redor.

— Vou falar com Deston. Se tudo isso funcionar, preciso saber que ele está realmente em nossa equipe e não nisso para seu próprio ganho.

— Não apenas para seu próprio ganho, — Luthor apontou, seu aperto apertando antes que ele se levantasse e me oferecesse a mão. — Eu vou com você.

Seria mais fácil tê-lo lá.

Para saber que eu tinha apoio, mas isso... para fazer Deston falar, eu tinha que ir sozinha. Era a única maneira de fazê-lo baixar a guarda, a única maneira de eu ver por trás de sua máscara.

A boca de Luthor se apertou. — Seraphina, você não deveria ficar sozinha com ele.

— Ele poderia ter me matado hoje.

Eu sabia que era verdade. Eu poderia ser inerentemente mais forte, mas minha magia era um show de merda, enquanto a dele era um Maserati bem afinado. — Ele não fez. Estarei segura o suficiente.

Foi uma prova do caráter de Luthor que ele me deixou ir, embora eu soubesse que ele ficaria por perto.

Encontrei Deston em um jardim que eu não sabia que existia, um fino espelho d'água preto dividindo o espaço austero como uma lâmina. Ele nem olhou para cima quando me sentei ao lado dele, a lasca de ar entre nós tão grande quanto um desfiladeiro.

Eventualmente eu quebrei a tensão.

— Eu entendo o que você fez. Porque você fez isso. — Ao meu lado, ele endureceu. — O que eu não posso suportar é o que você fez com Luthor e Cyrus. Se você deseja que esse arranjo seja bem-sucedido, precisa trabalhar com eles, não contra eles.

Ele se mexeu um pouco, apoiando a bengala entre os pés estendidos.

— Eles pensaram que eu estava em apuros. Eles vivem para me proteger, Deston. Eles poderiam ter se machucado no processo, quando tudo o que você queria era provocar minha magia. — Suspirei. — Não, não é bem isso. Você queria me provocar o suficiente para que eu invocasse minha magia.

Ele ainda não disse nada e, por um segundo, desejei uma resposta sarcástica.

— É assim que o arranjo será daqui para frente. Vou trabalhar o máximo que puder. Você informa Luthor e Cyrus se você vai fazer alguma merda como você acabou de fazer, então, pelo menos, eu serei a única a ser pego de surpresa.

— *Minha querida…*

— Você não me trata com condescendência com seus pequenos apartes franceses. Eu sou a próxima Rainha, caramba. Você vai me respeitar como tal. Você respeitará meus limites e, por Deus, respeitará esses dois machos.

— Sim, minha rainha.

Eu tive que olhar para ele, porque ele realmente parecia ... sincero. Ele me encarou com firmeza, seus olhos não revelando nada, mas talvez essa fosse a máscara que o mantinha seguro. Eu quase não fiz isso, mas se eu não perguntasse, a pergunta iria me comer.

— Por que você queria que eu te matasse? Por que você queria morrer?

Ele ficou quieto por tanto tempo que pensei que ele não ia me dar uma resposta. Eu me levantei do banco antes que ele finalmente o fizesse.

— Porque a vida não importa quando você perde todos que amava.

Bem assim, a dor bateu em mim. Mamãe. Vovó. Minha humanidade, e isso foi apenas o começo de uma longa lista.

Sentei-me de volta, minhas mãos apertando a borda do assento. Eu nunca realmente lamentei por nada que eu perdi. Eu nunca vi o ponto nisso, mas por que agora? Por que esse vazio está me varrendo agora?

Então percebi que minha dor não era para mim. Era para Deston. Foi por perder as coisas que se ama, não importa quem elas sejam. Foi pela injustiça disso, pela impotência que se sente quando é o único que fica para trás.

De repente, vi os jardins, o castelo, as roupas sob uma luz totalmente nova. Deston estava compensando, como um viciado, criando coisas que amava para substituir as pessoas que amava. Era vazio e de partir o coração, e eu não poderia dizer que não faria o mesmo.

Desta vez, quando olhei, a máscara sumiu. Eu mal pude recuperar o fôlego.

Havia tanta emoção em seu rosto que ele finalmente parecia vivo, o fogo acendendo no fundo daqueles olhos de obsidiana, seu rosto animado pela primeira vez, como se estivesse iluminado por dentro. Nunca em um milhão de anos eu esperava o que viria a seguir.

— Fui eu quem ajudou Viktor a roubar o trono, — ele finalmente disse, sem um traço de sotaque. — Ele tinha minha família como refém. Tudo o que eu tinha que fazer era... olhar para o outro lado. Van Carpathian não me forçou a sair. Eu deixei.

Eu não poderia respirar se quisesse.

— Luthor é forte. — Ele me inclinou um olhar. — Lyra era mais forte. Mas se eu estivesse lá naquele dia, o golpe de Viktor teria falhado e nada do que aconteceu nos últimos anos teria acontecido.

Ele balançou sua cabeça. — Fiquei cego pelo desespero. Eu vejo isso agora. Mas na época, tive certeza de que Lyra era forte o suficiente para enfrentar os Cárpatos. Minha inteligência nunca havia falhado comigo antes, e eu acreditava que Viktor não tinha o apoio que precisava para um golpe de sucesso.

Eu empurrei a vontade de jogar tudo de volta na cara dele porque era óbvio que ele estava fazendo o suficiente. Mas como ele poderia pensar que Viktor manteria sua palavra e devolveria sua família?

— Eu não, — ele disse categoricamente, e eu me lembrei que este era o vampiro vivo mais velho do clã. Claro que ele poderia me ler como um livro.

— Enquanto Viktor estava ocupado atacando o palácio, eu estava invadindo a prisão para libertá-los. — Sua mão, a que segurava a bengala de ponta prateada, apertou até os nós dos dedos ficarem brancos. — Não havia mais nada além de jaulas de fantasmas. Um deles tinha o anel de sinete do meu pai fundido em sua mão com garras. Eu assumi que os três monstros com ele eram minha mãe e minhas irmãs.

Ele parecia tão desolado que eu queria puxá-lo para um abraço, mas então me lembrei, este é Deston.

Ele não é um amigo. E eu não confio nele.

— Na minha cabeça, deu tudo certo. Viktor seria derrotado e pendurado na parede da Rainha como um aviso. Minha família estaria segura. Eu voltaria depois do meu hiato para servir como conselheiro de Lyra, e ninguém saberia. Eu levantei minha cabeça curvada e encontrei seus olhos perfurando em mim.

— Você agora é a única pessoa que sabe toda a verdade do que eu fiz. — Ele usou sua bengala para se levantar, e percebi que ele precisava de apoio. — O que você faz com essa informação... — Ele desviou o olhar, e sua garganta balançou. — O que você faz com isso é com você.

Quando ele olhou para trás, seus olhos brilharam novamente enquanto passavam por mim. Algo estava diferente em seu olhar penetrante.

Havia consciência ali, como se ele conhecesse um segredo profundo e sombrio, mas depois desapareceu, substituído por sua máscara habitual.

— E se eu precisar morrer, saiba que aceito meu destino.

Capítulo 43

Seraphina

Eu ainda estava intrigada com o *Deston problemático*, como comecei a chamá-lo, três dias depois.

Sua Alteza estava de volta ao seu jeito pomposo e sarcástico, ordenando a todos nós como se fôssemos seus escravos ou algo assim, enquanto tentava me instruir a usar minha magia, felizmente sem conjurar monstros de mentira para eu lutar.

Secretamente, eu quase desejei que ele o fizesse.

Até agora, sua ilusão era a única coisa que funcionava.

Meu medo reduziu minha concentração a um alvo - ou dois - o que me permitiu focar minha magia no que ele chamava de espada do poder, embora isso soasse como algo saído de um filme B e muito dramático.

Eu preferia chamá-lo de magia da estrela da morte.

Ainda de um filme, mas muito superior.

Deston ainda não tinha aparecido esta manhã, mas acordava tarde.

Luthor estava me observando praticar, que no momento estava no meio do jardim murado e fazendo meus exercícios de respiração. Não é tecnicamente parte do

meu treinamento aprovado por Deston, mas descobri que eles me ajudaram a me acalmar antes que eu chegasse ao âmago da questão de invocar minha magia e tentar fazê-la fazer alguma coisa.

Eu ainda tinha cinquenta/cinquenta na parte mágica da equação.

Eu acertei na parte da respiração.

— Estou indo para a casa por um momento. — Luthor esticou aqueles braços enormes, e mesmo daqui, eu ouvi ossos estalando. — Posso lhe trazer algo para beber?

— Limonada, — eu decidi, fechando meus olhos e mantendo minha pose de árvore um tanto trêmula. — Muito açúcar.

Exercícios mágicos de chamada e respiração usavam muitas calorias, e estava muito quente e úmido hoje, então eu tinha uma desculpa sólida para a glicose extra.

— Você entendeu.

Senti-lo partir era estranho, e eu não tinha me acostumado com isso.

Senti sua magia ficar mais distante enquanto ele se aproximava da casa como um fantasma, como se estivéssemos unidos por alguma corda invisível. Esse vínculo ficou mais forte nos últimos dias, com toda a alimentação que estávamos fazendo.

Mesmo dentro das altas paredes de pedra, eu podia localizar Cyrus – na cozinha, comendo um punhado de biscoitos – tão facilmente como se ele tivesse sido Grampeado com GPS.

Um fio de suor desceu pela minha espinha, deixando um arrepio de medo em seu rastro.

Os cabelos da minha nuca se arrepiaram.

Meus olhos se abriram, contemplando os canteiros imaculados, nenhuma flor fora do lugar.

Desde que a magia de Deston construiu este lugar, fazia sentido que tudo fosse perfeito, já que ele era uma personalidade tão obsessiva, Tipo-A. Mas então o ar ficou viciado, quase morto. Eu plantei os dois pés na grama, meus dedos cavando fundo enquanto o pânico fazia minha magia surgir.

Eu caí em um meio agachamento que me fez sentir preparada, mesmo que eu não soubesse o que estava errado. Enviei um apelo mental, mas não consegui localizar Luthor.

Ou Cyrus.

Tudo o que recebi de volta foi um vazio estranho, como se eles nem existissem.

Meu corpo se soltou quando o primeiro fantasma trotou pela abertura arqueada, curvando os ombros para caber. Outro pulou na parede como antes, a borda de pedra desmoronando sob aquelas longas garras negras.

Bem, você desejou que isso acontecesse, Seraphina, eu me repreendi. Agora é só fazer sua mágica funcionar, e você ficará bem.

Uma terceira criatura atingiu a parede à minha esquerda, limpando-a completamente e pousando na fronteira. O cheiro forte de grama esmagada atingiu meu nariz enquanto se aproximava de mim através das rosas altas.

— Olhe para você, Deston. Aumentando as apostas.

Ok. Vou aumentar o meu também.

Eu estava apenas descobrindo como, *exatamente*, fazer isso quando percebi algo.

Não senti o zumbido das alas nem cheiro de ozônio.

Uma quarta criatura apareceu, correndo ao longo do topo da parede como uma aranha grotesca, vindo direto para mim, mais rápido do que eu pensei que uma dessas coisas pudesse se mover. Os outros perseguiram.

Este... estava atacando.

Quando a realidade me atingiu – as proteções estavam abaixadas, essas coisas eram reais – eu desesperadamente convoquei minha magia. Ela se ergueu... então cuspiu e morreu quando a coisa quebrou aquelas fileiras duplas de dentes, cuspe vermelho espumoso voando.

Do nada, Cyrus se materializou na minha frente e então saltou para a parede para interceptar. O fantasma colidiu diretamente com ele, ambos se emaranhando enquanto caíam na borda perfeitamente preparada. Eles tornaram os lírios brancos em vermelhos enquanto lutavam, Cyrus finalmente estalando o braço que havia passado por seu rosto, deixando três sulcos abertos.

— Corra, Seraphina, corra. — Ele se engasgou, pegando um pé, mas não antes de rasgar sua barriga, sangue jorrando por toda parte.

Porra. Isso era real.

Os fantasmas estavam aqui, e as proteções foram derrubadas, e Cyrus estava ferido e ... onde estava Luthor?

— Não fique aí parada. Corra.

Como o inferno. Minha magia cresceu enquanto o medo e a raiva aumentavam, e eu enviei uma explosão para o fantasma mais próximo. Ele caiu em uma chuva de

poeira e ossos. Houve um estalo agudo quando Cyrus quebrou o pescoço de seu oponente.

Três para ir.

Eu preparei minha magia, embora parecesse uma bagunça, e lancei uma onda negra em direção aos três últimos.

Ele ricocheteou neles inofensivamente quando Viktor atravessou o arco, seu rosto uma mistura de raiva e triunfo. Ele acenou com a mão para Cyrus, e eu desesperadamente joguei minha própria magia, que envolveu Cyrus como uma barreira protetora, uma combinação de poder brilhante e sombras escuras de Luthor.

Eu gritei quando a magia de Viktor patinou na minha, deixando o que parecia ser um sulco profundo.

Mas sob meu escudo, Cyrus parecia ileso.

— A garota que seria rainha. — O lábio de Viktor se curvou para cima. — Estou procurando por você desde que matei sua avó.

Luthor, onde você está?

Eu estava tentando olhar em todos os lugares ao mesmo tempo.

Em Viktor, que poderia usar sua magia para me transformar em uma dessas coisas que estavam rondando ainda mais perto. Para Cyrus, camuflado em segurança sob minha magia. Para Deston, descansando casualmente no arco de pedra, calmamente observando tudo isso como uma espécie de jogo macabro.

— Luthor não virá, — Viktor me assegurou. — Meus animais de estimação o encurralaram. —Mas até ele tropeçou um passo para trás quando enviei uma convocação desesperada para Luthor me responder, minha magia achatando a grama,

esmagando as flores. Os fantasmas também pararam seu avanço, abaixando-se até quase se deitarem no chão.

Viktor cortou sua mão no ar, e eu levantei uma parede de sombras escuras entre nós, sentindo uma explosão de dor quando a magia de Viktor atingiu a barreira com força... então desapareceu.

— Sua pequena... vadia. —Mais uma vez, uma dor lancinante quando sua magia tentou penetrar na minha parede, mas novamente... aguentou. — Impossível.

Eu queria encontrar a coragem de Vovó, fazer um retorno rápido, abrir um buraco nele com uma espingarda, mas eu estava com muito medo.

Luthor...*onde estava Luthor? Ele estava morto?*

Minhas emoções confusas foram cortadas pela lâmina da raiva e dor de Cyrus. A parede de sombras deslizou, revelando Cyrus rosnando, tentando se levantar, seus olhos mirando o Rei, a dez passos de distância.

Viktor sorriu e, em segundos, a carne de Cyrus estava coberta de arranhões... como o do meu braço. Tantos que parei de funcionar por um segundo.

Ele vai se transformar em um fantasma**.**

Ele vai se transformar em um fantasma, e eu vou ter que matá-lo.

Eu o amo, e vou ter que matá-lo.

— Interessante, — Viktor comentou, inclinando a cabeça para o lado enquanto olhava entre nós, um sorriso ganancioso no rosto. Sua mão se esticou e Cyrus gritou ao ser esmagado no chão enquanto mais feridas explodiam em suas costas.

— Suficiente. — Deston avançou. — Eu disse que a daria para você, mas nunca disse nada sobre meu primo.

— Esquecendo, Rayne? — Viktor desafiou, virando as costas para um Cyrus quebrado e sangrando. Corri, peguei-o em meus braços, seu sangue manchando nós dois.

— Ah, Cyrus. Cyrus. — Alisei seu cabelo para trás e continuei repetindo seu nome várias vezes porque não sabia mais o que fazer. Um arranhão e eu quase me virei. Ele estava coberto por centenas deles. Limpei minha mão na minha coxa e a pressionei no maior corte em seu peito, olhando os fantasmas, que haviam retomado sua abordagem furtiva.

Viktor e Deston nem perceberam.

— Dificilmente. Eu preciso dele. — Os lábios de Deston se apertaram enquanto ele gesticulava para o jardim em ruínas. — Você realmente acha que essa bagunça vai se resolver sozinha?

— Você está ficando mole.

— Sou um pragmático, mas se você quiser chamar isso de outra coisa, então fique à vontade. Leve Fontaine e a garota. Deixe meu primo comigo. Deston se aproximou, sua mão apertando a bengala. — E leve sua magia da morte com você, ele não serve para mim como um monstro irracional.

— Vou levar todos eles, — Viktor rebateu. — Eu sou o Rei do clã Darkfell, afinal.

Não sei exatamente o que aconteceu então.

Acho que pisquei.

Eu sei que não conjurei propositalmente a sólida parede de magia que derrubou os fantasmas, jogou Deston para fora do jardim, prendeu Viktor na parede.

Eu sei que não propositalmente apunhalei aquela magia profundamente no Rei, cortando e cortando como uma lâmina fantasma através de sua carne, machucando-o ... machucando e machucando como Cyrus estava machucando. Viktor estava sangrando, o cheiro de cobre encheu o ar enquanto eu o cortava como um tomate, sangue voando por toda parte.

O sabor acobreado do sangue encheu o ar, e seus fantasmas pararam de me perseguir e foram em direção a ele, babando.

Com um pensamento, eles se desintegraram, desmoronando em pilhas.

Outra piscada, e a mão fria e seca de Deston se fechou ao redor do meu pulso, minha magia desaparecendo.

Deston inclinou a cabeça em uma paródia de respeito. — Restaure meu primo, meu rei. Só então a garota é sua. — Os olhos de Deston se encontraram com os meus. Eles eram desprovidos de emoção, desprovidos de qualquer coisa exceto ganância brilhante, e eu me perguntei o que Viktor havia prometido a ele.

Imaginava o quanto nossas vidas valiam.

Viktor mostrou os dentes, mas capitulou à exigência de Deston. Cyrus gemeu quando os cortes em suas costas desapareceram, seu rosto voltou a se unir e meus joelhos ficaram fracos. Pelo menos ele está vivo. Pelo menos ele não vai se transformar em um *fantasma.*

Um guarda invisível amarrou minhas mãos atrás das costas com algemas de metal pesado e, mais uma vez, eu estava indefesa como humano

— Seu negócio aqui está feito, — Deston disse imperiosamente, a magia faiscando no ar enquanto ele e o Rei trocavam olhares. — Leve-a e se eu nunca mais a ver, será cedo demais.

Então eu estava sendo puxada por mãos ásperas, sem ideia de onde Luthor estava, sem ideia do que viria a seguir.

Deston, pelo menos, era previsível.

Ele se esquivou das pilhas de fantasmas de cinzas a caminho de Cyrus, onde se agachou, sussurrando algo baixinho antes de me lançar um sorriso provocante.

— Você, primo, é todo meu.

Capítulo 44

Seraphina

Eu aterrissei em um pátio redondo de pedra, o topo aberto para o céu, as paredes quebradas apenas por quatro portas idênticas com cadeados. O guarda mascarado que me carregou até aqui desapareceu no segundo em que nossos pés tocaram o chão.

Meus ombros doíam com a pressão de minhas restrições, e eu ainda estava tentando descobrir por que Deston nos traiu. Se Luthor estava morto. Se Cyrus estava melhor do que eu.

Eu sabia duas coisas.

Por causa das algemas de ferro, eu estava indefesa.

E Viktor ia morrer.

Para fazer isso, eu tinha que recuperar minha magia, o que eu assumi que aconteceria se eu pudesse tirar essas malditas algemas supressoras de magia de mim.

Perder meu poder me fez perceber o quão rápido eu me acostumei com a magia vibrando através de mim. A força extra que me oferecia. A velocidade.

Eu pressionei minha língua em minhas gengivas. Eu ainda tinha presas, mas pouco mais. Lutei contra as algemas de metal, mas parecia que quanto mais eu lutava, mais apertadas elas ficavam.

— Essas restrições neutralizam sua magia reagindo com o ferro em seu sangue. Conserve sua energia, minha rainha.

A voz vacilante e abafada de Luthor ecoou pela porta grossa, e com o som, algo dentro de mim se partiu. Lágrimas rolaram pelo meu rosto enquanto eu caminhava até ele, os pés tropeçando enquanto eu me pressionava contra a porta áspera, o cadeado cortando meu estômago.

— Eu pensei que você estava morto.

— Ainda não.

Luthor parecia estar a cem milhas de distância, mas pelo menos ele estava vivo.

— O que é este lugar?

— As masmorras reais. O poço, para ser específico.

Fechei os olhos com força para tentar impedir que as lágrimas ardentes caíssem. — Você quer me dizer que acabamos onde começamos?

— Infelizmente sim.

— Posso tirar essas algemas de metal? Recuperar minha magia?

— Somente Viktor ou um dos guardas podem remover as algemas com segurança.

Havia algo estranho em Luthor, e eu estendi a mão, meus sentidos procurando a conexão entre nós. Eu não encontrei nada. Talvez nosso vínculo tenha desaparecido

quando minha magia desapareceu? Eu não sabia, mas eu odiava perdê-lo assim. Eu estava tão acostumada a saber o que ele estava sentindo, e esse espaço vazio que encontrei quando estendi a mão para ele ... eu não podia suportar.

— Luthor? — Perguntei baixinho, mas não consegui nada. — Você está bem?

— Você se lembra daquela primeira noite, quando você acordou e me disse que iria lutar com eles quando eles viessem atrás de você?

Eu me inclinei contra a porta, as lágrimas caindo tão rápido que não consegui detê-las

— Os guardas virão em breve. Eles vão remover as algemas antes de levá-la a Viktor. Quando o fizerem, você luta com eles, Seraphina. Ouvi um gorgolejo fraco atrás da porta, e meu coração congelou. — Lute contra eles com tudo o que você tem.

Seja por causa das algemas, ou da porta, ou da magia que certamente protegia este lugar, eu não conseguia sentir Luthor. Mas aquele gorgolejo... Vovó fez o mesmo som antes de morrer.

— Eu não posso te perder, — eu sussurrei na madeira enquanto eu deslizava para o chão. — Eu não posso, Luthor. Não estou pronta para fazer isso sozinha. Você não pode me deixar aqui sozinha.

Eu me sentei lá até que o céu acima ficou preto, apenas alguns pequenos pontos de luz das estrelas aparecendo através das proteções mágicas. Minhas mãos estavam mortas, e eu me perguntei se a circulação havia sido cortada por tanto tempo, eu teria que amputá-las.

Luthor se foi.

Os sons fracos da vida tinham parado horas atrás.

— Ah, os amantes se reuniram. — Viktor veio me buscar pessoalmente.

Suponho que deveria estar honrada.

Viktor ficou com o casaco preso na porta quando entrou e foi forçado a parar brevemente e puxá-lo, que era o único ponto alto dessa situação. Que porra de ferramenta.

— Apenas continue com isso, — eu murmurei.

Eu não estava sendo corajosa; eu sabia que estava ferrada, e eu sabia que estava indefesa. Merda, minhas mãos nem mesmo funcionavam. — Eu não vou sentar aqui e ouvir você tagarelar sobre sua viagem de poder na realeza.

Entre o pequeno defeito de roupa em seu caminho e minha atitude aparentemente apática em relação à morte - ou pior - Viktor parecia chocado.

— Você começou essa merda, você sabe — eu disse a ele. — Eu nem sabia que você existia, e teria continuado a viver minha vida perfeitamente normal – para um vampiro. Mas você tinha que me caçar e começar esse show de merda. *Fantasmas* e magia e Deus sabe o que mais há em seu mundo assustador e divertido.

— Estou eliminando ameaças, — ele rosnou, compensando seu constrangimento inicial. — Protegendo o clã de gente como você.

— Apenas por uma questão de argumento, quão ameaçador eu pareço para você agora? — Eu balancei a cabeça em sua hesitação. — Está certo. Nada ameaçador. Sou praticamente humana e não queria fazer parte disso.

— Deston reconheceu você como uma ameaça.

— Deston é um idiota do caralho.

Viktor me deu um sorriso frio. — Há algo que você deveria saber sobre Deston Rayne. Há muito tempo, ele jurou me matar. Mas a única maneira que ele pode fazer isso é encontrar uma rainha para usar como uma espada para me derrubar.

Bem, isso com certeza soou como Deston.

— Então pergunte a si mesma…. Ele estava treinando você porque acredita que você é a herdeira legítima? Ou ele está disposto a sacrificar você porque me quer morto?

Eu não tinha resposta para isso, e não pela primeira vez, eu amaldiçoei por confiar naquele vampiro.

Que Deston Rayne seja amaldiçoado pelo resto de sua vida miserável, que certamente será mais longa que a minha.

— Eu suponho que você tenha sorte que ele escolheu o seu lado, sendo que ele ameaçou te matar e tudo mais, — eu disse a Viktor. — Deve fazer você se sentir muito popular.

As linhas do rosto de Viktor se contraíram, aqueles olhos brilharam vermelhos. Não *vermelho- fantasma*, mas um vermelho mais escuro, quase preto que era de alguma forma mais assustador. O canto de sua boca se curvou um segundo antes que eu sentisse o corte quente de sua magia em meu rosto, seguido pelo fio quente de sangue.

Foi isso então.

Você nunca vai sair daqui viva.

Cidade dos *fantasmas,* aqui vou eu.

Através da porta semifechada atrás de Viktor, algum tipo de comoção estava acontecendo, e gritos – não do tipo bom – ficaram mais altos. Até mesmo o rei vampiro lançou um rápido olhar para trás, seu rosto afrouxando quando um guarda passou correndo.

Então outro.

— Você tem que pegar isso? — Eu zombei suavemente. — Parece problema. Não sei se você é adequado para administrar uma prisão, pois toda vez que estou aqui parece haver um problema com a segurança.

— Um dia, — ele respirou, chegando tão perto que eu vi aquelas chamas escuras se expandindo em seus olhos. Uma ponta de sua cabeça enviou dor cortando minha outra bochecha. Sangue jorrou pelo meu rosto, encharcando minha camisa.

— Um dia e você nunca mais falará. — Um tipo escuro de alegria irradiava dele enquanto ele se deleitava com o meu silêncio. Minha fraqueza.

— Um dia, e você nunca vai pensar por si mesma novamente. Terei uma rainha recém-nascida para um fantasma. Talvez eu use você para caçar futuras rainhas e matá-las. Não seria irônico?

— Certo. Irônico, — eu disse a ele, embora por dentro eu estivesse desmoronando. Isso não poderia estar acontecendo. Tinha que haver alguma maneira de parar isso. Estendi a mão para minha magia, mas não havia nada lá, exceto um espaço vazio.

— Ou talvez eu faça vocês dois caçarem juntos.

Meu coração congelou.

Seu lábio se curvou em um sorriso de escárnio vicioso, feio, mesmo para ele. — Como eu disse. Os amantes se reencontraram. Em poucas horas, você pode ouvir Luthor se transformar em um monstro.

— Quando você virar... —Ele estalou a língua, o som ecoando contra o silêncio ensurdecedor. — Ele já será meu.

Capítulo 45

Seraphina

Não. Eu não estava morrendo aqui.

— Deixe-me fazer uma previsão também. — Eu segurei seu olhar maligno com um igualmente odioso.

Tudo o que eu tinha eram palavras, mas palavras podem ser armas se usadas com cuidado.

— Você vai falhar. Luthor não vai virar, e nem eu. Um pouco da luz morreu em seus olhos. — Você não vai ganhar, e então quando você menos esperar, eu irei atrás de você. Quando eu fizer isso, Luthor estará ao meu lado, e ele vai assistir enquanto eu te mato.

Eu inclinei minha cabeça contra a porta, rezando para que Luthor ouvisse cada palavra.

Acreditei.

— Mas antes que eu te mate... — minha voz era baixa e malévola, embora eu não soubesse de onde as palavras estavam vindo.

— Vou pegar seus olhos. Talvez eu prenda sua cabeça na minha parede. Fiz um gesto para as paredes da jaula de pedra que nos cercava. — Talvez eu deixe você aqui para os corvos escolherem.

Isso era uma merda. Desespero falando. Temor.

Mas em vez de retaliar com outro chicote de magia, Viktor empalideceu visivelmente.

— Você nunca vai escapar deste lugar. — Mas ele olhou ao redor do Poço, como se quisesse ter certeza.

— Quem sabe o que pode acontecer? — Murmurei, sentindo fraqueza e atacando como um gato com um brinquedo novo. — A magia é tão imprevisível. Inconstante. E parece que você perdeu o controle de sua prisão.

Até eu podia ouvir os gritos, o baque profundo que soava como os passos de uma criatura enorme. Uma mecha de fumaça cinzenta penetrou pela fresta, e me levantei cambaleando quando a poderosa mordida de ozônio encheu o pequeno recinto.

Eu murmurei para ele. — Vitor, Victor, Victor. O que é que você fez? Que operação de má qualidade você está executando.

Ele inclinou a cabeça, e eu me preparei para outro golpe. Este vai deixar uma marca. A porta explodiu para dentro, jogando-o em minha direção. Eu o encontrei de frente com um forte golpe no corpo, virando meu ombro para baixo enquanto colidimos e o derrubando no chão.

Viktor rolou para longe quando eu trouxe meu calcanhar para baixo onde sua cabeça estava, e então me acertou por trás, meu rosto arruinado batendo na parede com força o suficiente para eu ver estrelas.

Fumaça densa saiu pela porta rachada, tremeluzindo com pequenos raios de energia. Houve gritos. Houve tiroteio. Então todo o som foi cortado.

Quando me virei, Viktor tinha sumido, a porta se fechou e a última fumaça subiu pelo teto aberto. Vibrações sacudiam o chão sob meus pés, e me posicionei em frente àquela porta, para ver o que quer que passasse.

Talvez me matasse antes de me transformar em escrava de Viktor.

Quando a porta se abriu, comecei a soluçar e cambaleei para a frente, direto para os braços estendidos de Cyrus.



VIKTOR TINHA COLOCADO Seraphina No Poço.

Minha Rainha estava uma bagunça, seu rosto cortado até o osso em ambas as bochechas, sangue encharcando sua camisa.

— Vamos remover essas coisas horríveis, — murmurei, incitando-a em direção à porta. As mãos de fina estavam praticamente azuis, os dedos muito inchados. O instinto gritou comigo para colocá-la em segurança, mas ela se afastou e virou a cabeça em direção a uma das portas.

— Luthor.

— Ele não está comigo, — expliquei rapidamente, agarrando seu queixo e virando sua cabeça para dar uma olhada melhor no dano. Meu coração gaguejou quando reconheci os sinais da magia necromante de Viktor. — Ele não está com você?

Eles foram levados juntos, mas fazia sentido que Viktor os separasse. Eles já haviam escapado dele uma vez; ele não teria outra chance.

— Ele está lá, atrás de lá. — Ela acenou com a cabeça em direção à porta distante. — Tire-o daqui Cyrus.

A porta estava trancada com ferro antigo e magia que me levaria uma hora para desvendar.

Eu olhei para o rosto dela em dúvida. — Minha Rainha, eu não tenho a capacidade de destrancar essa porta, — eu disse a ela calmamente. — Eu sei disso. Se não liberarmos seu poder logo, a magia da morte de Viktor criará raízes. No fundo, você pode não ser capaz de despejá-lo. Não quero que você se transforme em uma dessas... coisas.

Deuses, eu tinha que levá-la para fora dessas paredes. Meu coração tremulou e parou, então acelerou, como se não pudesse se decidir. Ela não tinha muito tempo com duas feridas profundas.

— Eu vou com você, mas tire Luthor de lá primeiro, — ela implorou baixinho. Ela parecia... desesperada, e eu hesitei. E se Viktor tivesse marcado os dois?

— Minha Rainha ... fina, você sabe em que condição ele está?

— Não sei. — Ela começou a chorar novamente. — Eu não o sinto há horas. Ele pode estar morto. Tira-o de lá, Cyrus. Eu tenho que saber... de qualquer maneira.

— A magia de Marie só vai durar por algum tempo, — observei, decidindo que este era o momento para verdades duras. — Se Luthor foi transformado, terei que matá-lo, Seraphina. Ninguém pode salvá-lo, nem mesmo você.

— Eu entendo. —Seus olhos manchados de lágrimas estavam injetados, seu rosto mutilado, sangue pingando assustadoramente rápido, encharcando sua camisa. — Mas eu não posso simplesmente deixá-la aqui, não quando eu nem sei se ele está vivo, ou...

Merda. Eu estava fora da minha profundidade aqui.

Depois de tanto tempo neste inferno, eu nunca pensei que Viktor transformaria Luthor. Mas obviamente ele tinha, e agora o relógio estava correndo. Um olhar para o rosto dela e eu sabia que estaria checando atrás daquela porta.

Eu só rezei para que não houvesse um fantasma esperando.

Eu era mais forte do que tinha sido em um século, e ainda assim, foi preciso a maior parte da minha magia lamentável para romper apenas uma das proteções. Levou momentos preciosos para desvendar outro, a magia de Viktor lutando comigo a cada passo do caminho. No momento em que eu desfez o feitiço o suficiente para alcançar as correntes de ferro abaixo, eu estava quase esgotado.

Eu quebrei o cadeado antigo com a coronha da minha arma e levantei a barra pesada.

Empurrei a porta aberta seis polegadas.

Um fantasma não poderia passar por uma fenda tão pequena; eu tinha certeza disso. Não ouvi nada além do som constante de água pingando.

Empurrando a porta mais um centímetro, meu intestino caiu quando percebi que não era água.

Era o sangue de Luthor.

Viktor tinha Luthor pendurado no teto, meio metro do chão, braços esticados acima da cabeça, seu corpo coberto de tantos cortes que minha mente ficou em branco. O fedor de sujeira encheu a pequena cela, e quando Luthor abriu os olhos... eles emitiram um brilho levemente avermelhado.

— Tire-o de lá. — Seraphina entrou atrás de mim, sua voz aguda, quase histérica. — Agora, tire-o de lá.

— Tire ela daqui... Cyrus... isso é uma ordem.

— Você não está em condições de dar ordens. — Seraphina disse a ele, parecendo aliviada apesar da aparência de Luthor. — Eu sou sua maldita Rainha, lembra? Derrube-o e vamos todos juntos. Ninguém fica para trás. — Ela fixou seu olhar de aço em mim. — Por nenhum motivo, você entende?

Eu não tinha mais forças, mas abaixei Luthor no chão, seu corpo desmoronando quando ele aterrissou. Mais forte do que eu queria, mas ele era um vampiro pesado, especialmente porque estávamos nos alimentando tanto.

Mas aqueles olhos...

— Levante-o e vamos nos mexer, — minha Rainha retrucou, já na saída, meu coração quase parando quando ela colocou a cabeça para fora no corredor. — Vamos, está claro.

Eu estava com a arma na mão, o dedo no gatilho.

Eu deveria matar Luthor agora.

Eu deveria matá-lo e acabar com isso. Luthor concordaria. Na verdade, ele ficaria chateado se eu permitisse que ele vivesse. E sim, Seraphina me odiaria, mas eventualmente, ela me perdoaria.

Em cinquenta anos mais ou menos.

— Cyrus.

Afastei meu olhar de Luthor, que estava completamente fora.

— Levante-o e mova-se. Vamos lá. — Havia uma determinação tão calma em sua voz que eu fiz isso. Eu levantei Luthor, joguei um braço em volta dele e o arrastei para o corredor externo.

— Vamos localizar um guarda, — eu disse a ela, apontando-a para a direita. — Qualquer um dos guardas, e vamos tirar essas algemas de você em um piscar de olhos.

Caminhamos em direção ao caos, onde a magia de Marie estava causando estragos, libertando prisioneiros, bloqueando rotas de fuga e, esperançosamente, desativando as proteções que guardavam este lugar.

Eu derrubei Luthor como uma pedra quando um guarda fugitivo virou a esquina, derrubando Seraphina para o lado. Eu o peguei pelo pescoço enquanto ele voava, então o esmaguei na parede.

Eu estava fraco, mas empurrei o resto da minha magia nele, obrigando-o a se atrapalhar em sua cintura por uma chave, então gentilmente destravar as algemas de Seraphina quando ela virou as costas para ele. Com um tinido, eles caíram no chão ao lado de um Luthor inconsciente.

Seu rosto ficou branco, e ela segurou um grito quando o sangue voltou para suas mãos.

Eu sabia por experiência como isso era excruciante e a apoiei com um braço; esfreguei suas costas enquanto lhe dava todo o apoio mental que podia.

Respire fundo, Fina, vai acabar logo, e então eu a levarei para casa.

Se eu tivesse magia sobrando, eu usaria cada grama dela para tirar sua dor, mas agora, tudo que eu podia fazer era vê-la lutar contra a agonia. Depois de um momento, seu tremor se transformou em tremores, trilhas finas de sombras negras escorriam de seus dedos enquanto eu a colocava de pé.

Houve um silvo metálico quando o guarda puxou uma faca. Agarrei sua cabeça, então a bati na parede uma segunda vez, e ele deslizou para o chão. Levantando Luthor de volta, nós tínhamos andado apenas alguns metros quando Marie virou a esquina, enviando uma explosão de sua magia para a parede de guardas que avançava.

— É Seraphina...—Marie empalideceu quando viu os cortes profundos, suas mãos caindo impotentes para os lados. — Se pudermos tirá-la das proteções, sua magia deve retornar.

— Eu acho que você está certa. — Seraphina esfregou os pulsos machucados. — Ainda me sinto fraca... como se eu fosse humana novamente, mas se pudermos chegar a essa clareira e passar pelas barreiras, minha magia deve voltar. Você se lembra de como nos levar até lá, Cyrus?

— Nós vamos a tirar daqui minha Rainha. Fique entre nós. —Eu não conseguia nem descrever meu medo. Se ela fosse humana, a menor coisa poderia matá-la, e eu não iria correr nenhum risco.

Com um único olhar, eu sabia que Marie compartilhava minha preocupação. Ela assumiu o ponto, limpando o corredor à nossa frente com um golpe de magia que dizimou os guardas que avançavam e apagou as lâmpadas que revestiam o corredor.

Eu arrastei Luthor junto, rezando para não o salvar apenas para matá-lo.

Veias negras já estavam subindo pelo pescoço, e eu jurava que seus braços estavam ficando mais longos.

Havia outro problema, um que Seraphina logo descobriria. Quando ela descobrisse por que eu estava aqui - quem me trouxe aqui para esta pequena missão de resgate - ela ficaria puta, e com razão.

Meia hora depois, atravessamos a saída. Marie enviou uma explosão de poder na parede, poderosa o suficiente para que as pedras caíssem, bloqueando-a efetivamente. Diante de nós, as proteções zumbiam com poder, atravessadas por veias negras.

— Esta deve ser a magia de Viktor, — Marie murmurou, tocando uma das veias e instantaneamente puxando para trás como se ela tivesse sido queimada. — Eu posso neutralizar sua magia para criar uma abertura, mas não por muito tempo.

A bruxa alimentou um fluxo de magia branca na barreira, e as veias retrocederam um pouco antes que uma abertura estreita aparecesse.

Seraphina se espremeu pela lasca, eu consegui arrastar Luthor, então Marie entrou por último. A bruxa colocou as mãos contra a parede brilhante e as veias pretas ficaram azul-esbranquiçadas, faiscando com energia.

Do outro lado, havia gritos atrás da queda de pedras, e eu jurei ter entendido o xingamento de Viktor. — Devemos sair daqui.

— Ele vai levar algum tempo para desfazer isso, — observou Marie, sorrindo.

— Serafina? — Minha Rainha estava tremendo tanto que ouvi seus dentes baterem enquanto sua magia voltava através dela, sombras escorregando de suas mãos, acumulando-se a seus pés como uma poça de tinta.

Ela soltou um grito silencioso e curvou-se, os braços em volta da cintura com força, o sangue ainda pingando daqueles cortes horríveis. Sua pele ondulou sob a magia, seu cabelo subindo ao redor de seu rosto, ondas dele achatando a grama ao redor de seus pés.

Eu não relaxei até que suas feridas se uniram novamente, transformando-se em linhas rosadas e fracas antes de desaparecer completamente.

— Acho que consegui. —Ela parecia tão esgotada quanto eu. — Acho que minha magia foi capaz de empurrar a de Viktor para fora.

— Mais forte. —Marie agarrou o queixo de Seraphina e deu uma olhada mais de perto nas feridas, agora pouco mais que linhas rosadas. — Você realmente é mais forte que ele. — Ela parecia surpresa.

— Agora deixe-me curar Luthor. —Seraphina apontou para o chão, e eu arrastei Luthor até ela.

Ela estava exausta; todos nós estávamos. A essa altura, teríamos sorte de sair daqui antes que Viktor passasse, e mesmo assim, eu só poderia desmaterializar um deles em segurança.

Olhei para Luthor, se contorcendo na grama. Seus braços eram malformados, suas pernas longas e deformadas. Ele estava nos estágios finais da mudança, e eu puxei a arma da minha cintura, destravei a trava.

Eu puxei Seraphina alguns passos para longe enquanto ele se transformava, seu rosto ficando mais liso enquanto eu observava.

— Fique atrás de mim e não olhe, — avisei Fina baixinho. — Eu vou cuidar dele.

Eu faria com que fosse indolor, um tiro através da órbita ocular em seu cérebro. Ele não sentiria nada, ou assim eu esperava.

— Guarde essa arma, Cyrus — Seraphina avisou enquanto olhava de mim para Luthor. — Eu vou salvá-lo.

— Você não pode chegar perto o suficiente para curá-lo. — Mantive a arma na mão, mas a escondi atrás das costas. — E provavelmente temos um minuto antes de Viktor romper os escombros.

— Talvez... isso pode ser tempo suficiente. —Ela olhou através das alas para a pilha de pedra caída, onde os gritos ficaram mais altos.

Sem medo, Seraphina caiu de joelhos e apertou as mãos no peito de Luthor. Senti o cheiro de magia – magia crua e indomável através do ar – do tipo que não existia há um século. Ela chorou enquanto forçava Luthor a se curar, seu rosto ficando cada vez mais branco enquanto ela forçava a magia contaminada de Viktor para fora de seu corpo.

Os cortes de Luthor demoraram a consertar, se fundindo desordenadamente enquanto sua magia diminuía bem diante dos meus olhos. Eu estava prestes a arrebatá-la quando ela gemeu e empurrou o último pedaço de seu poder nele. No momento em que ela balançou para trás em seus calcanhares, seu rosto estava normal, sua respiração estável, e eu me agachei e levantei sua pálpebra.

Azul. Nada além de azul.

Eu fiquei sem palavras.

O que ela tinha acabado de fazer era impossível. Ninguém poderia estar tão longe e ser trazido de volta.

Nunca em nossa história eu tinha ouvido falar de tal coisa.

— Merda, — Marie murmurou baixinho, levantando a mão e marcando o ar entre eles com a marca de proteção de uma bruxa.

Atordoados, todos nos encaramos até que os gritos abafados se tornaram ordens que eu realmente entendi.

— Eles estão quase terminando. —Eu levantei Luthor de volta sobre meus ombros. — Marie, agradecemos a ajuda.

— Qualquer coisa para a neta de Claire. —Mas o olhar que ela deu a Seraphina foi calculista enquanto ela desaparecia no ar.

— Vá para aquelas árvores, — eu disse à minha Rainha, fazendo meu caminho vacilante em direção à floresta. — Vou esconder Luthor no mato e tirar você daqui. —Com alguma sorte, ele ainda estaria inconsciente quando eu voltasse para buscá-lo, e os guardas de Viktor iriam me rastrear, em vez de vasculhar a floresta.

Seraphina olhou entre mim, a floresta e Luthor. Seu rosto caiu.

— Sinto muito, minha rainha, mas não tenho magia suficiente para desmaterializar com vocês dois. Nós quase alcançamos a borda da floresta, e eu empurrei meu caminho através das samambaias, Luthor nada além de peso morto.

— Vamos, — eu murmurei em seu ouvido. — Acorde e ajude sua Rainha. Eu não posso fazer isso sozinho. Sua cabeça pendeu e ele gemeu, mas não ajudaria em nada nesta condição.

Se ao menos eu tivesse nascido com magia útil, do tipo que ganha guerras e salva pessoas.

Mas não, *eu poderia fazer as pessoas se sentirem melhor, como se isso importasse.*

— Pegue Luthor e tire ele daqui, — Seraphina ordenou, seus olhos de aço. — Uma vez que ele estiver seguro, volte para mim. Eu posso correr rápido o suficiente. Estarei longe quando eles romperem. Eles vão levar tempo para me encontrar. Como se fosse uma opção viável.

Deston saiu de trás de um bosque de árvores, parecendo ter saído direto de Saville Row, seu rosto suavemente ilegível.

— Eu lhe disse uma vez, mon chéri. Rainhas não se escondem. Elas pegam o que querem e não fazem perguntas.

Seraphina parou na frente do meu primo. Eu estava ocupado fazendo malabarismos com o volume de Luthor, mas não tão preocupado que não vi o subir e descer de seu peito, a fúria absoluta enquanto ela o enfrentava. Sua raiva vibrou agudamente através do nosso vínculo, tão intensa que até Luthor estremeceu.

— Você... seu filho da puta.

Suas mãos se fecharam em punhos, mas não havia nem um fio de sombra de seus dedos, provando que ela estava completamente esgotada. Meu primo deveria agradecer a sua estrela da sorte.

Se ela tivesse seu poder, Deston estaria morto agora.

— Eu ... ela se virou para mim e tardiamente me lembrei da minha parte nisso. Estremeci sob seu olhar acusador. — Vocês. Deston e você

— Sinto muito, Fina. Eu tinha que explicar, mesmo sabendo que não adiantaria. — Esta foi a única maneira de libertar você e Luthor. Deston foi o único…

— Cale-se. Ela me interrompeu e eu parei de falar. Ela tinha todo o direito de estar com raiva de mim, todo o direito de se sentir traída. Inferno, eu também não gostava dessa situação, mesmo sabendo que ele era nossa única opção.

Se eu tivesse que fazer tudo de novo, eu me juntaria ao próprio diabo se isso mantivesse fina segura.

— Tire ela daqui seu bastardo, — eu rosnei para meu primo.

— Há. Ela jogou a cabeça para trás. — Prefiro me arriscar com Viktor.

— Fina, — eu estava praticamente gritando. — Eles estão vindo. Viktor está chegando. Você não tem mais magia, e eu tenho apenas o suficiente para tirar Luthor daqui. Assim que eles derrubarem as proteções, você e Luthor... e eu... estaremos de volta nas mãos de Viktor, e ele terá vencido. Você quer isso?

Deuses, que ela concorde.

Se Viktor rompesse, se ele colocasse suas garras nela de novo...

— Não. Sua boca se torceu teimosamente. — Mas de jeito nenhum eu vou confiar nesse idiota.

— Tudo bem. Não confie nele, apenas permita que ele te carregue para fora daqui, ou eu juro por Cristo, eu vou deixar Luthor e jogar você por cima do meu ombro, em vez disso, — eu gritei.

— Eu tenho uma proposta, — Deston interrompeu suavemente, quando eu desejei que ele simplesmente calasse a boca. — Permita-me transportá-la deste *lugar horrível, ma reine.* Ele gesticulou para mim e Luthor. — Cyrus está certo. Ele está esgotado e mal tem força suficiente para colocar o bruto em segurança. Suas opções são bastante limitadas.

Ele abaixou a cabeça e sorriu, enquanto eu imaginava mil maneiras de matá-lo.

Seraphina bufou, com as mãos nos quadris, os olhos brilhando como ouro derretido. — Não há nenhuma maneira de sairmos daqui com você. Tem que haver outra maneira, certo? — Ela me perguntou esperançosa, com o canto da boca.

— Deixe-me ilustrar sua situação. — Deston ergueu o dedo indicador com um floreio.

Deuses, o bastardo estava gostando disso.

— Você não tem para onde ir. Seu comandante está gravemente ferido e precisa de tempo para se curar. Viktor está quase terminando de se desenterrar dos escombros. Deston baixou os três dedos com um sorriso frio. — Suas opções são...na realidade apenas uma, minha rainha.

— Não.

— Minha querida menina, não seja idiota. Levará cada grama de magia que Cyrus tem para transportar Luthor para um lugar seguro. Como você planeja fazer sua grande fuga, Seraphina? A pé?

Através do nosso vínculo, eu a senti capitular. Teimosamente, e com bastante ressentimento, ela estava absolutamente fervendo, mas ela permitiria que ele a transportasse para um lugar seguro, graças aos deuses.

Meu primo teve a audácia de estender os braços para ela. Eu levantei Luthor do chão, notando que seus olhos eram dourados brilhantes, mais brilhantes do que eu já tinha visto.

— Isto é muito bom pequena rainha. —Deston riu, sem ideia de quão perto da morte ele estava.

— Agora volte para Ravenswood comigo.

Capítulo 46

Seraphina

Eu concordei com este plano apenas porque tínhamos que tirar Luthor daqui antes que Viktor nos alcançasse. Até eu sabia que estávamos ficando sem magia, e nenhum de nós — com exceção de Deston — tinha magia suficiente para lutar.

E ele era a última pessoa em quem podíamos depender.

Uma vez que Cyrus colocou Luthor na posição vertical, eu segurei seu rosto e beijei seus lábios frios, mas não houve resposta. — Cuide bem dele, Cyrus, vejo vocês dois em um momento.

No segundo em que eles desapareceram, eu me virei e caminhei até Deston.

Só porque Deston estava certo não significava que eu tinha que gostar.

Com minha audição de vampiro restaurada, ouvi claramente as ordens do soldado para cavar mais rápido.

— Você pode ter a vantagem no momento, — eu assobiei, desejando poder transportar meu próprio maldito eu e deixar sua carcaça morta aqui para Viktor encontrar. — Mas nem sempre será assim. Você deveria saber algo sobre mim. Eu

nunca esqueço as pessoas que me cruzam, e não há segundas chances. Você não recebe um passe livre para charme, e eu posso matá-lo assim que meu poder retornar.

— Devidamente anotado. —Ele abriu os braços e eu entrei em seu abraço, sentindo vontade de vomitar.

Pareceu uma hora depois, quando pousamos na pequena ilha, apesar de terem sido dois minutos, no máximo. Cyrus e Luthor não estavam à vista, mas eu os senti dentro das alas, sãos e salvos, o leve puxão do laço de Luthor quando sua força voltou.

Eu mal podia acreditar que estávamos livres.

Não quando horas atrás, eu tinha nos dados como mortos.

Agora estávamos vivos e tínhamos que agradecer a Deston. Eu não tinha certeza se eu tinha em mim para fazer isso.

— Não estaremos seguros aqui. —Eu imediatamente me afastei dele, esfregando meus braços. Eu estava com frio, ou talvez fosse apenas a adrenalina passando. — Viktor com certeza vai olhar aqui primeiro, e ele já quebrou suas proteções uma vez. Ele vai fazer isso de novo.

— Oh, por favor, se eu realmente quisesse manter Viktor fora, ele nunca entraria. —Ele ergueu uma sobrancelha, parecendo surpreso. — Você realmente acha que ele quebrou minhas proteções? *Mon chéri*, por favor, pensei que você me tivesse em alta estima?

Dei-lhe um -*haumph*, aquele que dizia: Não, não acho que você seja capaz de nada além de respirar e ficar de pé. Seu lábio torceu em diversão, e eu jurei manter todos os pensamentos sarcásticos para mim mesma até que meu poder voltasse, e eu pudesse fritar ele.

— Certamente, se as condições fossem adequadas, Viktor usaria suas forças superiores para me esmagar como um inseto. Eu sei. Na verdade, faço questão de nunca esquecer que ele tem mais músculos à disposição do que eu.

— Então você está se arriscando muito, nos trazendo de volta aqui.

— Não muito. —Ele começou a caminhar por entre os ciprestes em direção à sua ridícula ruína de castelo, e eu o segui, odiando cada segundo dessa farsa onde ele tinha todo o poder e eu não.

— Há uma semana, meus espiões me disseram que Viktor estava desesperado para encontrar você.

Havia um leve frio e formigamento enquanto atravessávamos as alas, o castelo e os jardins reaparecendo em sua glória coberta de rosas. Eu estremeci profundamente, além de chateada que eu não só dependia do nosso traidor, mas que eu tinha que ouvir como - e por que - ele nos traiu em primeiro lugar.

— Eu realmente não me importo por que você fez isso. Mas vou deixar uma coisa clara. Cyrus é meu. Ele não é seu e nunca será.

— Isso foi simplesmente para despistar Viktor. Eu nunca tive a intenção de reivindicar Cyrus. —Ele me deu uma de suas reverências ridículas. — Ele é todo seu, minha Rainha.

O cascalho estalou enquanto caminhávamos pelos jardins, ainda despedaçados pela invasão fantasma de Viktor. — Quando ouvi que Viktor estava caçando você, vi uma oportunidade. Eu me certifiquei de que um boato chegasse a ele de que você estava aqui e, algumas horas depois, ele apareceu com suas criaturas. Seu lábio se curvou em desgosto.

— Obrigado por nos usar para promover seus próprios fins.

Eu bufei quando ele pareceu ofendido. — Oh, por favor. Abandone o ato de estar tão magoado. Você nos usou para comprar seu caminho de volta para a corte real. Eu sei que é isso que você realmente queria. Nós éramos apenas uma maneira conveniente de obter o que você deseja.

— Embora tudo isso seja verdade, fiz isso para seu benefício, mon chéri, assim como para o meu próprio benefício.

— Diga.

— Ao traí-lo, realizei duas coisas.

Ele parecia legitimamente ofendido enquanto racionalizava seu raciocínio falho, fazendo parecer que ele tinha feito tudo isso por mim. Que monte de merda fumegante.

— Um, agora sou o novo melhor amigo de Viktor e estou de volta ao jogo. Como seu aliado - dos quais ele tem poucos - estarei a par de informações às quais você não teria acesso. Informações que seriam valiosas para uma nova rainha que pretende assumir o trono.

Eu odiava que ele estivesse fazendo sentido.

— E qual é o segundo bônus do seu ato generoso de nos vender?

— Você tem um lugar seguro para ficar. Viktor nunca olharia aqui, não quando eu já traí você uma vez. Seu sorriso ficou ansioso, como se ele acreditasse que eu estava comprando sua merda de cavalo. — Viktor vai apostar que você nunca mais voltará, já que você me despreza com cada fibra do seu ser.

Deus, eu não acho que poderia odiá-lo mais do que já odiava, mas ele acabou de aumentar a aposta.

— Você está me dizendo que tudo isso foi deliberado?

— Até o último detalhe, que envolve eu pagar a um associado para deixar uma trilha em direção ao norte, para Ohio. —Ele gesticulou ao nosso redor. — Faria sentido, não? Você está correndo por território familiar?

Embora seu argumento fosse lógico, eu não conseguia esquecer o fato de que ele não apenas nos vendeu, mas tinha a impressão de que ele me fez um favor.

— Em que século você deixou sua moral, porque está claro que você não tem mais nenhuma. — Não havia como eu suportar estar no mesmo estado, muito menos no mesmo prédio que esse idiota. Tinha que haver outra opção aqui; eu simplesmente não estava vendo.

— Viktor não vai olhar aqui, *l'amour*. — Ele estendeu a mão para o meu braço, e quando eu me afastei, ele franziu a testa. — No mínimo, vamos mantê-lo procurando em outro lugar para dar tempo à sua magia para amadurecer.

— Você é um bastardo malvado e pervertido.

Deston apenas deu de ombros. — Bem-vindo à política da corte, minha querida.

Capítulo 47

Seraphina

Eu atirei em Cyrus um olhar quando Deston fez sua proposta pela décima vez.

— Você precisa de alguém dentro da corte de Viktor, um agente duplo, por assim dizer.

Eu estava sentada no sofá estofado, esperançosamente arruinando a linda seda com minhas roupas manchadas de prisão, e eu tinha a cabeça de Luthor no meu colo. Senti que ele estava acordado - nosso vínculo estava intacto novamente - mas aos meus olhos, e aos de todos os outros, ele parecia completamente inconsciente.

— Eu não preciso que você faça nada por mim. Na verdade, eu prefiro…

— Ofereço-lhe meus serviços como espião. —Deston me deu uma leve reverência formal. — Vamos usar meu retorno triunfante à corte real como uma oportunidade para obter informações valiosas que a ajudarão a derrotar Viktor. Isto é, se você puder se tornar forte o suficiente.

Sim, com Deston, sempre havia um problema.

— Em troca de quê?

— Quando você ascender, ainda espero ser nomeado seu conselheiro real. Eu aconselhei muitas rainhas em minha vida, e você achará minha experiência valiosa, especialmente ao lidar com os clãs do velho mundo. Eles podem ser tão primitivos.

Soltei uma risada curta e brutal. — De jeito nenhum.

— Gostaria de uma cerimônia formal, com muita pompa e circunstância.

— Deixe-me ser perfeitamente claro. De jeito nenhum.

Atrás de mim, Cyrus acrescentou: — Por cima do meu cadáver.

Deston acenou com a mão no ar. — Oh, por favor. Eu sei que sou um bastardo completo por denunciá-lo, mas nenhum mal aconteceu a você antes que eu obtivesse sua libertação.

— Luthor quase morreu. —Eu nunca tinha usado um tom tão mortal antes. Eu jurei que quando recuperasse meus poderes, Deston era um vampiro morto, e eu seria a primeira a dançar em seu túmulo. — Quando você alega que nenhum dano foi feito, você não é apenas um bastardo, você é um bastardo mentiroso.

— Uma aliança nos daria a vantagem. —Luthor piscou para mim, e eu segurei suas bochechas na palma da minha mão, seu rosto embaçado enquanto as lágrimas brotavam dos meus olhos.

Ele finalmente acordou, e pela primeira vez desde que fomos capturados, eu me senti completa. Ele olhou para mim, seus olhos azuis procurando meu rosto da mesma forma que eu estava procurando o dele. Quase fomos transformados em monstros, e agora estávamos escondidos em segurança em uma sala de estar opulenta.

Eu não tinha certeza se algum dia me acostumaria com essas mudanças na sorte.

— Você não pode querer dizer isso, Luthor, — eu murmurei. — Eu não posso acreditar que você está realmente ouvindo essa besteira.

— Nem eu – ecoou Cyrus. Ele estava encostado em uma parede, braços cruzados sobre o peito, olhando Deston como se quisesse esfaqueá-lo no coração.

— Precisamos de olhos nessa corte, — disse Luthor pensativo. — Devemos saber onde Viktor está nos caçando, quão perto ele está de nos encontrar se quisermos ficar à frente dele.

— Como ele é tão forte? De quem ele está tirando magia? Quais são suas habilidades aprimoradas? Todas essas coisas nos ajudarão a desenvolver uma estratégia, mas sem ela? — Ele se empurrou para fora do meu colo, e eu não perdi seu estremecimento de dor. — Sem um espião naquela corte, lutaremos às cegas.

— Sabe, eu sempre soube que você era pragmática, mon amie. Juro pela minha vida que usarei minha nova posição para reunir informações e relatar a você.

— Para Seraphina, e nenhuma outra. — O tom de Luthor prometia uma morte longa e lenta se esse voto não fosse mantido.

Deston inclinou a cabeça em concordância. — Para Seraphina e nenhuma outra. Vou desenterrar a verdade, minha rainha. Vou descobrir segredos que podemos aproveitar, relacionamentos que podemos quebrar para tornar Viktor fraco.

— Você não pode estar falando sério, Luthor. — Eu mantive minha voz baixa, mesmo sabendo que Deston podia me ouvir. — Não há como confiar nele.

— Vou virar a corte contra si mesma e, enquanto eles lutam entre si, vou ensiná-la a dominar sua magia. Você vai aprender a lutar. Você vai crescer... três fort... poderosa.

— Você quer dizer que eu deveria fazer a coisa da Rainha, então você pode ficar mais poderoso. Não foi isso que você quis dizer?

— Não é coincidência que as rainhas mais fortes tenham as cortes mais fortes. Você extrai seu poder daqueles que a servem. Você escolhe apenas o mais forte para sua corte. Mon Dieu, Claire não lhe ensinou nada, não é? Ele fingiu horror, com a mão jogada contra a testa.

— Eu sei que posso acessar a magia de Luthor e Cyrus. — Mantive minha explicação vaga, já que não o queria a par de nosso funcionamento íntimo. Embora isso me enfurecesse, eu decidi não levantar a sua calúnia contra vovó. Uma batalha de cada vez. — Então, sim, eu entendo o conceito de trocas de poder.

— Desculpe. O que eu quis dizer é que as rainhas selecionam suas cortes com base em quão preciosa é a magia de cada membro. Você escolhe os membros da corte com base em poder e habilidade mágica, e por nenhuma outra razão. A corte não é lugar para sentimentos e emoções ou... *l'amour*. Deston estremeceu, como se quisesse colocar um ponto de exclamação em seu pequeno festival de teatro.

— As rainhas escolhem seus guardas e membros de sua corte, estrategicamente. Você está sozinha, Seraphina. Só você pode se tornar Rainha, e só você pode destronar Viktor. Você vai subir ou cair, com base em quão bem você alavanca a magia de sua corte.

— Bem, adivinhe? — Minhas mãos plantadas em meus quadris pareciam um pouco de angústia adolescente, mas caramba, eu me senti encurralada. — Eu não estou escolhendo minha corte... especialmente não meus guardas, apenas por razões estratégicas.

Toda vez que eu pensava em Luthor e Cyrus, uma onda quente de proteção me invadia. Eu não pude evitar; eu queria mantê-los seguros.

Eles eram meus, e eu era deles.

— Eles são minha família. Pertencemos um ao outro e não haverá nenhum novo membro da minha corte até que todos votemos nele.

Deston fez uma reverência, escondendo o sorriso. — Uma escolha lógica, minha rainha. — Eu não precisava ver seu rosto, não quando ouvi a arrogância em suas próximas palavras. — Se eu puder me apresentar para consideração. Você vai me achar bem experiente como conselheiro.

— Vale por trezentos anos, para ser mais preciso.

Capítulo 48

Seraphina

— Muito por tentar ser justa, — eu reclamei.

No final, a votação foi de dois a um, e eu perdi minha primeira eleição democrática como aspirante a rainha. Não só eu tinha perdido, parecia que Deston era agora o mais novo – e mais odiado – membro da minha corte.

Cyrus mudou de lado na hora final, e agora ... eu tinha certeza de que estaríamos presos neste castelo glamourizado pelo resto de nossas vidas.

Porque se o nosso sucesso dependia de eu dominar minha magia, imaginei que estávamos ferrados.

Luthor - da fama de eu-posso-sobreviver-tornar-me-um-fantasma - me pegou em seus braços e me carregou para o nosso quarto, onde eu estava atualmente pensando em não conseguir o que queria com isso, ou praticamente não conseguir qualquer coisa visto o que tivesse acontecido.

Eu tirei minhas roupas arruinadas, tomei banho, e agora estava na enorme camisa de Luthor enquanto ele tomava a sua vez na banheira. Olhei para a pintura da minha mãe, aquele corte de um penhasco negro no fundo sereno, pensando que era a metáfora perfeita para a minha vida.

— Precisávamos de um lugar para ficar e, com o glamour de Deston, estaremos seguros aqui – explicou Cyrus, embora sua boca se contorcesse de desgosto. — Só para você saber, essa é a única razão pela qual eu votei para deixá-lo entrar. Por favor, não fique com raiva de mim porque eu não posso aceitar que você esteja com raiva de mim, Fina.

— O plano de Deston é estrategicamente sólido. — Luthor empurrou-se para fora da banheira, a água escorrendo por toda parte, seus ombros amontoados enquanto ele pegava uma toalha e se enxugava. — Dessa forma, teremos olhos e ouvidos dentro da corte.

— Prefiro olhos e ouvidos em que possa confiar. — Eu me joguei de volta na cama enquanto apontava a grande falha no plano deles. — Não só isso, o que dizer que ele não vai nos vender de novo, assim que Viktor vier farejando?

— Com Deston...— Cyrus parou quando viu o olhar no meu rosto.

— Seu primo é um idiota arrogante, traidor e egoísta que finalmente descobriu como se alavancar de volta à corte. — Olhei severamente para o par deles. — Não me diga que ele é mais do que isso.

Toda vez que eu pensava naquele momento no jardim, quando ele quase me convenceu de que era um cara legal, eu queria gritar. Ele jogou comigo, e isso não aconteceria novamente.

A única coisa boa que saiu disso foi que agora eu tinha algo para usar contra ele.

E quando chegasse a hora, eu o enterraria com ele.

– Sei que é difícil de acreditar, mas Deston tem seu próprio código de honra – retrucou Cyrus, tirando a camisa. — Ele pode ser egoísta, mas não consigo pensar em uma única vez em que ele colocou uma vida em risco ou machucou alguém intencionalmente.

— Uh, Luthor quase morreu, — eu apontei. — Eu teria me tornado um fantasma. — Deixei de lado a parte sobre Luthor e eu sendo usados como cães de caça, já que eu ainda estava tentando entender como isso me fazia sentir.

— Deston nunca perdeu jogando política. Ele é um idiota intrigante, mas você tem que ser para sobreviver a corte. — Luthor se deitou ao meu lado e me puxou contra ele. Corri meus dedos pelos músculos tensos de seu braço, ainda chocada por termos sobrevivido.

— Ele existe há mais de quinhentos anos, Seraphina. Confie em mim, ele é a melhor escolha para guiá-la em sua Ascensão. Não que eu goste disso nem um pouco.

Que quadro eles pintaram da vida real.

Talvez os vampiros gostassem de andar com grandes facas saindo de suas costas?

Mesmo que eu não soubesse quase nada sobre a vida no clã Darkfell, eu tinha anos de tutela em meu currículo. Pelas lições de Vovó, entendi o quão complicado era navegar em uma corte real. Eu não queria viver assim, constantemente me preocupando em ser envenenada ou assassinada enquanto dormia.

Eu não estava prestes a fazer Luthor e Cyrus responsáveis por me manter segura naquele ambiente hostil. Vovó sempre me disse para aprender as lições que a história nos ensinou, e eu pretendia fazer exatamente isso.

— Não é minha corte, — eu insisti, uma nova ideia tomando conta. — Minha corte será diferente de qualquer uma das que vieram antes.

Quando as palavras — quase um juramento — saíram dos meus lábios, percebi que tinha acabado de aceitar todas as verdades que todos vinham me dizendo o tempo todo.

Eu era uma rainha.

Eu era uma vampira.

E eu tinha acabado de aceitar o manto de responsabilidade que veio com todos os itens acima.

Luthor passou a mão gentilmente sobre mim. — Você não vai fazer isso sozinha. Eu vou ajudá-la, Seraphina. Ele olhou para Cyrus, que se aproximou, claramente preocupado que eu ainda estivesse com raiva dele. — Nós dois vamos.

— Ok. —Soltei a palavra como uma oração e estendi a mão para Cyrus.

Eu não estava sozinha. Nós tínhamos um ao outro.

— Além disso, o objetivo é que uma corte forte seja igual a uma rainha forte, certo? —Repeti as palavras de Deston para eles. — Quão forte uma corte poderia ser se todos importassem apenas por causa de sua magia? Se ninguém confia um no outro?

Eu me aconcheguei mais perto de Luthor, e ele deslizou a mão por baixo da minha camisa, seu polegar fazendo círculos preguiçosos ao redor do meu umbigo, desencadeando pequenos incêndios deliciosos em todos os lugares que ele tocava.

— Eu não poderia pedir dois machos melhores ao meu lado. Luthor, você é um lutador temível, e Cyrus... você me faz sentir melhor toda vez que está perto. Ele fez

um som de desdém e se arrastou ao meu lado. — Não seja assim. Essas são qualidades importantes, talvez até mais importantes que a magia.

Tínhamos confiança entre nós. Amor que irradiava ao longo de nossos laços, me aquecendo por dentro.

— Eu me recuso a escolher qualquer um, apenas com base em quão poderosa é sua magia.

— Você está certa, — admitiu Cyrus, deixando cair o rosto na curva do meu pescoço enquanto eu quase engoli minha língua.

— Eu? Certa sobre algo? Por favor, estou chocada.

— Bem, você é. Luthor e eu... sempre pensamos que a corte de Lyra seria mais forte se houvesse confiança e lealdade reais entre os membros. Mas em vez disso... não havia nada além de ódio. As lutas internas e intrigas continuaram dia e noite – e no final, essa foi sua ruína, quando Viktor viu a abertura e a pegou.

Eu queria ouvir mais sobre isso, mas agora, a ideia de uma nova corte estava florescendo, tomando conta, e eu queria que eles ouvissem enquanto ainda estava fresco em minha mente.

— E quanto a um amarrado por ... amor? —Nós nunca conversamos sobre isso, não realmente, mas se o que eu senti através do vínculo fosse verdade...

Luthor parou de me acariciar. — Esse arranjo tem vantagens… e desvantagens.

Cyrus pressionou seus lábios contra meu pescoço, então começou a mordiscar até minha orelha, como se quisesse destacar as vantagens.

— Como assim? — Eu estava flutuando em uma onda de sensações, mas ainda queria parecer capaz de criar estratégias com meus dois comandantes. — Você sabe, fazendo merda de rainha.

— Poderíamos ser usados um contra o outro como armas, como Viktor acabou de fazer. — A mão de Luthor deslizou para cima e circulou meu seio, aquele polegar mágico esfregando meu mamilo agora duro. — Aproveitar nosso apego emocional é uma falha crítica em seu plano.

— *Hmmm.* — Eu *meio que gemi* quando Cyrus puxou minha orelha com suas presas.

— Mas não tenho dúvidas de que seremos mais fortes por causa disso. — Luthor riu. — Bom plano, minha rainha. Já quebrando regras e mudando o jogo. Eu gosto disso.

Eu abri um olho e o encontrei sorrindo para mim, seus brilhantes olhos azuis cheios de rara felicidade. Meu coração deu aquela batida estranha, só de lembrar do brilho vermelho que eu vislumbrei na prisão.

Em vez de insistir em nossa ligação, eu o puxei para minha boca, saboreando chocolate e cerejas.

As mordidelas na minha garganta ficaram mais exigentes, e eu mostrei minha garganta para Cyrus.

Morda-me. Por favor.

Eu me projetei através do vínculo, ouvi sua risada escura pouco antes de seus dentes afundarem profundamente, sua mão segurando minha cabeça firme, polegar traçando preguiçosamente minha mandíbula.

Enquanto ele se alimentava, sua magia ganhou vida, sua mão amassando meu estômago antes de mergulhar mais baixo e deslizar entre minhas coxas. Abri mais minhas pernas, meus quadris pulando para fora da cama enquanto seus dedos mal roçavam meu clitóris, a sensação leve, mas intensa.

A boca de Luthor mergulhou sobre a minha, nossas línguas emaranhadas como loucas enquanto os dedos de Cyrus deslizavam pelas minhas dobras molhadas, para baixo, depois para cima novamente para roçar aquela protuberância sensível, enviando pequenas ondas de choque ramificando através de mim.

Cyrus lambeu as feridas fechadas no meu pescoço. — Venha para nós, Fina.

Eu estava mais do que feliz em obedecer, torcendo nos lençóis frios, presa entre seus corpos poderosos, ambos me tocando, esfregando e me beijando até que meu orgasmo esperado se tornasse quase doloroso.

Então Cyrus pressionou o feixe de nervos, enquanto as presas de Luthor mergulharam em meu pescoço. Meu clímax rugiu fora de mim, meu corpo resistindo, completamente além do meu controle, enquanto eu caía sobre a borda.

E eu não tinha medo.

Esse sentimento de pertencimento é o que eu sempre quis.

Esse sentimento de total confiança que compartilhávamos, onde não havia julgamento, medo, traição, era algo que eu ansiava. Mesmo que eu não soubesse.

Pela primeira vez na minha vida, eu estava em casa.

Capítulo 49

Seraphina

Eu cortei uma rosa vermelha, esfregando a pétala aveludada entre meus dedos, enxugando o orvalho da noite.

Eu não poderia estar dentro daquela casa, não quando eles estavam fodendo e rindo e ... alegremente enrolados juntos naquela cama.

Não, eu tinha vindo aqui horas atrás, expulso de minha própria casa por ...

Pelo ódio nos olhos de Seraphina.

Eu sabia que ela tinha sido criada por humanos.

Sabia disso, e ainda assim, havia calculado tão mal.

Deveria ter me ocorrido que ela não sabia absolutamente nada sobre manobras políticas. Das regras básicas que uma corte obedece, os inquilinos perversos que seguimos. Onde espiões e traições eram a ordem natural das coisas, e a pessoa simplesmente fazia o que tinha que fazer e seguia em frente.

Ao longo dos anos, eu me acostumei com o jogo. Na verdade, eu sabia como jogar melhor do que a maioria e nunca perdi. Mas ser o vampiro mais velho do clã Darkfell tinha suas desvantagens. Eu tinha esquecido que nem todo mundo vive assim.

Nem todo mundo entende as regras.

Eu estava supondo que ela entendia as manobras da corte bem o suficiente para entender que eu tinha feito tudo isso por ela. Para ajudá-la a assumir o trono. Para salvar nosso clã de Viktor, das Colheitas do Solstício, das Mulheres Esculpidas e de todas as suas outras atrocidades.

Eu sabia que ser criada no mundo humano seria um prejuízo. Mas eu subestimei o quão pouco ela sabia do nosso mundo, e nos dias que treinamos, eu não tinha pensado em perguntar.

Estar emocionalmente ligada a Luthor e Cyrus... era uma fraqueza em si. Mas se fosse, então por que eu me sentia em desvantagem?

Quando eles saíram da prisão juntos e a bruxa derrubou a parede de pedra, eu fiz algo que raramente fazia. Quebrei minha regra fundamental sobre permissão e li Seraphina.

Miséria total e desgosto.

Ela não se importou que quase foi morta – transformada em um monstro – puta merda. Tudo o que ela se importava era salvar Luthor. Mantendo Cyrus em segurança longe de Viktor.

Tudo em que ela pensava eram seus dois machos, e ela teria dado sua vida para salvá-los.

Eu nunca tinha experimentado esse tipo de compromisso. Esse tipo de amor.

E no segundo que ela me viu? Ódio absoluto.

Foi quando eu soube que tinha fodido.

Porque sob sua raiva latente estava a promessa de que eu nunca teria perdão ou redenção dela. Ela me disse que não havia segundas chances, e eu acreditei nela. Esta não era uma mulher para voltar atrás em sua palavra ou estender a confiança a alguém que não fosse digno dela.

E no momento, eu não era digno.

Algo espetou meu dedo, e eu puxei o espinho, chupei meu dedo sangrando.

Sim, ela estava certa; eu tinha uma participação em tudo isso.

Seraphina pode ser minha rainha, e ela pode me odiar, mas ela era meu único meio de vingança.

Eu a usaria para garantir que a queda da graça de Viktor fosse dolorosa e sangrenta, que ele sofresse de acordo com o sofrimento que causou. E enquanto isso me tornava um bastardo, eu não me importava como isso aconteceu, desde que cada passo de sua morte fosse dolorosamente doloroso.

Ele pagaria pelo que tirou de mim.

Eu testemunharia isso. Eu me deleitaria com isso.

Eu treinaria Seraphina para que, quando chegasse a hora, ela não hesitasse em liberar sua magia em Viktor. Na verdade, eu plantei um boato em sua cabeça sobre tirar os olhos dele, que eu sabia que ela já havia divulgado.

Eu esperava que o bastardo perdesse semanas de sono por causa disso.

Aquela pontada de arrependimento ficou mais forte enquanto eu pesava se o que eu estava fazendo era... sensato. Afastei as dúvidas. Seraphina mataria Viktor, eu estaria lá para ver, e ela se tornaria a Rainha Darkfell. Eu teria minha vingança.

Luthor e Cyrus, os mártires, morreriam para protegê-la. Voltaria a ocupar uma posição de poder.

Todos nós conseguiríamos o que queríamos.

Eu não tinha me desviado do meu plano por cem anos, não desde que vi minha família naquela jaula, não desde que fiz meu voto inicial.

Mas então Seraphina mudou tudo, e agora ... minha vida inteira, meu futuro estava em risco.

Fechei os olhos, inalei profundamente a rosa em minha mão enquanto revivia a memória mais preciosa que eu tinha.

Nós estávamos no jardim olhando.

Eu tinha acabado de admitir uma verdade que nunca tinha contado a ninguém, e nem tinha entendido o porquê. O som de sua voz vibrava através de mim, arrancando as cordas do coração que eu não sabia que tinha, meus instintos enlouquecendo, quanto mais ficávamos sozinhos. Nossas almas estavam em comunhão, embora eu não soubesse disso na época.

Só quando ela me deixou eu percebi a verdade, a descoberta me congelando no lugar, me deixando sem palavras.

Não só eu estava completamente apaixonada por Seraphina ...

Ela era minha companheira.

E eu tinha acabado de perdê-la para sempre.



A história continua ...

Limite da Sombra

As coisas estão esquentando quando Seraphina une forças com o traidor que detém a chave para desbloquear sua magia. Jogar seu destino com Deston Rayne é arriscado, mas ele é sua melhor chance de matar o rei, ganhar o trono e viver feliz para sempre com seus cavaleiros ao seu lado.